

O ÚLTIMO LIVRO DA SÉRIE A 5ª ONDA

A ÚLTIMA ESTRELA



RICK YANCEY

 FUNDAMENTO



*Gente esse livro foi traduzido pela letsleal no wattpad onde eu o peguei e
tranformei em pdf e publiquei meu insta é @jordanvsh*

*Se vocês também amam ler , sabem qaul a sensação de ter o livro que
vocês procuraram tanto ...*

Que ninguém se desespere, mesmo que na noite mais escura a última estrela de esperança desapareça. "

Friedrich Schiller

A garota que podia voar

Há muito tempo, quando ele tinha 10 anos, o pai dela tinha dirigido um grande ônibus até o planetário.

Ali, o teto explodiu em um milhão de fragmentos cintilantes de luz. Ele ficou boquiaberto. Seus pequenos dedos se agarraram na borda do banco de madeira onde se sentara. Acima de sua cabeça, pontinhos de fogo branco giravam, puros como o dia em que a Terra emergiu como uma pedra escurecida e manchada, um planeta médio descrevendo uma órbita em torno de uma estrela média na borda de uma galáxia média em um universo sem limites.

O Grande Mergulhão. Órion. Ursa Maior. O zunido do tom monótono da voz do astrônomo. Os rostos erguidos das crianças, bocas abertas, olhos sem piscar. E o menino sentindo-se infinitesimalmente pequeno sob a imensidade do céu artificial.

Ele não esqueceria aquele dia.

Anos depois, quando sua filha era muito pequena, ela corria para ele, pernas gorduchas de bebê vacilantes, bracinhos sólidos erguidos, olhos queimando de expectativa e alegria, gritando, *papai, papai*, dedos curtos estendidos para ele, estendidos para o céu.

E ela saltava, lançando-se sem medo no espaço vazio, porque ele não era apenas seu pai – ele era papai. Ele a apanharia; ele não a deixaria cair.

Gritando: *Voa, papai, voa!*

E para cima ela ia, disparando na direção da imensidão do céu sem limites, braços abertos para abraçar o infinito, a cabeça jogada para trás, correndo para aquele lugar em que o terror e o espanto se encontram, seus gritos estridentes a hilaridade destilada de ser livre e leve, de estar segura em seus braços, de estar viva.

Cassiopeia.

Daquele dia no planetário, quando a vida dela se encontrava 15 anos no futuro, não havia dúvida de que nome lhe daria.

1 - "Vou me sentar com você"

Este é o meu corpo. Na câmara mais baixa da caverna, o padre ergue a última hóstia – seu suprimento tinha acabado – em direção das formações que o lembravam da boca de um dragão congelada em meio ao rugido, as presas como dentes cintilando vermelho e amarelo à luz da lâmpada.

A catástrofe do divino sacrifício por suas mãos.

Tomem isto, todos vós, e comam-no...

Então o cálice contendo as últimas gotas de vinho.

Tomem isto, todos vós, e tomem-no...

Meia-noite no final de novembro. Nas cavernas abaixo, o pequeno grupo de sobreviventes vai ficar aquecido e escondido com suprimento suficiente para durar até a primavera. Ninguém morreu pela praga em meses. O pior parece ter passado. Eles estão seguros ali, perfeitamente seguros.

*Com fé em teu amor e misericórdia,
aceito o teu corpo e bebo o teu
sangue...*

Seu sussurros ecoam nas profundezas.
Eles escalam as paredes lisas, deslizam
ao longo da passagem estreita na
direção das câmeras superiores, onde
os companheiros refugiados caíram em
um sono inquieto.

*Não deixe que me traga condenação,
mas saúde na mente e no corpo.*

Não há mais pão, não há mais vinho.
Esta é a comunhão final.

*Que o corpo de Cristo me conceda a
vida eterna.*

O pedaço de pão velho que amolece em
sua língua.

*Que o sangue de Cristo me conceda
vida eterna.*

As gotas de vinho oxidado que queimam
em sua garganta. O padre chora.

Ele derrama algumas gotas de água no
cálice. Sua mão treme. Ele toma o
sangue precioso misturado com água e
então limpa o cálice com o purificador.

Está terminado. O eterno sacrifício está
acabado. Ele enxuga as faces com o
mesmo pano que usou para limpar o
cálice. As lágrimas do homem e o
sangue de Deus, inseparáveis. Nada
novo aí.

Ele limpa a pátena com o pano e depois
guarda o purificador no cálice e o põe

de lado. Ele tira a estola verde do pescoço, dobra-a com cuidado, beija-a. Ele gostava de tudo que representava ser padre. Amava a missa acima de tudo.

Seu colarinho está úmido de suor e lágrimas e frouxo ao redor do pescoço: ele emagreceu sete quilos desde que a praga surgiu e abandonou sua paróquia para fazer a jornada de 160 quilômetros até as cavernas ao norte de Urbana. Ele ganhou muitos seguidores ao longo do caminho – mais de 50 no total, embora 32 tinham morrido da infecção antes de atingir a segurança. À medida que suas mortes se aproximavam, ele recitava o ritual, católico, protestante, judeu, não

importava: Que o Senhor em seu amor e misericórdia possa ajudá-lo...

Traçando uma cruz em suas testas com o polegar. *Possa o Senhor que o liberta do pecado salvá-lo...*

O sangue que gotejava de seus olhos misturado ao óleo que ele esfregava em suas pálpebras. E fumaça rolava nos campos abertos e se ocultava nos bosques e recobria as estradas como sangue sobre rios lânguidos no rigoroso inverno. Incêndios em Columbus.

Incêndios em Springfield e Dayton. Em Huber Heights e London e Fairborn. Em Franklin e Middletown e Xenia. Durante a noite, a luz de milhares de fogueiras conferiu à fumaça uma cor laranja

escuro e o céu afundou e ficou a dois centímetros de suas cabeças. O padre arrastou os pés pelo terreno escaldante com uma mão estendida enquanto apertava um trapo sobre o nariz e a boca com a outra e lágrimas de protesto escorriam em seu rosto. Sangue formava crostas sob as unhas quebradas, sangue empastava as linhas de suas mãos e as solas dos sapatos. *Não falta muito*, ele encorajou os companheiros. *Continuem andando*. Ao longo do caminho, alguém o apelidou de Padre Moisés, pois ele estava conduzindo seu povo para fora da obscuridade da fumaça e do fogo

para a Terra Prometida das "Cavernas mais pitorescas de Ohio!".

As pessoas estavam lá para recebê-los quando chegaram. Era o que o padre esperava. Uma caverna não queima. Ela é impermeável ao tempo. Melhor de tudo, é fácil de defender. Depois de bases militares e prédios do governo, as cavernas eram os destinos mais populares depois da Chegada.

Suprimentos foram reunidos, água e não perecíveis, cobertas e ataduras e remédios. E armas, é claro, rifles e

pistolas e revólveres e muitas facas. Os doentes foram colocados em quarentena no centro de acolhida acima da superfície da terra, deitados em catres arranjados entre as estantes da loja de presentes e, todos os dias, o padre os visitava, conversava com eles, rezava com eles, ouvia suas confissões, ministrava a comunhão, sussurrava as coisas que queriam ouvir: *Per sacrosancta humanae reparationis mysteria... Pelos sagrados mistérios da redenção do homem...*

Centenas iriam morrer antes que a morte acabasse. Eles cavaram uma cova de três metros de largura e nove de profundidade ao sul do centro de

acolhida para incinerá-los. O fogo ardia lentamente dia e noite, e o cheiro da carne queimada tinha se tornado tão comum que eles mal notavam.

É novembro e na câmara mais baixa o padre se levanta. Ele não é alto e mesmo assim precisa se abaixar para não bater a cabeça no teto ou contra os dentes de pedra que se projetam do teto da boca do dragão.

A Missa terminou, vá em paz.

Ele deixa para trás o cálice e o purificador, o pano e a estola. Eles agora são relíquias, artefatos de uma era que recua para o passado na velocidade da luz. *Começamos como*

habitantes das cavernas, o padre pensa enquanto sobe à superfície, e para as cavernas retornamos.

Até mesmo a mais longa jornada é um círculo, e a história irá sempre voltar ao lugar em que começou. Do missal:
"Lembre -se de que você é pó e ao pó retornará".

E o padre se levanta como um mergulhador subindo ao domo do céu cintilando acima da água.

Ao longo da estreita passagem que serpenteia suavemente para cima entre as paredes de pedras lacrimejantes, o chão é tão liso quanto o piso das pistas de boliche. Apenas alguns meses antes,

alunos em viagens decampo marchavam em fila única, passando seus dedos pela parede de rocha, os olhos procurando monstros nas sombras que inundavam as fendas. Eles ainda eram jovens o bastante para acreditar em monstros.

E o padre se ergue como um leviatã da profundidade sem luz.

A trilha para a superfície passa pelo Caveman's Couch e o Crystal King, entra no Grande Aposento, a área principal dos refugiados e, finalmente, no Palácio dos Deuses, sua parte favorita das cavernas, onde formações cristalinas brilham como fragmentos congelados da luz da Lua e o teto

ondula sensualmente como ondas rolando para a praia. Aqui, perto da superfície, o ar é menos denso, fica mais seco e se tinge com a fumaça das fogueiras que ainda se alimentam do mundo que deixaram para trás.

Senhor, abençoe essas cinzas pelas quais mostramos que somos pó.

Trechos de orações correm por sua mente. Fragmentos de cantos. Litanias e bênçãos e as palavras de absolvição, *Que Deus lhe conceda perdão e paz, e eu o absolvo de seus pecados...* E da Bíblia: "Desci às raízes das montanhas; à terra cujos ferrolhos me prenderam para sempre".

Incenso queimando no incensório.
Suave luz do sol de primavera
estilhaçado por um vitral. O estalar dos
bancos da igreja no domingo como o
casco do velho navio em alto-mar. A
solene dimensão das estações, o
calendário que governou sua vida desde
quando era uma criança, Advento,
Natal, Quaresma, Páscoa. Ele sabe que
gostava das coisas erradas, os rituais e
tradições, a pompa e a afetação pelas
quais os leigos criticavam a igreja. Ele
adorava a forma, não a substância; o
pão, não o corpo.

Isso não fez dele um mau padre. Ele era
calmo e humilde e fiel à sua vocação.
Ele gostava de ajudar as pessoas.

Essas semanas na caverna tinham sido umas das mais satisfatórias de sua vida. O sofrimento traz Deus à sua morada natural, a manjedoura de terror e confusão, dor e perda, onde ele nasceu. *Vire a moeda do sofrimento, o padre pensa, e você verá sua face.*

Um vigia está sentado exatamente do lado de dentro da abertura acima do Palácio dos Deuses, sua estrutura corpulenta mostrada em silhueta de encontro à névoa de estrelas às suas costas. O céu foi limpo pelo duro vento norte predizendo o inverno. O homem está usando um boné de beisebol puxado por cima da testa e uma jaqueta

de couro. Ele está segurando um binóculo. Um rifle repousa em seu colo.

O homem cumprimenta o padre com um gesto de cabeça.

— Onde está o seu casaco, padre? Está uma noite fria.

O padre sorri fracamente.

— Acho que o emprestei para Agatha.

O homem mostra que compreendeu com um resmungo. Agatha é a queixosa do grupo. Sempre com frio. Sempre com fome. Sempre *alguma* coisa. Ele ergue o binóculo até os olhos e vasculha o céu.

— Você viu algum deles? — o padre pergunta. Eles avistaram o primeiro objeto cinza-prateado em forma de charuto uma semana antes, pendendo imóvel sobre as cavernas por vários minutos antes de disparar silenciosamente direto para cima, diminuindo até se tornar uma cicatriz minúscula na vastidão azul. Outro, ou o mesmo, apareceu dois dias depois, planando silenciosamente sobre eles até desaparecer no horizonte. Não havia dúvida sobre a origem das estranhas aeronaves, os moradores da caverna sabiam que não eram terrestres, e era o mistério sobre seu objetivo que os amedrontava.

O homem abaixa o binóculo e esfrega os olhos.

– O que aconteceu, padre? Não consegue dormir?

– Ah, não tenho dormido muito ultimamente – o padre responde. Então acrescenta: – Muita coisa para fazer – ele não quer que o homem pense que está se queixando.

– Não há ateus nas trincheiras – o clichê pende no ar como um cheiro rançoso.

– Ou nas cavernas – replica o padre. Desde que se conheceram, ele se esforçou para conhecer melhor esse homem, mas ele é um aposento fechado, a porta seguramente trancada

pela raiva e pelo sofrimento e pelo medo desesperado da vida ameaçada ou pelas incertezas do futuro. Durante meses, não houve como fugir ou se esconder disso. Para alguns, a morte é a auxiliar da fé. Para outros, é seu carrasco.

O homem tira uma embalagem de chiclete do bolso no peito, desembrulha um pedaço com cuidado e o dobra e coloca na boca. Ele conta os pedaços restantes antes de deslizar a embalagem de volta para o bolso. Ele não oferece um pedaço ao padre.

– Minha última embalagem – o homem diz à guisa de explicação. Ele muda o peso do corpo sobre a pedra fria.

– Entendo – o padre fala.

– Entende? – o maxilar do homem se move em um ritmo hipnótico enquanto mastiga. – Entente mesmo?

O pão seco, o vinho azedo: o gosto permanece em sua língua. O pão poderia ter sido partido; o vinho poderia ser dividido. Ele não tinha que celebrar a Missa sozinho.

– Acredito que sim – o pequeno padre responde.

– Eu não – diz o homem devagar e com firmeza. – Eu não acredito em droga alguma.

O padre cora. Seu riso suave e constrangido é como os passos dos pés de uma criança em uma escada. Ele toca o colarinho nervoso.

– Quando ficamos sem energia elétrica, acreditei que ela voltaria – o homem com o rifle diz. – Todo mundo acreditou. A energia acaba, a energia volta. Isso é fé, não é? – ele mastigava o chiclete, lado direito, lado esquerdo, empurrando a bola verde de um lado a outro da boca. – E então as notícias chegam da costa que não existe mais costa. Reno agora é um valioso local à beira-mar. Grande coisa; e daí? Houve terremotos antes. Houve tsunamis. Quem precisa de Nova York? O que há de tão especial

na Califórnia? Nós nos recuperamos.
Nós sempre nos recuperamos. Acredito
nisso.

O vigia está balançando a cabeça,
olhando para o céu da noite, para o frio,
para as estrelas cintilantes. Olhos no
alto, voz baixa.

— Então as pessoas ficaram doentes.
Antibióticos, quarentenas.

Desinfetantes. Colocamos máscaras e
lavamos nossas mãos até a pele
descascar. Mesmo assim, quase todos
morreram.

E o homem com o rifle observa as
estrelas como que esperando que elas
se soltassem da escuridão e

despencassem na Terra. Por que não o fariam?

– Meus vizinhos. Meus amigos. Minha mulher e meus filhos. Eu sabia que todos iam morrer. Como todos puderam morrer? Algumas pessoas ficam doentes, mas a maioria não fica, e o resto vai melhorar, certo? Isso é fé. É nisso que nós acreditávamos.

O homem tira uma grande faca de caça da bota e começa a limpar a terra de baixo das unhas com a ponta.

– Isso é fé: você cresce; você vai à escola; encontra um emprego; casa; forma uma família – terminando a tarefa em uma das mãos, uma unha para cada

rito de passagem, depois começando na outra. – Seus filhos crescem. Vão para a escola. Encontram um emprego. Eles se casam. Eles formam uma família – *rasp, rasp, rasp, rasp*. Ele empurra o boné para trás com o canto da mão que segura a faca. – Nunca fui o que você chamaria de uma pessoa religiosa. Não vejo o interior de uma igreja há 20 anos. Mas sei o que é fé, padre. Sei o que é acreditar em alguma coisa. As luzes se apagam, elas acendem outra vez. As águas da enchente vêm e vão. As pessoas ficam doentes, elas melhoram. A vida continua. Isso é verdadeira fé, não é? Essa sua bobagem sobre céu e inferno, pecado e salvação, jogue tudo

fora e você ainda vai ter isso. Mesmo os maiores ateus que atacam a igreja têm fé nisso. A vida continua.

– Sim – diz o padre. – A vida continua.

O vigia mostra os dentes. Ele estende a faca na direção do peito do padre e rosna:

– Você não ouviu uma única palavra que eu falei. Olhe, é por isso que não suporto o seu tipo. Você acende suas velas, resmunga suas feitiçarias em latim e reza para um deus que não está aqui, não se importa, ou é muito louco, ou cruel, ou as duas coisas. O mundo queima e você elogia o imbecil que o incendiou ou permitiu pegasse fogo.

O pequeno padre tinha levantado as mãos, as mesmas mãos que consagraram o pão e o vinho, como que para mostrar ao homem que elas estão vazias, que ele não pretendia fazer nenhum mal.

– Não finjo conhecer a mente de Deus –
o padre começa, baixando as mãos.

Olhando a faca, ele cita o Livro de Jó:
"Na verdade, falei do que não entendia;
coisas maravilhosas demais para mim,
coisas que eu não conhecia".

O homem o olha fixamente por um momento muito longo e desconfortável, absolutamente imóvel exceto pelo maxilar trabalhando no pedaço de chiclete já sem sabor.

– Eu vou ser sincero com você, padre – ele diz sem emoção. – Sinto vontade de matá-lo agora mesmo.

O padre concorda sério.

– Receio que isso possa acontecer.

Quando a verdade se tornar significativa.

Ele tira a faca da mão trêmula do homem. O padre toca o seu ombro. O homem se encolhe, mas não recua.

– O que é a verdade? – o homem sussurra.

– Isto – o pequeno padre responde e desfere uma profunda facada nodo peito do homem.

A lâmina é muito afiada, ela desliza facilmente pela camisa do homem, escorregando entre as costelas antes de afundar dez centímetros no coração.

O padre puxa o homem até a altura do peito e beija o alto de sua cabeça. *Que Deus lhe conceda perdão e paz.*

O fim chega depressa. A goma de mascar cai dos lábios frouxos do homem, o padre a apanha e a joga pela entrada da caverna. Ele solta o homem no chão de pedra fria e se levanta. A faca molhada cintila em sua mão. *O sangue do novo e eterno pacto...*

O padre analisa o rosto do homem morto e seu coração queima com fúria e

repugnância. O rosto humano é hediondo, insuportavelmente grotesco. Não há mais necessidade de esconder sua repulsa.

O pequeno padre volta ao Grande Aposento, seguindo um caminho desgastado que leva à câmara principal, onde os outros se retorcem e viram em um sono inquieto. Todos, exceto Agatha, que se recosta na parede dos fundos da câmara, uma pequena mulher perdida na jaqueta forrada de pele que o pequeno padre tinha lhe emprestado, os cabelos crespos não lavados um ciclone de cinza e preto. A sujeira está alojada nos fundos sulcos do rosto murcho, ao redor de uma boca privada de dentes há

muito perdidos e olhos enterrados em
dobras de pele flácida.

*Isto é humanidade, o padre pensa. Este
é seu rosto.*

– Padre, é você? – a voz mal é audível,
o guincho de um camundongo, o grito
estridente de um rato.

E isto, a voz da humanidade.

– Sim, Agatha, sou eu. Ela semicerra os
olhos para a máscara que ele usou
desde a infância obscurecida na
sombra.

– Não consigo dormir, padre. Você pode
se sentar um pouco comigo?

– Sim, Agatha. Vou me sentar com você.

2

Ele carrega os corpos de suas vítimas para a superfície, dois de cada vez, um debaixo de cada braço, e os joga no fosso, largando-os sem cerimônia antes de descer para outra carga. Depois de Agatha, ele matou o resto enquanto dormia. Nenhum acordou. O padre trabalhou em silêncio, depressa, com mãos firmes e seguras, e o único ruído foi o sussurro do pano se rasgando enquanto a lâmina fundava nos

corações de todos os 46, até que o seu era o único coração que ainda batia.

Começa a nevar ao amanhecer. Ele fica do lado de fora por um momento e ergue o rosto para um céu negro e cinza. A neve pousa em suas faces pálidas. Seu último inverno por um tempo muito longo: no equinócio, o casulo vai descer para devolvê-lo à nave mãe, onde irá esperar a limpeza final da infestação humana pelos que o treinaram para realizar a tarefa. Quando a bordo da embarcação, da serenidade do vazio, ele irá observar enquanto lançarem as bombas que irão obliterar cada cidade da Terra, limpando os vestígios da civilização humana. O

apocalipse sonhado pela humanidade desde a aurora de sua consciência finalmente será entregue – não por um deus irado, mas indiferentemente, tão frio quanto o pequeno padre quando enterrou a faca no coração de suas vítimas.

A neve derrete em seu rosto erguido.
Quatro meses até o final do inverno.
Cento e vinte dias até que as bombas caiam, e então o desencadeamento da 5ª Onda, os peões humanos que condicionaram para matar a própria espécie. Até então, o padre vai ficar para abater qualquer sobrevivente que vagar em seu território.

Quase acabado. Quase lá.

O pequeno padre desce para o Palácio dos Deuses e quebra seu jejum.

3

ESPECIALISTA

Ao meu lado, Navalha sussurrou:

– Corra.

Sua pistola explode ao lado do meu ouvido. Seu alvo era a menor coisa que é a soma de todas as coisas, sua bala,

a espada que rompeu a corrente que me prendia a ela.

Teacup.

Quando Navalha morreu, ele ergueu seus olhos suaves e comovedores até os meus e sussurrou:

– Você está livre. *Corra.*

Eu corri.

4

Estilhaço e atravesso a janela da vigia, o chão disparando para o alto a fim de me encontrar.

Quando aterrisso no asfalto, nem um único osso se quebra. Não vou sentir dor. Eu fui aperfeiçoada pelo inimigo para suportar quedas maiores do que essa. Minha última queda começou a 1.500 metros. Esta é fácil.

Aterrisso, rolo e fico em pé, corro ao redor da torre, depois pela passagem

em direção da barreira de concreto e da cerca protegida por arame farpado. O vento grita em meus ouvidos. Agora sou mais rápida do que o animal mais rápido da Terra. Comparado a mim, o guepardo é uma tartaruga.

As sentinelas no perímetro devem me ver, e o homem na torre de vigia também, mas nenhum tiro é disparado, nenhuma ordem é dada para me abater. Corro até o fim da passagem como uma bala cantando no cano de uma arma.

Eles não podem pegá-la. Como eles poderiam pegá-la?

O processador instalado em meu cérebro fez os cálculos antes mesmo de

eu atingir o chão e já transmitiu a informação para os milhares de drones microscópicos designados para o meu sistema muscular; não preciso pensar em velocidade ou tempo ou ponto de ataque. O *hub* faz isso por mim. Fim da passagem: eu salto. Meu pé aterrissa no alto da barreira de concreto por um instante, depois dá impulso e me lança na direção da cerca. O arame farpado voa para o meu rosto. Meus dedos deslizam para o espaço de cinco centímetros entre as espirais e a barra superior para que eu execute um salto de costas sobre o topo. Passo por cima dele primeiro com os pés, costas arqueadas, braços estendidos.

Piso no solo e acelero de novo até atingir velocidade máxima, cobrindo os 100 metros até o terreno aberto entre a cerca e a floresta em menos de quatro segundos. Nenhuma bala me segue. Nenhum helicóptero cria vida para me caçar. As árvores se fecham atrás de mim como uma cortina sendo puxada, e meus passos são firmes no chão liso e irregular. Chego ao rio, suas águas rápidas e escuras. Meus pés parecem mal tocar a superfície enquanto atravesso.

Do outro lado, a floresta dá lugar a uma planície aberta, quilômetros esplêndidos se estendendo em direção do horizonte do norte, uma vastidão sem fronteira na

qual eu ficaria perdida, não descoberta, não perturbada.

Livre

Corro durante horas. O 12º Sistema me sustenta. Ele reforça minhas articulações e ossos. Ele protege meus músculos, dá força, resistência, anula minha dor. Eu só preciso me render. Eu só preciso confiar, e vou resistir.

VQP. À luz de centenas de corpos queimando, Navalha esculpiu essas três letras no meu braço. VQP. Vence quem persevera. Algumas coisas, ele me disse na noite antes de morrer, algumas coisas, até mesmo algumas muito

pequenas, valem a soma de todas as coisas.

Navalha entendeu que eu nunca deixaria Teacup sofrendo enquanto escapava. Eu deveria saber que ele ia me salvar me traindo: tinha feito isso desde o início. Ele matou Teacup para que eu pudesse viver.

A paisagem desinteressante se estende em todas as direções. O sol cai em direção da beira do céu sem nuvens. Minhas lágrimas congelam quando caem no rosto atingido pelo vento cortante. O 12º Sistema pode protegê-lo da dor que aflige o corpo, mas é inútil contra a dor que esmaga a alma.

Horas depois, ainda estou correndo enquanto a última luz sangra do céu e a primeira estrela aparece. E lá está a nave mãe pairando no horizonte, como um olho verde sem pálpebra olhando fixamente para baixo. Não há como fugir dela. Nem se esconder. Ela é inatingível, inatacável. Muito tempo depois que o último ser humano se transformar em um punhado de pó, ela vai estar ali, implacável, impenetrável, inescrutável: Deus foi destronado.

E continuo a correr. Por uma paisagem primitiva sem marcas de qualquer coisa humana, o mundo como era antes que a confiança e a cooperação soltassem a besta do progresso. Agora o mundo

está voltando para o que era antes de o
conhecermos. Paraíso perdido. Paraíso
devolvido. Lembro-me do sorriso de
Vosch, triste e amargo. *Uma salvadora.*
É isso que sou?

Correndo em direção ao nada, fugindo
do nada, correndo por um cenário vazio
de um branco sem mácula sob a
imensidão do céu indiferente, vejo
agora. Acho que compreendo.

Reduzir a população humana a um
número sustentável, depois tirar a
humanidade de dentro dela, visto que a
confiança e a cooperação são ameaças
reais para o delicado equilíbrio da
natureza, os pecados inaceitáveis que
impeliram o mundo para a beira do

penhasco. Os Outros concluíram que a única forma de salvar o mundo era aniquilar a civilização. Não pelo exterior, mas do interior. A única forma de aniquilar a civilização humana era mudar a natureza humana.

5

Continuei a correr pela mata. Ainda sem perseguição. À medida que os dias passavam, eu me preocupava menos com a aproximação de helicópteros e equipes de ataque saltando para baixo e mais com ficar aquecida e encontrar a

água potável e a proteína de que eu precisava para sustentar o frágil hospedeiro do 12º Sistema. Cavei buracos para me esconder, construí abrigos sob os quais dormir.

Transformei galhos de árvores em lanças e cacei coelhos e alces e comi a carne crua. Não ousei acender uma fogueira, mesmo sabendo como; no Campo Abrigo o inimigo me ensinou. O inimigo tinha me ensinado tudo que eu precisava saber sobre sobrevivência na selva, depois me deu a tecnologia alienígena que ajudou meu corpo a se adaptar a ela. Ele me ensinou o que os seres humanos esqueceram após dez

séculos de cooperação e confiança. Ele me ensinou sobre o medo.

A vida é um círculo confinado pelo medo. O medo do predador. O medo da presa. Sem medo a vida não existiria. Certa vez tentei explicar isso a Zumbi, mas acho que ele não entendeu.

Durei 40 dias na selva. E, não, o simbolismo não se perdeu em mim.

Eu poderia ter durado mais. O 12º Sistema teria me sustentado muito bem por mais de 100 anos. Rainha Marika, a solitária, antiga caçadora, um invólucro inútil e sem alma roendo os ossos secos de animais mortos, soberana incontestada de um domínio

inexpressivo, até o sistema finalmente entrar em colapso e seu corpo desmoronar ou ser devorado por animais, seus ossos espalhados como runas não lidas em um cenário abandonado.

Voltei. Nesse momento, eu compreendi por que não estavam vindo. Vosch estava a dois passos adiante de mim; ele sempre esteve. Teacup estava morta, mas eu ainda estava presa a uma promessa que nunca tinha feito a uma pessoa que provavelmente também estava morta. Mas a probabilidade tinha perdido o sentido.

Eu sabia que não podia abandonar
Zumbi, não quando havia uma chance
de salvá-lo.

E havia somente uma forma de salvá-lo;
Vosch também sabia disso.

Eu tinha que matar Evan Walker.

Parte I - 6

I - O Primeiro Dia

CASSIE

EU VOU MATAR Evan Walker.

O melancólico, enigmático, egocêntrico e bastardo. Eu vou torturar sua pobre e miserável alma híbrida alienígena-humana. *Você é a efemérida. Você é a coisa pela qual vale a pena morrer. Quando acordei eu me vi em você. Ah, que nojo.*

Ontem a noite eu dei um banho em Sams - O primeiro em três semanas - e ele quase quebrou o meu nariz, ou melhor dizendo, quebrou o meu nariz,

desde que a antiga namorada de Evan (Ou amiga com benefícios, tanto faz) o quebrou primeiro, batendo meu rosto contra uma porta enquanto estava atrás do meu irmão mais novo. Evan estava tentando salvar o mesmo e o merdinha quase o quebrou de novo. Percebe a ironia? Há provavelmente algum simbolismo aí também, mas já é tarde demais, e eu não durmo há três dias, então esquece.

Vamos voltar para o motivo pelo qual eu vou matá-lo.

Basicamente, tudo se resume ao alfabeto.

Depois que Sam bateu em meu nariz, saí rapidamente do banheiro, toda encharcada, e então dei um soco no peito de Ben Parish. Ben estava à espreita no corredor, como se tudo que Sam fizesse fosse sua responsabilidade, o mesmo merdinha que encontrava-se gritando obscenidades em minhas costas, a única parte seca do meu corpo depois de tentar lavar o seu, e então Ben Parish, a memória viva do meu pai favorito, dizendo que é melhor ter sorte do que ser esperto, perguntou *o que está havendo?* Ah, tão estupidamente fofo que eu estava tentada a quebrar o

nariz dele, tornando-o não tão irritante de se olhar.

— Você deveria morrer. — Eu disse a ele. Eu sei que disse que ia matar Evan, mas você precisa entender, ah, que se dane. Ninguém nunca vai ler isso.

Quando eu me for, não haverá ninguém que saiba ler. Então isto não está sendo escrito para você, futuro leitor que não existe. É para mim.

— Provavelmente. — Ben respondeu.

— Quais são as chances de que alguém que eu conhecia bem antes, ainda estar aqui agora?

Ele parou pra pensar sobre isso. Ou fingiu pensar sobre isso: ele é um cara.

— As chances são cerca de 7 bilhões para um.

— Acho que seria 7 bilhões para dois, Ben. — Contrapus. — Ou 3,5 bilhões para um.

— Wow. Tanto assim? — Ele empurrou a cabeça em direção à porta do banheiro. — O que está havendo com Nugget?

— Sam. Seu nome é Sam. Chame-o de Nugget novamente e meu joelho irá de encontro a isso que tem entre as pernas.

Ele sorriu. Então ele imediatamente compreendeu o que eu disse e seu sorriso se transformou em um olhar inarticulado de orgulho ferido.

— Elas são um pouco maiores do que as de Nugget. Um pouco. — E clique! O sorriso radiante estava ali de novo.

Eu disse a ele que aquilo não me interessava. Eu tinha coisas melhores para fazer, como matar EvanWalker.

Eu invadi o corredor, na sala de estar, ainda próxima o suficiente - Ou não longe o suficiente - para ouvir Sam gritar.

— Eu não me importo, Zumbi. Eu não me importo, não me importo.
Eu *odeio* ela.

Dumbo e Megan estavam sentados no sofá, trabalhando concentrados em um quebra cabeça que algum deles

encontrou no quarto das crianças, tinha a cena de um desenho animado da Disney ou algo assim. Seus olhos voltaram-se para mim, me olhando como se dissessem algo tipo: *não se importe conosco, nós não vamos parar você, você é boa, ninguém viu nada.*

Lá fora, na varanda, está frio como o inferno, a primavera se recusa a vir. A primavera nunca vem, acredito que eventos de extinção a irrita. Ou os outros resolveram projetar uma outra Era do gelo, só porque eles podem, afinal porque se contentar, se você pode deixar os humanos condenados pelo frio? Seres humanos famintos e

miseráveis condenados? Não há nada mais gratificante que isso.

Ele estava encostado no parapeito para tirar o peso do tornozelo machucado, o rifle aninhado na dobra do braço, vestindo seu uniforme, uma enrugada camisa xadrez e calça jeans skinny. Seu rosto se iluminou ao me ver abrindo a porta abruptamente. Seus olhos me sondavam, bebiam-me. Ah, ele me olhava como um cara que tropeçava em um oásis no meio de um deserto.

Dei um tapa nele.

— Por que você só me bate? — ele perguntou, depois de torturantes dez mil

anos de sabedoria alienígena para a resposta.

— Você sabe por que estou molhada?

— perguntei.

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Por que você está molhada?

— Eu estava a dar banho no meu irmãozinho. Diga-me porque eu estava dando-lhe um banho?

— Porque ele estava sujo?

— Pela mesma razão, passei uma semana limpando esta espelunca, depois que nos mudamos.

— Sam precisa se barbear?— Tentou, divertido.

Que pergunta idiota.

— Cala a boca! Eu estou falando.

Quando eu falo, você fica calado. Isso é uma coisa que os humanos fazem. Eles tratam os outros com respeito. Respeito, Evan.

Ele assentiu melancolicamente.

"Respeito", ele repetiu - o que me deixou ainda mais furiosa. Ele estava sendo cuidadoso comigo.

— É tudo questão de respeito. Ficar limpo e não fedendo como um porco é questão de respeito

— Porcos não fedem.

— Cala a boca.

— Bem, é que eu cresci em uma fazenda, isso é tudo.

Eu balancei a cabeça.

— Ah não, isso não é tudo. Isso não é metade de tudo. A parte de você que eu dei um tapa não cresceu em qualquer maldita fazenda

Ele deixou seu rifle encostado no corrimão e mancou até banco e sentou-se. Ele fitou o cenário a sua frente, estava a meia distância de mim.

— Não é minha culpa Sam precisava de um banho.

— Claro que é sua culpa. Tudo isso é sua culpa.

Ele olhou pra mim, o tom de voz era controlado.

— Cassie, acho que você deveria voltar para dentro agora.

— O que, antes de você perder o seu temperamento? Ah, por favor, perda pela primeira vez. Eu vou gostar de ver isso.

— Você está com frio.

— Não, não estou.— Então eu percebi o quanto eu estava tremendo, o que era previsível, já que minha roupa estava molhada. Água gelada escorria atrás do meu pescoço e traçou um caminho pela minha espinha. Eu dobrei meus braços meu peito e meus dentes (recém

escovados, muito bem limpos) pararam de tremer.

— Sam esqueceu o ABC. — Eu o informei.

Ele me encarou por longos quatro segundos.

— Desculpe-me, o quê?

— O ABC. Você sabe, o alfabeto, seu porqueiro intergaláctico.

— Certo. — Seus olhos vagavam de meu rosto à estrada vazia em frente ao pátio vazio que se estendia em direção a horizontes vazios sobre o qual havia mais estradas vazias e bosques e campos e vilas e cidades, o mundo era

um grande lugar vazio. Esvaziado por coisas como ele, o que-ele-era antes de ele se inserido em um corpo humano como um boneco. Ele inclinou-se e encolheu os ombros fora de sua jaqueta, o mesmo casaco de boliche estúpido ele apareceu no antigo hotel, (*The Urbana Pinheads*) ele então o tirou.

— Por favor?

Talvez eu não devesse ter aceitado. Quer dizer, o padrão se repetia: Estou com frio, ele aquece-me. Estou magoada, ele cura-me. Estou com fome, alimenta-me. Eu estou para baixo, ele me pega. Eu sou como o buraco na praia que fica se enchendo de água.

Eu não sou uma pessoa grande, então a jaqueta me envolveu. E o calor do seu corpo, me estabilizou - não necessariamente o fato de que o calor vinha do corpo dele, só o calor em si.

— Outra coisa que os seres humanos fazer é aprender seus alfabetos,— Eu disse. — Então eles podem ler. Então eles podem aprender as coisas. Coisas como história e matemática e ciência e praticamente todo o resto você pode nomear, incluindo as coisas realmente importantes como arte e cultura e fé e porque as coisas acontecem e por que outras coisas não e por que nada existe mesmo em primeiro lugar.

Minha voz vacilou. Sem pedir permissão, vem novamente em minha cabeça a imagem de meu pai, um carrinho de mão vermelho carregado com livros após a 3ª onda e sua palestra sobre como preservar o conhecimento e a reconstruir a civilização uma vez esse problema alienígena iria acabar. Deus, que triste, que pena: um homem careca, ombros dobrados vagando em ruas desertas com um carregamento de livros da biblioteca atrás dele. Enquanto outros pilharam bens enlatados e armas e hardware para fortificar suas casas contra saqueadores, meu pai decidiu que o curso de ação mais sábio era acumular material de leitura.

— Ele pode aprendê-lo novamente. —
Evan tentou — Você pode ensiná-lo.

Foi preciso usar todo o meu
autocontrole para não lhe dar outro
tapa. Houve um tempo quando eu
pensei que eu era a última pessoa na
terra, o que me fez toda a humanidade.
Evan não é o único que tem uma dívida
impagável. Sou a humanidade, ele é
eles, e após o que eles fizeram para
nós, a humanidade deve quebrar todos
os ossos em seus corpos.

— Isso não é o ponto — , eu disse a ele.
— A questão é, não entendo porque
você fez isso por aqui. Vocês poderiam
ter nos matado sem serem tão cruéis
sobre isso. Você sabe o que descobri

hoje, além do fato de que meu irmão caçula me odeia? Não é apenas o ABC que foi esquecido. Ele não se lembra como era nossa mãe. Ele não se lembra do rosto da própria mãe.

Então eu perdi. Embrulhei-me apertado com aquele estúpido casaco e chorei, porque eu não me importo mais se Evan me viu perdendo, porque se existe alguém que deve ver isto, esse alguém é ele, o atirador que matava à distância, que ficava confortável na sua fazenda ao mesmo tempo, enquanto isso, duzentas milhas na cabeça dele, a nave-mãe desencadeou três ondas crescentes de devastação. Quinhentos mil no primeiro ataque, milhões no

segundo, bilhões no terceiro. E enquanto o mundo se queimou, Evan Walker comia carne de veado, fazia caminhadas de lazer no bosque, descansava por um fogo acolhedor e polia suas unhas perfeitas.

Ele deve ver o rosto de sofrimento humano perto. Há muito tempo ele tem sido como a nave-mãe, pairando sobre o horror, intocável e remoto. Ele precisava vê-lo, tocá-lo, pressioná-lo contra o nariz perfeitamente em forma, totalmente intacto e cheirá-lo.

O modo como Sammy tem agido. Senti vontade de entrar lá dentro e tirá-lo de banheira e arrastá-lo nu para o alpendre, onde Evan Walker poderia

contar as costelas ósseas e sentir seus minúsculos pulsos e examinar as cicatrizes e feridas do menino que ele torturou, a criança cuja mente ele tem esvaziado de memórias e cujo coração está cheio de ódio, desespero e raiva inútil.

Evan fez a menção de levantar - para puxar-me para os braços dele, sem dúvidas, para acariciar meu cabelo e secar minhas lágrimas e sussurrar que tudo ia ficar bem, porque é isso que ele faz - mas então ele pensou melhor e sentou-se.

— Eu te disse, Cassie, — ele disse suavemente. — Não queria que acontecesse assim. Eu lutei contra isso.

— Até que você foi junto com eles. —
Ainda trabalhando para vê-lo explodir.
Junto veio uma palavra de três sílabas.
— E o que quer dizer com, você não
queria que acontecesse 'desta forma'?

Ele mudou o peso de seu corpo. O
movimento fez o piso ranger. Seus
olhos desviaram-se de volta para a
estrada vazia. - Nós poderíamos ter
vivido entre vocês indefinidamente.
Escondidos, indetectável. Nós
poderíamos ter inserido nos papéis
principais em sua sociedade.
Poderíamos partilhar nosso
conhecimento, ampliando
exponencialmente o seu potencial,
acelerando sua evolução. É concebível

que poderia ter-lhe dado a uma coisa que você sempre quis e nunca teve.

— O quê?— Eu forcei o ranho de volta para meu nariz. Não tenho um lenço de papel e nem me importo se isso foi nojento. A *chegada* havia alterado a definição inteira do que era nojento.

— Paz. — Ele respondeu.

— Poderia haver. Poderia.

Ele assentiu.

— Quando essa opção foi rejeitada, argumentei para algo... mais rápido.

— Mais rápido?

— Um asteróide. Você não tem a tecnologia para pare o tempo ou mesmo

o que você fez. Foi uma solução simples, mas não foi limpa. O mundo não teria sido habitável por mil anos.

— E isso é importante, por quê? Você é pura consciência, imortal como deuses. O que é mil anos para você?

Aparentemente essa pergunta tinha uma resposta muito complicada. Ou um ele não quis me contar.

Então ele disse:— Há dez mil anos, tivemos a coisa que você só sonhou há dez mil anos. — Ele deu uma risada curta, sem senso de humor. — Precisa de uma existência sem dor, sem fome, sem qualquer físico em tudo. Mas a imortalidade tem um preço. Sem corpos,

perdemos as coisas que vêm com eles. Coisas como a autonomia e a benevolência. Compaixão.— Ele abriu as mãos como se para me mostrar, estavam vazias.— O Sam não é o único que esqueceu o seu alfabeto."

— Eu te odeio— , eu disse. Ele balançou a cabeça.

— Não. Você não odeia

— Eu quero te odiar.

— Espero que você falhe.

— Não minta para você, Evan. Você não me ama, você ama a ideia de mim. Você já estragou tudo em sua cabeça. Você ama o que represento.

Ele inclinou a cabeça, e seus olhos castanhos estavam brilhando mais do que as estrelas.

— O que você representa, Cassie ?

— O que você pensou que você perdeu. O que você pensou que nunca poderia ter. Eu não sou isso. Sou só "eu".

— E o que é "você"?

Eu sabia o que ele queria dizer. E, claro, eu não tinha ideia do que ele quis dizer. Era isso, a coisa entre nós, nenhum de nós poderia colocar os dedos sobre a *coisa*, o vínculo indissolúvel entre amor e medo. Evan é o amor. Eu sou o medo.

7

Ben estava esperando para atacar o minuto que eu voltasse. Eu sabia que ele estava esperando para atacar porque o minuto que eu voltei para dentro, ele me atacou.

— Está tudo bem? — Ele perguntou.

Eu limpei as lágrimas do meu rosto e ri. *Claro, Parish, além desta coisa toda irritante de apocalipse alienígena, tudo está ótimo.*

— Quanto mais ele explica, menos eu entendo. — Respondi.

— Eu te disse, alguma coisa não bate certo com esse cara, — disse ele,

tomando muito cuidado para não dizer realmente que *eu te avisei*. Ok, não *realmente*. Basicamente ele *estava* dizendo.

— O que você faria se você não tivesse um corpo de dez mil anos e então de repente você passa a ter?— Eu perguntei.

Ele inclinou a cabeça dele e reprimiu um sorriso. — Provavelmente iria ao banheiro

Dumbo e Megan tinham ido para fora. Nós estávamos sozinhos. Ben estava em pé junto à lareira, a luz dourada dançava sobre o rosto, que tinha voltado a parecer mais saudável, após as seis

semanas que tinha se escondido no esconderijo da Graça. Descanso em abundância, comida, água fresca e antibióticos e Ben estava quase voltando ao seu estado pré-invasão. Ele nunca iria voltar completamente, ainda havia um olhar assombrado em seus olhos, uma cautela carregada, como um coelho dentro de um Falcão negro.

Ele não era o único. Depois de chegarmos à casa segura, demorou duas semanas para eu ter coragem de me olhar no espelho. A experiência foi como ver alguém que não via desde o ensino médio — você reconhece-o, mas o que você realmente nota são as mudanças. Elas não correspondem à

sua memória, não são como deveriam ser, então por um segundo você é jogado fora, porque sua memória deles é eles. Então, quando eu olhei no espelho, eu vi refletido ali algo que não coincide com a lembrança de mim mesma, especialmente do nariz, que agora se desviou ligeiramente para a direita, graças a Graça, mas deixei isso pra lá, sem ressentimentos. Meu nariz agora pode ser torto, mas dela foi vaporizada — juntamente com o resto dela.

— Aonde está o Sam? — Pergunto.

Ben empurrou a cabeça gesticulando para trás da casa.

— Está com Megan e Dumbo. Ele está bem.

— Ele me odeia.

— Ele não odeia você.

— Ele disse que me odeia.

— As crianças dizem coisas que não querem dizer.

— Não apenas crianças.

Ele assentiu e olhou por cima do ombro em direção a porta da frente.

— Esp estava certa, Cassie. Isso não faz muito sentido. Ele sequestra um corpo humano, então, ele pode matar esses humanos raptados. Porém, um dia ele decide que prefere matar sua

própria espécie para que ele possa salvar todos os humanos raptados. E não apenas matar um ou dois do seu tipo aqui ou ali. *Todos eles*. Ele quer destruir a sua civilização inteira e para quê? Para uma garota. Uma garota!

Aquilo era algo errado de se dizer. Ele sabia disso, também. Mas só no caso que houvesse qualquer pergunta, eu disse, muito lentamente, — Sabe, Parish, pode ser um pouco mais complicado que isso. Há uma parte humana nele, também.

Ah, Jesus, Cass, qual é o seu problema? Num minuto você está furiosa com ele, no outro você está defendendo-o.

A expressão dele endureceu.

— Não estou preocupado com a parte humana. Eu sei que você não estava louco por ela, mas Esp é muito inteligente e ela fez uma boa observação: se não precisam de corpos, não precisam de um planeta. E se eles não precisam de um planeta, por que vieram para a nosso?

— Não sei, — respondi irritada. — Por que não pergunta de Esp, já que ela é muito esperta?

Ele respirou fundo, e então ele disse, — Eu vou.

Eu levei um segundo para entender o que ele quis dizer. Em seguida, outro

para perceber que ele estava falando sério. Um terço de segundo para fazer algo sobre os primeiros dois segundos, que foi para se sentar.

— Eu pensei muito sobre isso, — ele começou. Então ele parou. Como se ele tivesse que fazer rodeios comigo de todas as outras pessoas! Como se eu tivesse um temperamento difícil ou algo assim. — E eu acho que sei o que você vai dizer, mas antes de dizer isso, você precisa me ouvir. Me escute, ok? Bom, Se Walker está dizendo a verdade, nós temos quatro dias até que o equinócio da primavera chegue e ele faça o que tem que fazer. Isso é tempo mais que suficiente para eu chegar lá e voltar.

— Para onde e quando você volta, Ben?

— Não vou sozinho. Eu vou levar Dumbo comigo.

— Ok. Ele vai com você onde? — Então eu entendi. — Nas cavernas.

Ele assentiu rapidamente, aliviado que eu entendi.

— Está me matando, Cassie. Não consigo parar de pensar nelas. Talvez a Cup esteja com Esp e, bem, talvez não. Ela pode estar morta. Esp pode estar morta. Ah, diabos, elas provavelmente morreram, ou talvez não estejam.

Talvez elas tenham conseguido chegar nas cavernas e Esp voltou para o hotel para nos levar, só que quando voltou,

não havia nenhum de nós lá. Enfim, vivas ou mortas, elas estão lá fora. E se elas estão vivas, elas não têm ideia do que está por vir. Elas vão morrer a menos que alguém volte para buscá-las.

Ele estremeceu e tomou um fôlego enorme, o primeiro desde que ele soltou essa enxurrada de palavras.

— Volte para elas. — Eu disse. — Como você voltou para Sam. Como você sempre volta.

— Sim. Não. Oh, merda. — Seu rosto estava vermelho e parecia pegar fogo. Ele sabia que eu estava dizendo. — Isso não tem nada a ver com a minha irmã....

— Você fugiu e está tentando sempre voltar desde então.

Ele deu um passo na minha direção.

Longe da luz da fogueira seu rosto mergulhou na escuridão.

— Você não sabe de nada. Eu sei que realmente te incomoda, porque Cassie Sullivan sabe tudo, certo?

— O que quer de mim, Ben? Eu não sou sua mãe ou o comandante ou o que quer que seja. Faça o que quiser.

Levantei-me. Então me sentei de volta.

Não havia para onde ir. Bem, eu poderia ir para a cozinha e fazer um sanduíche, só que não havia pão, carne ou queijo.

Não sei os detalhes, mas tenho certeza

de que há um *Subway* em cada esquina, no céu. Ou uma loja da *Also Godiva Stores*. Em nosso segundo dia aqui, eu encontrei o esconderijo de Graça de quarenta e seis caixas de chocolates Godiva. Não que eu os contei.

— Estou tendo um dia ruim — , disse. Meu irmão caçula me odiava, meu segurança pessoal humano-alienígena confessou que ele não conhece a compaixão, e agora minha antiga paixão de colegial me informou que ele está embarcando em uma missão suicida para salvar duas desaparecidas e provavelmente mortas. Além disso, eu queria um sanduíche que eu nunca

poderia ter. Desde a chegada, tenho sido assolada por desejos, mais do que uma mulher grávida de trigêmeos, e sempre para as coisas que nunca terei o prazer de comer novamente. Cones de sorvete de chocolate. Pizza congelada. Chantilly em lata. Aqueles rolinhos de canela que minha mãe fazia todas as manhãs de sábado. Fritas do McDonalds. Bacon. Não, o bacon ainda era uma possibilidade. Só preciso encontrar um porco, abatê-lo, cortá-lo, curar a carne e fritá-lo. Pensando sobre o bacon — o potencial de bacon — dá-me esperança. Não, tudo está perdido, se não há bacon.

Sério.

— Me desculpa. — Ben falou. — Eu não deveria ir embora assim.

Ele veio e sentou-se aproximadamente há duas polegadas de distância de mim. Eu costumava fantasiar sobre Ben Parish sentado no sofá na minha casa, enquanto nós compartilhamos um cobertor e assistíamos filmes de terror antigos até 01:00, segurando uma grande tigela de pipoca no colo dele. Era um sábado à noite e ele havia deixado de ir para festas de pessoas mais populares para ficar comigo assistindo filmes de assassinos, o prazer da minha companhia era o suficiente.

Agora aqui estava ele, não havia nenhum assassino, não havia TV, nenhum cobertor e nenhuma maldita pipoca. No mundo continha dois Bens — o Ben real, o que não sabia que eu existia, e o Ben imaginário, que me alimentou com pipoca com dedos amanteigados. Agora eram três. Os dois primeiros e aquele que estava sentado duas polegadas de mim, muito perto, vestindo um suéter preto justo no corpo e ostentando uma barba que o fazia parecer um roqueiro indie. Isso é um monte de Bens para segurar na cabeça de uma vez. Eu deveria dar-lhes nomes diferentes para mantê-los em linha reta:

Ben, Ben-que-tenho e Ben-que-poderia-ter.

— Eu entendo — , disse. — Mas por que você tem que ir agora? Por que você não pode esperar? Se Evan pode fazer isto....

Ele baçançou a cabeça.

— Ele fazer ou não, não fará diferença. O perigo não é os alienígenas lá em cima. O perigo é os humanos aqui. Eu preciso encontrar Esp e Cup antes que a 5ª Onda o faça.

Ele colocou minha mão entre as suas, e uma voz levantou-se do fundo: Ben. O que pertencia ao ensino médio, aquele que se recusou a morrer, o sabichão

com o nariz sardento, introvertido, egocêntrico e estranho apesar de aulas de dança, aulas de karatê e de conversas estimulantes com os pais.

Aquele que carregava em torno de si um saco de segredos, os segredos bobos, mundanos e melodramáticos da adolescência que chocaria os jovens populares, se eles soubessem.

O que estava acontecendo com ela? Por que ela não ia embora? Eu não carregava apenas muitos Bens, havia também muitas Cassies. Três Bens, duas Cassies, um par de Sams e, claro, a dualidade literal de Evan Walker. Nenhum de nós era integrado. Nossos verdadeiros eu's brilhavam como uma

miragem no deserto, para sempre
recuando para a distância.

Ben tocou meu rosto, seus dedos
roçavam em minha bochecha
levemente. E aquela voz na minha
cabeça, aquele grito de
desvanecimento: *Ben*.

Então minha voz disse: — Você vai
morrer.

— Pode apostar que eu vou, — ele
disse com um sorriso. — E isso vai
acontecer da maneira que deveria ser.
Não é o seu destino. É o meu destino."

A porta rangeu nas dobradiças
enferrujadas e uma voz disse, — ela
tem razão, Ben. Você deve esperar.

Ben se afastou de mim. Evan estava encostado na porta.

— Ninguém te perguntou. — Ben respondeu.

— O navio é central é a próxima fase, — Evan disse devagar e claramente, como se ele estivesse falando com um louco ou um idiota. — Explodi-lo é a única maneira de acabar com isso.

— Não me importo com o que você quer explodir, — disse Ben. Ele se virou como se não suportasse olhar para Evan. — eu mesmo não dou a mínima pra acabar com isso. Talvez isso seja algo difícil para alguém com um complexo de Salvador entender, mas eu

não quero salvar o mundo. Só duas pessoas.

Ele se levantou, passou por cima de minhas pernas e caminhou em direção ao corredor. Evan correu atrás dele, chamando-o, e o que ele disse fez Ben parar abruptamente e congelar.

— O equinócio da primavera é em quatro dias. Se não tiver essa nave e explodi-lo, todas as cidades da terra serão destruídas.

Putá merda. Olhei para Ben, ele olhou para mim, e então ambos olhamos para Evan.

— Quando você diz 'destruídas'...? —
Eu comecei.

— Explodir — , disse Evan. — É o último passo antes do lançamento da 5ª onda.

Ben caminhou lentamente, balançando a cabeça para ele, horrorizado, enojado, enfurecido.

— Porquê?

— Para tornar mais fácil o procedimento de limpeza. E para acabar com qualquer coisa humana que permanece.

— Mas por que agora? — Ben perguntou.

— Os silenciadores estarão a bordo do navio. É seguro. Para nós, quero dizer. Seguro para nós.

Olhei para fora. Eu ia ficar doente. Eu deveria saber disso. Quando penso que não pode piorar, piora.

8

ZUMBI

Arrastei Dumbo para fora da sala. Deixei Sullivan falando sozinha atrás de mim - o seu irmão sempre será Nugget para mim. O garoto começou a seguir Dumbo e eu pelo corredor, então pedi-lhe para voltar para a sala. Fechei a porta e virei-me para Dumbo.

— Pegue o seu equipamento, nós vamos embora.

Os olhos de Dumbo se arregalaram.

— Quando?

— Agora.

Ele engoliu a seco e olhou para o corredor, em direção a sala da família.

— Só eu e você, Sarge?

Ele estava preocupado, isso era evidente.

— Eu estou bem, Bo. — Toquei o local onde Esp tinha colocado uma bala. — Não 100%, mais ou menos 86.5%, mas estou bom o suficiente.

Senti pontadas de dor quando estendi a mão para pegar a mochila na prateleira do armário. Ok, vamos tirar um ponto e meio, talvez esteja mais pra 85%, bom, pelo menos estou mais perto de 100 do

que de 0. De qualquer forma, quem tem 100% nessa altura do campeonato? até mesmo um alienígena mal/bom quebrou o tornozelo.

Eu vasculhei o saco, embora não há o inferno de um monte para vasculhar. Eu teria que pega um pouco de água fresca, rações e uma faca viria a calhar. Chequei o bolso lateral. Vazio. Que diabos? Eu sei que havia o colocado lá. O que aconteceu com ele?

Eu estava ajoelhado no quarto, revirando minhas coisas pela terceira vez, quando Dumbo entra.

— Sarge?

— Estava aqui. Estava bem aqui. —
Olho para ele, algo na minha expressão
o faz vacilar. — Alguém deve ter levado.
Jesus Cristo, quem diabos iria ter
levado, Dumbo?

— Levado o quê?

Chequei minha roupa e dei tapinhas em
meu bolso. Merda. Lá estava ele, bem
onde eu havia colocado. O colar da
minha irmã, o mesmo que fora
arrancado da minha mão na noite que
deixei ela morrer.

— Ok, estamos prontos. — Coloquei o
medalhão no bolso novamente e peguei
a mochila do chão e o rifle da cama.

Dumbo me observava cuidadosamente, com tanta cautela que eu mal notava.

— Eu pensei que fôssemos sair amanhã a noite. — Ele murmurou.

— Se elas não estão no hotel, ou onde costumava ser o hotel, nós vamos ter que vasculhar Urbana de ponta a ponta — duas vezes. — Respondi a ele. — E eu não quero estar perto de Urbana quando os bastardos passarem à caminho de Dubuque.

— Dubuque? — Seu rosto ficou sem cor. *Ah Deus, Dubuque novamente.*

Deixei a mochila sobre um ombro e o rifle sobre o outro.

— Buzz Lightyear nos disse que eles estão explodindo as cidades.

Aquilo levou um segundo para ele assimilar.

— Quais cidades?

— Todas elas.

Seu queixo caiu. Ele me arrastou pelo corredor, virou e adentrou na cozinha.

Pegamos água engarrafada, alguns pacotes de carne seca, biscoitos, um punhado de barras de proteínas e dividimos os suprimentos entre nós.

Tive que agir rápido antes que Nugget percebesse e resolvesse grudar em minha perna.

— Todas elas? — Dumbo perguntou, franzindo a testa. — Mas Esp disse que eles não iam explodir as cidades.

— Bem, ela estava errada. Ou o Walker está mentindo. Ele falou alguma besteira sobre ter que esperar até que os silenciadores sejam extraídos. Você sabe o que eu decidi. Não vou desperdiçar meu tempo com coisas que eu não sei.

Ele balançou a cabeça. Sua mente parecia ainda estar digerindo aquilo.

— Cada cidade na terra?

— Até o último semáforo dessas merdas de cidades.

— Como?

— A nave mãe em quatro dias fará uma varredura no planeta, deixando cair bombas, a menos que Walker consiga explodir o navio antes que aconteça, e eu não coloco muita fé nisso.

— Por quê?

— Porque eu não coloco muita fé no Walker.

— Eu ainda não entendi Zumbi. Por que esperaram até agora para jogar bombas? — Cada parte dele está tremendo, incluindo a sua voz. Ele está se perdendo. Coloquei minhas mãos nos seus ombros e o forcei a olhar para mim.

— Eu te disse. Eles estão retirando os silenciadores. Enviando infestados para cada um deles, exceto para manipuladores como Vosch. Uma vez que tenham sido evacuados e as cidades extintas, não há lugar para os sobreviventes se esconderem, facilitando o trabalho dos pobres coitados que sofreram uma lavagem cerebral para terminarem a 5º Onda. Compreendeu?

Ele sacudiu a cabeça de um lado para o outro.

— Não importa, eu vou pra onde você for, Sarge.

Uma sombra se moveu atrás dele. Um maldita sombra em forma de Nugget. Estava demorando.

— Zumbi?

— Ok. — Eu suspirei. — Dumbo, me dê um segundo.

Ele deixou a cozinha, murmurando uma única palavra: *Dubuque*. E então, ficamos apenas Nugget e eu. Eu não queria ter ficado nessa situação, mas você não pode fugir de qualquer coisa, não mesmo. É tudo um círculo; Esp tentou me dizer isso. Não importa o quão longe ou rápido você corra, mais cedo ou mais tarde, você está de volta onde você começou. Eu fiquei bravo

quando Sullivan jogou na minha cara sobre minha irmã, mas nós dois sabíamos que ela estava certa. Sissy estava morta; Sissy nunca iria morrer. Eu estou sempre voltando até ela. Ela está sempre caindo, a corrente de prata sempre quebrando na minha mão.

— Onde estão Esp e Teacup? —
Perguntei a ele. Seu rosto limpo e recém lavado é levantado para me encarar. Seu lábio inferior tremeu.

— Eu não sei.

— Eu também não. Então, Dumbo e eu estamos indo descobrir.

— Eu vou com você.

— Isso é negativo, soldado. Eu preciso que você cuide da sua irmã.

— Ela não precisa de mim. Ela tem *e/le*.

Eu não tentei argumentar isso, ele é esperto demais para que eu vença.

— Bem, eu estou colocando você no comando de Megan.

— Você disse que íamos nos separar. Disse que não importa o que aconteça.

Eu fiquei de joelhos na frente dele. Seus olhos brilhavam com lágrimas, mas ele não estava chorando. Ele é um filho da puta durão, muito mais velho do que sua idade.

— Eu só vou estar fora uns dias.

Déjà vu: Praticamente a mesma coisa que Esp disse antes de ir embora.

— Promete?

E isso foi praticamente o que eu respondi a ele. Esp não prometeu. Ela era inteligente, mas eu não era tão esperto assim.

— E eu já quebrei alguma promessa?

Pegue a mão dele, e pressionei o medalhão do Sissy contra sua palma.

— Segure-se a isso, — ordeno-lhe.

— O que é isso? — Perguntou, olhando para o metal brilhante na sua mão.

— Parte da corrente.

— Que corrente?

— A corrente que mantém todos juntos.

Ele balança a cabeça, confuso. Ele não é o único. Não faço ideia o que acabou de sair da minha boca, o que significa ou porque disse aquilo. Aquele pedaço barato de bijuterias — que pensei que guardei por culpa e vergonha, para me lembrar do meu fracasso, de todas as coisas que tinham sido arrancadas, mas talvez haja outro motivo, uma razão pela qual não posso colocar em palavras porque eu não tenho palavras para isso. Talvez não naquele momento.

9

ELE me seguiu até a sala da família.

— Ben, você não está pensando direito,
— disse Walker. Ele está de pé junto à
porta. Eu decidi ignorá-lo.

— Elas estão em cavernas ou não estão, — digo. Sullivan, que está abraçando-se ao lado da lareira. — Se elas estão, nós vamos trazê-las de volta. Se elas não estão, não trazemos.

— Estamos escondidos aqui há seis semanas, — Walker aponta para fora.

— Sob qualquer outra circunstância, estaríamos mortos. A única razão pela qual que não estamos mortos é porque nós neutralizamos o agente que patrulhava neste setor.

— Graça. — Cassie traduziu para mim.

— Para chegar às cavernas, você terá que atravessar três

— Duas. — Walker a corrigiu. Ela revirou os olhos. *Tanto faz.*

— Dois territórios patrulhados por silenciadores como ele. — Ela olha para a Walker. — Ou talvez não como ele. Silenciadores não são *bons*. São muito ruins, porém são realmente bons em silenciar.

— Você pode ter sorte de passar por um. — Walker diz. — Não dois.

— Mas se você esperar, não haverá nenhum silenciador para você escapar.

— Cassie está ao meu lado agora, ela toca meu braço, suplicando. — Todos eles vão voltar para a nave-mãe. Em seguida, Evan faz sua *coisa* e então

você pode.... — A voz dela falhou. Ela então puxou um fôlego longo e forte.

Eu não estou olhando para ela. Eu estou olhando para Walker. Eu sei o que ele vai dizer a seguir. Eu sei porque eu diria a mesma coisa: Se não há como Dumbo e eu sobrevivermos na ida às cavernas, não há como Especialista e Teacup sobreviverem também.

— Você não sabe sobre Esp, — digo-lhe. — Se alguém consegue fazer isso, ela também pode.

Walker acena. Mas ele está concordando com a primeira afirmação, não a segunda.

— Após o nosso despertar, nós fomos aprimorados com uma tecnologia que nos torna quase indestrutível.

Transformamo-nos numas máquinas de matar. — E então ele toma uma respiração profunda e finalmente a solta, um bastardo rude e insensível. — Não há nenhuma maneira que elas poderiam ter sobrevivido tanto tempo, não contra nós. Suas amigas estão mortas.

Deixei que ele dissesse o que queria dizer. Foda-se. Foda-se ele . Foda-se tudo. Eu estava sentado por tempo suficiente, à espera de que o mundo acabasse.

Esp não manteve sua promessa, por
isso estou mantendo-a para ela.

10

ESPECIALISTA

SENTINELAS estão me esperando no portão. Sou escoltada imediatamente para a torre de vigia com vista para o campo de pouso, outro círculo concluído, onde Vosch espera por mim — como se ele não tivesse se movido do lugar, nos últimos quarenta dias.

— Zumbi está vivo, — Eu disse.

Olhei para baixo e vi que eu estava de pé sobre a mancha de sangue que marcou onde Navalha caiu. Há poucos passos de distância, ao lado do console, que é onde a bala de Navalha atingiu, está Teacup. *Teacup*.

Vosch deu de ombros.

— Incerto.

— Ok, talvez não o Zumbi, mas alguém que me conhece ainda está vivo. — Ele não respondeu. *É, provavelmente, Sullivan*, pensei. Isso seria apenas a minha sorte. — Você sabe que eu não posso chegar perto de Walker se alguém em que ele confia estiver vivo.

Ele dobrou os braços longos e poderosos contra o peito e olhou para baixo, apontando o nariz para mim, os olhos brilhantes do pássaro faiscavam.

— Você não respondeu minha pergunta,
— ele disse. — Sou humano?

Eu não hesitei.

— Sim.

Ele sorriu.

— E você ainda acredita que significa
que não há esperança? — Ele não
esperou por uma resposta. — Eu sou a
esperança do mundo. O destino da
humanidade repousa sobre mim.

— Que um fardo terrível que de se
carregar, — Eu disse.

— Você está sendo irônica.

— Eles precisavam de pessoas como você. Organizadores e gestores que sabia por que eles vieram e o que eles queriam.

Ele acenou. Seu rosto brilhava. Ele estava contente comigo — e satisfeito consigo mesmo por ter me escolhido.

— Não tiveram escolha, Marika. O que significa, é claro, que não tivemos escolha. Sob cada cenário provável, estávamos condenados a destruir a nós mesmos e nosso lar. A única solução

era a intervenção radical. Destruir a aldeia humana para salvá-lo.

— E não foi o suficiente para matar 7 bilhões de nós — , disse.

— Claro que não. Caso contrário, eles teriam atirado a pedra grande. Não, a melhor solução é a criança no trigo.

Meu estômago embrulhou com a lembrança. A criança irrompendo através do grão morto. O pequeno grupo de sobreviventes, levando-a. O último vestígio de confiança explodido em um flash de uma luz verde infernal.

No dia em que o conheci, eu ganhei o concurso. Cada recruta fez. *A última batalha da terra não vai acontecer em alguma planície ou deserto ou montanha...* Eu toquei em meu peito.

— Este é o campo de batalha.

— Sim. Caso contrário o ciclo seria repetitivo.

— E é por isso que Walker é importante.

— O programa embutido nele fundamentalmente falhou. Temos que entender por que, por razões que

devem ser óbvias para você. E há apenas uma maneira de fazer isso.

Ele apertou um botão no console do lado dele. Atrás de mim, uma porta se abriu e uma mulher de meia-idade usando barras do Tenente no colarinho entrou na sala. Ela estava sorrindo.

Seus dentes estavam perfeitamente alinhados, mesmo sendo grandes. Os olhos dela eram cinza. Seu cabelo era loiro areia e estava puxado para trás em um coque apertado. Imediatamente eu não gostei dela. Foi uma reação instantânea.

— Tenente, escolta privada, leve Especialista para a enfermaria para seu

check-up de pré-implantação. Nos vemos na sala de reuniões Bravo em alguns minutos.

Ele se virou. Ele tinha terminado comigo — por enquanto.

No elevador, a mulher de cabelos de areia perguntou, - Como está se sentindo?

— Vá se foder.

Um sorriso nasceu em seu rosto, era como se eu tivesse respondido, *bem e você?*

— Meu nome é Tenente Pierce. Mas me chame de Constance.

O sino tocou. As portas abriram-se. Ela bateu a mão no meu pescoço. Minha visão escureceu, meus joelhos dobraram-se.

— Isso é por Claire, — ela disse. — Você se lembra dela.

Levei minha mão até seu queixo. Bati a parte de trás da cabeça dela na parede, com uma rachadura satisfatória. Então eu soquei ela no intestino com toda a força de que meus músculos poderiam suportar. Ela caiu aos meus pés.

— Isso é pelos 7 bilhões. Você se lembra deles.

11

Na enfermaria fizeram-me exames físicos completos. Diagnósticos foram executados no 12º Sistema para garantir que estava totalmente operacional. Em seguida, um enfermeiro trouxe uma bandeja cheia de comida. Engoli tudo rapidamente. Eu não tinha uma refeição decente há mais de um mês. Quando a bandeja ficou vazia, o enfermeiro voltou carregando outra. Devorei o que tinha nela também.

Trouxeram-me meu antigo uniforme. Despi-me, peguei o mesmo e limpei-me o melhor que pude na pia, eu podia sentir o mau cheiro de quarenta dias sem banho pairando em volta de mim e por algum motivo, senti-me envergonhada. Não havia nenhuma escova de dentes, então eu esfreguei meu dedo sobre os meus dentes, tentando deixá-lo mais limpo. Perguntei-me se 12º sistema protegia meu esmalte dental. Vesti as roupas, coloquei as botas apertadas. Eu me senti imediatamente melhor. Mais parecida com a velha Esp, a arrogante e ingênua, a Especialista que deixou zumbi naquela noite com a promessa

implícita: *Eu vou voltar. Se eu puder, eu vou.*

A porta começou a abrir. Constance. Ela tinha mudado sem o uniforme tenente, usava calças jeans e um capuz esfarrapado.

— Sinto que começamos com o pé errado,— ela disse.

— Foda-se.

— Somos parceiras agora, — ela disse docemente. — Colegas. Temos de ir.

Segui-a por três lances de escadas até o bunker subterrâneo, havia uma passagem de paredes cinzas cravejadas com portas marcadas, sob

luzes fluorescentes que possuíam um brilho constante, estéril, lembrando-me das horas com Navalha, enquanto meu corpo lutou sua batalha perdida contra o 12º sistema. Quando jogamos xadrezbol e criamos códigos secretos e traçamos a fuga que me levaria de volta para esta luz medonha, um outro círculo ligado pela incerteza e medo.

Constance estava meio passo à minha frente. Nossos passos ecoavam no espaço vazio. Eu podia ouvir a respiração dela. *Seria tão fácil matá-la agora*, pensei cruzando os braços, empurrei o pensamento longe. Logo essa hora chegaria, mas não seria agora.

Ela abriu uma porta idêntica as cinquenta outras portas passamos, e seguimos para a sala de conferências. Havia uma tela de projeção pendendo na parede, uma longa mesa na frente da tela e uma pequena caixa de metal no centro da mesa.

Vosch estava sentado atrás da mesa. Ele se levantou quando cheguei. As luzes acinzentadas e a tela se iluminaram com imagens aéreas olhando diretamente para baixo a exibindo uma estrada de duas pistas que cortavam os campos vazios. No centro havia o terraço de uma casa. Um solitário ponto cintilante na borda esquerda do retângulo — a assinatura

de calor de alguém era exibido. Havia um aglomerado de manchas brilhantes dentro da casa, sinalizando outras pessoas. Eu contei primeiro e, em seguida, dei-lhes nomes: Dumbo, Pão de Ló, Sullivan, Nugget, Walker, e por fim Zumbi.

Olá, Zumbi.

— Localizamos após um vôo de reconhecimento, há seis semanas, — disse Vosch. — Cerca de quinze milhas a sudeste de Urbana. — O vídeo ficou preto por um instante e, em seguida, apareceu a mesma estrada, o mesmo retângulo escuro da casa, mas menos manchas brilhantes dentro dela. Dois

estavam faltando. — Este é de ontem à noite.

Zoom da câmera. Bosques, campos, mais agrupamentos de retângulos pretos, manchas escuras contra a paisagem cinza, o mundo vazio, abandonado, sem vida. A fita preta fina da estrada deslizou fora da foto. Então eu os vi: Dois pontos brilhantes em direção ao noroeste. Alguém estava em movimento.

— Onde eles vão? — Eu perguntei, mas eu tinha certeza que eu já sabia a resposta.

Vosch deu de ombros.

— Impossível saber ao certo, mas o destino mais provável é aqui. — A imagem congelou. Ele apontou para um lugar no topo da tela e me deu um olhar compreensivo.

Fechei os olhos. Eu vi zumbi vestindo aquele ridículo capuz amarelo, inclinando-se contra o balcão no lobby do hotel velho, aquele folheto estúpido estava em suas mãos, *eu volto em alguns dias*.

— Eles vão para as cavernas, — Eu disse. — Vão procurar por mim.

— Sim, eu também penso dessa forma, — Vosch concordou. — E isso é exatamente o que eles encontrarão. —

As luzes se acenderam. — Você vai partir hoje à noite, bem antes de chegada deles. Tenente Pierce é encarregado de aquisição de alvo. Sua única responsabilidade é tirá-la à distância de ataque. Após a conclusão da missão, Tenente Pierce e Walker serão extraídos e retornarão para a base.

— Então o que? — Eu perguntei.

Ele piscou lentamente. Ele esperava que eu soubesse.

— E então você e seus companheiros estão livres para ir.

— Ir para onde? — Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios.

— Onde quer que o vento pode levar você. Mas sugiro que você mantenha-se no país. Áreas urbanas não será salvas.

— Ele acenou para Constance, quem passou por mim e caminhou até a porta.

— Leve-a, cupcake. Você vai querer fazer isso.

Vi ela sair. Levá-la? Para onde?

— Marika. — Vosch gesticulou o dedo para mim. *Vem cá.* Não me mexi.

— Por que você está mandando ela comigo? — Então respondi à minha própria pergunta: — Você não vai nos deixar ir. Uma vez que você tiver Walker, você vai nos matar.

Sua sobrancelha levantou-se em direção a seu cabelo curto.

— Por que eu mataria você? O mundo seria um lugar muito menos interessante sem você nele. — Ele desviou o olhar rapidamente, mordendo o lábio inferior, como se ele tivesse dito demais.

Ele fez um gesto em direção a caixa sobre uma mesa.

— Nós não veremos novamente, — ele disse ríspidamente. — Eu pensei que isto era apropriado.

— O quê?

— Um presente de despedida.

— Não quero nada de você. — Não é o meu primeiro pensamento. Meu primeiro pensamento foi *enfie no seu rabo*.

Ele deslizou a caixa na minha direção.
Ele estava sorrindo.

Levantei a tampa. Não sabia o que esperar. Talvez um jogo de xadrez tamanho viagem — uma lembrança de todos os bons momentos que tivemos juntos. Dentro da caixa, aninhada em uma almofada de espuma, havia uma cápsula verde envolvida em plástico transparente.

— O mundo é um relógio, — disse ele baixinho. — E o tempo virá quando a

escolha entre a vida e a morte não for uma tarefa difícil, Marika.

— O que é?

— A criança no trigo carregava uma versão modificada deste dentro de sua garganta, só que este modelo é seis vezes mais poderoso — tudo num raio de cinco milhas é instantaneamente vaporizado. Coloque a cápsula na boca, morda até quebrar o selo e tudo o que você precisa fazer é respirar.

Eu balancei minha cabeça.

— Não quero.

Ele assentiu. Seus olhos brilharam. Ele esperava que eu fosse recusar.

— Em quatro dias, nossos benfeitores vão lançar bombas da nave-mãe que irá destruir todas as cidades restantes na terra. Você entende, Marika? A vida humana está prestes a ser apagada. O que nós construímos mais de dez milênios acaba em um dia. Em seguida, os soldados da 5ª onda serão liberados mediante os sobreviventes, e a guerra vai começar. A última guerra, Marika. A guerra sem fim. A guerra aondei até a última bala é gasta, e então serão travada com paus e pedras.

Minha expressão confusa deve ter tentado sua paciência; a voz dele saiu com dificuldade.

— Qual é a lição da criança no trigo?

— Nenhum estranho pode ser confiável,
— eu respondi, olhando a cápsula verde
em sua cama de espuma. — Nem
mesmo uma criança.

— E o que acontece quando ninguém
pode ser confiável? O que será de nós
quando todo estranho poderia ser um
'outro'?

— Sem confiança não há nenhuma
cooperação. E sem cooperação não há
nenhum progresso. a história acaba.

— Sim! — Ele sorriu com orgulho. — Eu
sabia que você ia entender. A resposta
para o problema humano é a morte do
que nos faz humanos.

Seu braço surgiu, sua mão vinha em minha direção, como se ele quisesse me tocar, e então ele parou a si mesmo. Pela primeira vez desde que eu o conheci, ele parecia preocupado com alguma coisa. Se eu não soubesse melhor, eu teria imaginado que ele estava com medo. Mas isso seria ridículo. Ele deixou cair a mão para o lado dele e virou-se.

12

A pele do C-160 brilhava a luz do sol poente. Estava frio na pista de pouso, mas a luz do sol aquecia o meu rosto. Quatro dias até o equinócio da primavera. Quatro dias até a nave-mãe deixar cair sua carga. Quatro dias até o fim.

Ao meu lado, Constance fez uma última verificação de seu equipamento enquanto a equipe terra fez uma última

checagem no avião. Eu tinha minha pistola, espingarda e faca presas na roupa em minhas costas, e a pequena pílula verde no meu bolso.

Eu aceitei o seu ultimo presente.

Eu entendi por que ele queria me dar. E eu sabia o que significava a oferta: ele vai cumprir sua promessa. Uma vez que Constance capture Walker, somos livres.

Qual o risco nós representamos, realmente? Não há onde se esconder. Podem passar meses antes que enfrentemos a escolha final entre a morte em seus termos ou morte nos nossos. E quando estivermos

encurralados ou formos capturados, sem todas as opções exceto aquelas duas, terei seu presente. Vou ter essa escolha.

Eu olhei para baixo onde Constance fuçava sua mochila. A sua nuca exposta brilhava um tom dourado. Eu imaginei-me pegando minha faca e mergulhando-a ao máximo na sua pele macia. Ódio não era a resposta; Eu sabia disso. Ela era tão vítima quanto eu, como os mortos, os 7 bilhões, como a criança que atravessa o mar de trigo. Na verdade, ela e Walker e os milhares de infectados com o programa de silenciador foram as vítimas mais tristes, mais triste de todas.

Pelo menos quando eu morrer, eu vou fazer isso com meus olhos bem abertos. Eu vou morrer sabendo a verdade.

Ela olhou para mim. Eu não tinha certeza, mas eu podia jurar que ela estava esperando que eu a mandasse se foder outra vez. Eu não o faria.

— Você o conhece? — Eu perguntei. — Evan Walker. Você conhecer a todos eles, certo? Vocês gastaram dez milênios juntos lá em cima, — inclinei a cabeça em direção à mancha verde no céu. — Você tem alguma ideia do motivo dele ter feito isso?

Constance exibiu seus dentes grandes e não respondeu.

— Ok, isso é besteira, — Eu disse. —
Tudo o que você acha que é verdade é
mentira. Quem você acha que é, suas
memórias, todas as coisas. Antes de
você nascer, eles incorporaram um
programa em seu cérebro que se iniciou
quando você atingiu a puberdade.
Provavelmente uma reação química que
começou pelos hormônios.

Ela assentiu com a cabeça, ainda
mostrando todos os dentes.

— Tenho certeza de que é um
pensamento reconfortante.

— Você foi infectado com um programa
viral que literalmente reestruturou seu
cérebro para "lembrar" coisas que não

aconteceram. Você não é uma
consciência alienígena aqui para acabar
com a humanidade e colonizar a terra.
Você é humana. Como eu. Como
Vosch. Como todos os outros.

Ela então respondeu, — Eu não sou
nada como você.

— Você provavelmente acredita que em
algum momento você vai voltar para a
nave-mãe depois que a 5ª onda termine
o genocídio humano, mas não vai,
porque eles não vão fazer isso. Você vai
acabar lutando contra o exército que
você criou até que não existam mais
balas. Confiança leva a cooperação,
leva a progredir, e não vai haver mais
nenhum progresso. Não será uma nova

idade da pedra, será uma perpétua
idade da pedra.

Constance pegou sua mochila e saiu
andando em direção a pista.

— Sua teoria é fascinante. Eu gostei.

Eu suspirei. Não houve nenhuma
reação diferente de sua parte. Eu não a
culpo, embora, se ela me dissesse
que *seu pai não era um artista ou um
bêbado; e sim um pastor tímido*, eu não
acreditaria nela. *Cogito ergo sum*. Mais
do que a soma das nossas
experiências, nossas memórias são a
prova definitiva da realidade.

Os motores do avião rugiram para a
vida. Eu vacilei ouvindo o som. Passei

40 dias no deserto sem qualquer lembrete do mundo mecanizado. O cheiro dos gases de escape inundou e o ambiente e o ar vibrou contra minha pele, trazendo a dor da saudade em meu coração, porque isso também vai acabar. A batalha final não tinha começado, mas a guerra já tinha acabado.

Como um suspiro, o sol mergulhou abaixo do horizonte. O olho verde iluminado estava escurecendo no céu. Constance correu até a plataforma para o avião e nos prendeu lado a lado.

A porta foi trancada com um silvo alto. Um segundo depois nós estávamos nos movimentando em direção à pista. Olhei

para Constance: seu sorriso estava congelado no lugar e os seus olhos escuros estava, inexpressivos, como um tubarão. Minha mão disparou e agarrou o braço dela, eu senti o ódio fervente através do tecido do seu casaco pesado. O ódio, raiva e desgosto me dominavam, e eu sabia:

independentemente de suas ordens e de todas as promessas do Vosch, uma vez que ela pegasse o seu alvo e nossa utilidade tivesse acabado, ela me mataria, mataria Zumbi e todo mundo. Havia um risco muito grande em deixar-nos viver.

O que significava que eu tinha que matá-la.

O avião deu uma guinada para frente. Meu estômago protestou; uma onda de náusea tomou conta de mim. Que estranho. Nunca tinha sentido enjoô antes.

Eu inclinei minhas costas contra o anteparo e fechei os olhos. O *hub*, atendeu meu desejo, desligando meus sentidos auditivos e tátil. O dom de um silêncio dormente abraçou-me, trabalhei através das opções.

Constance tinha que morrer, mas matar Constance agravava o *problema* Evan. Vosch pode despachar um segundo agente, mas ele vai ter perdido toda a vantagem tática. Se eu matar

Constance, ele pode decidir mandar a todos um míssil Hellfire.

A menos que ele não precise matar Walker.

A menos que o Walker já esteja morto.

Tinha um gosto amargo na minha boca. Eu engoli, lutando contra a vontade de vomitar.

Vosch teria que colocar Walker no país das maravilhas. Era a única maneira de saber por que Evan se rebelou contra seu programa, se a falha estava em Walker ou no programa ou em alguma combinação tóxica dos dois. A falha fundamental no programa criaria um paradigma insustentável.

Mas se Walker estava morto, Vosch não conseguiria identificar a falha no sistema, e toda a operação poderia entrar em colapso: você não pode ter uma guerra, especialmente da variedade infinita, se todos estão do mesmo lado. O que deu "errado" em Walker poderia dar errado nos outros silenciosos. Ele tinha que saber por que o programa falhou em Evan.

Não posso deixar isso acontecer. Não posso me arriscar a dar Vosch o que ele quer.

Negando-lhe o que ele queria pode ser a única esperança que restava. E só havia uma maneira de fazer isso.

Evan Walker tinha que morrer.

13

SAM

Zumbi desaparecia na estrada.

Zumbi e Dumbo andavam pela estrada vazia inundada de luz das estrelas, desvanecendo-se.

Sam puxou a corrente de prata do bolso e a apertou firmemente na sua mão.

Promete?

E eu já quebrei alguma promesssa?

A escuridão engolia Zumbi como se fosse a boca de um monstro, até que não havia nenhum Zumbi, apenas o monstro, só a escuridão.

Ele apertou a mão contra o vidro frio. No dia que o ônibus levou-o do acampamento, ele assistiu Cassie na estrada marrom, segurando o urso, encolhendo-se no nada, engolida pela poeira como Zumbi foi engolido pela escuridão.

Atrás dele, Cassie perguntava para Evan Walker com a raiva nítida em sua voz, — Por que não o impediu?

— Eu tentei. — Evan respondeu.

— Não o bastante.

— A única forma de impedi-lo era quebrando suas pernas, fora isso, não sei o que poderia ser feito.

Sam levou sua mão até o vidro, mantendo a memória dele como fez uma vez na janela do ônibus, uma marca enevoadada ficou ali onde a mão dele tinha estado.

— Quando você perdeu o Sam, alguém impediu você de encontrá-lo? — Evan Walker perguntou. Então sem esperar uma resposta, ele saiu.

Sam podia ver o rosto de sua irmã refletido no vidro. Como tudo desde os *outros*, Cassie tinha mudado. Ela não era a mesma Cassie que sumiu na estrada empoeirada. O nariz dela está meio torto, como o nariz de alguém que estava pressionado contra uma vidraça.

— Sam, — ela diz. — Já é tarde. O que acha de dormir no meu quarto hoje à noite?

Ele balança a cabeça.

— Eu tenho que cuidar de Megan.
Ordens do zumbi.

Ela começa a dizer alguma coisa, mas ela para. Então, ela diz, — Ok. Eu vou estar lá em um minuto para rezar com você.

— Não vou rezar.

— Sam, você tem que rezar.

— Rezei para a mamãe e ela morreu.
Rezei para que papai e ele morreu

também. Quando você ora para as pessoas, elas morrem.

— Não foi por causa disso que eles morreram, Sam. — Ela se aproxima dele. Ele rapidamente se afasta.

— Não vou rezar para que ninguém mais, — ele diz a ela. No quarto, Megan se senta na cama, segurando o urso. Sam diz: — Zombie foi embora.

— Onde ele foi? — ela sussurra. O sussurro saiu tão forçado, que a voz dela some. Cassie e Evan Walker machucaram a garganta dela quando tiraram a pílula-bomba.

— Ele foi procurar Esp e Teacup.

Megan balança a cabeça. Ela não sabe quem são Esp e Teacup. Sua mão aperta a cabeça de urso e ela pressiona os lábios ali, como se estivesse dando um beijo.

— Cuidado. — Sam diz. — Não machuque a cabeça.

A janela do quarto está tapada com tábuas. Você não pode ver o que está lá fora. À noite, depois de desligar a lâmpada, o escuro é tão pesado que é possível senti-lo pressionando contra sua pele. Pendurados no teto há fios soltos e um par de bolas que Zumbi disse que supostamente eram Júpiter e Netuno. Esta é a sala onde Evan Walker tentou matar Graça com fio de telefone.

Há manchas de sangue no tapete e respingos de sangue nas paredes. É como o quarto da sua mãe depois que ela pegou a Morte Vermelha e o nariz dela não parava de sangrar. Sangue saia de seu nariz e de sua boca, e perto do final, sangue saiu de seus olhos e até mesmo as orelhas dela. Sam se lembra de seu sangue. Ele não se lembra do rosto dela.

— Eu pensei que ficaríamos todos aqui até Evan explodir a nave, — Megan sussurrou, espremendo o urso.

Sam abre a porta do armário. Além de roupas e sapatos que cheiravam fracamente a Praga, há jogos de tabuleiro e figuras de ação e uma

grande coleção de Hot Wheels. Um dia Cassie entrou no quarto e o viu no chão brincando com as coisas das crianças mortas. Ela assistiu ele sentado sobre a grande mancha de sangue no meio da pista. Ele tinha feito um acampamento com os brinquedos, havia sua antiga equipe, o esquadrão 53 e lá eles tinham um jipe e um avião, e eles estavam em uma missão para infiltrar em uma fortaleza infestada. Apenas os infestados os viram chegando e então, seus drones lançaram bombas e todo mundo ficou ferido exceto Sam. Zumbi disse a ele, *cabe a você agora, soldado. Você é o único que pode nos salvar.* Sua irmã o assistiu brincando por

alguns minutos e então ela começou a chorar sem motivo, o que o deixou louco. Ele não sabia que ela estava assistindo. Ele não entendia por que ela estava chorando. Sentiu-se envergonhado. Ele era um soldado agora, não um bebê que brincava com brinquedos. Ele parou de jogar depois disso.

Ele hesitou antes de entrar no armário. Megan estava observando-o da cama. Ela não sabe sobre seu segredo. Ninguém sabe. Mas Zumbi deu-lhe uma ordem e ele tem que segui-la. Zumbi é o seu comandante.

— Se ele quer explodir o navio, como fará para não se explodir também? — Ela indaga.

Sam olhou pra ela por cima do ombro e respondeu antes de entrar no armário.

— Eu espero que ele se exploda também. — Diz ele.

Zumbi disse que não confiava em Evan Walker. Ele era um infestado e não importava que ele tivesse os ajudado. *O inimigo era o inimigo do inimigo, e você não pode confiar em traidores*, disse zumbi. Cassie disse que Evan Walker não era namorado dela, mas Sam via o jeito que ela olhava para ele e o jeito que ela falava com ele, e ele não acreditou nela, quando ela disse que

podiam confiar nele, ou que ele iria fazer tudo corretamente. Ele tinha confiado nos soldados do acampamento refúgio, e acabaram sendo o inimigo.

Dentro do armário, ele se ajoelhou ao lado da pilha de roupas que estão contra uma parede. Ninguém sabe o que ele escondeu lá, nem Zumbi.

Quando chegaram à casa, fiscalizaram todos os quartos, exceto o porão, e Zumbi não o deixou ir lá. Zumbi desceu com Dumbo e Evan Walker, e quando eles vieram novamente, eles estavam carregando armas. Rifles, pistolas e explosivos e uma arma muito grande em forma de tubo que se coloca no ombro, Zumbi a chamou de Stinger FIM. Você

pode explodir helicópteros e aviões com isso, Zumbi explicou, apontando-a diretamente para o céu. Então ele disse a Sam que o porão não estava autorizado. Sam não tinha permissão para ir até lá ou tocar em qualquer das armas. Mesmo que ele fosse um soldado como Dumbo e, assim como Zumbi. Não foi justo.

Sam afastou o monte de roupas e puxou a arma. Uma Beretta M9. Tão legal.

— O que você está fazendo aí? —

Megan pergunta, puxando a orelha do Urso. Ela não deveria fazer aquilo. Ele disse a ela para não fazer aquilo umas mil vezes. Dumbo teve que costurar a orelha de urso duas vezes desde que

chegou à casa. Ele deixou Megan ficar com o Urso, embora Urso sempre tivesse sido seu pelo tempo que ele podia se lembrar, mesmo que ela espremesse a cabeça dele e arrancasse suas orelhas e pedisse para colocar nele um nome diferente. Eles entraram em um conflito por causa disso.

— Seu nome é urso, — Sam disse naquele dia.

— Isso não é um nome. Ele é um urso. O nome dele é Capitão.

— Você não pode fazer isso.

Ela deu de ombros.

— Eu fiz.

— Ele é meu.

— Então leve-o, — ela disse. — não me importo.

Ele balançou a cabeça. Ele não queria o urso de volta. Ele não era mais um bebê. Ele era um soldado. Tudo o que ele queria era que ela o chamasse pelo verdadeiro nome.

— Você costumava ser Sam e agora você tem um nome diferente, — disse Megan.

— Isso não é a mesma coisa. Urso não é parte da equipe.

Ela não parou. Depois que ela descobriu que ele havia odiado o nome, ela

chamava-o de Capitão o tempo todo, só para incomodá-lo.

Mantendo-se de costas para Megan, ele colocou a arma em sua cintura e puxou a grande camisa vermelha sobre seu estômago para esconder o volume.

— Sam? O capitão quer saber o que está fazendo aí.

Ele perguntou de Zumbi naquela noite se ele podia ter uma das armas. Havia dezenas delas ali, um arsenal incrível, lá em baixo, Zumbi disse, mas ele também disse que não. Cassie estava ali, então Sam esperou até que ela estivesse fora da sala e perguntou de Zumbi novamente se ele podia ter uma arma.

Não é certo que todo mundo carregasse uma exceto ele e Megan, mas ela não contava. Ela era uma civil. Ela não tinha sido treinada como ele tinha sido.

Eles tinham levado ela no ônibus e a escondido até que chegasse a hora de implantar a pílula-bomba em sua garganta. Ela não estava sozinha, ela disse. Havia um monte de crianças que foram pegas nos ônibus. Centenas de crianças, e Evan Walker disse que cada uma delas foram usadas para enganar sobreviventes. As crianças foram levadas ou conduzidas a lugares onde o inimigo sabia que as pessoas estavam escondidas. Trouxeram os filhos para salvá-los. Em seguida morreram.

E Cassie ainda disse que eles podiam confiar em Evan Walker.

A arma embaixo de sua camisa está fria contra sua pele nua. É um sentimento bom, melhor do que um abraço. Ele não tem medo da arma. Ele não tem medo de nada. Suas ordens são para cuidar de Megan, mas Zumbi não deixou ninguém encarregado de cuidar de Evan Walker. Então, Sam vai fazer isso também.

No acampamento, os soldados que estavam no comando disseram que iriam protegê-lo. Disseram-lhe que ele estava perfeitamente seguro. Disseram-lhe que tudo ia ficar bem. E mentiram. Mentiram sobre tudo... Porque todo

mundo é mentiroso. Fazem promessas que não cumprem. Até mesmo a mamãe e o papai mentiram. Quando a nave-mãe veio, disseram que eles nunca iriam deixá-lo, e eles fizeram. Eles prometeram que tudo ia dar certo, e não deu.

Ele se arrastou para a cama em frente da de Megan. Ele olhou os fios desencapados e as duas bolas de metal empoeiradas penduradas no teto.

Megan o observava, puxando o urso e apertando-o contra o peito dela. Sua boca estava entreaberta, como se o ar estivesse se esgotando.

Ele virou a cabeça em direção à parede.
Ele não queria que Megan o visse
chorar.

Ele não é um bebê. Ele é um soldado.

Não há nenhuma maneira de provar o
que é humano. Evan Walker parecia
humano, mas ele não era, não havia
nada lá dentro, não onde é importante.
Até mesmo pessoas como Megan, que
são humanas *talvez* não podem ser
confiáveis, porque você não pode saber
o que o inimigo tinha feito com elas.
Zumbi, Cassie, Dumbo.... Você não
pode realmente confiar neles também.
Eles poderiam ser como Evan Walker.

No escuro premente sob os dois globos empoeirados, o coração de Sam acelera. Talvez todos eles estão enganando ele. Até Zumbi. Até Cassie.

Sua respiração ficou presa em sua garganta. É difícil respirar. *Você tem que rezar*, disse Cassie. Ele costumava rezar todas as noites, o tempo todo, e Deus não o concedeu nenhum pedido. *Vamos, deixe mamãe viver, Deus. Não. Deixe o papai voltar, Deus. Não. Você não pode confiar em Deus, em ninguém. Até mesmo Deus é um mentiroso. Ele colocou o arco-íris no céu como uma promessa que ele nunca mataria todos novamente, e então ele deixou os outros virem e fazê-lo. Todas*

as pessoas que morreram devem ter orado, também, e Deus disse: *Não, não, não*, sete bilhões de vezes, sete bilhões Deus nos disse que *não, não, não*.

O metal frio da arma contra sua pele nua. O frio como uma mão contra a sua testa, pressionando-a. Megan respirando pela boca, lembrando-lhe de bombas desencadeadas pela respiração humana.

Eles não vão parar, ele pensa. Eles nunca vão parar até que todos estejam mortos. Deus vai deixar que isso aconteça porque Deus quer que isso aconteça. E ninguém pode ganhar contra Deus. Ele é Deus.

A respiração de Megan desaparece.

As lágrimas de Sam secam. Ele flutua em um vasto espaço vazio. Não há nada nem ninguém, apenas o espaço vazio que se passa e assim por diante.

Talvez seja isso. Ele pensa.

Talvez não exista nenhum humano.

Talvez estejam todos infestados.

O que significa que ele é o último. Ele é o último homem na Terra.

Sam pressiona as mãos contra a pistola. Tocar a arma o conforta. Megan tem Urso. Ele tem a arma.

Se é um truque, e todos eles são extraterrestes disfarçados, ele não vai

deixá-los ganhar. Ele vai matar todos, se for preciso. Então ele vai montar uma cápsula de resgate até a nave-mãe e vai explodi-la. Eles vão perdê-lo, o último humano morrerá, mas, pelo menos, os Outros irão ganhar.

Deus disse que não. Ele pode, também.

Parte II – 14

II – O Segundo Dia

ZUMBI

Levou menos de uma hora para chegarmos aos limites da cidade.

Urbana, uma cidade morta bem à minha frente. *Literalmente.*

Puxei Dumbo para fora da estrada antes de entrar. Ainda estava pensando comigo mesmo se devia dizer a ele, mas não havia realmente nenhuma escolha. Ele precisava saber.

— Você sabe o que o Walker é? —
Sussurro.

Ele assente. Seus olhos movem-se para a esquerda, direita, em seguida, volta para o meu rosto.

— Ele é um maldito alienígena.

— Isso mesmo, um alienígena que foi transferido para o corpo de Walker quando ele era criança. Tem alguns, como Vosch, executando suas funções nos acampamentos, e tem outros, como Walker, solitários agentes que patrulham um território que lhe são atribuídos, abatendo sobreviventes.

Os olhos do Dumbo deixam meu rosto para encarar a escuridão novamente.

— Atiradores?

— Nós vamos passar por dois, nesse território. Um que está entre Urbana e cavernas e um que está do outro lado deste sinal.

Ele limpa as costas da sua mão na boca e puxa o lóbulo da orelha.

— Ok.

— E eles são fortes como um urso. Não sei que tipo de tecnologia usam para aprimorá-los. Lhes dá uma super força, velocidade, sentidos aguçados, esse tipo de coisa. Vamos ser rápidos e silenciosos. — Eu inclino-me em direção a ele. É importante que ele entenda. — Se algo me acontecer, aborte a missão. Volte para a casa segura.

Ele balança a cabeça negativamente.

— Eu não vou deixar você, Sarge.

— Vai sim e isso é uma ordem, soldado, caso esteja se perguntando.

— Você me deixaria?

— Pode apostar que sim. — Dei um tapinha em seu ombro.

Ele me observou silenciosamente enquanto eu tirava o ocular de dentro da minha mochila e colocava-o em mim. A cabeça dele rapidamente acendeu-se através da lente, uma bola brilhante de fogo verde. Examino o local a procura de que fosse revelado quaisquer outras

bolas verdes, enquanto ele colocava o seu próprio ocular.

— Uma última coisa, Bo. — Eu sussurro. — Eles não são amigáveis.

— Sarge?

Eu engulo. Minha boca está seca. Quem me dera que houvesse outra maneira. Isso está me deixando doente, mas eu não inventei este jogo. Apenas estou tentando ficar vivo tempo suficiente para jogar.

— *Mesmo um maldito brilho verde.*

Qualquer coisa que se ilumine, nós atiramos. Sem hesitação. Sem exceções. Entendeu?

— Isso não vai funcionar, Zumbi. E se for Especialista ou Teacup?

Droga. Eu não tinha pensado nisso. Eu também não tinha pensado nas opções de Esp, que eram idênticas as minhas. Atirar primeiro e perguntar depois? Ou somente se formos atacados? Eu acho que sei o que ela escolheria. Ela é a Especialista.

Uma pequena voz na minha cabeça sussurra: *Dois de vocês dobram o risco. Mande Dumbo de volta.* A mesma voz fria e calma da razão, que se parecia muito com Esp desde que eu a conheci. Voz essa que possui argumentos que você simplesmente não pode ignorar,

como quando alguém lhe diz o granito é duro e a água é molhada.

Dumbo está balançando a cabeça. Nós já passamos por muita merda juntos, ele me conhece.

— Dois pares de olhos são melhores do que um, Sarge. Vamos. Como você disse, rápidos e silenciosos, tentamos vê-los antes que eles nos vejam.

Ele me dá o que eu acho que é um sorriso tranquilizador. Retribuo com um aceno confiante. Então partimos.

Duplo-time parte para cima, na cidade coberta de detritos, infestada de ratos, com esgotos a céu aberto e grafites nas paredes decorando-as. Havia carros e

linhas elétricas pelo chão, lixos empilhados, baldes de lixo cobrindo estacionamentos, mais lixos pendurados nos galhos de árvores, sacos plásticos, jornais, roupas, sapatos, brinquedos, cadeiras quebradas, colchões e televisões espalhadas pela rua. É como se um gigante cósmico pegasse o planeta com as duas mãos e apertasse o mais forte que podia. Talvez se eu fosse um alienígena maldito, eu iria querer explodir todas as cidades também, apenas para se livrar dessa bagunça.

Nós provavelmente oscilamos em torno daquela destruição em massa, usamos as estradas secundárias e abertas, e

tenho certeza que Esp também usou esse caminho, pois se ela e Cup vão estar em algum lugar, este lugar será nas cavernas, e este é o caminho mais curto.

Rápido e silencioso, eu estou andando pela calçada, meus olhos varrem o local indo da esquerda para a direita e vice-versa, *rápido e silencioso*.

Após andarmos por quatro quadras, chegamos a uma barricada de seis pés de altura que está bloqueando a rua, um amontoado de carros, galhos de árvores e móveis esmagados enfeitados em bandeiras americanas desbotadas, acredito que tenham sido jogados juntos, como a 2ª Onda sangrou na

terceira, quando ficou claro para as pessoas que os nossos companheiros seres humanos eram uma ameaça maior do que a nave alienígena que subiram duzentas milhas em cima. Ele explode sua mente, a rapidamente instaura uma anarquia. Como era fácil de semear a confusão, o medo e a desconfiança, e como é rápida a maneira que caímos. Você pensa que um inimigo comum nos força a deixar de lado nossas diferenças e nos unirmos contra a ameaça. Em vez disso, nós construimos barricadas. Nós acumulamos alimentos, suprimentos e armas. Nós viramos estranhos, os estranhos, o rosto não reconhecido.

Duas semanas depois da invasão e a civilização já havia rachado sua fundação. Dois meses, e ela desmoronou como um prédio de Implosão, caindo para baixo como os corpos amontoados.

Nós vimos alguns deles também, em nosso caminho para Urbana. A partir de pilhas de ossos enegrecidos de cadáveres envolvidos da cabeça aos pés em folhas rasgadas e cobertores velhos, lá deitados a céu aberto como se tivessem caído do céu, sozinhos ou em grupos de dez ou mais. Tantos corpos que desapareceram no fundo, apenas uma outra parte da confusão, um outro pedaço de vômito de Urbana.

Os olhos de Dumbo iam de trás para frente, ele estava inquieto, procurava no escuro por bolas de fogo verdes.

"Asneira" Ele respira. Apesar do frio, suor brilha em sua testa. Ele treme como se estivesse tomado por uma febre. Do outro lado da barricada, eu decido fazer uma pausa. Tomamos água e comemos barras de energia. Eu desenvolvi um certo vício por barras de energia. Encontramos uma caixa inteira delas na casa segura e agora eu não canso de comê-las. Encontramo-las em uma pequena abertura de uma parede improvisada, estavam escondidas em pilhas lá dentro.

Estávamos na rua principal, indo em direção ao norte. Não havia nenhum vento. O céu está claro, recheado de estrelas. Você pode sentir profundamente em seus ossos, porque é mais velho que seus sentidos: o fim do inverno, a terra deslizando em direção à primavera, algo que me trazia lembranças do que eu era antes de me tornar um Zumbi, o que significava baile, estudar para provas finais e conversas nervosas nos corredores entre as classes, porque a formatura estava chegando, um tipo diferente de evento apocalíptico após o qual nada seria o mesmo.

— Você já esteve em Urbana, Dumbo?

— Pergunto.

Ele balança a cabeça negativamente.

— Eu sou de Pittsburgh.

— Sério? — Eu nunca tinha perguntando, era a regra não escrita no acampamento: Falar sobre nosso passado era como manusear brasas. — Bem. Vá, *Steelers*.

— Não. — Ele morde um pedaço de barra de energia e mastiga lentamente.

— Eu era um fã de *Packers*.

— Eu joguei um pouco, você sabe.

— Quarterback?

— Receptor.

— Meu irmão jogou beisebol. Shortstop.

— E Você, não?

— Eu desisti da liga mirim quando eu tinha dez anos.

— Por quê?

— Eu não jogava bem. Mas eu era fã de e-sports ".

— E-sports?

— Você sabe, como COD.

— Pesca competitiva?

Ele balança a cabeça com um sorriso.

— Não. Call of Duty, Zumbi.

— Ah! Você é um gamer.

— Eu estava no limite MLG.

— Oh, MLG, certo. — Eu não tenho a menor ideia do que ele está falando.

— Máximo nível 12 de prestígio.

— Uau, sério? — Eu balanço minha cabeça completamente impressionado. Só que eu estou totalmente perdido.

— Você não tem ideia do que estou falando. — Ele amassa a embalagem em seu punho. Ele olha em volta, de lixo em lixo em cada lugar de Urbana, em seguida, desliza a embalagem no bolso.

— Há algo que está me incomodando, Sarge.

Ele se vira para mim. Seu olhar está ansioso.

— Então, muito antes da nave deles aparecer, eles próprios foram inseridos em bebês e não "acordaram" dentro deles até que eles eram adolescentes.

Eu concordo.

— Isso é o que Walker diz.

— Meu aniversário foi na semana passada. Eu fiz treze.

— Sério? Droga, Dumbo, por que você não me contou? Eu teria feito um bolo.

Ele não sorriu.

— E se eu tenho um deles dentro de mim, sargento? E se um deles está

prestes a acordar no meu cérebro e assumir?

— Você não está falando sério, não é? Vamos, soldado, isso é conversa de louco.

— Como você sabe? Quero dizer, como você sabe, Zumbi? E então, se isso acontecer e eu matar você e voltar para casa e matar todos eles...

Ele está se perdendo. Pego o braço dele e faço-o olhar para mim.

— Ouça-me, seu filho da puta orelhudo, você não vai dar uma de Dorothy em mim agora ou eu vou chutar o seu traseiro daqui para Dubuque.

— Por favor, — ele lamenta. — Por favor, pare de ficar falando de Dubuque.

— Não há nenhum alienígena dormindo dentro de você, Dumbo.

— Ok, mas se você estiver errado, você vai cuidar dele, certo?

Eu sei o que ele quer dizer, mas ainda assim pergunto.

— Hã?

— Cuide dele, Zumbi. — Suplicou — Mate o filho da puta.

Bem, feliz aniversário, Dumbo. Essa conversa me deu calafrios.

— É uma promessa — digo a ele. — Se um alienígena acordar dentro de você, eu vou estourar seus miolos.

Ele suspira aliviado.

— Obrigada Sarge.

Levanto e puxo suas mãos, ajudando-o a levantar. Seu braço oscila ao redor e ele me empurra para o lado. Seu rifle aparece. Ele mira em direção aos carros que estão no quarteirão abaixo de onde estamos. Eu levanto a minha arma, fecho o olho direito, e aperto os olhos através da ocular. Nada.

Dumbo balança a cabeça.

— Pensei que tinha visto alguma coisa
— ele sussurra. — Acho que me
enganei.

Continuamos em nossas posições. Está
tão quieto. Você pensa que a cidade
será invadida a qualquer momento por
matilhas de cães selvagens latindo e
uivando, gatos selvagens ou mesmo
uma coruja, mas merda, não há nada.
Está tudo na minha cabeça, essa
sensação de estar sendo observado?
Que há algo lá fora, algo que eu não
posso ver, mas posso com certeza me
vê? Eu olho para Dumbo, e ele está tão
assustado quanto eu.

Nós vamos embora, não pelo caminho
que íamos, agora desviamos para o

lado oposto da rua, onde deslizamos ao longo da parede de uma loja concessionária. Não vamos parar até chegarmos ao próximo cruzamento. Verificamos os caminhos e então seguimos em frente, na direção do centro da cidade, três quarteirões, sombras do quadrado grande dos edifícios, uma silhueta contra o céu estrelado.

Nós andamos através do cruzamento, em seguida, paramos de novo do outro lado, pressionando as costas contra a parede e esperando algo que eu não tenho certeza o que é. Nós passamos por portas arrebentadas, janelas quebradas, e o som de vidro esmaga

sob nossas botas mais alto do que explosões sônicas. Passamos por outro bloco, em seguida, viramos a esquina, em frente a Main, em seguida saímos em direção a uma construção no canto oposto. Entramos em uma loja, o cheiro é fraco, quase imperceptível, mas sob a podridão familiar de esgoto e o odor de leite estragado da peste, há um pouco de dor na nostalgia que sentimos. Café.

Dumbo se inclina para baixo e senta-se, em frente do balcão que ficava de frente para a porta, e eu dou-lhe um olhar sugestivo: *O que está fazendo?*

— Eu amava Starbucks — ele suspira. Como tudo o que faz.

Sento-me ao lado dele. Eu não sei, talvez ele precise de uma pausa. Nós não falamos. Os minutos se arrastam lentamente. Finalmente, eu digo: - Deve estar um inferno fora desta cidade após o nascer do sol.

Dumbo acena. Ele não se move.

— Há alguém lá fora — diz ele.

— Você os viu?

Ele balança a cabeça.

— Mas eu os sinto. Você entende? Eu consigo senti-los.

Eu penso sobre isso. Paranoia. Tem que ser.

— Nós poderíamos tentar atraí-los com fogo — eu sugiro brincalhão.

— Ou distraí-los — diz ele, olhando ao redor da loja. — Explodir alguma coisa.

Ele vasculha seu saco e tira uma granada.

— Não, Dumbo. Não é uma boa ideia.

— Tiro a granada de sua mão. Seus dedos são mais frios do que o metal.

— Eles vão atrás de nós — ele argumenta. — Nós nem sequer vamos vê-los chegando.

— Bem, eu prefiro não vê-los chegando.

— Eu sorrio para ele. Ele não sorri de volta. Dumbo sempre foi o melhor

jogador da equipe, provavelmente por isso foi escolhido para ser médico. Nada perturbava aquele garoto. Pelo menos não até agora.

— Sarge, eu tenho uma ideia — diz ele, inclinando-se tão perto que eu posso sentir o cheiro do chocolate da barra de energia em seu hálito. — Você fica aqui. Eu vou em frente, mas em uma direção diferente. Uma vez que eu os atraia para fora, você pode sair e...

Eu o impeço de continuar.

— Essa é uma ideia terrível, Soldado. Uma ideia realmente, realmente terrível. Ele não está escutando.

— Dessa forma, pelo menos um de nós faz isso.

— Pare com essa merda. Nós faremos isso juntos.

Ele sacode a cabeça. Sua voz falha.

— Eu não penso assim, Sarge.

Ele arranca sua ocular e olha para mim por um tempo muito longo, o bastante para ser muito desconfortável. Ele parece assustado, como se ele estivesse vendo um fantasma. Então Dumbo atira-se em mim, ele levanta e vem direto para mim com as mãos estendidas como se ele fosse me pegar pela garganta e sufocar-me até não restar vida em mim.

Eu levanto minhas próprias mãos instintivamente para bloquear o ataque. *Oh Cristo, oh Cristo, o filho da puta orelhudo estava certo, ele acordou, a coisa despertou nele.*

Meus dedos agarram sua jaqueta. A cabeça de Dumbo se encaixa. Seu corpo enrijece, então fica mole.

Soube do rifle de franco-atirador um segundo depois, foi o tipo de rifle com um escopo guiado a laser que disparou a bala, que um segundo antes dele se atirar, estava vindo diretamente em minha cabeça. A bala que Dumbo tomou por mim e aceitou sem hesitação, porque eu sou o homem, o CO, o cabeça grossa, o idiota que o inimigo

em toda a sua sabedoria infinita se encarrega de manter vivo.

15

Eu o agarrei pelos ombros e o arrastei para atrás do balcão. Fora da linha de fogo, mas também encurralado. Eu não tenho muito tempo. Eu precisava checar a gravidade do seu ferimento. Arranquei

seu casaco e as duas camisas por para expor a ferida. Havia um buraco grande no meio das suas costas. A bala tinha que estar dentro dele, caso contrário eu seria atingido também. Seu peito se move. Ele está respirando. Me inclino para sussurrar em seu ouvido:

— Diga-me o que fazer, Dumbo. Diga-me.

Ele não responde nada. Provavelmente precisa de toda a sua energia apenas para respirar.

Zumbi, você não pode ficar aqui. Era a voz calma de Esp novamente. *Solte-o.*

Certo. Soltá-lo. Essa é a minha função. É isso que eu faço. Soltei minha irmã,

soltei Pão de Ló. Eles caem e eu continuo vivo.

Foda-se.

Eu rastejo para a frente do balcão, pego a mochila de Dumbo, e volto para ele. Ele está enrolado como uma bola, joelhos pressionados contra o peito, e suas pálpebras vibram como alguém que está tendo um pesadelo. Eu vasculho a mochila, a procura de seu kit médico, em busca de gaze. Eu tenho que estancar a ferida. Lembro-me de uma coisa ou outra do meu primeiro e único curso de ferimentos de batalha no acampamento. Se eu não estancar o ferimento rapidamente, ele poderia

sangrar e morrer em menos de três minutos.

A outra coisa que me lembro desse curso: Dói como o inferno. Uma dor maldita, então, a primeira coisa que eu devia fazer era tirar as armas do paciente.

Puxo sua arma do coldre e coloco-a nas minhas costas.

Deve haver uma haste fina metálica no kit para usá-lo para empurrar a gaze na ferida, mas não consigo encontrá-la.

Um erro, Zumbi. Você está sem tempo.

Eu empurro a gaze dentro do buraco nas costas com o meu dedo. O corpo de

Dumbo inclina-se. Ele grita. Em seguida, ele instintivamente tenta escapar, arranhando a base do contador para um apoio, eu coloco os dedos de minha mão livre ao redor de seu pescoço para mantê-lo quieto.

— Vai ficar tudo bem, Bo. Está tudo bem...

Sussurrei em seu ouvido, enquanto meu dedo afundava dentro dele, empurrando o chumaço de gaze no buraco. Mais gaze. Tinha que deixar apertado. Se a bala tivesse cortado uma artéria...

Eu puxo o meu dedo fora. Ele solta outro uivo de dor, eu coloco minhas mãos na sua boca, forçando-o a mantê-

la fechada. Eu não posso ser lento. Eu não posso ser suave. Empurro outro maço na ferida. Dumbo empurra-a contra mim, soluçando, impotente. Eu deito do seu lado e jogo minha perna por cima de sua cintura para mantê-lo quieto.

— Só mais um pouco, Bo — eu sussurro. — Quase lá...

Em seguida, ele fica quieto. A gaze fica para fora da ferida, de maneira que eu não posso mais empurrar outra ali dentro. Eu rasgo o curativo com os dentes e coloco-o sobre a minha obra. Deito ao seu lado, puxando o ar com dificuldade. Provavelmente demasiadamente pouco,

demasiadamente tarde. Ao meu lado, Dumbo continua a chorar, os soluços então diminuem e passam a ser um choramingo. Seu corpo estremece contra o meu, ele vai entrar em choque.

Volto a vasculhar a mochila para encontrar algo para a dor. Ele está indo, ele está morrendo, eu tenho certeza disso, mas pelo menos eu posso ajudá-lo a ir facilmente. Eu rasgo uma embalagem de agulha e aplico morfina em seu quadril exposto. O efeito é quase imediato. Seus músculos relaxam, a boca para de tremer e sua respiração fica mais lenta.

— Viu? Não é tão ruim assim — digo-lhe, tentando convencer a mim mesmo.

— Eu vou voltar para você, Bo. Eu vou matar o bastardo e então eu vou voltar.

Ah garoto, Zumbi, você já fez isso agora. A promessa é sentida como uma sentença de morte, que fecha a porta da cela, uma pedra que carrego que estava destinada a levar-me para baixo.

16

Dei a volta ao redor do balcão para buscar minhas armas. Rifle, pistola, faca, um par de granadas. E mais uma coisa, a arma mais importante no meu arsenal: um coração cheio de raiva. Eu estava bufando de ódio do bastardo que atirou em Dumbo em sua cidade favorita.

Lancei-me pelo corredor, até a porta da saída de emergência (ATENÇÃO! O ALARME IRÁ SOAR) para o outro lado da rua, sob a noite fria estrelada. Estou sozinho pela primeira vez desde o assassinato da minha família - porém,

não vou fugir dessa vez. Não mais do que já fugi.

Eu iria para o leste. Na próxima quadra iria para o norte novamente, em sentido contrário a rua principal. Andaria por mais alguns quarteirões, voltaria a rua principal, então encontraria o atirador na retaguarda, supondo que ele já não atravessou a rua para terminar o seu trabalho.

Pode se que ele não seja um silenciador. Pode ser um civil que aprendeu a primeira lição da última guerra

Não que isso faça alguma diferença.

De volta à casa segura, Cassie me disse sobre ter encontrado um soldado dentro de uma loja de conveniência, enquanto ela estava procurando suprimentos. Ela o matou. Pensou que ele estava puxando uma arma que acabou por ser um crucifixo. Ele a dilacerou. Ela não conseguia tirá-lo da cabeça. Ele deve ter pensado que era o filho da puta mais sortudo na Terra.

Separado de sua unidade, gravemente ferido, incapaz de fazer qualquer coisa além de esperar por um resgate que provavelmente nunca viria, e, em seguida, do nada uma garota qualquer aparece, ele seria salvo. Então, a garota qualquer abre fogo com seu rifle e

transforma seu corpo em uma almofada de alfinetes.

— Não é sua culpa Sullivan.— Eu disse a ela. — Você não teve escolha.

— Papo furado— , ela me bateu. Ela tende a ser muito rude comigo. Bem, não apenas comigo. A garota é grosseira. "Essa é a mentira que eles querem que acreditemos, Parish."

De volta para onde eu estava. Encolhi-me em um canto e espreitei em torno da borda do prédio em direção ao café. O prédio ficada diretamente em frente ao que eu estava, possuía três andares, janelas tapadas no piso inferior, rachaduras nos dois primeiros. Nada

brilhava nas janelas ou no telhado; Não há bolas de luz verdes através da ocular. Eu paro por alguns segundos, olhando o cenário a minha frente. Eu sei o que fazer. Esse prédio tem que ser limpo. Praticamos isso milhares de vezes no acampamento, e só tivemos sete caras para fazê-lo. Flint, Oompa, Esp, Teacup, Poundcake, Dumbo — e agora apenas um. Depende de mim.

Curvado, eu saí em direção a rua principal. Cada pedaço do meu corpo formigava esperando a chuva de bala do atirador. De quem foi a ideia brilhante de atravessar linha urbana pela rua principal? Quem colocou esse cara no comando?

Mantenha em movimento, mantenha o foco, verifique as janelas lá em cima, aquelas portas ali. A rua está cheia de lixo, cacos de vidro, linhas de ruptura no esgoto e rede de água e poças de água oleosas brilhando a luz das estrelas. Eu me forço a manter a calma. Eu fui ensinado a permanecer calmo nessa situação, mas no momento eu estou uma pilha de nervos, o que deveria acontecer somente após neutralizar o silenciador. Devo abortar a missão de encontrar Esp e Teacup? Devo levar Dumbo de volta a casa segura? Ou devo deixá-lo aqui e pegá-lo mais tarde no meu caminho de volta das cavernas?

Finalmente cheguei ao final da quadra. Hora de fazer uma última reflexão. Uma vez que eu entre no edifício, não há como voltar atrás.

Passo por uma janela de vidro quebrado no hall de entrada. Há um tapete de papel cobrindo o chão, folhetos, revistas antigas e os restos de um banner (NOSSAS TAXAS MENORES DO QUE NUNCA!) e as contas de depósito em cada denominação — vejo centenas entre os cinco e dez.

O tapete está molhado e apodrecendo, de maneira que se decompõe quando passo por ele com minhas botas. Eu devo limpar esse lugar em menos de trinta segundos. *Claro.*

Eu encontro uma porta perto da escada do lado oposto do elevador, mantenho-a fechada. A visibilidade é zero, mas não vou arriscar a luz. Eu também poderia gritar meu nome ou gritar *Hey, amigo, estou aqui!* Mas não o farei.

Subo a escada e escuto o clique de porta sendo fechada atrás de mim, mergulho dentro escuridão absoluta. Dou um passo e paro, forçando meus ouvidos a ouvir qualquer ruído estranho, mais um passo, outra pausa. Escuto o edifício gemer fracamente em torno de mim, como se fosse uma antiga casa de sedimentação. O inverno rigoroso, os canos quebrados dentro das paredes, água escorrendo de maneira que

compromete a estrutura, congelamento e muitas rachaduras. Se os outros não derrubassem as cidades com bombas em quatro dias, Urbana cairia por conta própria. Em mil anos, você poderá colocar toda a cidade na palma da sua mão.

Primeiro passo, segundo andar. Eu continuo subindo, com uma mão sobre o corrimão de metal, um passo, uma pausa e outro passo. Vou começar no telhado e vou descendo. Eu não acho que ele está ali. Dumbo e eu estávamos no balcão e a trajetória a partir do telhado para o café é muito complicada. O mais provável é que o atirador está no segundo andar, mas eu vou ser

metódico sobre isso. Pensarei em cada movimento antes de fazer qualquer coisa.

Senti um cheiro repugnante ao chegar segundo andar, bem perto das escadas. Era um cheiro inconfundível da morte. Estou pisando em algo pequeno e macio, provavelmente um rato morto. No espaço apertado e fechado, o fedor é esmagador. Meus olhos começam a lacrimejar, meu estômago embrulha e sinto um nó em minha garganta. Outro bom motivo para explodir as cidades: é a maneira mais rápida de se livrar do cheiro.

Acima de mim, uma linha fina luz dourada brilha sob a porta. Oh merda,

que porcaria, ele é um bastardo descarado.

Pressiono meu ouvido contra a porta. Silêncio. Embora possa parecer óbvio, não tenho certeza do que devo fazer. A porta pode ser uma armadilha. Ou a luz poderia ser um isca para me atrair para uma emboscada. No mínimo, a porta deve ser manipulada para fazer algum som, caso ela seja aberta. Você não tem que ser um silenciador para tomar essa precaução.

Deixo minha mão na maçaneta de metal frio da porta e remexo em minha ocular, enrolando. *Afinal, eu não posso tirar de mim o meu jeito Parish de ser.*

No entanto, a pior parte não é o que vem chegando. A pior parte é o segundo antes de acontecer.

Eu abro a porta, empurrando-a bruscamente para a esquerda, olho atentamente o corredor e força novamente a porta para a direita.

Nenhum sino fez barulho, nenhuma pilha de latas vazias no chão. A porta se fecha silenciosamente atrás de mim, suas dobradiças estavam bem lubrificadas. Meu dedo se contrai no gatilho ao ver uma sombra na parede, uma sombra que é aparecia vir de uma criatura pequena. Uma criatura laranja, peluda, com uma cauda listrada.

Um gato.

Suspiro aliviado ao perceber que a luz dourada que eu havia visto tinha vindo dele.

O meu cheiro é superado por odores diferentes: sopa quente, ou talvez carne ensopada, misturada ao odor inconfundível de uma caixa de areia suja. Posso ouvir uma voz estridente cantar suavemente:

Quando eu vago através dos bosques e clareiras da florestas, posso ouvir os pássaros cantarem docemente nas árvores...

Eu já ouvi essa música antes. Muitas vezes. Eu me lembro até mesmo do refrão:

*Então canta minha alma, meu Deus
Salvador, a ti: quão grande és! Quão
grande és.*

Aquela voz me lembra uma outra, fina e áspera devido a sua idade, um pouco fora de sintonia, cantando com determinação e a autoconfiança acompanhada de uma fé inabalável. Quantos Domingos estive com minha avó enquanto ela cantava este hino? E eu, um adolescente constantemente entediado, silenciosamente reclamava sobre a minha gola e sapatos desconfortáveis, sonhando com a minha mais recente paixão e alterando (na minha cabeça), a última parte da música

para: como grande és tua bunda! Quão grande tua bunda!

Ouvir aquela canção abre uma porta das memórias que eu tenho evitado, era imparável. O perfume da avó, suas pernas grossas envolvidas em meias brancas e sapatos pretos, a forma endurecida e enrugada de seu rosto, as rugas nos cantos de sua boca e seus olhos escuros, gentis. A maneira desajeitada que ela segurava o volante do seu carro antigo, como um nadador desesperado agarrado um salva-vidas. Os biscoitos de chocolate frescos do forno e a voz na outra sala subindo em emoção, como as últimas bombas que foram entregues por uma senhora no

seu círculo de oração de tortas de maçã.

Parei em frente da porta e arranquei o pino da granada com os dentes. Se eu usasse meu dedo possivelmente não conseguiria, minhas mãos estão tremendo. O suor escorre por meu corpo. Esta é a forma como eles arrancam o seu espírito de você e te esmagam, de repente eles enfiam o seu passado goela abaixo, um soco de memórias de tudo o que você deixou pra trás, as coisas que você perdeu em um piscar de olhos, as coisas estúpidas, triviais e esquecíveis e que você não sabia que poderiam esmagá-lo, coisas como a voz áspera de uma velha, que o

fazia lembrar até mesmo de um prato de biscoitos e um copo de leite gelado.

*Então canta minha alma, meu Deus
Salvador, de ti!*

Eu puxo o pino e jogo a granada através da porta aberta. Há um clarão ofuscante, o coro apavorado e estridente de vários gatos e de um ser humano, gritando de dor.

Bato na porta, e olho para a figura encolhida no canto da sala, o rosto escondido atrás do turbilhão de fogo verde, criado por meu ocular. *Você a pegou, zumbi. Um tiro e tudo acaba.*

Mas não puxei o gatilho. Não sei o que me impede. Talvez seja os gatos,

dezenas deles pulando e mergulhando sob a mobília. Talvez tenha sido pelo fato de ela cantar, como ela me fez lembrar da minha avó e todas as incontáveis coisas perdidas. Talvez seja a história de Sullivan, seu soldado do crucifixo encolhido em um canto, indefeso e condenado. Ou talvez seja o simples fato de que a luz de lâmpadas de querosene, colocado ao redor da sala mostra-me que ela não está armada. Em vez de uma espingarda, ela está segurando uma colher de pau.

— Por favor, Deus, não me mate! —
grita a velha senhora, enrolando-se em uma bola apertada e jogando as mãos sobre o rosto dela. Eu varro a sala

rapidamente. Não há cantos claros de jeito nenhum ali dentro ou fora, exceto pelo caminho que vim. A janela de frente para a rua principal está escondida atrás de pesadas cortinas pretas. Eu vou até ela e empurro material com o focinho do meu rifle. A janela está fechada com tábuas. Não admira que não vi a luz da rua. A barreira também me diz que isso não é o ninho de qualquer atirador. — Por favor, não,— ela sussurra. — Por favor não me machuque.

O fogo verde que rodeia a cabeça dela está me incomodando. Eu arranco fora a ocular. Ao lado da janela há uma pequena mesa na qual há uma panela

de guisado borbulhando. Há uma Bíblia ao lado dela, aberta para no Salmo 20:3. Há um sofá empilhado com cobertores e travesseiros, um par de cadeiras, uma mesa, uma árvore em vaso de plástico, listagem de torres de revistas e jornais. Não faz o estilo de um franco-atirador, mas definitivamente é um ninho.

Ela provavelmente está escondida aqui desde que a 3ª onda rolou pela cidade. E isso levanta uma questão importante: como ela sobreviveria por tanto tempo sem que o silenciador a encontrasse?

— Onde está ele?— Pergunto-me.

Minha voz está fraca e jovem demais para meus ouvidos, como se eu tivesse

caído para trás através do tempo. "Onde está o atirador?"

"Atirador?" ela ecoa. Seu cabelo grisalho está enfiado em um boné de malha, mas alguns fios ralos escapavam e caíam em ambos os lados de seu rosto pálido. Ela está usando calça de moletom preta, seu superior está envolto em várias camadas de blusas. Dou um passo em direção a ela, e ela se encolhe, afasta-se mais ainda, segurando a colher no peito. Pelo de gato salta e dança na luz fumarento e dourada, e eu espirro.

— Saúde — Ela diz automaticamente.

— Você tinha que ter ouvido — , digo a ela, ou seja, o tiro que abateu o Dumbo.
— Você tem que saber se ele está aqui."

— Não há ninguém aqui— , ela faz barulho. — Só eu e meus bebês. Não machuque meus bebês!

Eu levo um segundo para entender que ela está falando sobre os gatos. Me movo ao redor da sala, ao longo dos caminhos estreitos que serpenteiam através de pilhas de revistas velhas. Um olho nela, o outro à procura de armas. Lá está uma centena de lugares para esconder a arma nessa desordem. Eu verifico sob a mesa, puxando um par aberto de gavetas, em seguida, atrás da

planta de plástico. Um gato corre entre as minhas pernas, sibilando. Eu volto até ela e ordeno que ela se levante.

— Vai me matar?— Ela sussurra.

Eu deveria. Eu sei que eu deveria. O risco está em deixá-la viver. O tiro que Dumbo levou no meu lugar veio de algum lugar deste edifício. Coloco meu rifle sobre meu ombro. É uma luta — a batalha física entre meu psicológico, que quer resistir o instinto de ajudá-la. Ereta, ela balança, mãos no peito, se preocupando com aquela maldita colher.

— Deixe a colher.

— Você quer que eu Largue minha colher?

— Esquece.

— É só uma colher....

— Largue a maldita colher!

Ela deixa cair a colher maldita. Digo a ela para ir até a parede e colocar as mãos no topo de sua cabeça. Ela engole um soluço. Dou um passo atrás dela e uma mão sobre a dela - eles estão frias como um cadáver — analiso-a rapidamente e a solto. *Ok, Zumbi, ela está limpa. O que fazer agora? Tempo para pescar ou cortar a isca.*

Talvez ela não ouviu o tiro. Sua audição pode ser ruim. Ela é uma senhora de idade, afinal. Talvez o atirador sabe que ela está aqui, mas não se preocupa com

ela, porque, afinal de contas, ela é uma senhora que cuida de uns gatos velhos, que ameaça eles realmente representam?

— Quem mais está aqui?— Eu digo na parte de trás de sua cabeça.

— Ninguém, ninguém, eu juro, ninguém. Eu não vi uma alma viva em meses. Só eu e meus bebês. Só eu e meus bebês...

— Vire-se, mantenha suas mãos sob a cabeça.

Ela dá meia-volta, e agora estou olhando para um par de brilhantes olhos verdes quase perdidos em dobras de pele enrugada. Os montes de roupa

escondem o quão fina ela é , mas você pode ver os sinais de fome no rosto, as maçãs do rosto saltam para fora, as cavidades nas têmporas, os olhos encovados e rodeados de olheiras e sua boca que pende um pouco aberta, ela não tem dentes.

Oh Cristo. A última geração humana foi forjada em máquinas de matar por mentiras e falsas esperanças, e ao chegar a primavera, a 5ª onda vai levar todo o mundo, assassinando todos em seu caminho, incluindo os rapazes feridos que se escondem em refrigeradores segurando seus crucifixos e senhoras com seus gatos que seguram suas colheres de pau.

*Puxe o gatilho, zumbi. Nem todos tem
essa sorte. Se você não matá-la,
alguém o fará.*

Eu ergo minha pistola ao nível dos olhos

Ela cai de joelhos aos meus pés e levanta as mãos vazias na minha direção, ela não diz nada, porque não há alguma coisa para dizer: ela tem certeza de que vai morrer.

Eles me treinaram para fazer isso, me prepararam para isso, esvaziaram-me e me encheram novamente com ódio, mas nunca matei ninguém — não em todo esse tempo. As mãos de Cassie Sullivan são mais sangrentas do que a minha.

A primeira vez é o mais difícil, ela me disse. Quando que eu atirei nesse último soldado no Campo Paraíso, não senti nada. Nem lembro como ele era.

— Meu amigo levou um tiro. —

Minha voz falhou. — Ou você atirou nele ou alguém que você conhece. Jogue limpo comigo.

— Não saio deste quarto. Não saio há semanas. Não é seguro lá fora, — ela sussurra de volta. — Eu fico aqui com meus bebês e espero....

— Espera? Espera o quê?

Ela está enrolando. E eu estou enrolando, também. Não quero estar errado — eu não quero passar por cima dessa linha e ser a pessoa que os outros queriam que eu fosse. Não

quero matar outro ser humano —
inocente ou não.

— O cordeiro de Deus, — ela
responde. — ele está vindo, você
sabe. Qualquer dia desses e o trigo
deve ser separado do joio, os bodes
das ovelhas, e ele virá em sua glória
para julgar os vivos e os mortos.

— Oh, claro, — Eu sinto-me
sufocando. — Todo mundo sabe
disso.

Ela percebe antes de mim: Eu não
estou puxando o gatilho. Não posso.
Um doce, infantil sorriso se espalha
em toda a extensão franzida de seu

rosto como o sol da manhã quebrando no horizonte.

Eu dou um passo para trás, em direção a mesinha junto à janela. O guisado espirra sobre a borda do pote, e a pequena lata de fogo debaixo dele sibila raivosamente.

— Minha sopa!— ela choraminga, esforçando-se para ficar de pé.

Afastei-me para mais longe, mantendo a arma perto, mas é uma ameaça vazia, nós dois sabemos disso. A velha senhora pega a colher do chão e a coloca dentro da panela borbulhante, remexendo-a. O som da madeira batendo contra os lados do metais faz

com que uma dúzia de gatos saiam
seus esconderijos. Meu estômago
aperta. Não tenho comido nada além
de uma barras de energia em mais de
doze horas.

Vovó me lança um olhar doce e
pergunta se eu gostaria de
experimentar sua sopa.

— Eu não tenho tempo— , digo a ela.

— Eu tenho que voltar para meu
amigo.

Seus olhos se enchem de lágrimas.

— Cinco minutos, por favor? Eu sou
tão solitária. — Ela mexe a sopa. —
Acabou minha comida de um mês

atrás, mas consegui arrumar mais. —
Uma olhada de novo. Um sorriso
tímido. — Você poderia trazer seu
amigo aqui. Tenho medicamentos e
podemos rezar por ele. O senhor cura
tudo que pedir com um coração puro.

Meus lábios estão secos, mas minha
boca está umedecendo. As libras de
sangue em meus ouvidos. Um gato se
esfrega contra minha panturrilha,
tendo decidido que eu não sou um
cara tão ruim afinal.

— Isso não seria uma boa ideia— ,
digo a ela. — Não é seguro aqui.

Ela dá-me um olhar assustado.

— E há um lugar que é?

Eu quase ri. Ela é velha, mas é afiada, difícil, sem medo e cheia de fé. Ela teria que ser tudo isso para sobreviver tanto tempo. Quem quer que resta agora terá que ter esse tipo de espírito. Do que Cassie lhes chamou? Os tortos, mas intactos. Por um instante desesperado eu penso em aceitar sua ideia e deixar Dumbo com ela, enquanto eu corria para as cavernas para encontrar Cup e Esp. Pode ser sua melhor chance, não, sua *única* chance.

Eu limpo a minha garganta.

— Você ficou sem comida? Do que é a sopa?

Ela leva a colher até os lábios, fecha os olhos e saboreia o caldo marrom. O gato aos meus pés levanta sua cabeça sarnenta e me encara com enormes olhos amarelos.

Eu sei o que ela vai dizer um microssegundo antes dela dizer.

— Gato.

Em um movimento rápido, ela lança o líquido escaldante em direção a minha cara. Eu cambaleio para trás e bato contra uma pilha de revistas, perdendo em seguida o equilíbrio. Ela está perto

de mim antes de eu caia no chão, os dedos se fecham em torno de meu casaco, que ela usa para lançar-me do outro lado da sala tão facilmente como um garoto joga um bicho de pelúcia. O rifle cai do meu ombro quando eu sou chocado contra a parede. Deitado, puxo a minha arma, um objeto cintilante é arremessado em minha direção.

Ela é muito rápida ou eu sou muito lento — ela bate em minha mão, fazendo com que a arma caia. Seus dedos se fecham em volta da minha garganta. Ela arranca-me na posição vertical e empurra minha cabeça

contra a parede e traz seu rosto para perto do meu, seus olhos verdes são profundas faíscas repletas de malícia infinita.

— Você não deveria estar aqui, — ela assobia. — É muito cedo.

O rosto está perdendo o foco. *Muito cedo?* Então eu entendo: ela viu a ocular. Ela acha que eu sou parte da 5ª onda, a parte que não vai ser lançada para mais uma semana, *após* ela retornar para a nave-mãe, após Urbana e qualquer outra cidade na Terra ter desaparecido.

Eu encontrei o silenciador de Urbana.

18

— Mudança de planos, — Eu suspiro.
Ela está permitindo que eu respire apenas o suficiente. O aperto de seus dedos gelados é desconfortável, a força por trás deles é tão óbvio, que eu

tenho certeza que ela poderia quebrar meu pescoço com um movimento do seu pulso. Isso seria ruim. Ruim para Dumbo, ruim para Esp e Teacup e, especialmente ruim para mim. A única coisa que me mantém vivo é sua surpresa de que estou aqui, há milhas da base mais próxima e em um lugar que não existirá no final da semana.

Sua culpa, Zumbi. Você teve a oportunidade de neutralizar ela e você estragou tudo.

Bem. Ela me fez lembrar da minha avó.

A vovó silenciadora ergue a cabeça com a minha resposta, como um pássaro curioso olha um pedaço saboroso.

— Mudança de planos? Isso não é possível.

Eu suspiro, desesperado para ganhar tempo

— O apoio aéreo já foi chamado. Você não ouviu o avião? — Cada segundo que eu a distraio é mais um segundo de vida. Por outro lado, dizer que os bombardeiros estão a caminho pode ser a passagem mais curta para a morte mais rápida.

— Eu não acredito nisso.— ela me diz.

— Eu acho que você é um mentiroso imundo.

Meu rifle encontra-se há alguns metros de distância. Muito perto. Muito longe.

Mais uma vez ela me lembra de um pássaro, a maneira como ela ergue a cabeça quando ela olha para mim,

com a cabeça inclinada para um lado

como um corvo de olhos verdes, e

então eu sinto o impulso violento de

uma consciência invasora, sua

consciência , rasgando em mim como

uma broca em uma madeira macia.

Sinto-me esmagado e esfolado ao

mesmo tempo. Não há nenhuma parte

de mim escondida dela, nada está seguro. É como o programa das Maravilhas, só que não é minhas memórias, sou eu.

— Tanta dor.— ela murmura. — Tanta perda.— Seus dedos apertam a minha garganta. — Quem é que você está procurando?

Quando eu me recuso a responder, ela corta o meu ar. Estrelas negras começam a florescer dentro de minha visão. Fora da escuridão, minha irmã chama meu nome. *E eu acho que, Deus, Sullivan, você estava certa.* Esta bruxa não me teria me estrangulado se eu não tivesse atendido o seu

chamado. Minha irmã trouxe-me aqui
— não Teacup, não Esp.

Meus dedos apertam o estoque do
rifle. A velha silenciadora comedora de
gato está rindo na minha cara,
inspirada enquanto serrava a minha
alma, mastigando a minha vida assim
como ela me estrangula.

Eu ainda posso ouvir a minha irmã,
mas agora vejo Dumbo enrolado atrás
do balcão no café, chorando por mim
com os seus olhos porque ele não tem
forças para falar.

Eu vou para onde você for, Sarge.

Deixei-o, deixou-o como eu deixei a
minha irmã, sozinho e indefeso. Jesus,
Eu mesmo tomei a arma dele.

Putá merda. A arma.

19

O primeiro tiro é a queima-roupa, bem ao lado direito do seu intestino cheio de gatos.

A bala não tem a reação esperada. Inacreditavelmente, ela coloca a mão sobre a minha garganta, apertando-a. Eu respondo com um aperto próprio: Um segundo tiro que pousa nas imediações do seu coração. Seus olhos remelentos alargam-se um pouco, tiro meu braço que está entre nossos corpos e a afasto de mim. Seus dedos ao redor do meu pescoço afrouxam-se, e ela solta uma lufada de ar com um cheiro azedo infestado de

pelos que eu já respirava. A avó silenciadora não era fraca. Ela está apenas recuperando o fôlego.

Ela se atira contra mim. Eu rolo para à minha direita. A cabeça dela bate contra a parede. Eu atiro novamente. A bala passa através de sua caixa torácica, esmagando-a, mas ainda assim ela se arrasta em direção a mim, cuspiendo sangue vermelho, rico em oxigênio brilhante. O que impulsiona o corpo antigo tem dez mil anos e contém mais ódio do que os oceanos contém água. Além disso, ele foi aumentado pela tecnologia que a fortalece e a sustenta. - *pff! O que é*

um tiro ou dois? Vem cá, filho! Ainda assim, não acho que é a tecnologia que a move.

É o ódio.

Volto-me para ela. Ela vem até mim. Meu calcanhar bate contra uma pilha de papel e eu caio no chão com um baque rangendo. Suas garras ásperas arranham a minha bota. Eu seguro a arma com as mãos que estão sangrando.

Ela se curva como um gato que se estende em uma janela. Sua boca se abre, mas não sai nenhum som, muito sangue, mas nenhum som. Ela dá

uma última investida. Sua testa bate
contra a arma exatamente quando eu
aperto o gatilho.

20

Eu pego meu rifle — Dane-se a pistola — e o parafuso da sala. Hall, escadas, Hall de entrada e rua. Finalmente, volto na loja de café, rastejo para atrás do balcão. *É melhor você estar vivo, seu orelhudo filho da puta.*

Ele está. O pulso está oscilante, sua respiração superficial, pele cinza, mas ele está vivo.

Então agora o que?

Voltar para a casa segura? A opção mais segura, a opção de menor risco.

A única que Esp recomendaria, ela é a especialista em risco. Não sei o que eu vou encontrar nas cavernas, mesmo se conseguir alcançá-las, há um outro silencioso lá fora. As chances são que Esp e Cup já estão mortas, o que significa que estou não só marchando para minha própria execução, mas trazendo Dumbo a sua também.

A menos que eu deixe-o aqui e passe para pegá-lo no meu caminho de volta, supondo que eu consiga voltar. Melhor para ele, melhor para mim. Ele é um fardo, uma responsabilidade.

Então vou deixá-lo para trás depois de tudo. *Ei, Dumbo, eu sei que você levou um tiro para mim e tudo, mas estás por tua conta, amigo. Vou-me embora. Não é o que Ben Parish sempre faz?*

Droga, zumbi, decida já. Dumbo sabia do risco e ele veio mesmo assim.

Tomar aquela bala para si foi sua escolha. Voltar significa que ele levou a bala por nada. Se ele vai morrer, pelo menos terá algum significado em sua morte.

Verifico seu curativo, está sangrando. Eu, delicadamente, levanto a sua cabeça e deslizo sua mochila ali

embaixo, fazendo um travesseiro.

Aplico a última ampola de morfina do kit de primeiros socorros em seu antebraço.

Eu me inclino para baixo e sussurro.

— Olha, Bo, eu voltei. — Aliso o seu cabelo com a mão. — Eu a peguei a cadela infestada que atirou em você. Estourei bem no meio de seus olhos.

— Sua testa está queimando sob a minha mão. — Não posso ficar aqui agora, Bo. Mas eu vou voltar para você. Eu vou voltar... ou eu vou morrer tentando. Provavelmente irei morrer, por isso, não tenha muitas esperanças.

Eu olho para longe dele. Mas não há mais nada para olhar. Eu estou prestes a perdê-lo. Estou saltando de uma morte brutal para outra.

Eventualmente, algo muito importante vai rachar ali dentro.

Ponho a mão sobre a sua.

— Agora, me escute, orelha-de-elefante filho da puta. Eu vou encontrar Teacup e Especialista, então vamos buscar você no nosso caminho de volta e voltaremos todos para casa juntos e tudo vai ficar bem. Porque eu sou o Sargento... e é assim que eu digo que vai ser. Você entendeu? Você está me ouvindo, soldado? Você

não pode morrer. Entende? Isso é uma ordem direta. Você não tem permissão pra morrer.

Suas pálpebras tremulam. Talvez ele está sonhando. Talvez ele está sentado em seu quarto, jogando Call of Duty... Eu espero que sim.

Então eu deixo ele deitado na borra de café, maços de guardanapos de papel e moedas espalhadas.

Dumbo está sozinho agora e eu também, mergulhando no coração preto, morto de Urbana. Esquadrão 53 está desaparecido e quebrado. Mortos

ou desaparecidos ou morrendo ou em execução.

RIP, esquadrão 53.

21

CASSIE

Eu tenho de esclarecer isto. Agora.

Tipo, agora.

Este é a minha cabeça.

São 04:00 da manhã e estou cheia de chocolate (Obrigado, Graça) e cheia de Evan Walker. Ou melhor, ainda não tenho o suficiente de Evan Walker. Ok, isso é uma piada, se é que você pode fazer piadas em um diário particular. Eu vou chegar a partes íntimas mais tarde. Ha! Outra piada. Você sabe que você conseguiu chegou numa fase triste da sua vida quando a única pessoa que pode fazer você rir, é você mesma.

A casa está calma, nem mesmo um sussurro do vento contra as janelas fechadas, o silêncio do vazio, como se o mundo tivesse parado de respirar e

eu fosse a última pessoa na terra.

Mais uma vez.

Droga, queria que houvesse alguém com quem eu pudesse conversar.

Ben e Dumbo sumiram. Tudo o que me resta são Sam, Megan e Evan. Os dois primeiros estão dormindo no quarto. O outro (*outro*, ha! é realmente hilário) está acordado vigiando, como sempre. Ele era a pessoa com quem mais falava, mas de alguma forma, tudo isso mudou. Por mais de um mês ele tem desaparecido. Ele vem aqui, fala, não temos nada a dizer, então, o Sr. Homem do espaço volta para onde estava. Droga, Evan, onde você foi?

Eu acho que eu sei, mas quero saber porque não me ajuda a parar de ter sentimentos por você?

E de alguma forma, nem o cheiro de sua loção pós-barba persiste na sala. Depois que Ben saiu, Evan a raspou. Ele lavou seu cabelo e esfregou a sujeira de uma semana de seu corpo. Ele mesmo aparou as unhas e cuidou de suas cutículas perfeitas. Quando ele apareceu nesta sala, parecia o velho Evan, o primeiro Evan, o Evan que eu acreditava ser um Evan plenamente humano.

Sinto falta desse Evan, daquele que puxou-me do chão gelado e aqueceu-

me, que me fez hambúrgueres e fingiu ser algo que ele não foi e escondeu a coisa que ele era.

O Evan calmo, tranquilo, estável, confiável, forte. Não este outro Evan, o torturado, assombrado, o Evan em conflito, que toma cuidado com suas frases, como se ele tivesse medo de acabar falando demais. O Evan que já se foi, que já está lá em cima, há duzentas milhas sem maneira alguma de voltar para baixo. Não esse Evan. O *meu* Evan.

O homem imperfeitamente perfeito.

Por que sempre temos o Evan que
merecemos em vez do Evan que
queremos?

Não sei porque perco tempo
escrevendo isso. Ninguém nunca vai
ler isso — e se o fizer, Evan, *vou
matar você.*

Acho que eu deveria pegar o urso.
Sempre foi fácil falar com ele. Tivemos
horas de conversa, boa conversa,
durante várias semanas, quando era
só eu e ele nos escondendo na
floresta. Urso é um excelente ouvinte.
Ele nunca boceja, interrompe ou se
afasta. Nunca discorda, nunca joga
jogos, nunca mente. *Eu vou aonde
você for, sempre,* é a música do urso.

Urso prova que o amor verdadeiro não precisa ser complicado — ou mesmo retribuído.

Evan, caso você esteja lendo isso:
Estou deixando-o para ficar com um urso de pelúcia.

Não que você e eu sejamos um casal.

Nunca fui daquelas meninas que sonhava sobre seu dia do casamento, em encontrar o cara perfeito ou criar 2 ou 3 filhos no subúrbio. Quando eu pensava sobre o futuro, geralmente envolvia uma cidade grande, uma carreira promissora ou morar em uma cabana, em algum lugar arborizado,

como Vermont, escrevendo livros e tendo longas caminhadas com um cão que chamava-se Pericles ou algum outro nome grego aleatório para mostrar às pessoas como viver em uma cabana e era algo culto. Ou talvez eu seria uma médica, iria tratar crianças doentes na África. Algo significativo. Algo de valor que talvez alguém um dia iria notar e então daria-me uma placa, um prêmio ou meu nome a uma rua. *Avenida*

Sullivan. Prêmio de Cassiopeia.

Homens não entravam muito em meus devaneios.

Na faculdade, eu ia ter sexo. Não sexo bêbado ou com o primeiro cara que pediu ou sexo só para dizer *Hey, eu fiz sexo*, da mesma maneira que as pessoas que comem comida exótica dizem algo, como, *Hey, eu comi um gafanhoto*. Seria com alguém que me importava. Amor não era necessário, mas o respeito mútuo e a ternura seria bom. E ele também seria alguém que eu achava atraente. Muitas transas são desperdiçadas com pessoas que não são. Por que dormir com alguém que não te excita? Mas as pessoas fazem. Ou eles costumavam fazer. Não, provavelmente ainda fazem.

Por que eu estou pensando em sexo?

Ok, é insincero. Isso é uma mentira.

Santo Deus, Cass, se não pode ser honesto em seu próprio diário, onde você pode ser? Em vez de dizer o que é verdade, você faz dentro dele piadas internas e referências, como se um dia em 1 milhão anos a partir de agora alguém fosse ler isso e te deixar envergonhada.

Fala sério.

Pelo menos quando ele apareceu esta noite, ele bateu primeiro. Evan, sempre teve um problema com limites. Ele bateu na porta, em seguida, fez

um entrada nas seguintes etapas:
cabeça, ombros, tronco e pernas.
Ficou ali na porta por um minuto: Está
tudo bem? Eu notei a mudança
imediatamente: recém barbeado,
cabelo ainda molhado, vestindo um
par de jeans e uma t-shirt do estado
de Ohio. Não me lembro da última vez
— ou mesmo da primeira vez — que vi
Evan exercer o seu Direito da
Segunda Emenda para deixar amostra
os braços.

Evan Walker tem bíceps. Não é
importante mencionar este fato, pois
bíceps são músculos, e a maioria das

pessoas tem. Só achei importante ressaltar.

Eu estava esperando um olha inocente — tinha visto muitas vezes na velha fazenda, quando ele fazia aquela expressão dele. Em vez disso, ele está com a testa franzida e a boca ligeiramente virada e os olhos escuros e problemáticos de um poeta contemplando o vazio, que eu acho que ele era, não um poeta, mas um contemplador do vazio

Eu afastei, deixando um espaço para ele na cama. Não havia outro lugar para sentar. Embora nunca tivéssemos feito um combinado,

parecia que éramos ex-casados forçados a uma negociação pós separação estranha sobre quem fica com os talheres e como as lembranças de todas as suas viagens juntos seria dividido.

Em seguida, senti o cheiro do perfume Ralph Lauren.

Não sei porque Graça manteve um estoque de produtos masculinos ali. Talvez eles pertenciam para os antigos proprietários da casa, e ela nunca se preocupou em se livrar deles. Ou talvez ela fez sexo com suas vítimas antes de cortar suas cabeças, arrancando seus corações ou

comendo-os vivos, como uma aranha viúva negra.

Ele tinha cortado o queixo com a lâmina de barbear, havia um material branco sobre o corte, um pequeno defeito em seu rosto sobrenaturalmente bonito. O que foi um alívio. Pessoas bonitas com perfeição me irritam profundamente.

— Eu verifiquei as crianças— ele disse, como se eu tivesse perguntado se ele tinha o feito.

— E?

— Eles estão bem. Estão dormindo.

— Quem está na guarda?

Ele olhou para mim por alguns segundos desconfortáveis. Então ele olhou para suas mãos. Eu olhei, também. Ele era tão perfeito quando nos conhecemos, que eu pensava que eu tinha sorte de encontrar a pessoa mais narcisista que restava no planeta. *Faz-me eu sentir-me mais humana.* Mais tarde, quando descobri que ele não era completamente humano, eu pensei ter entendido aonde ele queria chegar. Ainda mais tarde — e por mais tarde, digo agora — eu percebi que a limpeza não é necessariamente próximo a piedade, mas é quase indistinguível da humanidade.

— Vai ficar tudo bem. — ele disse suavemente.

— Não, não— eu revidei. — Ben e Dumbo vão morrer. Você vai morrer.

— Não vou morrer.— Retrucou, deixando de fora Ben e Dumbo.

— Como é você sair da nave-mãe quando implantar as bombas?

— Da mesma forma que entrei.

— A última vez que fez o seu pequeno plano, você quebrou vários ossos e quase morreu

— É um hobby — ele disse com um sorriso torto. — Quase morrer.

Olhei para longe de suas mãos. As mãos que me levantaram quando eu caí, que me seguraram quando eu estava com frio, alimentou-me quando eu estava com fome, me curaram quando estava ferida, lavaram-me quando eu estava coberta de sujeira e sangue. *Você vai destruir a sua civilização inteira e para quê? Para uma garota.* Acha que um sacrifício como isso me faria sentir-me apenas um pouco especial. Isso não aconteceu. Foi esquisito. Como um de nós fosse ficou louco e essa pessoa era eu.

Não vejo um único elemento romântico no genocídio, mas talvez seja só minha falta conhecimento sobre a natureza do amor, por nunca ter sentido o amor. Eu destruiria a humanidade para salvar o Evan? Provavelmente não.

Claro, há mais de um tipo de amor. Eu mataria todo mundo para salvar o Sam? Isso não é uma pergunta fácil de responder.

— Dias atrás você quase morreu, e você estava de alguma forma protegido, certo?— Eu perguntei.— A tecnologia que te fez sobre-humano

que disse que caiu no caminho para o hotel. Não terá desta vez.

Ele encolheu os ombros. Então eu vejo aquela expressão que eu pensei que tinha perdido. Vê-la novamente me lembrou de quando nós tínhamos viajado a partir da 5ª Onda, e eu lutei contra a vontade de bater na sua cara.

— O que você vai fazer não é para mim, ou... não é só para mim, você entende, não é?

— Não há nenhuma outra maneira de pará-lo, Cassie — ele responde. E está de volta o seu olhar de poeta atormentado.

— Você lembra do que mencionou da última vez você quase morreu?

Lembra? Iria usar o que estava na garganta-bomba de Megan para explodi-lo.

— Difícil de fazer sem a bomba— ele disse.

— A Graça não tem um estoque escondido em algum lugar da casa?— Em vez disso, ela manteve o local bem abastecido com loção pós-barba masculina. Prioridades pós-apocalípticas.

— A atribuição de Graça era explodir as coisas. Era para matar as pessoas.

— E fazer sexo com elas. — Eu não queria ter dito isso, mas eu não quero dizer cerca de 80 por cento do que digo.

Realmente, porém, quem se importa se eles transaram? É uma coisa boba para se preocupar quando o destino do planeta está na balança. Trivial. Sem importância. As mãos que me abraçaram seguraram Graça. O corpo que aqueceu-me, aqueceu ela. Os lábios que tocaram o meu, tocaram o dela. Não importa, não me importo, Graça está morta. Eu queria arrancar as folhas e desejar que não tivesse dito isso.

— Graça mentiu. Nós nunca.

— Não me importo, Evan. — Eu disse a ele. — Não é importante. De qualquer forma, Graça era uma máquina de matar homicida, fantasticamente bonita. Quem poderia dizer não?

Ele colocou uma mão por cima da minha.

— Eu lhe diria se tivemos feito algo.

Ele é um mentiroso. Eu poderia encher o Grand Canyon com todas as coisas que ele se recusou a me dizer. Eu afastei minha mão e olhei para aqueles olhos de chocolate.

— Você é um mentiroso — eu disse.

Ele me surpreendeu, e assentiu.

— Eu sou. Mas não sobre isso.

Eu sou?

— O que você já mentiu?

Ele balançou a cabeça. Humana boba!

— Sobre quem eu realmente era.

— E o que você era exatamente?

Você já me disse o que era, mas você nunca disse quem você é. Quem é você, Evan Walker? De onde vem? O que você olha como antes se parecia com nada? Como era o seu planeta?

Ele se parecia com o nosso? Havia plantas, árvores, pedras, viviam em cidades, o que você fez para se divertir, havia música? A música é universal como matemática. Você pode me cantar uma música? Cante-me uma canção alienígena, Evan. Diga-me o que você fazia enquanto crescia. Você foi à escola ou o conhecimento já veio no seu cérebro? Como eram os seus pais? Eles tinham trabalhos como pais humanos? Irmãos e irmãs? Esportes. Comece com isso.

— Tivemos esportes.— Falou, deixando nascer um pequeno sorriso indulgente.

— Eu não gosto de esportes. Comece com a música.

— Tivemos de música, também.

— Estou ouvindo. — Eu dobrei meus braços meu peito e esperei.

Sua boca abriu. E então fechou novamente. Eu não sabia se ele estava prestes a rir ou chorar.

— Não é tão simples, Cassie.

— Eu não estou esperando qualidade de desempenho. Eu não sei cantar, também, mas isso nunca me impediu de imitar um pouco Beyoncé.

— Quem?

— Ah, por favor. Você sabe quem ela era.

Ele balançou a cabeça. Talvez ele não cresceu em uma fazenda, mas debaixo de uma pedra. Então eu pensei que seria um pouco estranho para um Super ser de dez mil anos uma ligação com a cultura pop. Ainda assim, estamos falando de Beyoncé!

Ele é ainda mais estranho do que eu pensava.

— Tudo é diferente. Estruturalmente, quero dizer.— Ele apontou para a boca, estendeu a língua dele. — Nem sei pronunciar meu nome.— Por um

momento, a emoção era tão espessa, quase extinta.

— Então cantarole alguma coisa. Ou assobie. Você poderia assobiar ou não tinha lábios?

— Nada disso importa mais, Cassie.

— Você está errado. É muito importante. Seu passado é o que você é, Evan.

Lágrimas jorraram em seus olhos. Foi como assistir o chocolate derreter.

— Deus, Cassie, espero que não.—
Ele levantou suas mãos recém limpas, com as unhas aparadas e bem feitas, em direção a mim. As mãos que

apontaram a arma que matou pessoas inocentes antes de ele quase me matar. — Se o passado é o que somos....

Eu talvez salientaram que nós todos já fizemos coisas não estamos orgulhosos, masque era muito irreverente. Até para mim.

Eu poderia ter apontado que todos nós temos feito coisas que não são motivo de orgulho, mas isso era muito irreverente. Até para mim.

Droga, Cassie. Por que você estava forçando-o a pensar sobre isso? Eu estava tão obcecado com o passado,

que eu esquecia o que ele estava fazendo: para salvar os que tinha vindo para destruir, Evan Walker o silenciador, estava planejando silenciar uma civilização inteira — sua civilização — para sempre.

Não, Ben Parish, pensei. Não por uma garota. Pelo passado, que ele não pode esquecer. Pelos 7 bilhões. Por sua irmã mais nova, também.

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo ou até mesmo como isso aconteceu, eu estava segurando-o com as mãos que nunca o confortou, nunca o levantou e nunca o encontrou quando ele estava perdido. Eu era a

beneficiária, a destinatária, sempre. Desde o momento em que ele puxou-me daquele chão frio, eu passei a ser sua carga, a sua missão, a sua cruz. A dor de Cassie, o medo de Cassie, a raiva de Cassie, o desespero de Cassie. Estes foram os pregos que ele empalou.

Acaricieei seu cabelo úmido, passei as mãos em suas costas arqueadas, apertei seu rosto liso, doce em meu pescoço, e suas lágrimas desceram quentes contra minha pele. Ele sussurrou algo que soou como *Efemérida*.

Vadia sem coração teria sido mais preciso.

— Desculpe-me, Evan— eu sussurrei.

— Eu sinto muito.

Abaixei minha cabeça, ele a levantou. Eu beijei sua bochecha molhada. *Sua dor, seu medo, sua raiva, seu desespero. Dê-as a mim, Evan. Eu vou carregá-las por um tempo.*

Ele estendeu a mão e correu as pontas dos dedos levemente sobre meus lábios, úmidos com suas lágrimas.

— A última pessoa na terra— ele murmurou. — Você se lembra quando escreveu isso?

Eu assenti.

— Estúpido.

Ele balançou a cabeça.

— Eu acho que isso que fez acontecer. Quando li isso. "A última pessoa na terra" — porque senti o mesmo.

Minhas mãos afagavam seu corpo por aquela camisa velha.

— Você não vai voltar— Eu disse, porque ele não podia dizer aquilo.

Seus dedos acariciaram meu cabelo.
Eu tremia. *Não faça isso, seu
desgraçado. Não me toque como se
você nunca mais fosse me tocar de
novo. Não me olhe como se você
nunca mais fosse me ver novamente.
Fechei os olhos. Nossos lábios se
tocaram.*

A última pessoa na terra. Com os
olhos fechados, eu poderia vê-la
andando por um caminho arborizado
em Vermont, um lugar que ela nunca
foi e nunca irá, e as folhas que
abraçam a trilha em tom de vermelho
brilhante e ouro. E há um grande cão
chamado Pericles correndo à frente

dessa forma arrogante de cães, e ela tem tudo o que ela sempre quis, essa garota — não, esta mulher — nada foi deixado para trás, nada foi desfeito.

Ela viajou o mundo, escreveu livros, teve amantes e quebrou corações. Ela não ia permitir que a vida só acontecesse com ela.

Seu hálito está quente no meu ouvido. Estou arranhando seu peito, cravando minhas unhas na pele dele, a leoa faminta com sua presa. A resistência é fútil, Walker. Eu nunca vou andar por esse caminho na floresta dourada ou possuir um cão chamado Pericles ou viajar pelo mundo. Não vai haver

nenhum reconhecimento de uma vida bem vivida, nenhuma rua com meu nome, não fiz a diferença no mundo. Minha vida é um catálogo de coisas desfeita e coisas que nunca-vão-ser-feitas. Os outros roubaram todas as minhas memórias desfeitas, mas não os vou deixar roubarem esta.

Minhas mãos percorriam seu corpo, uma terra desconhecida, que de agora em diante chamarei de Evanland.

Colinas e vales, planícies desérticas e vales da floresta, a paisagem Mazi com as cicatrizes de batalha, atravessada por linhas de culpa e vistas inesperadas. E eu sou Cassie, a

conquistadora: Quando mais território eu conquistar, mais eu quero.

Ele arfava: um terremoto subterrâneo que subiu para a superfície como uma onda de tsunami. Seus olhos estavam arregalados, molhados e cheios do que se assemelhavam a algo próximo do medo.

— Cassie....

— Cala a boca. — Minha boca fitou seu peito que subia e descia.

Seus dedos enroscaram-se em meu cabelo.

— Não.

Eu quase ri. *Bem, a lista de 'não' é muito longa, Evan.* Marquei meus dentes em sua barriga. A terra sob minha língua estremeceu, choque e tremor.

Não deveria. Não, provavelmente não deveríamos. Alguns desejos podem nunca ser satisfeitos. Algumas descobertas rebaixam a missão.

— Não é a hora...— Ele engasgou.

Eu descansei minha bochecha na barriga dele e puxei o cabelo dos meus olhos.

— Quando é a hora, Evan?

As mãos dele capturaram as minhas.

— Você disse que me amava— eu sussurrei. *Maldito seja, Evan Walker, porque sempre diz coisas ridículas, loucas e imbecis?*

Ninguém te diz quão perto da raiva é a luxúria. Quer dizer, o espaço entre as moléculas é mais espesso.

— Você é um mentiroso— Eu disse.

— Você é o pior tipo de mentiroso, do tipo que mente para si. Você não está apaixonado por mim. Você é apaixonado por uma ideia.

Seus olhos semicerraram-se. É assim que soube que eu acertei ele.

— Que ideia? — ele perguntou.

— Mentiroso, você sabe que ideia. —

Levantei-me. Tirei minha camisa.

Olhei para baixo, desafiando-o a olhar para mim. *Olhe para mim, Evan. Olhe para mim. Não é a última pessoa na terra, o suporte para todas as pessoas que você atirou na rodovia. Eu não sou a Efemérida. Eu sou a Cassie, uma garota comum, de um lugar comum, que era burra ou azarada o suficiente para viver tempo suficiente para você encontrar. Eu não sou sua carga, sua missão ou sua cruz.*

Eu não sou a humanidade.

Ele virou o rosto para a parede, colocou as mãos ao lado de sua

cabeça como se em sinal de rendição. Bem... Eu tinha ido tão longe. Eu puxei o jeans sobre meus quadris e o chutei para longe de mim. Não me lembrava que eu estava com raiva — ou triste — ou... Eu queria socá-lo, acariciá-lo, chutá-lo, segurá-lo. Eu queria que ele morresse. Eu queria que eu morresse. Eu não estava consciente de mim, não totalmente, e não era porque ele não tinha me viu nua antes — ele tinha.

Naquela época eu não tive escolha. Então eu estava inconsciente, perto da morte. Agora eu estava acordada e muito viva.

Quem me dera houvesse cem lâmpadas para iluminar-me. Eu queria um refletor e uma lupa, então ele poderia examinar cada polegada humana imperfeitamente perfeita de mim.

— Não é sobre o tempo, Evan — lembrei-lhe, — mas o que fazemos com ele.

23

ESPECIALISTA

A 35 mil pés do chão, é difícil dizer o que parece menor: a terra abaixo ou a pessoa acima dela, ao olhar para baixo.

Íamos em sentido norte, há um par de milhas das cavernas, Constance pegou seu equipamento e fez a montagem do seu paraquedas. Fez uma última verificação nele antes de saltar. Nós seríamos lançadas

daquela altitude para reduzir a chance de sermos vistas do chão. Chama-se uma inserção de HALO. *Alta Altitude — abertura baixa.* Arriscado como o inferno, mas não mais arriscado do que saltar de cinco mil pés sem paraquedas.

Constance deve saber sobre meu salto arriscado do helicóptero, porque ela disse:

— Vai para ser muito mais fácil do que da última vez, hein?

Eu digo pra ela se foder, e ela sorri para mim. Eu tento sempre ser nada simpática ou agradável com ela. Essas coisas podem ser feitas matando-a com força. Bem, eu ainda vou matá-la

— Trinta segundos!— a voz do piloto grita em nossos ouvidos.

Constance verifica a minha montagem e eu verifico a dela. Jogamos nossos headsets nos assentos, em um compartimento da porta traseira. Deslizo os dedos com a luva sobre o cabo guia, e então nos lançamos em direção ao chão, gritando. O vento sub zero golpeia nossos

rostos como um punho. Meu estômago aperta como as rochas de C-160 lado a lado, fustigada pela turbulência. Tenho lutado a vontade de vomitar por quase todo o vôo, melhor fazer agora do que em queda livre. Se eu me posicionar corretamente, o vômito vai parar diretamente no rosto de Constance.

Gostaria de saber por que o *hub* não tem domínio sob o

meu sistema digestivo,
estranho, eu sinto-me
abandonada por um amigo de
confiança.

Eu sigo Constance por um
desfileiro negro de uma noite
sem lua. Não vamos soltar os
paraquedas até atingirmos a
velocidade terminal. Estou
vendo ela claramente com
minha visão aprimorada,
cinquenta pés mais para
baixo, à minha esquerda. O

tempo diminui conforme a
minha velocidade aumenta.
Eu não tenho certeza se isso
é obra do *hub* ou uma reação
natural ao cair a 120 milhas
por hora. Não ouço o avião. O
mundo é o vento.

Vinte mil pés. Quinze. Dez. Eu
posso ver a estrada, os
campos e um aglomerados de
árvores ramificadas. Quanto
mais perto fico, mais rápido
eles parecem correr em minha

direção. Cinco mil pés.

Quatro. A distância mínima do solo para uma implantação segura é de oitocentos pés.

Constance puxa o cabo em 8-50. Estou um pouco abaixo e a terra ruge em minha direção como o rosto de uma locomotiva em fuga.

Eu dobro meus joelhos com o impacto e inclino meu ombro na direção do chão, rolando

duas vezes e parando de costas, presa em cordas.

Constance está perto de mim antes que eu possa tomar meu próximo fôlego, ela corta as cordas com sua faca de combate e arranca as que estão nos meus pés. Ela faz um sinal de um polegar para cima e caminha em direção a dois silos que ficam ao lado de um celeiro vermelho

Há alguns metros de distância está uma casa branca, o celeiro vermelho e uma faixa estreita do país: nós não podia ter caído em uma área mais Americana. O nome do povoado onde estão as cavernas? Liberdade Ocidental.

Eu me juntei a Constance na base do silo, onde ela está ocupada tirando seu macacão. Embaixo dele, ela está usando

jeans e uma blusa com capuz. Ela não tem nenhuma arma, exceto a faca, que ela enfia dentro uma bainha amarrada a perna dela.

— Estão a metade de Sul e ao oeste da nossa posição,— ela respira. A entrada para as cavernas. — Nós estamos a um par de horas à frente deles. — Zumbi e quem foi o louco que vem com ele atrás de Teacup e de mim. Pão de

Ló, provavelmente. Meu instinto aperta no pensamento de contar a Zumbi sobre Teacup. — Você ficar aqui e esperar pelo meu sinal.

Eu balanço a cabeça negativamente.

— Eu vou com você.

Ela abre aquele maldito sorriso.

— Querida, você não quer fazer isso.

— Porquê?

— Nossa história não vai ser dita se há alguém por perto para contradizê-la.

Sinto meu estômago embrulhar. *Sobreviventes. Constance vai matar todo mundo que ela encontrar escondido nas cavernas, e provavelmente será um monte de gente. Dezenas, talvez centenas. Vai ser um trabalho*

duro. Eles vão estar bem armados e serão cautelosos com estranhos — é difícil imaginar que alguém desconhece a 4ª onda tão tarde no jogo. O que significa que não tenho que matar Constance afinal. Talvez eles vão fazer isso por mim.

É um pensamento agradável. Irrealista, mas agradável. Meu próximo pensamento não é agradável, em tudo, então eu

deixo escapar a primeira coisa que lhe vem à cabeça.

— Não precisamos ir até as cavernas. Podemos interceptar zumbi antes que ele chegue lá.

Constance balança a cabeça.

— Nossas ordens não são essas.

— As nossas ordens são de um encontro com Zumbi — eu discuto. Não vou deixar isso

pra lá. Se deixá-la ir, pessoas inocentes morrerão. Eu não sou totalmente contra pessoas morrendo — eu estou planejando matar ela e Evan Walker — mas isto é inevitável.

— Eu sei que isso te incomoda, Marika— ela disse gentilmente. — É por isso que eu vou entrar sozinha.

— É um risco estúpido.

— Você já chegou a uma conclusão sem saber todos os fatos— ela me repreende.

Tem sido um problema desde o início — como no início da história humana.

Minha mão cai na ponta de minha arma. Ela não vacila. O sorriso dela responde iluminando a noite.

— Você sabe o que acontece se você fizer isso— ela diz

suavemente, uma tia
gentilmente, uma atenciosa
irmã mais velha. — Seus
amigos — aqueles que
voltaram para — quantas
vidas valem suas vidas? Se
cem tiveram que morrer para
que eles pudessem viver, ou
mil, ou 10 mil ou 10 milhões...
Quando você diria suficiente?

Eu sei esse argumento. É do
Vosch. É deles. O que são 7
bilhões de vidas, quando a

própria existência está em
jogo? Minha garganta arde.
Sinto o gosto ácido do
estômago em minha boca.

— É uma falsa escolha— eu
respondo. Uma última
tentativa, um apelo: — Você
não precisa matar ninguém
para pegar Walker.

Ela dá de ombros.

Aparentemente, eu não estou
entendendo.

— Se não o fizer, nenhum de nós vai viver tempo suficiente para ter essa chance.— Ela levanta o queixo dela e vira o rosto ligeiramente afastando.

— Me bate.— Aponta para sua bochecha direita. — Aqui.

Por que não? O golpe vai duro feito rocha, ela se desequilibra sob seus calcanhares. Ela balança a cabeça com impaciência, vira a outra face.

— Outra vez. Mais difícil desta vez, Marika. Difícil.

Bati com mais força. Forte o suficiente para quebrar ossos. O olho esquerdo imediatamente começa a inchar. Ela não sente dor. Eu também não.

— Obrigada,— ela disse brilhantemente.

— Não há problema. Se você precisa de mais alguma coisa quebrada, me avise.

Ela ri baixinho. Se não a conhecesse, juraria que ela gosta de mim, me acha agradável. Então ela se foi tão rapidamente, que apenas essa visão melhorada como a minha podia segui-la. Ela mergulhou através do campo para a estrada que leva para

as cavernas, então cortou a floresta no lado noroeste.

Tão logo ela fica fora da vista, eu me afundo no chão, trêmula, tonta, meu intestino produzindo. Estou começando a me perguntar se algo está errado com o 12º sistema. Sinto-me uma merda.

Eu inclino-me contra o metal frio do silo e fecho os olhos. A escuridão por trás de minhas

tampas gira em torno de um
centro invisível, a
singularidade antes de o
universo nascer. Teacup está
caindo, longe de mim. A
explosão da arma do Navalha
ressoa no espaço atemporal.
Ela cai, mas ela sempre será
minha.

Navalha também está lá, no
centro absoluto do absoluto
nada, o sangue ainda fresco
no braço do ferimento auto-

infligido, VQP. Ele sabia que o custo de sacrificar Teacup seria a própria vida. Tenho certeza, no momento em que passamos a noite juntos, ele já tinha decidido matá-la — porque matá-la foi a única maneira de libertar-me.

Libertar-me para fazer o quê, Navalha? Suportar para que eu possa conquistar o que?

Com os olhos ainda fechados,
eu puxo a faca de combate da
bainha amarrada a minha
panturrilha. Eu posso imaginar
Navalha persistindo na porta
do depósito, a luz dourada
banhando suas características
magra, seus olhos perdidos na
sombra que ele rola na
manga. A faca na mão, então.
A faca na minha mão agora.
Ele provavelmente

estremeceu quando a ponta
invadiu a pele. Eu não.

Eu não sinto nada. Estou
envolvida em nada, a
resposta, afinal de contas, do
enigma do Vosch é estranha,
porquê? Sinto cheiro de
sangue do Navalha. Eu não
posso cheirar o meu, porque
não há nenhum corte,
milhares de robôs
microscópicos estancam o
fluxo.

V: Como você conquistar o
inconquistável?

Q: Quem pode ganhar quando
ninguém pode suportar?

P: Como resistir quando toda
a esperança se foi?

Fora da minha bolha
particular, uma voz grita.

— Minha querida filha, por que
choras?

Abro os olhos.

É um padre.

Pelo menos, ele está vestido como um. Calças pretas.

Camisa preta. Colarinho branco, amarelado pelo suor, manchado com algo na cor de ferrugem. Ele está apenas fora do meu alcance, um cara pequeno, com calvície e um rosto rechonchudo, infantil.

Ele vê a faca molhada na minha mão e imediatamente levanta a dele.

— Eu não estou armado.—

Sua voz é estridente, tão infantil quanto suas características.

Deixo cair a faca e tiro a minha arma.

— Mãos sobre a cabeça.
Ajoelhe-se.

Ele obedece instantaneamente. Eu olho em direção à estrada. *O que aconteceu com Constance?*

— Não quis assustá-la— diz o rapaz. — É que não vejo outra pessoa há meses. Você está com os militares, sim?

— Cale-se — digo-lhe. — Não fale.

— É claro! Eu... desculpa. — Ele obedece e fica de boca fechada. Suas bochechas ficam coradas, por medo ou vergonha talvez. Eu vou para atrás dele. Ele permanece

imóvel enquanto eu corro
minha mão livre sobre o seu
tronco.

— De onde você veio?—
Pergunto-me.

— Pensilvânia

— Não. Onde você vem,
desse exato momento?

— Tenho vivido nas cavernas.

— Com quem?

— Ninguém! Eu te disse, que eu não vi ninguém em meses. Desde novembro....

Há um objeto de metal duro em seu bolso direito. Eu o pego, é um crucifixo. Ele já viu melhores dias. O revestimento de ouro barato está lascado, o rosto de Cristo está desgastado para uma protuberância careca. Penso no crucifixo do soldado de

Sullivan, agachando-se atrás dos refrigeradores de cerveja.

— Por favor— ele sussurra. — Não faça isso.

Eu jogo o crucifixo na erva alta, morta entre os silos e o celeiro. *Onde diabos está a Constance?* Como esse carinho estranho passou por ela? Mais importante, como deixei esse carinho estranho me assustar?

— Onde está o seu casaco?—
Pergunto-lhe.

— Casaco?

Eu passo na frente dele e
coloco o nível a arma na testa
dele.

— Está frio. Não está com
frio?

— Oh. Oh! — Ele soluça, um
riso nervoso. Os seus dentes
combinam com ele: pequenos
e desalinhados com sujeira. —

Eu esqueci completamente de
pegá-lo. Eu estava tão
animado quando soube que
aquele avião, pensei resgate
tinha finalmente chegado! —
O sorriso morre. — — Você
está aqui para me salvar, não
é?

Mexo o meu dedo no
gatilho. *Às vezes você está no
lugar errado na hora errada e
o que acontece não é culpa de
ninguém,* eu disse a Sullivan

depois de ouvir a história do soldado.

— Quantos anos você tem, posso perguntar?— indaga. — Você parece muito jovem para ser soldado.

— Eu não sou um soldado— digo-lhe. E eu não sou.

Eu sou o próximo passo na evolução humana. Eu respondo com sinceridade.

— Eu sou uma silenciadora.

25

Ele vem em direção a mim,
uma explosão de rosa pálido e

preto. Um flash de dentes minúsculos e a arma voa da minha mão. O golpe quebra meu pulso. O próximo golpe, é tão rápido que até mesmo meus olhos aprimorados podem seguir, ele me lança há alguns metros do silo. O metal dobra ao redor de meu corpo como um taco. Agora as palavras de Constance fazem sentido: *Você já chegou a*

*uma conclusão sem saber
todos os fatos.*

Ela não ia para as cavernas
para neutralizar os
sobreviventes. Ela ia silenciar
um silenciador.

*Obrigado, Connie. Você
poderia ter me dito.*

O fato de eu não morrer com o
impacto, salva minha vida. O
falso padre faz uma pausa,
inclinando sua cabeça para

mim de forma estranha, como um pássaro. Eu deveria estar morta, ou pelo menos inconsciente. Como é que ainda estou de pé?

— Meu! Isto é... curioso.

Nenhum de nós se move por alguns segundos. Eu não jogo o seu jogo. Calma, Especialista, espere Constance voltar. Se Constance voltar.

Constance pode estar morta.

— Eu não sou um de vocês—

Digo, puxando o canto de metal com a mão livre. —

Vosch deu-me o 12º sistema.

Sua expressão de admiração não muda, mas há tensão em seus ombros. É a única explicação que faz sentido, no entanto, não faz sentido.

— Mais curioso ainda. Mais curioso!— ele suspira. — Por

que o comandante aumentaria
um ser humano?

Tempo para mentir. O inimigo
me ensinou que grandes
coisas podem ser realizadas
pela menor das mentiras.

— Ele também colocou em
você. Ele deu o 12º sistema
para todos nós.

Ele sacode a cabeça e sorri.
Ele sabe que eu estou
blefando.

— E estamos indo agora
buscar todos vocês,— eu
continuo. — Antes que as
cápsulas os levem para o
navio.

Meu rifle está no chão, há
alguns metros de seu pé. Não
sei onde minha arma foi parar.
A faca está mais próxima,
apenas a meio caminho entre
nós. Ele espera que eu tente
pegar a faca.

Ok, então a mentira não parece estar funcionando. Vou tentar a verdade, mas minhas esperanças não são altas.

— Eu provavelmente estou perdendo tempo aqui, mas você deve saber que você é tão humano quanto eu. Vocês estão sendo usados, assim como todos os outros estão sendo. Tudo o que você acha que você sabe sobre quem você é, tudo que se lembra, é

uma mentira. Tudo.

Ele acena, sorrindo para mim,
o jeito que sorri para uma
pessoa louca. *Essa é a sua
deixa, Constance. Pule fora
das sombras, e mergulhe sua
faca em suas costas.* Mas
Constance perde sua entrada.

— Isto é realmente em uma
perda— diz ele. — O que
devo fazer com você?

— Não sei— eu respondo honestamente. — O que eu sei é que eu vou tirar a faca e te fazer sangrar como um porco.

Eu não olho para a faca. Eu sei que se eu olhar, eu não tenho chance — ele verá instantaneamente através o ardil. Se eu não olhar, eu vou forçá-lo a olhar. Ele olha para baixo apenas por um

segundo, mas um segundo é mais do que preciso.

A ponta da minha bota com o pedaço de aço pega debaixo do queixo e seu corpo voa uns metros, antes de bater com força. Antes que ele consiga ficar de pé, a faca deixa minha mão e foguetes são lançados em direção a sua garganta. Ele voa no ar, então pega a faca na sua descida, um movimento tão perversamente

gracioso que não pude deixar de admirá-lo.

Mergulho em direção ao rifle. Ele bate-me com seu punho, acertando minha têmpora e eu caio. Minha boca cheira a terra, o meu lábio superior está aberto. Vai acontecer. Agora ele vai cortar a minha garganta. Ele vai pegar o rifle e estourar os miolos. Eu sou uma amadora, uma novata ainda ajustando-se ao que ele

viveu desde que tinha treze anos.

Ele torce por um punhado de cabelo em sua mão e atira-me. Sangue enche minha boca, eu rapidamente cuspo. Ele fica de frente pra mim, há uma faca em uma mão, fuzil na outra.

— Quem é você?

Eu cuspo o sangue da minha boca.

— Meu nome é Especialista.

— Onde você vem?

— Eu nasci em São
Francisco

Ele chuta-me nas costelas.
Não com toda a força. Uma
força total teria um pulmão
perfurado ou meu baço. Ele
não queria me matar — ainda
não.

— Por que estás aqui?

Olho nos seus olhos e a
respondo.

— Para matá-lo.

Ele arremessa meu rifle para
longe, em direção a estrada
no campo além. Ele agarra-
me pelo pescoço e levanta-me
para o ar. Meus dedos do pé
saem do chão. Sua cabeça
gira: um curioso corvo, uma
coruja alerta.

Não há nenhuma defesa
contra o próximo ataque. Seus
lances de consciência estão
dentro de mim, um impulso
selvagem que rasga em minha
mente com tanta força que
meu sistema autonômico é
desligado. Eu estou
mergulhando na escuridão
absoluta. Nenhum som,
nenhuma visão, nenhuma
sensação. Sua mente mastiga
através da minha, e o que eu

sinto por ele é maior do que o universo, puro ódio, raiva e nojo e, por estranho que pareça, inveja.

— Ahhhh— ele suspira. — O que está procurando? Não são os que estavam perdidos. Uma menina e um menino triste, com. Eles morreram para que você pudesse viver. Sim? Sim. Oh, quão solitária você é. Como é vazia!

Estou segurando Teacup
contra mim no antigo hotel,
lutando para mantê-la
aquecida. Navalha está
segurando-me nas entranhas
da base, lutando para manter-
me viva. *É um círculo, zumbi,
vinculado ao medo.*

— Mas há um outro— o padre
sopra. — Hmmm. Você sabia?
Você já descobriu isso?

Sua risada suave é
interrompida. Eu sei porquê.
Não há nenhuma adivinhação:
nós somos um. Ele é
desenterra aquele sorriso
estúpido de Constance, filho
da mãe.

Ele me joga fora como ele
jogou o rifle — sempre com
desdém, como se eu fosse um
pedaço de lixo inútil produzida
pelo homem. O *hub* prepara
meu corpo para o impacto. Há

muito tempo para isso
enquanto eu navego pelo ar.

Eu bato no parapeito podre da
varanda da casa branca. A
madeira explode com um soco
alto como as placas antigas
embaixo de mim. Deito-me
ainda. O mundo gira.

Pior do que a agressão física,
no entanto, foi a esmurrar a
minha mente. Não consigo
pensar. Imagens

fragmentadas, desconectadas
explodem, desvanecem-se e
se florescem novamente.

Sorriso do zumbi. Olhos do
Navalha. Carranca de Teacup.
E então, a face de Vosch,
esculpida como pedra, grande
como uma montanha e os
olhos que penetram até ao
fundo, que vê tudo, que me
conhecem.

Eu rolo para o lado. Meu
estômago revira. Eu vomito

nos degraus da varanda até
que não sobra nada no meu
estômago, e então eu vomito
um pouco mais.

*Você tem que se levantar,
Especialista. Se não se
levantar, irá perder o Zumbi.*

Eu tento levantar. Eu caio.

Eu tento me sentar. Eu
capoto.

O padre silenciador os sentiu
dentro de mim — eu pensei

que eles tinham ido embora,
achei que tinha perdido-os,
mas você nunca perde
aqueles que amam, porque o
amor é uma coisa constante.
O amor perdura.

Os braços de alguém estão
levantando-me: Navalha.

Alguém segura em minhas
mãos: Teacup.

O sorriso de alguém está
dando-me esperanças: Zumbi.

Eu deveria ter contado quando
tive a chance, que eu amo o
jeito que ele sorri.

Levanto-me.

Navalha levantando-me,
Teacup equilibrando-me,
Zumbi sorrindo.

*Você sabe o que fazer quando
você não pode levantar e
marchar, soldado? Vosch
pergunta. Você rasteja.*

26

ZUMBI

Ao norte de Urbana, a estrada atravessa a zona rural. Há campos de pousios em todos os lados, que refletem prata e cinza a luz das estrelas brilhantes, as paredes queimadas da casa da fazenda tornaram-se pretas contra o brilho. As cavernas encontra-se a nove milhas em linha reta para o nordeste, mas eu não sou nenhum corvo, não vou deixar essa

rodovia e correr o risco de me perder. Se eu manter o ritmo sem parar para descansar, eu consigo alcançar o alvo antes do amanhecer.

Isso vai ser a parte mais fácil.

Os assassinos sobre-humanos podem vir na forma de qualquer um— o de uma idosa cantando um doce hino, por exemplo. Há também

crianças que vagueiam perto de acampamentos e esconderijos com bombas incorporadas em suas gargantas. Isso não exatamente incentiva a hospitalidade com estranhos.

Haverá sentinelas, bunkers ocultos, ninhos dos franco-atiradores, talvez um pastor alemão, um Doberman ou dois, armadilhas e mais armadilhas. O inimigo tem

explodido a ligação
fundamental que nos une,
transformando cada estranho
em uma pessoa intolerável. É
engraçado, tragicamente
engraçado: depois que os
extraterrestres chegaram,
tornamo-nos extraterrestres.

Significa que as chances de
eles me verem e atirarem são
muito altas. Como em 99,9
por cento.

Oh, certo.

Eu olhei para o pequeno mapa impresso na parte de trás da brochura tantas vezes, que já está gravado na minha memória, como uma fotografia. NOS 68 norte ao SR 507. SR 507 leste para 245 SR. Então, meia milha ao norte e chegarei ao meu destino. Fácil, não há problema. Levará de três a quatro horas, andando rápido,

com o estômago vazio, sem descanso ou sono.

Vou precisar de tempo para investigar. Não tenho tempo. Vai precisar de um plano de como abordar uma sentinela raivoso. Eu não tenho nenhum plano. Eu vou ter que dizer as palavras certas para convencê-los que eu sou um dos mocinhos. Não tenho palavras. Tudo o que tenho é

minha personalidade e um sorriso de matar.

Na esquina da 507 e 245 há uma placa com uma grande seta cor de ferrugem, aponta para o norte: OHIO

CAVERNS. Um arco ergue-se do chão em direção ao céu.

Eu ajusto meu ocular e entro na floresta à esquerda a procura de algum brilho verde.

Eu rastreio o resto do caminho até o topo. Uma estrada de

acesso asfaltada vai em direção a um aglomerado de edifícios pretos minúsculos e com manchas cinza. Há quarenta e cinco metros de distância há dois marcadores de pedra com placas brancas, montadas em cima de cada um: OC.

Faço todo o procedimento que nos ensinaram no acampamento: cara na sujeira, rifle em uma mão, a

outra estendida para a frente.
Neste ritmo, não vou chegar
as cavernas até bem depois
meu vigésimo primeiro
aniversário, que é preferível
que eu não esteja vivo para
celebrá-lo. Faço uma pausa
para levantar minha cabeça e
examinar toda a extensão do
terreno. Árvores. Grama. Um
som de linhas eléctricas
estalando. Lixo. Um pequeno
tênis jogado ali ao lado.

Após centenas de metros — e cem anos mais tarde — meus dedos estendidos escovam o metal. Não levanto a minha cabeça; Eu arrasto o objeto na frente do meu rosto.

Um crucifixo.

Um frio desce a minha espinha. *Não tive tempo para pensar, Sullivan disse-me. Eu vi a luz do metal brilhando. Eu pensei que era uma arma.*

Então eu o matei. Era um crucifixo, e eu matei-o.

Quem me dera que ela nunca tivesse me contado essa história. Se não a conhecesse, eu consideraria que encontrar um crucifixo aleatório na terra poderia um bom sinal. Poderia até ficar com ele para dar sorte. Em vez disso, parece um grande gato preto atravessando meu caminho. Deixo-o deitado no chão.

Passos, passos, pausa.
Examino o local. Passos,
passos, pausa. Outra
examinada. Posso ver
edifícios agora, há uma loja de
presentes e os restos do que
era um prédio. Além dos
edifícios, próximo a uma
tecelagem, vejo uma sombra
preta minúscula atrás de uma
árvore, com a cabeça
brilhando uma luz verde sob a
ocular.

Eu travo. Estou totalmente exposto. Nenhum lugar para me proteger. A forma cresce, vindo ao longo do centro de boas-vinda. Eu enfrentar meus cotovelos e vista-o pela mira do M16. Ele é um cara tão pouco que em primeiro lugar eu acho que ele é uma criança.

Calças pretas, camisa preta e um colar que, em dias melhores, era branco.

Parece que encontrei o
proprietário do crucifixo.

Eu provavelmente deveria
atirar nele antes que ele me
veja.

Ah, estúpido. Que ideia idiota.

*Atire nele e você terá o
acampamento inteiro na sua
cola. Fogo, só se você for
atacado. Você está aqui para
salvar as pessoas, lembra?*

O homem de preto com a
cabeça verde brilhando
desaparece na esquina do
edifício. Conto os segundos.
Eu chego a 120 e ele ainda
não reaparece, eu corro para
a árvore mais próxima, onde
deito e passo os dedos na
grama morta, deixando ali
sujeira do meu rosto, tento
recolher minha respiração e
meus pensamentos,

exatamente nessa ordem.

Respirar é a melhor parte.

Percebi agora porque Vosch preferiu promover Esp a líder do esquadrão. Ela era definitivamente a escolha mais sábia: mais inteligente que eu, melhor, com os melhores instintos. Mas eu tenho uma coisa que ela não tem: lealdade cega a causa e a fé inabalável em seu líder. Ok, na verdade são duas coisas.

Tanto faz. Meu ponto é que a fé supera inteligência.

Coragem vence o cérebro.

Pelo menos isso é verdade, se você quer um exército de pessoas equivocadas, palhaços suicidas dispostos a sacrificar suas vidas para que o inimigo não vença.

Não posso esconder-me aqui para sempre. E não deixei Dumbo para trás para morrer enquanto escondo-me à

espera de uma ideia para ir
adiante com o plano com esse
cérebro de Cro-Magnon, com
que fui abençoado.

O que eu realmente preciso é
de um refém.

Claro, essa ideia veio cinco
minutos depois do candidato
perfeito desaparece.

Olhar ao redor da árvore em direção ao centro de boas-vindas. Nada. Eu ando até a árvore mais próxima, paro, olho, ando. Nada. Depois de duas árvores e cerca de cinquenta metros mais perto, ainda não vejo ele. Ele provavelmente encontrou um local privado para ir mijar. Ou ele já está descansando, seguro e quente, dizendo para Esp contar contar a todos

como é claro aqui em cima enquanto ele suavemente coloca Teacup para dormir.

Eu tenho tido fantasias sobre as cavernas desde que Esp saiu, menos com padre, no qual ela e Teacup ficaram quente, secas e bem alimentadas durante este inverno maldito interminável.

Eu penso sobre o que eu vou dizer quando finalmente vê-la. O que ela dirá a mim. Que

eu direi uma frase que pode finalmente fazê-la sorrir. Há uma parte de mim que está convencida de que essa guerra eterna vai acabar quando eu arrancar um sorriso dessa garota.

Ok, eu decido, esqueça o padre. Esse centro de boas-vindo tem que ser tripulado. Eu poderia acabar com meia dúzia de dezenas reféns em vez de um, mas cavalo dado não

se olha os dentes. Eu preciso entrar naquelas cavernas o mais rápido possível.

Eu verifico o terreno, traço minha rota, ensaio mentalmente a agressão. Eu tenho uma granada de flash. Eu tenho o elemento surpresa. A surpresa é boa. Eu tenho meu fuzil e a arma de Dumbo. Provavelmente não será suficiente. Eu vou ser desarmado, o que significa

que vou morrer. O que significa que Dumbo vai morrer.

Não há uma única janela de frente para mim. Vou esmagá-lo com a coronha do meu rifle, jogar a granada e depois que eles se reunirem no prédio, na porta da frente. Seis segundos, no máximo. Eles não saberão o que os atingiu.

Essa vai ser a minha história, enfim, quando eu contar para os netos sobre este dia: Eu estava tão concentrado na janela, que eu esqueci de olhar para onde ia.

Eu gostaria de que ter outra explicação para como caí naquele maldito buraco, com seis pés de largura e duas vezes mais profundo, um buraco que não podia passar despercebido, mesmo no

escuro, não só por causa de seu tamanho, mas pelo que continha.

Corpos.

Centenas de corpos.

Corpos grandes, corpos médios, corpos pequenos.

Corpos vestidos, corpos meio-vestidos, corpos nus.

Recentemente morto, corpos e corpos em decomposição.

Corpos, partes do corpo e

peças que costumava estar dentro de corpos, mas já não estavam.

Enfiei os pés na massa viscosa, fedorenta, e meus pés não encontraram nenhum fundo — continuei afundando. Nada de agarrar-me a algo para conseguir sair, exceto corpos, que deslizaram para baixo comigo. Fiquei cara a cara com um corpo que eu afundei — era um corpo novo,

uma mulher na casa dos trinta, possuía cabelos loiros que estavam endurecidos com sujeira e sangue, dois olhos negros, uma bochecha inchada do tamanho do meu punho, a pele dela ainda estava ruborizada, lábios cheios. Ela não podia ter sido morta mais que algumas horas.

Afasto-me para longe. Preferia enfrentar uma dúzia de corpos

em decomposição do que
aquele que parece tão vivo.

Estou afundando, os corpos
cobrindo até a altura do meu
ombro. Eu vou ser sufocado
por restos humanos. Eu vou
afogar-me em morte. É tão
ridiculamente metafórico,
quase dou uma gargalhada.

Então eu sinto dedos em volta
do meu pescoço.

Em seguida, um
definitivamente não-cadáver
sussurra, colocando os lábios
contra o meu ouvido:

— Não faça barulho, Ben. Se
finja de morto.

Ben? Eu tento virar a cabeça.
Não tenho sucesso. O seu
aperto é muito forte.

— Nós temos uma tentativa.

— a voz sussurra. — Então

não se mova. Ele sabe onde
estamos agora e está vi

27

Uma sombra se eleva à beira
do abismo, uma silhueta
contra o brilho das estrelas,
uma figura pequena, sua
cabeça inclina-se para um
lado, ouvindo. Eu nem sequer

pensei duas vezes: eu segurei o fôlego e fiquei paralisado, observando-o através das pálpebras semicerradas. Ele está segurando um objeto de aparência familiar em sua mão direita. Uma faca de combate KABAR, instrumento padrão de todos os recrutas.

Os dedos da mulher soltaram-se na minha garganta. Ela foi embora mancando, também.

Em quem eu confio? nela,
nele ou em nenhum dos dois?

Trinta segundos se passam,
um minuto, dois. Eu não me
mexo. Ela não se move. Ele
não se mexe. Não serei capaz
de segurar a minha respiração
- ou adiar a decisão - por
muito mais tempo. Eu vou ter
que respirar ou dar um tiro em
alguém. Mas meus braços
estão enredados com os
mortos, e de qualquer forma,

perdi o rifle quando caí. Nem sei onde ele caiu.

O padre que trocou o crucifixo por uma faca fala.

— Eu vejo o seu rifle, filho. —
ele diz. — Venha para cima.
Não há nada a temer. Eles
estão todos mortos e sou
completamente inofensivo. -
Ele se ajoelha na borda do
Ossuário e estende sua mão
vazia. - Não se preocupe,

você pode ter sua arma de volta. Não gosto de armas. Eu nunca usei uma.

Ele sorri. Então a senhora não-morta o pega pelo pulso e o joga, ele voa e aterrissa na cova. Ela levanta a arma, aponta pra ele e fala:

— Então você vai odiar isto—
ela explode a cabeça do padre.

Não tenho certeza, mas acho que essa é minha deixa para sair daquele buraco.

28

Eu perdi meu rifle. E de alguma forma, a senhora não-morta estava com a arma.

Não faço ideia se ela salvou minha vida, ou apenas começou com o padre e eu sou o próximo.

Pegar e empurrar corpos para fora de uma vala era algo comum no acampamento. Em circunstâncias normais, se você encontrar-se até o pescoço de pessoas mortas, as chances de que você é um são as mesmas.

— Não vou te machucar. —
ela diz. Ela sorri largamente e
isso deve ter doído com uma
bochecha quebrada.

— Então largue a arma.— Ela
faz, imediatamente. Ela
mantém as mãos erguidas.

— Como você sabe meu
nome?— Pergunto. Saiu mais
como um grito, na verdade.

— Marika disse-me.

— Quem diabos é Marika?—

Eu coloco a mão na pistola.

Ela não faz nenhum
movimento para me impedir.

— A menina atrás de você.

Rapidamente giro para a
esquerda, mantendo-a na
minha visão periférica. Não há
ninguém atrás de mim.

— Olha, senhora, eu estou
tendo um dia ruim. Quem é
você e quem era aquele cara

que matou... e onde está a Teacup? Cadê a Especialista?

— Eu já disse, Zumbi. — Ela dá uma risadinha emocionante. — Ela está atrás de você.

Subo a arma ao nível dos olhos dela. Não estou mais assustado ou confuso. Só estou com raiva. Não sei se ela é a silenciadora das cavernas e realmente não me

importo. Estou matando todo e qualquer estranho que apareça no meu caminho, até encontrar alguém que não é um.

Eu sei o que está acontecendo. Jesus Cristo, claro que sei. Eu sabia antes de sair do esconderijo. Foi tudo por nada, nada. Dumbo vai morrer por nada, porque Teacup não está ali. Ela está mentindo, as duas estão

nesse emaranhado de corpos. Elas não são nada, como os 7 bilhões de outros nada que dividem moléculas aleatórias de nada. E eu vou ajudar. Eu vou fazer a minha parte. Eu vou matar o desgraçado que é idiota ou azarado o suficiente para cruzar o meu caminho.

Eles queriam um assassino, frio e irracional para deixar à solta no mundo. Eles queriam um Zumbi. Agora eles têm um.

Eu aponto para aquela idiota
que sorri de orelha a orelha, e
aperto o gatilho.

29

ESPECIALISTA

Provavelmente vou me arrepender disso.

Manter Constance ao meu redor é como ter uma víbora na cama com seus filhos.

Você acaba correndo o risco de ferir as crianças mais do que a cobra.

Então, quase deixei Zumbi fazê-lo. Era tentador. Mas um milésimo de segundo antes de a bala sai do cano, estendi minhas mãos e bati em seu cotovelo, impedindo o tiro. A arma estava nas minhas mão quando ouvi o som da bala.

Ele girou, sua mão estava em punho, pronto para me atacar, apontando diretamente para minha cabeça. Eu o empurrei.

Zumbi bateu o ombro com o impacto - foi como se ele tivesse batido num muro - ele abriu a boca e seus olhos cresceram com espanto e incredulidade, uma reação tão clichê e previsível, que ele quase consegue: ele quase me faz abrir um sorriso.

Quase.

— Esp?— diz ele.

Eu aceno.

— Sargento.

Seus joelhos cedem. Ele se joga em cima de mim e pressiona seu rosto contra o meu pescoço, por cima do ombro, eu posso ver Constance sorrindo para nós. Não tenho a certeza de quem está segurando quem neste momento.

Usando o 12º sistema, eu me deito em seus braços. Onde

houver dor, dou conforto.

Onde houver medo,
esperança. Onde houver ódio,
paz.

— Está tudo bem. — digo-lhe,
olhando para Constance. —
Ela está comigo. Você está
seguro agora, Zumbi. Estamos
todos seguros.

Minha primeira mentira para
ele. Não será a última.

30

Ele se separa de mim, mas continua segurando os meus braços. Seus olhos vagueiam sobre o campo, a estrada, os os galhos das árvores. Ele quer fazer a pergunta, mas ao mesmo tempo não quer. Fico tensa, esperando a pergunta. É cruel fazê-lo dizer isso em voz alta?

— Teacup?

Eu balanço a cabeça
negativamente.

Ele acena. Solta o ar que eu
nem sabia que ele estava
segurando e respira fundo.
Encontrar-me era uma
espécie de milagre, e quando
acontece um milagre, você
espera outro.

— Que merda. — ele
resmunga. Desvia o olhar.

Campos, estrada, árvores. —
Ela escapou de mim, Esp. —
Ele dá-me um olhar duro. —
Como?

Eu disse a primeira coisa que
me veio à cabeça.

— Um deles. — Eu aceno em
direção ao poço. A segunda
mentira. — Nós temos nos
esquivado durante todo o
inverno.— A terceira. É como
se eu tivesse caído dentro de

um penhasco — ou
empurrado Zumbi. Com cada
mentira, ele se afasta de mim,
acelerando a nossa queda.

— Mas não Cup. — Ele dá
alguns passos até o poço e
para, analisando a massa de
restos em decomposição. —
Ela está aqui?

Constance salta no meio da conversa. Não sei por qual motivo.

— Não. Demos-lhe um enterro decente, Ben.

Zumbi Olha para ela.
Carrancudo.

— Quem. Diabos. É você?

O sorriso dela se expande.

— Meu nome é Constance.
Constance Pierce. Desculpa.

Eu sei que não nos
conhecemos, mas parece que
te conheço. Os assuntos das
conversas de Marika
praticamente são todos sobre
você.

Ele olha para ela por um
segundo.

— Marika— ele ecoa.

— No caso, eu — digo-lhe.

Agora ele olha para mim.

— Você nunca me disse que seu nome era Marika.

— Você nunca perguntou.

— Eu nunca...?— Ele engasga uma risada sem humor e acena com a cabeça. Então, sem mais uma palavra, ele cai no poço. Corro para a borda, pensando que ele perdeu a cabeça, que tenha dado uma de Dorothy, pois morte do Teacup foi a gota

final, uma gota minúscula que resultaria em costas quebradas. Por que ele iria saltar lá dentro? Então eu o vi pegar seu rifle, colocá-lo sobre o ombro e rastejar para a borda. Coloco meus dedos em torno dos seus, tentando acalmá-lo.

— Onde estão os outros?—
ele exige.

— Outros? — Essa palavra é carregada.

— Sobreviventes. Estão nas cavernas?

Eu balanço a cabeça.

— Não existem outros sobreviventes, Zumbi.

— Apenas Marika e eu. —

Constance murmura. *Por que ela tem que ser tão alegre?*

Zumbi a ignora.

— Dumbo foi baleado — ele me avisa. — Eu o deixei em Urbana. Precisamos ir lá.

Ele solta minhas mãos e passa por mim em direção à estrada, sem olhar para trás. Constance está me observando.

— Meu! Ele não é uma gracinha?

Digo a ela para se foder.

31

Caminhei ao lado dele.

Constance estava há alguns metros longe da gente — ao

alcance da voz humana normal, mas Constance não é um ser humano normal. Zumbi caminhava com ombros curvados, a cabeça projetada para a frente, olhos movendo-se para cima, para baixo, de lado a lado. A estrada se estendia diante de nós, cortando terras agrícolas de rolamento que nunca serão terras novamente.

— O Teacup fez foi escolha dela— , eu digo. — Não é culpa sua, Zumbi.

Ele me olhou com olhos semicerrados, e disse em seguida:

— Por que você não voltou?

Respire fundo. Tempo para mentir novamente.

— Muito arriscado.

— Sim. Bem... É tudo sobre o risco, não é? — Em seguida:

— Pão de Ló está morto.

— Impossível. — Eu vi a fita de vigilância. contei as pessoas na casa segura. Se Pão de Ló estava morto, quem é a pessoa extra?

— Impossível? Sério? — ele diz. — Você acha mesmo?

— O que aconteceu?

Ele acena a mão para mim,
como se estivesse afastando
um mosquito.

— Tivemos um probleminha
depois que você saiu. Longa
história. Resumindo: Walker
nos encontrou. Vosch
encontrou-nos. Um silenciador
nos encontrou. Em seguida, o
bolo explodiu.— Fechou os
olhos brevemente, depois
abriu novamente. — Nós
passamos o resto do inverno

em um esconderijo do
silenciador morto. Nos resta
quatro dias resta, por isso é
que Bo e eu decidimos vir
encontrar vocês. — Ele
engole a seco. — Por isso que
eu decidi.

— Faltam quatro dias para o
que?

Ele olha para mim, e o sorriso
que brota no seu rosto é
assustador.

— O fim do mundo.

Depois ele me diz o que aconteceu em Urbana.

— O que acha sobre isso, hein?— Ele pergunta. — Minha primeira vítima da guerra, é uma aleatória Senhora dos Gatos.

— Só que ela não era aleatória e não era uma Senhora dos Gatos.

— Eu nunca vi tantos gatos.

— Senhoras dos Gatos não comem seus animais de estimação.

— Fornecimento de comida à mão, no entanto. Acho que depois de um tempo os gatos ficariam sábios.

Ele soa como o velho Zumbi, o que deixei para trás em um hotel infestado de ratos vestindo um moletom amarelo ridículo enquanto ele flertava

comigo. A voz é a mesma,
mas a aparência é errada:
olhos inquietos privados de
sono, boca acinzentada
voltada para baixo, bochechas
camufladas em sangue seco.
Ele olha para trás, para aonde
estava Constance, então
abaixa a cabeça ligeiramente
e abaixa a voz.

— Então, qual é a sua
história?

— A típica. — Eu começo. Aí vem mentira número cinco. — Andamos por Praga em Urbana, em seguida, seguimos para o norte para as cavernas. Mais de duzentas pessoas foram escondidas lá após a primeira neve da estação. Então o padre apareceu. Por volta do Natal — Eu acrescento, um detalhe bem irônico. Você não pode

ter uma boa história sem um ou dois deles.

— Ninguém entendeu no início. Algum deles sumiam em uma noite, e todos pensavam: bem, talvez eles entraram em pânico e pegaram a estrada. Então, um dia, eles acordaram e perceberam mais da metade da população estava desaparecida. Você sabe o que aconteceu depois, Zumbi.

Paranoia. As pessoas formaram facções, as alianças. Sua resposta tribal básica. Esta pessoa é acusada. Dedos apontando em todos os lugares, e no meio de tudo isso, este padre tentando manter a paz.

Eu fico agitada. Adiciono detalhes, nuances, um trecho do diálogo aqui e ali. Estou surpreendida por quão facilmente as besteiras fluem

da minha boca. Mentir é como um assassinato, após a primeira, cada uma que vem em seguida é mais fácil.

Eventualmente, inevitavelmente, o padre torna-se o silenciador que ele é. Segue-se o caos. Quando que os sobreviventes percebem que não são páreo para ele, é tarde demais. Constance mal consegue escapar, retornando à Urbana

e pulando de uma casa abandonada para outra casa abandonada, por pura sorte, fica em uma área entre o território da Senhora dos Gatos e do Padre - um lugar que raramente é patrulhado por qualquer um deles.

— É aí que nos encontramos.

— Digo a ele. — Ela me alertou sobre as cavernas, e desde então nós temos sido...

— Teacup. — Ele me interrompeu. Ele não dá a mínima para as aventuras de Constance e Esp. — Conte-me sobre Teacup.

— Ela me encontrou— eu digo sem pensar. A verdade. Agora para a próxima mentira.

Sexta? Sétima? Já perdi a conta. Esta mentira transferiu a carga dos seus ombros curvados para aqueles a que pertencia.

— Estávamos ao sul de Urbana. Eu não sabia o que fazer. Não queria arriscar trazê-la de volta. Não queria arriscar levá-la comigo. Em seguida, essa escolha foi tirada de mim.

— Senhora gato. — ele respirou fundo.

Eu aceno, aliviada.

— Assim como Dumbo, a nossa Teacup não teve tanta sorte.

Veja, Zumbi, eu sou a única que a perdeu e você é o único que vingou ela. Não é exatamente a absolvição, mas é o mais próximo que eu posso dar-lhe.

— Diga-me que foi rápido.

— Foi rápido.

— Diga-me que ela não
sofreu.

— Ela não sofreu.

Ele vira a cabeça e cospe na
estrada. Um mau gosto na
boca.

— Um par de dias, você disse.
Vou checar se está seguro e
vou estar de volta em um par
de dias.

— Eu não faço as regras,
Zumbi.

— Oh, pegou as probabilidades e encheu-se delas. Você deveria ter voltado. Seu lugar é com a gente, Esp. Nós somos tudo que você tem e você nos deixou.

— Isso não é o que aconteceu e você sabe disso.

Ele para de repente. Por baixo da máscara cor de ferrugem, o

rosto é um vermelho mais profundo.

— Você não pode fugir das pessoas que você precisa.

Você lutar por elas. Você luta ao lado delas. Não importa o custo. Não importa o risco. — Ele cospe a palavra.— Achei que você tinha entendido isso.

Você me disse em Dayton o que você era. Você disse que era uma especialista no que importava, e eu acho que você

é, porém o que importa é
salvar a si mesma enquanto o
resto do mundo queima.

Eu não digo nada, porque ele
não está falando para mim. Eu
sou o espelho.

— Você não deveria ter
saído— ele continua. —
Precisávamos de você. Se
você não tivesse saído,
Teacup ainda estaria viva. E
se você voltasse, Pão de Ló

poderia estar vivo. Em vez disso, você decidiu sair com uma maldita estranha para o inferno, e agora o sangue de Dumbo está em suas mãos, também. — Ele enfia um dedo na minha cara. — Se ele morrer, a culpa é sua. Dumbo veio procurar por você.

— Hey, crianças, está tudo bem?— Constance interveio, seu sorriso murchou a um sorriso em causa.

— Oh, claro— diz Zumbi. —
Nós estávamos discutindo
onde devemos ir para o jantar.
Um chinês está bom para
você?

— Bem, realmente seria bom
fazer um pequeno almoço—
Constance responde
brilhantemente. — Eu comeria
umas panquecas.

Zumbi olha para mim.

— Ela é divertida. Grande diversão você deve ter tido neste inverno.

O sorriso preocupado de Constance desaparece. O lábio inferior treme. Então ela começa a chorar e olha para baixo no asfalto, descansando os cotovelos sobre os joelhos e enterrando seu rosto quebrado em suas mãos. Zumbi fica em silêncio por um

longo, momento
desconfortável.

Eu sei o que ela está fazendo:
A melhor maneira de quebrar
os laços de desconfiança é
simpatia humana natural.
Constance já matou mais
pessoas do que o ódio.

Quando o último dia chegar
para Zumbi, não haverá uma
pessoa para o trair, será seu
coração.

Ele olha para mim. O
que há com essa mulher?

Eu dou de ombros. *Quem sabe?* Minha apatia é um combustível para sua piedade, e ele dá a ela, fica de cócoras ao lado dela.

— Ei, olhe, eu estava sendo um idiota, eu sinto muito.

Constance murmura algo que soa como panquecas. Zumbi toca seu ombro gentilmente.

— Hey, Connie... É Connie, certo?

— Con-*stan*-*stan*...

— Constance, certo. Eu tenho um amigo, Constance. Ele está machucado, é realmente muito ruim e eu preciso voltar a ele. Agora. — Esfregando o ombro.— Tipo, agora mesmo.

Isso me faz mal e meu estômago reage. Eu me afasto. Do outro lado do horizonte ao leste, há uma barra de brilho rosa berrante. Outro dia mais perto do fim.

— Eu só, eu só não sei se eu posso fazer alg-g-go—

Constance está gemendo, de pé agora e inclinando-se todo o seu corpo em Zumbi, uma mão em seu ombro, uma menina não tão jovem em

aflição. Se eu tivesse que dar Constance um *nom de guerre*, eu iria colocar Puma.

Zumbi me dá uma olhada: *Um pouco de ajuda aqui?*

— Claro que você pode fazer mais— eu digo a ela, meu estômago ainda está revoltado. Eu gostaria que o *hub* desse um aperto em meu intestino.— E então você vai demorar um pouco mais,

em seguida, um pouco mais, e depois um pouco mais.— Eu puxo-a para fora dele, não gentilmente. Ela soluça alto.

— Por favor, não ficar triste significa para mim, Marika— ela choraminga. — Você é sempre tão má.

Oh meu Deus.

— Aqui— Zumbi diz, pegando o braço dela.

— Ela pode andar comigo.
Você deve estar cobrindo a
parte traseira de qualquer
maneira, Esp.

— Oh, sim. — ronrona
Constance.

— Cubra a parte traseira,
Marika!

O mundo gira. Eu só vejo a
terra abaixo. Eu tropeço
alguns metros fora da estrada
e dobro-me, no ponto em que

tudo no meu estômago sai em um jorro violento.

Há uma mão nas minhas costas: Zumbi.

— Ei, Esp o que o diabos?

— Eu estou bem. — eu suspiro, tirando sua mão.—

Deve ser o coelho mal cozido.— Outra mentira e nem mesmo era uma condição necessária.

33

Meio da manhã, no centro da cidade de Urbana, sob um céu sem nuvens, a temperatura mais ou menos perto dos 40 graus. Você pode sentir. Primavera.

Zumbi e Constance foram até a cafeteria enquanto eu cobria a rua. Na entrada, ouvi um grito assustado de Zumbi, e então ele apareceu, deslizando até mim todo coberto de café.

— O quê?

Ele me ignora, passa por mim e corre até a rua, vai em direção à direita, depois à esquerda, em seguida,

novamente à direita. Constance vem até mim e diz.

— Aparentemente o garoto sumiu.

No meio da rua, Zumbi começa a gritar o nome de Dumbo. Como se zombasse dele, o eco ricocheteia de volta para ele.

Eu ando e paro ao seu lado.

— Gritar provavelmente não é uma boa ideia, Zumbi.

Sua resposta é um par de olhos arregalados, incompreensíveis.

Então ele vira e corre sem direção pela rua, chamando seu nome várias

vezes, *Dumbo! Dumbo!* e *Dumbo, imbecil, onde você está?* Ele volta até onde estamos depois de andar alguns quarteirões, sua respiração está descontrolada e ele está tremendo de pânico.

— Alguém o levou.

— Como você sabe?- Pergunto.

— Você está certa, eu não. Obrigado para a verificação da realidade, Esp. Ele provavelmente se levantou e correu até a casa, exceto pelo fato de inconveniente que ele foi baleado pelas costas.

Ignoro o sarcasmo.

— Não acho que alguém o levou,
Zumbi.

Ele ri.

— Ah, é mesmo. Esqueci-me. Você é aquela que tem todas as respostas. Vai, o suspense está me matando. O que aconteceu com o Dumbo, Esp?

— Não sei- eu respondo. — Mas eu não acho que alguém levou-o, porque não há ninguém para fazer isso. Sua senhora gato teria visto.

Eu começo a descer a rua. Ele me olha por alguns segundos, em seguida, grita nas minhas costas.

— Onde diabos você está indo?

— Para a casa segura, Zumbi. Não disse que era ao sul, na rodovia 68?

— Inacreditável!— Ele começa a proferir uma torrente de maldições. Eu continuo andando. Em seguida, ele grita: — Que diabos aconteceu com você aqui, afinal? Onde a Esp que me disse que todos importam?

— Má— Constance sussurra para ele. Eu ouço claramente. — Eu te disse.

Eu continuo andando.

Cinco minutos depois, encontro Dumbo jogado na base de uma barricada que se estende de calçada para calçada do outro lado principal. Pergunto-me como ele chegou até ali, quase dez quarteirões de onde ele foi atingido - é extraordinário. Eu ajoelho-me ao lado dele e pressiono os dedos contra o pescoço dele. Eu assobio alto. Quando Zumbi chega correndo à cena, ele está sem fôlego

e pronto para entrar em colapso. Em seguida Constance aparece atrás dele.

— Como diabos ele conseguiu chegar aqui?— Zumbi fala perplexo. Ele olha ao redor descontroladamente.

— Da única maneira que ele pôde — Eu respondo. — Ele rastejou.

34

Zumbi não perguntou por que Dumbo arrastou-se por dez quarteirões com muita dor e com uma bala cravada nas costas. Ele não perguntou... porque ele sabe a resposta. Dumbo não estava fugindo do perigo ou à procura de ajuda: Dumbo estava à procura de seu sargento.

É mais do que Zumbi possa suportar. Ele cai contra a barricada, engolindo

ar, o rosto levantado para o céu. Perdido, encontrado, morto, vivo, o ciclo se repete. Não há escapatória, não há nenhum alívio. Zumbi fecha os olhos e espera que sua respiração desacelere, que seu coração para firmar. Faz uma pequena pausa antes de começar novamente: a próxima perda, a próxima morte.

Sempre foi assim, eu queria dizer-lhe. Podemos suportar o insuportável. Nós suportamos o insuportável. Fazemos o que deve ser feito até que nós mesmos estamos arruinados.

Eu abaixo-me ao lado de Dumbo e levanto sua camisa. O curativo está encharcado. A embalagem sob a bandagem está saturada. Se ele não estava sangrando antes, está agora. Levo minha mão até seu rosto pálido. Sua pele está aparentemente bem, mas eu vou buscar algo mais profundo do que a pele. Eu vou até ele. Ao meu lado, Constance me observa, ela sabe o que estou fazendo.

— É tarde demais? — ela sussurra.

Dumbo sente-me dentro dele. Suas pálpebras vibram, sua boca abre-se.

No crepúsculo de sua consciência,
uma pergunta, uma necessidade
dolorosa. Eu vou onde quer que vá.

— Zumbi — eu murmuro. — Diga
algo a ele.

Para viver, Dumbo necessitava de
uma transfusão de sangue. Ele não
teve uma.

Mas ele não rastejou dez
quarteirões, sentindo dor, por isso.
Não é por isso que ele aguentou.

— Diga que ele conseguiu, Zumbi.
Diga que ele o encontrou.

Há uma luz que cintila ao longo da
borda escura de um horizonte
infinito. Nessa luz o coração
encontra o que o coração procura.
Nessa luz, Dumbo vai onde quer que
seu amado Zumbi vá. Nessa luz, um
garoto chamado Ben Parish encontra
sua irmã caçula. Nessa luz, Marika
salva uma garotinha chamada
Teacup. Aquela luz são promessas
mantidas, sonhos realizados, tempos
redimidos.

E a voz do zumbi, acelerou a ida de
Dumbo em direção à luz:

— Você conseguiu, soldado. Você me encontrou.

Sem escuridão, indo para baixo. Não há nenhuma queda interminável.

Tudo era luz quando eu senti a alma do Dumbo quebrar o horizonte.

Perdido, encontrado, e cheio de luz.

Parte III – 35

III - O Terceiro Dia

ZUMBI

Eu não deixarei Dumbo apodrecer
onde ele caiu. Não vou deixa-lo para

os ratos, os corvos e as varejeiras. Não vou queimá-lo, também. Não abandonarei seus ossos para serem escolhidos e espalhados por abutres e parasitas.

Vou cavar um túmulo para ele na terra fria. Vou enterrar seu kit de primeiros socorros com ele, mas não colocarei nenhuma arma. Dumbo não era um assassino, ele era um curandeiro. Ele salvou minha vida duas vezes. Não, três vezes. Eu tenho que contar com a vez em que Esp atirou em mim naquela noite em Dayton.

Existem dezenas de bandeiras desbotadas presas ao longo da barricada. Vou marcar seu túmulo com elas. O tecido ficará branco. As cavilhas de madeira cairão e decairão lentamente. Isso se Walker não explodir a nave-mãe, pois as bombas que estão vindo não vão deixar nada para trás — sem bandeiras, sem sepultura, sem Dumbo.

Então a terra vai absorvê-lo e grama crescerá sobre meu amigo, cobrindo-o em um cobertor de verde vívido.

— Zumbi, não temos tempo. — Esp
me avisa.

— Há tempo para isso.

Ela não retrucou. Tenho certeza que existem dezenas de argumentos que ela poderia sacar, mas ela manteve-se calada.

Já passava do meio-dia quando que terminei. Santo Deus, O maldito dia transformou-se em um belo dia, o céu estava admirável. Sentamos no monte de terra recentemente feito, arranquei o resto das minhas barras de energia para compartilhar. Esp deu algumas mordidas na dela, em

seguida, empurrou o resto no bolso do seu casaco.

— O coelho? — Perguntei.

Ela resmunga um sim. A mulher chamada Constance devora sua barra. Por falar em coelhos: seus olhos movem-se ao redor e seu nariz treme, como se ela estivesse cheirando o ar, tentando sentir o perigo. O rifle de Dumbo está no chão ao lado dela. Ela se recusou a levá-lo de início. Disse que tinha um problema com armas. Tipo, sério? Como ela conseguiu viver tanto tempo?

Outra coisa estranha: um o padre silenciador tinha dito algo muito semelhante sobre armas — mesmo antes de Constance explodir a cabeça dele com a minha.

— Alguém quer dizer alguma coisa?— Pergunto.

— Eu mal o conhecia— Esp responde.

— Eu não sabia nada sobre ele. — diz Constance. Talvez ela pense que isso soou duro, porque ela acrescenta, — Coitado.

— Ele era de Pittsburgh. Ele amava o Packers. Videogame. Ele era um gamer.— Eu respirei fundo. Droga. Não parece muito. Nada, realmente. — Call of Duty. Ele era MGL.

Esp diz: — Ironia.

— Tenho certeza de que ele era um menino muito doce. — Constance entra na conversa.

Eu balanço a cabeça.

— Nem sabia o nome verdadeiro dele. — Então me dirijo a Esp: — É só eu e você agora.

— O que você que dizer?

— Esquadrão 53. Nós somos os últimos.— Estalo os dedos. — Meu Deus, esqueci do Nugget. Três, então. Quem diria, hein? Que seria só nós três. Bem, em você eu acredito, eu apostaria meu dinheiro em você, se o dinheiro ainda valesse alguma coisa. Ou meu julgamento. Nugget... Jesus, daquele garoto indestrutível. Mas eu? Nunca. Nunca em um milhão de anos eu apostaria em mim. Eu deveria ter morrido tantas vezes, que eu já perdi a conta

— Está aqui por um propósito.—

Constance se inclina para mim e

aponta para o meu peito. — Há um lugar especial planejado para você.

— Que plano? Do Vosch?

— Deus!— Ela olha para Esp, em seguida olha de volta para mim. — Um lugar para todos nós.

Estou olhando o monte de terra aos meus pés.

— Qual era o lugar dele nesse mundo? Qual o propósito que Deus tinha para Dumbo? Levou o tiro por mim para que eu conseguisse meu propósito, que inferno de plano é esse?

— Eu acho que tem razão, Zumbi—
diz Esp. — Não tem significado. É
apenas sorte.

— Certo. Sorte. A minha é ruim. A
sua é boa. Como tropeçar em
Constance escondido em um buraco
e, em seguida, você tropeçar em nós
dois.

— Sim. Desse jeito.— Seu rosto está
branco.

— Falando em probabilidades. Você
sabe o que isso se parece, Esp?

— O que, Zumbi?— A voz dela sai
sem inflexão, sem emoção.

— Um daqueles momentos que sempre aparece nos filmes. Você sabe o que estou falando. A coisa que você faz balançar a cabeça e não ir de jeito nenhum. Os mocinhos aparecem em cima da hora. Os bandidos são mais espertos. Estraga tudo para você. Leva tudo à merda. O mundo real não funciona desse jeito.

— É cinema, Zumbi — diz Ringer. Mantendo-se impassível. Ela sabe aonde isso vai. Ela sabe. Nunca conheci ninguém mais inteligente. Ou mais assustadora. Algo sobre essa garota assusta-me. Sempre,

desde o primeiro dia que a vi no acampamento, me observando fazer flexões no pátio até o sangue escorrer sob minhas mãos. O jeito que ela olha para você, força você a abrir-se, como um peixe no bloco de corte. É frio. Não é o frio de um freezer ou o frio deste Inverno interminável de merda. O frio do gelo seco. O frio que queima.

— Oh, os filmes!— Constance chora baixinho. — Como eu gostava de filmes!

Já chega. Eu tive o suficiente. Minha arma levanta até o nível da cabeça de Constance.

— Toque nesse rifle e vou te matar. Mova-se uma polegada e você vai morrer.

36

A boca de mulher se escancarou. As mãos dela voaram em seu peito. Ela começou a dizer alguma coisa e segurou em minha mão livre.

— E nada de falar. Falar também vai te matar. — Falei olhando para Esp, mas mantendo a atenção em Constance: "Pode jogar limpo comigo, agora. Quem é esta mulher?"

— Eu te disse, zumbi

— Você é boa em muitas coisas, Esp, mas você não é boa em mentir.

Algo está seriamente distorcido aqui.
Diga-me o que é e não vou eliminá-la.

— Estou sendo honesta. Pode confiar nela.

— A última pessoa que eu confiei jogou gato ensopado na minha cara.

— Então não confie nela. Confie em mim.

Olho para ela. Rosto pálido, olhos mortos e carregados daquele frio que queima.

— Zumbi, eu nunca mentiria para você. — diz Esp. — Sem

Constance, eu não teria durado nesse inverno.

— Sim, me diga como você fez isso. Diga como você sobreviveu um inverno inteiro no lugar mais óbvio, escondida dentro do território do silenciador sem congelar até a morte, morrer de fome, ou ser esfaqueada até a morte. Diga-me.

— Porque eu sei o que precisava ser feito.

— Hein? O que diabos isso significa?

— Eu juro, Zumbi, ela está bem. Ela é uma de nós.

A arma está tremendo. Isso porque a minha mão está tremendo. Coloco a outra mão sob a arma para apoiar o meu pulso.

Constance lança um olhar para Esp.

— Marika.

— Ok, tem isso também!— Eu grito.— Você nunca diria o seu nome, nem em 1 milhão de anos. Merda, você não disse nem a mim.

Esp desliza para o espaço entre mim e Constance. Os olhos dela não estão tão mortos agora, seu rosto não tão está pálido. Eu já vi esse

olhar uma vez antes, em Dayton, quando ela sussurrou: *Ben, somos a 5ª onda*, determinada a me convencer, desesperada para eu acreditar.

— Como sabe que ela é uma de nós, Esp?— Pergunto. Bem, estava mais pra implorar. — Como você pode saber?

— Porque eu estou viva. — ela responde, estendendo sua mão.

A coisa mais segura — para mim, para ela, para as pessoas que deixei na casa segura — é ignorar Esp e matar a mulher. Eu não tenho

escolha. O que significa que não tenho nenhuma responsabilidade. Eu não posso ser responsabilizado por seguir as regras que o inimigo estabeleceu.

— Afaste, Esp.

Ela balança a cabeça. Sua franja escura se move junto com o movimento.

— Isso não vai acontecer, Sargento.

Seus olhos escuros estão grandes e arregalados, sua boca forma uma linha fina, seu corpo inclina-se para mim, a sua mão está esperando a

arma que treme na minha. Arrisquei tudo para resgatá-la e droga, ela não está se arriscando para salvar-me.

Os outros tem soltado mais de um tipo de silenciador no mundo, mais de um tipo de infestados. Eu o senti dentro de mim, querendo rasgar minha alma em duas. E eles não precisaram vir de um zilhão de anos-luz para trazê-lo aqui. Ele sempre esteve lá dentro, no interior.

— O que está acontecendo conosco, Esp?

Ela acena: ela sabe exatamente onde eu estou dizendo. Ela sempre sabe.

— Nós ainda temos uma escolha. —
ela responde. — Eles querem que acreditemos que não sabemos, mas é uma mentira, zumbi. A maior delas.

Atrás dela, Constance choraminga.

— Eu sou humana.

É dessa maneira que eu sou abatido. *Eu sou humana.*

— Nem sei o que isso significa—
digo para Esp, para mim mesmo,
para ninguém e para todos.

Mas, eu largo a arma na mão aberta
de Esp

37

SAM

A porta se abriu e Cassie apareceu
na varanda, segurando seu rifle.

— Sam! Rápido, vá acordar Evan.
Alguém...

Ele não esperou o resto. Ele correu pelo corredor para o quarto do Evan. Zumbi tinha voltado, Sam tinha certeza disso.

Evan não estava dormindo. Ele estava sentado na cama, olhando para o teto.

— O que houve, Sam?

— O Zumbi está de volta.

Evan sacudiu a cabeça. *Como é possível?* Então ele deslizou da cama, pegou seu rifle e seguiu Sam

pelo corredor, indo até a sala de estar.

Ao chegarem Cassie estava dizendo:

— O que quer dizer, Dumbo sumiu?

Estavam lá Zumbi, Esp e uma estranha na sala com Cassie. Dumbo não estava lá. Teacup também não estava lá.

— Está morto. — Esp respondeu, e Sam perguntou em seguida:

— Teacup, também?— Esp assentiu com a cabeça. *Teacup, também.*

Atrás dele, Evan Walker perguntou,

— Quem é essa?— Ele estava falando sobre a estranha, uma mulher mais velha, loira, com um rosto bonito, mais ou menos com a idade da mãe de Sam quando ela morreu.

— Ela está comigo. — disse Esp. — Ela está ok.

A senhora estava olhando para Sam. Ela sorria demais.

— Meu nome é Constance. E você deve ser o Sam. O soldado Nugget. É um prazer conhecê-lo.

Ela estendeu a mão dela. O pai dele ensinou-lhe a sempre apertar a mão com firmeza. *Um aperto bom e forte Sam, meu garoto, mas não aperte demais.*

Ele estendeu a mão para a senhora sorridente e o fez, no entanto o aperto tornou-se forte demais. Ela arrastou Sam até seu peito, envolvendo um braço em volta do pescoço, e então, ele sentiu o cano de uma arma pressionando contra sua cabeça.

38

— Isso vai ser tranquilo e fácil— A mulher gritou sobre os gritos misturados – acima dos de Zumbi e Cassie. — Tranquilo e fácil.

Zumbi estava olhando Esp, que olhava Evan Walker, e Cassie olhava para Esp também, em seguida sua irmã disse:

— Você é uma vadia!

— Coloquem as armas ali. — disse a senhora. A voz dela ainda tinha um sorriso. — Empilhem junto à lareira. Agora.

Eles desarmaram-se, um por um.

Cassie disse:

— Não o machuque.

— Ninguém se machucará, querida.

— disse a senhora, sorridente. —

Onde está o outro?

— O outro o quê?— Cassie perguntou.

— Humano. Há mais um. Onde está?

— Eu não sei o que você está falando.

— Cassie. — disse Evan Walker.
Mas seus olhos estavam fixos acima da cabeça do Sam, no rosto da mulher. — Vai buscar Megan.

Ele viu sua irmã mover a boca silenciosamente para Evan Walker: *Faça alguma coisa.*

Evan Walker sacudiu sua cabeça: *Não.*

— Ela não vai sair do quarto. — disse Cassie.

— Talvez ela mude de ideia se você contar a ela que eu vou estourar os miolos do seu irmão.

O rosto de Zumbi estava pálido e endurecido com sangue seco, de modo que ele parecia realmente um Zumbi.

— Isso não vai acontecer. — disse Zumbi. — E agora?

— Então ela atira em Nugget e continua atirando nas pessoas até que Megan sair— Esp responde. — Zumbi, confie em mim.

— Oh, claro. — Cassie disse. —
Excelente ideia. Vamos todos confiar
na Especialista.

— Ela não está aqui para machucar
ninguém. — disse Esp. — Mas ela
vai se ela precisa. Diga-lhes,
Constance.

— Eu. — disse Evan Walker. —
Você veio para buscar-me, não foi?

— A menina, primeiro. — disse
Constance. — Depois conversamos.

Cassie entrevistou. — Tudo bem. Está
falando uma das minhas coisas
favoritas. Mas primeiro, talvez possa

deixar meu irmão ir... E me levar no lugar?— Cassie levou as mãos ao alto, ela estampava seu sorriso falso. Não era um bom sorriso falso. Você podia perceber quando ela estava fingindo, porque ela não parecia amigável, parecia que ela ia vomitar.

O braço da moça apertava feito uma barra de ferro contra sua traqueia, era difícil respirar agora, principalmente com algo pressionando contra suas costas, seu segredo especial, ninguém sabia, nem Zumbi ou mesmo Cassie e nem esta senhora, também.

Sam escorregou sua mão atrás das costas, para o espaço entre ele e Constance.

Ele era um soldado. Ele tinha esquecido o ABC, mas lembrou-se as lições de combate. Foi o que lhe ensinaram. Lembrava-se apenas vagamente do contorno do rosto da mãe dele, mas ele sabia exatamente o rostos de Dumbo de Teacup, do Pão de Ló, do Oompa e do Flintstone. Seu esquadrão. Seus irmãos e irmãs. Ele não conseguia lembrar o nome de sua escola ou da rua que ele viveu. Essas coisas e cem outras coisas se foram para

sempre, são coisas que não importam mais. Só uma coisa importava agora, o grito do campo de tiro e o curso de obstáculos, que forçava as gargantas de seu esquadrão a gritar: Sem misericórdia, nunca!

— Vocês tem quinze segundos. — disse a moça segurando-o. — Não me obrigues a contá-los, é tão melodramático.

Então, a arma estava na mão dele e ele não hesitou. Ele sabia o que fazer. Ele era um soldado.

A arma chutou sua mão quando ele disparou, ele quase a deixou cair. A bala passou

rasgando através do abdômen da mulher e a atravessou enterrando-se nas almofadas do sofá poeirento. O barulho foi muito alto no pequeno espaço, e Cassie gritou. Por um instante terrível, ela deve ter pensado que era arma da mulher que havia disparado.

O tiro não fez com que Constance o soltasse ou quebrasse o domínio sobre seu pescoço. Seu aperto afrouxou, porém, com o choque do

impacto, Sam ouviu o mais ínfimo dos suspiros. Em um piscar de olhos Esp estava sobrevoando a mesa de centro, o braço estava puxado para trás, a mão enrolada em um punho. Os nós dos dedos roçaram sua bochecha antes de pousar contra o lado da cabeça de Constance, e depois, uma mão surgiu arremessando-o para fora do braço em torno de seu pescoço e ele tropeçou no ar livre. Sua irmã estendeu suas mãos para ele e ele se afastou, segurando a arma com as duas mãos, Esp puxou Constance para longe e balançou seu corpo alto

e a jogou sob a mesa de café,
esmagando-a. O vidro explodiu,
madeira, vidro e peças de quebra-
cabeça dispararam em todas as
direções

Constance sentou-se, Esp bateu o
calcanhar da mão no nariz de
Constance. *Pop!* Era possível ouvir
quebrar. Sangue jorrou de sua boca
aberta.

Dedos agarram sua camisa: Cassie.
Ele se afastou. Cassie não fazia
parte de um esquadrão. Ela não
sabia o que significava ser um

soldado. Ele sabia. Ele sabia exatamente o que significava.

Sem misericórdia. Nunca!

Ele passou por cima dos estilhaços da mesa e apontou a arma no meio do rosto da mulher. Um grunhido escapou de sua maldita boca, que depois repuxou-se em um sorriso sem alma. Malditos lábios e dentes sangrentos, e então, ele estava de volta no quarto de sua mãe, e ela estava morrendo da praga, a morte vermelha. Cassie o chamou e ele estava de pé ao lado da cama e ela estava sorrindo com dentes

sangrentos e o rosto manchado com lágrimas de sangue. Ele o viu tão claramente, o rosto que ele tinha esquecido estava sendo visto nitidamente agora.

No instante em que antes ele puxou o gatilho, Sammy Sullivan lembrou-se do rosto de sua mãe, o rosto que lhe tinham lhe tirado. A bala que saiu do cano segurou sua raiva, deu luz a sua dor, continha a soma de tudo o que ele tinha perdido. É como se estivesse conectada a um cordão de prata.

Quando seu rosto explodiu, eles se tornaram um só, vítima e agressor, predador e presa.

39

ESP

O sangue espirrou, cegando-me por um segundo, mas o *hub* retém os dados de localização do Nugget e a posição exata da arma. No momento

em que o segundo expira, a mão dele está vazia, mas a minha não.

No final do próximo segundo, a arma é apontada para o rosto de Evan Walker.

Walker é o eixo, o fulcro sobre o qual descansa nossa sobrevivência. Vivo, ele é um risco inaceitável. Puxar o gatilho pode custar minha vida, eu sei disso. Cassie — até mesmo Zumbi — podem matar-me por matá-lo, mas não tenho escolha. Estamos sem tempo.

Nenhum deles pode ouvi-lo ainda, mas eu posso — o som do

helicóptero vindo do norte, carregado com mísseis Hellfire e um esquadrão com os melhores atiradores do Vosch. A perda de sinal de Constance só pode significar uma coisa.

— Esp. — , Zumbi grita com a voz rouca. — Que merda é essa?

Uma pequena figura corre á minha direita.

Nugget. Eu rapidamente o golpeio com um soco, evitando usar toda a minha força, mas o golpe o lança no peito de Sullivan. Ele cai no chão.

Concentro-me no alvo.

— Ben, não. — Walker diz calmamente, apesar de Zumbi não ter se movido. — Vamos ouvir o que ela quer.

— Você sabe o que eu quero.— Meu dedo pressiona o gatilho.

Não há dúvida de que Walker tem que morrer. É tão óbvio, mesmo Nugget concordaria se ele conhecesse os fatos. Sua irmã, também. Bem, talvez não. Amor é a maior fraqueza. Navalha me ensinou isso.

— Ben! — Walker grita. — Não.

Zumbi não mergulha de frente para a arma. Ele não salta em minha direção. Ele dá dois passos muito lentos, muito deliberados para colocar o seu corpo entre mim e Evan Walker.

— Desculpe, Esp. — Zumbi diz. Inacreditavelmente, ele decidiu sacar o sorriso matador. — Isso não vai acontecer. — Ele levanta os braços como se oferecesse um alvo melhor. — Zumbi, você não sabe....

— Bem, isso é bem óbvio. Eu não sei de nada.

Se fosse outra pessoa. Sullivan ou até mesmo Nugget.

Qual é o custo, Marika? Qual é o preço?

— Zumbi, não há tempo.

— Não há tempo para quê?

Então ele ouviu. Todos escutaram, vindo dentro do alcance da audição humana. O helicóptero.

— Puta merda.— Sullivan engasgou.

— O que é que você fez? O que diabos você fez?

Eu a ignorei. Apenas Zumbi me importava.

— Eles não querem a gente. —
digo-lhe. — Eles querem ele. Não
podemos impedi-los Zumbi.

Se Zumbi mergulhasse apenas meia
polegada. Isso é tudo que eu
preciso, de meia polegada. O
Sistema 12º fará o resto.

Me desculpe, Zumbi. Não há tempo.

O *hub* é travado em. Eu jogaria
aquela rodada. A bala bate na coxa
do zumbi.

Ele deveria abrir caminho para a próxima rodada — o tiro na cabeça do Evan Walker. Ele não o faz.

Em vez disso, ele cai para trás no peito de Walker e Walker envolve seus braços em volta dele, segurando-o, ou usando-o como escudo humano. Sob o som fraco dos rotores do lado de fora, um som ainda mais fraco, o *amp* do paraquedas. Depois outro. Depois outro. *amp, amp, amp, amp,amp*. Cinco ao todo.

Ele me atinge, eu estava apelando para a pessoa errada.

— Largue-o. — digo ao Evan Walker.

— Se você se importa com Cassie,
deixe ele ir.

Mas ele não deixa... E agora estou
sem tempo. Não posso perder
tempo, esse impasse vai custar
nossas vidas.

A 5ª onda está chegando.

40

EVAN WALKER

Só pode haver uma explicação.

O salto do outro lado da sala. A velocidade de suas mãos, a acuidade de sua visão e audição. Há apenas uma possibilidade.

Ela tinha sido melhorada. Um ser humano tinha recebido o presente.

Por quê?

Ela impulsionou-se em direção a janela da frente, cobrindo o

comprimento da sala em três passos, rolando o corpo no ar para atacar o vidro com o ombro dela e, em seguida, desapareceu em um halo de vidro pulverizado e madeira.

Cassie correu imediatamente em direção a ele — ou em direção de Ben, a quem ele ainda mantinha na posição vertical.

— Megan — disse Evan. — Leve-a até o porão.

Cassie acenou com a cabeça. Ela entendeu. Ela agarrou o pulso do irmãozinho dela e puxou-o para o corredor.

— Não! Vou ficar com Zumbi!

— Jesus Cristo, Sam, vamos lá....

Eles fugiram pelo corredor. O helicóptero estava se aproximando, o som dos seus motores fluía através da janela quebrada como as ondas quebrando na praia. Ele soltou Ben e colocou-o por cima do ombro e levou-o para o sofá, passando por cima do corpo que jazia em meio aos resquícios de mesa de café. Ele colocou Ben no sofá e procurou alguma coisa para amarrar a perna e estancar o sangramento. Ele aproximou-se da mulher morta,

ajoelhou-se ao lado dela e rasgou o casaco com capuz que ela usava.

Ele arrancou uma tira, desde a gola até a bainha, e girou de volta. Ben estava olhando para ele, sua face estava pálida, a respiração irregular no peito, entrando em choque.

A bala tinha entrado a perna do Ben logo acima do joelho. Mais para baixo e ele nunca voltaria a andar novamente. Ben não teve sorte, Esp soube atirar com cuidado.

Ben abriu a boca e disse:

— Foi mal. Eu não devia ter trazido elas aqui.

— Você não sabia.— Evan assegurou.

Ben sacudiu a cabeça violentamente.

— Não é desculpa.— Ele bateu com a palma da mão aberta contra as almofadas e poeira explodiu no ar. Ele tossiu.

Evan levantou os olhos para o teto e escutou. Quanto tempo eles têm? Difícil dizer. Dois minutos? Menos? Ele olhou para baixo para Ben, que disse: — Porão.

Evan assentiu com a cabeça.

— Porão.

Ele puxou Ben do sofá e atirou-o por cima do ombro. Onde estava Cassie? Ele trotou descendo as escadas, o rosto de Ben saltando contra suas costas. Ele levou-o para o canto mais distante da sala e o colocou-o no chão de concreto.

— Não espere, Walker.— Ben empurrou a cabeça em direção ao esconderijo de armas.— Se você não atirar nesse caça rápido, não importa se eles estão aqui.

Evan levantou o lançador de míssil do gancho na parede. O helicóptero

devia estar no intervalo. Ele correu no andar de cima, levando os dois de uma vez, o lançador pesava como uma viga de aço em suas mãos. O tornozelo mau cantou com dor. Ele o forçou o máximo que pode.

O corredor estava vazio. O ar vibrava contra sua pele. O Black Hawk estava circulando diretamente acima da casa. Deixá-los aqui em cima e arriscar o tiro? Ou obtê-los lá embaixo e arriscar o míssil?

Ele deixou o lançador cair no chão.

41

Cassie estava batendo na porta do armário e gritando o nome de Megan. Ela foi até Evan quando ele entrou na sala.

— Ela se trancou lá dentro, a pequena vadia!

Ele tirou Cassie de seu caminho e bateu o ombro contra a porta, forçou as dobradiças, mas não teve jeito.

— Cassie, Sam, porão, agora. — ele gritou.

Eles correram da sala. Ele puxou seu pé bom e chutou no meio da porta. A madeira rachou. Mais um golpe.

Rachadura. Mais uma vez.

Rachadura! Três passos para trás e ele pressionou seu ombro contra rachadura. A porta partiu-se ao meio e ele tropeçou através da abertura na escuridão. Um par de olhos bem abertos repletos de terror o observava do canto. Ele estendeu a mão.

— Estamos prestes a explodir,
Megan.

Ela balançou a cabeça. Ela não ia embora, de maneira nenhuma. Ele aproximou-se dela e as suas pequenas mãos enrolam-se em punhos e socaram a cara dele, deixando ali um pequeno arranhão. Ela gritou como se ela estava sendo espancada até a morte.

Ele agarrou seu pulso e puxou. Ela voou no peito dele, depois chutou sua virilha e correu, parando para procurar por algo, depois com dificuldade ela tentou alcançar o

objeto que desejava. Um ursinho de pelúcia entre os maços de roupas.

— Capitão!

Ele agarrou o urso.

— Aqui, eu peguei ele.

O primeiro míssil Hellfire atingiu a casa exatamente dois minutos e vintee dois segundos depois.

42

Evan carregava Megan no colo, já estava na metade da escada do porão quando o choque da explosão atirou-os no ar. Ele chicoteou o corpo ao redor e caiu, sendo que toda a força do impacto ficou sobre ele, não na menina.

Ele bateu no chão de concreto e Megan rolou, saindo do aperto de seu peito e ficou quieta.

Então o segundo míssil atingiu.

Chamas surgiram de baixo de cima. Ele os viu chegando, um brilhante laranja e vermelho aríete. Ele atirou-se sobre a menina, o fogo passou por cima deles. Ele cheirava fumaça, seu cabelo estava chamuscado. Era possível sentir o ar quente da fornalha através da sua camisa.

Ele levantou a cabeça. Do outro lado do porão, ele podia ver Cassie e Sam agachado ao lado de Ben. Ele

rastejou sobre a eles, arrastando Megan junto com ele. Olhos de Cassie se dirigiram a ele como se perguntasse: *ela é...?*

Ele balançou a cabeça: *não*.

— Onde está o lançador?— Ben perguntou. Evan apontou para o teto. Lá em cima. Ou costumava ser, quando havia um andar de cima.

Poeira e teias de aranha desalojadas estavam em torno deles. O teto estava firme por enquanto. Ele duvidava que pudesse suportar mais uma explosão. Ben Parish deve ter pensado a mesma coisa.

— Oh, isso é ótimo. — Ben virou a Cassie. — Vamos todos formam um círculo de oração, rápido, porque nós estamos seriamente fodidos".

— Vai ficar tudo bem.— Evan garantiu-lhe. Ele tocou a bochecha de Cassie. — Não é o fim. Ainda não.

Ele se levantou.

— Eles vieram aqui para uma coisa.

— Ele disse em voz baixa, sua voz quase inaudível acima do inferno de fogo sobre eles. —Eles abriram fogo, pois eles acham que falharam. Eles

pensam que estou morto. Vou
mostrar-lhes que eles estão errados.

Ben balançou a cabeça, mistificado.
Ele não entendia. Cassie, no
entanto, estava com o rosto
escurecido de raiva.

— Evan Walker, não ouse fazer isso
novamente.

— É a última vez, Efemérida. Eu
prometo

43

Fez uma pausa na base das escadas que levavam para as chamas. Atrás dele, Cassie estava gritando, chamando seu nome, xingando-o.

Ele subiu mesmo assim.

Esp deixou claro: *Eles não nos querem. Eles o querem.*

Enquanto caminhava, ele se perguntou se devia ter matado Ben Parish. Ele seria um fardo para Cassie. Lento. Seria uma responsabilidade que ela poderia não ser capaz de suportar.

Ele empurrou o pensamento de sua mente. Tarde demais agora. Tarde demais para voltar atrás. Tarde demais para correr, tarde demais para se esconder. Como a Cassie embaixo do carro, naquele dia, como

Ben quando o campo de extermínio ia implodir, ele enfrentou o que ele pensou que não poderia enfrentar. Ele arriscou tudo para salvá-la antes, mas esses tempos o risco foi medido, calculado, e uma pequena chance surgia sempre que ele pensava que não ia suportar.

Desta vez não. Desta vez ele estava marchando direto para a barriga da besta.

Virou-se uma vez, no topo da escada, mas ele não podia vê-la e não podia ouvi-la. Ela estava perdida em uma névoa de poeira e fumaça e

se arrastando as costas lentamente em uma fina teia de aranha.

Um ciclone agitou-se através dos destroços, o helicóptero desfilou contra o vento, suas lâminas girando lentamente entre a fumaça e em direção ao fogo, ali embaixo parecia um mar vermelho. Ele olhou para cima e viu o piloto no comando, olhando para baixo.

Ele ergueu as mãos e as arrastou para frente. O fogo o rodeava. A fumaça tomou conta dele. Ele atravessou no ar claro e limpo.

Evan Walker estava ainda no meio
da estrada, com as mãos ao alto,
quando o helicóptero desceu

44

ESQUADRÃO 19

De sua posição, cerca de trezentos metros ao norte, a equipe de ataque de cinco membros do esquadrão 19 assistia os fogo de dois mísseis do helicóptero e, em seguida, *bye-bye*, a casa é soprada e afundada em direção ao concreto em um orgasmo de fogo e fumaça.

No fone de ouvido de Leite, a voz do piloto diz:

— Mantenha a sua posição, 19.

Repito, mantenha a posição.

Leite levanta a mão para sinalizar sua equipe: Recuar.

O helicóptero faz um vôo em círculo sobre o alvo. Agachado ao lado de Leite, Pixie suspira alto e se preocupa com sua ocular. A cinta é grande demais para a sua cabeça, de modo que ele não está confortável. Swizz sussurra para ele se calar e Pixie o xinga. Leite manda ambos se calarem.

A equipe Huddles sob o sinal de Havoline caminha ao lado de um velho edifício de tijolo que antes de o mundo ser destruído, tinha sido uma oficina. Pilhas de pneus usados, lixos, peças de motor descartadas e ferramentas, todos espalhados ao

redor do monte como se fossem folhas levadas pelo vento. Os carros, caminhões, veículos esportivos e minivans estão revestidos em poeira e sujeira, com janelas e estofados cheios de bolor, relíquias de um passado irrelevante. A geração após o esquadrão 19 — se houvesse uma geração após — não reconheceria os símbolos estranhos anexados aos postes e nas pinturas enferrujadas dos carros. Em cem anos, ninguém seria capaz de ler o aviso sobre suas cabeças ou mesmo entender que as letras simbolizavam sons.

Como se isso importasse mais.
Ninguém se importa. É melhor não
lembrar. É melhor não saber. Você
não pode chorar pelo que você
nunca teve.

O helicóptero paira sobre os
destroços, e a corrente que desce de
suas lâminas achata a fumaça e as
chamas as empurra para os lados.
Eles apertam os olhos através das
suas oculares, Leite e Pix vão para o
sul em direção ao helicóptero, Swizz
e Snicks para o oeste e Gummy ao
norte. Eles vão esperar que Black
Hawk dê o sinal de saída, em
seguida irão mover-se para o sul,

pela estrada, irão limpar a área, se é que há alguma coisa para limpar. A menos que os Teds decolaram quando ouviram o helicóptero, pois qualquer coisa que estava próximo a casa virou cinzas.

Pix foi a primeira a ver: um pequeno brilho verde-néon faíscando e cortando sobre o fogo como um vagalume no crepúsculo de verão.

Leite assentiu com um sorriso triste.

Oh sim. Eles foram ensinados para isso, querido Jesus, eles podem não se lembrar quantas vezes, mas esta é a primeira vez que estão em uma situação de combate real.

Seis meses, duas semanas e três dias desde os ônibus os trouxe juntos, os meninos e meninas do esquadrão 19. Cento e noventa e nove dias. Quatro mil, seiscentos e setenta e seis horas. Duzentos e oitenta e seis mil, cinco cento e sessenta minutos, quando Pix era chamado de Ryan. Ele foi encontrado encolhido em uma vala de drenagem, coberto de crosta, feridas, piolhos, com um estômago inchado, braços tão finos que pareciam uma vara e os olhos esbugalhados. Foi trazido para o ônibus soluçando sem lágrimas,

porque seu corpo estava carente de água. E Leite, que se chamava Kyle até então, foi resgatado de um acampamento há alguns metros da fronteira canadense, uma criança grande, mal humorada, com raiva e com um temperamento difícil de controlar, difícil de quebrar, mas no final eles quebraram-lhe.

Eles quebraram todas elas.

Jeremy era Swizz, Luis era Gummy, Emily era Snickers. Um bando de nomes fracotes para um bando de recrutas fracotes.

Aqueles que eles não conseguiram quebrar desapareceram em incineradores, em quartos de detenção secretos ou tiveram seus corpos adaptados com bombas. Foi fácil. Foi absurdamente fácil. Esvazie o recipiente da esperança, fé e confiança e você pode preenchê-lo com qualquer coisa que você gosta. Eles poderiam ter dito as crianças no esquadrão 19 que dois mais dois é igual a cinco e eles teriam acreditado. Não, não apenas acreditado, eles matariam quem dissesse o contrário.

Uma figura alta, coberta em fogo verde emerge da fumaça e com as mãos para cima, mãos vazias, atravessando os escombros enegrecidos, indo para estrada e o helicóptero mergulha o nariz e começa a descer.

Que diabo? Por que ela estava viva?

Pix, você é um idiota, ela tinha que ser seu maldito alvo. A filha da puta sobreviveu.

O helicóptero desce e agora Leite pode ver Hersh e Reese saltando no porão. Ele não pode ouvi-los, mas ele sabe que eles estão gritando com

o Ted sobre acacofonia do motor: *baixo, baixo! Mãos na cabeça!* A figura cai de joelhos, suas mãos são engolidas pelo fogo verde, que dançam em torno de seu rosto. Eles arrastam o prisioneiro para o caça e o leva para dentro.

A voz do piloto soa no ouvido de Leite: "Retornando à base de destino. Nos vemos na parte de trás, soldados."

O falcão ruge diretamente sobre eles, em direção ao norte. O sinal de Havoline treme em sua passagem. Gummy observa o helicóptero

encolher em direção ao horizonte, e o mundo fica em silêncio rápido, deixando apenas o vento e o fogo e a própria respiração pesada. *Vai ser rápido*, ele mesmo diz.

Distraidamente, ele aperta sua mão contra o seu ombro, ainda dolorido da noite anterior, as feridas ainda estavam frescas: VQP.

Foi ideia de Leite. Leite tinha visto o corpo de Navalha com seus próprios olhos, e foi o leite que descobri o que as letras representava. *Vincit patitur*. Vence quem persevera. Gravaram as mesmas letras em seus próprios

braços — VQP — em honra dos mortos.

Leite dá o sinal e eles se movem para fora. Leite na ponta, Pix atrás, Swizz, Snick, flankers e Gummy na retaguarda.

Marque as janelas do outro lado da rua, Snick. Verifique esses carros, Swizz.

Já fizeram isso milhares de vezes, de casa em casa, de sala em sala, de porão ao telhado. Você limpa o bloco e, em seguida, vai para o próximo. Não se apresse. Tome cuidado. Dê cobertura ao seu amigo. Se você tem

o tiro, atire. Simples. Fácil. Tão fácil que uma criança poderia fazer, que é uma das razões pelo qual o comandante escolheu as crianças para fazê-lo.

Seis meses, duas semanas e três dias atrás, quando o ônibus escolar parou, uma voz gritou, *não tenha medo. Você está seguro agora, perfeitamente seguro*. Gummy ouviu algo diferente do vento, do fogo e da própria respiração: um som agudo como o guincho dos freios do ônibus. Esse é o último som que ele ouve antes da borda de aço de vinte polegadas atingir a parte de trás de

sua cabeça, tirando sua medula espinhal. Ele está morto antes de atingir o solo.

Cento e oitenta e quatro dias depois de chegarem ao acampamento, Snicks é a próxima. Ela e Swizz caiem no chão quando Gummy cai, isso é o treinamento, é a memória que segura seus músculos, e sua adversária sabe disso. Ela prevê.

Deitado de barriga, Swizz olha à sua direita. Snicks está fazendo um som estrangulado, seu rifle está jogado na estrada ao lado dela, ambas as mãos seguram a alça da chave de

fenda de vinte e cinco polegadas
incorporado em seu pescoço. Sua
jugular foi cortada. Ela vai estar
morta em menos de um minuto

Quatro mil, quatrocentos e dezesseis
horas quando viu as luzes de faróis
do ônibus iluminando através da
floresta na qual ele se escondeu,
Swizz arrasta suas mãos e joelhos
na beira da estrada e viu a luz verde
através de sua ocular por uma fração
de segundo antes de ela
desaparecer por trás da garagem
velha: o fogo pálido de uma
infestada. *Peguei você agora, filha
da puta.* Swizz não sabia o que havia

acontecido com Leite e Pix, e ele não virou-se para descobrir. Ele está correndo por instinto e a adrenalina e raiva não podem ser medidas ou esgotadas. Ele ergue seus pés e sai da garagem. Ela já está no telhado pelo tempo que ele atinge o canto sudeste do edifício, esperando por ele, pronta para saltar.

Pelo menos vai ser rápido.

Leite e Pix ouvem o relatório do seu rifle de seu esconderijo coloque atrás de um Tahoe virado que atravessa a estrada. Três explosões curtas acontecem: *tac-tac-tac*.

Em seguida, silêncio.

Com um grito suave, e com raiva, Pix arranca sua ocular para fora, *que se dane, essa filha da puta não vai ficar acordado por mais tempo.* Leite calmamente lhe ordena que coloque de volta enquanto ele verifica o ambiente ao seu redor. Pix o ignora. Estavam em plena luz do dia, ele pode enxergar bem, quem se importa se eles são humanos ou infestados?

Vento e fogo e a própria respiração. *Não fique preso. Não vá para qualquer beco sem saída. Não*

se separem. Deitado no seu lado, o ombro, pressionando contra o aço reconfortante do SUV, Pix olha para o rosto de Leite. Leite é o Sargento. Leite não vai decepcioná-lo. VQP. Sim. VQP.

A bala da garota atravessa a estrada, quebra a janela do motorista, passa pelo interior e sai do outro lado, rasgando a jaqueta do Pix, cravando em suas costas até que atinja sua espinha. Lá a bala é alojada.

Duzentos e sessenta e quatro mil, novecentos e sessenta e três

minutos do seu resgate a este momento, e Leite patina em direção ao para-choque dianteiro, arrastando o corpo de Pix com ele. A metade superior de seu corpo está intacta, já a metade inferior está paralisada, já morta. *O que eles estavam pensando, esculpindo aquelas letras idiotas em seus braços?* Os pequenos dedos de Pix arranham o rosto de Leite com um suplico em seus olhos. Proteja-me, cubra-me, mantenha os bastardos longe de mim, Sargento.

Isso mesmo, está certo, Pix. VQP. VQ porra p.

Ele ainda está sussurrando para ele quando ela pisa em torno do capô do carro. Ele não olha para cima. Ele nem sequer pode ouvi-la.

Quinze milhões, oitocentos e noventa e sete mil, setecentos e noventa e dois tiques do relógio e Leite segue o resto do esquadrão 19 para baixo.

45

ESPECIALISTA

Não vou deixar esses garotos para apodrecerem onde eles caíram.

Não vou deixá-los para os ratos, os corvos, as varejeiras, os abutres e matilhas de cães selvagens.

Não abandonar seus ossos para serem escolhidos e espalhados por abutres e parasitas.

Não vou queimá-los, também.

Com minhas próprias mãos, eu vou cavar uma cova para eles na terra fria.

O sol desliza em direção ao horizonte. O vento sopra, chicoteando meu cabelo em

meu rosto e minhas mãos afundam o solo arado, a terra rompe entre meus dedos.

Eu sei que Zumbi está me observando.

Vejo-o na borda das ruínas da casa enegrecida, que havia sido explodida. Ele está encostado em um pedaço de tábua carbonizado, segurando seu rifle e me olhando. Um crepúsculo instala-se em torno de nós e ele observa eu transportar os corpos um por um para o buraco que eu cavei.

Ele vai atrapalhar tudo. Ele vai atirar em mim. Ele vai chutar meu corpo para o buraco e enterrar-me com minhas vítimas. Ele não vai esperar eu dar nenhuma explicação. Não. Não haverá nenhuma,

porque tudo que sair da minha boca vai ser uma mentira.

Ele para. Eu estou ajoelhada ao lado da sepultura e seus rostos estão me fitando, sem realmente me verem. A mais velha — a líder do esquadrão, parece-me — não poderia ter mais do que vinte anos.

O som do gatilho do rifle do Zumbi irrompe o silêncio e o *hub* ordena uma resposta defensiva. Eu decido ignorá-lo.

— Eu atirei em Teacup. — Eu digo para o rosto do recruta morto. — Eu pensei que ela era a inimiga e eu atirei nela. Ela teve uma chance e eu não tive escolha. Eu os deixei levá-la, zumbi. Foi a única maneira de salvá-la.

A voz dele é tão seca como folhas mortas,
que chocalham em galhos no inverno.

— Então, onde ela está?

— Se foi.

A palavra trava. Nem o vento pode movê-la.

— O que eles fizeram com você, Esp?

Olho para cima. Não para ele. Para cima.
As primeiras estrelas se espreitam através
do crepúsculo.

— A mesma coisa que fizeram ao Walker.
A mesma coisa que fizeram com
Constance, com aquele padre e a
senhora gato.

Acima de mim, as estrelas brilham sem piscar. Eu pisco, e minhas lágrimas caem feito prata em sua luz. O dom que Vosch me deu permite que eu veja até à borda do universo, mas eu não podia ver as paredes da prisão de todos os lados.

A verdade. O sistema 12 aumenta todos os sentidos, inclusive os que tem sido rasgados de meu corpo desde que voltei do deserto. Recusei-me a encarar a verdade. Eu sabia, e eu recusei. Um homem cego de nascença estende a mão e toca a orelha de um elefante. Um elefante que é plano como uma folha. Outro homem cego toca seu tronco. Um elefante que tem a forma de uma serpente. Um terceiro acaricia sua perna. Um elefante é como uma árvore.

Eu abaixo minha cabeça para o túmulo e falo a verdade em voz alta:

— Estou grávida.

46

CASSIE

BEN ESTÁ MORTO.

Ele nos deixou, dizendo que ele voltaria logo. Mas ele ainda não voltou. Ele ainda não voltou.

Eu me encolho no canto do porão com Sam e Megan. Tenho um rifle, Megan tem urso e Sam tem sua atitude. A coleção de

armas de Graça está a seis pés de distância. Tantas coisas brilhantes, Sam mal pode se conter. A melhor descoberta que ele teve ultimamente é como é ridiculamente fácil atirar em alguém. Amarrar os sapatos é mais difícil.

Pego um cobertor de lã pesado da pilha ao lado da bancada e jogo para todos os três: Sams, Megan e urso.

— Eu não estou com frio!— ele grita. Sam, não o urso.

— E não está com calor.— Sussurro para ele. Eu começo a discutir, mas as palavras começam a perder o sentido. *O que aconteceu com Evan? O que aconteceu com Ben? O que aconteceu com Esp?* Descobrir a resposta para

qualquer dessas perguntas exigiria que eu saísse desse andar, atravessasse o comprimento deste porão, subisse aquelas escadas e possivelmente atirasse em alguém ou ser a que tomaria um tiro, todas as coisas que eu não posso fazer agora.

É a última vez, Efemérida. Eu prometo.

Ah, que idiota, desgraçado, animal. Eu devo ter dito a ele alguma coisa igualmente humilhante.

As escadas de madeira rangem. Eu fico quieta. Cassiopéia usaria seus últimos recursos. Eu tenho uma revista e um coração cheio de ódio. Não preciso de muita coisa.

Ao meu lado, Sam sussurra.

— Cassie, é o Zumbi.

Claro que é ele. Andando desajeitadamente e mal mantendo o equilíbrio, como um verdadeiro zumbi. Ele fica sem fôlego quando atinge a parte inferior do cômodo. Ele inclina-se contra a parede, os lábios se separam e o rosto está sem cor.

— Ben? — Chamo-o.— O que você encontrou?

Ele balança a cabeça. Ele lança um olhar no andar de cima e depois olha de volta para mim.

— Helicóptero.— diz ele.

— Helicóptero? Evan explodiu? —
Pergunta boba. Eu pude ouvi-lo explodir.

— Eles o tem

Ben precisa sentar-se. Sua ferida deveria estar doendo muito. Por que ele não se senta? Por que ele está pendurado lá nas escadas?

— O que quer dizer com: eles o tem?

— Quero dizer que eles o tem. Eles o levaram, Cassie.— Um outro olhar no andar de cima, começo a me perguntar por que ele fica olhando tanto para o andar de cima. Ele diz — Havia uma equipe de ataque....

— Há uma equipe de ataque?

— *Havia* uma equipe de ataque. — Ele limpou a sua boca com a palma de sua mão. — Não há mais. — Sua voz treme -

e não acho que é a dor ou o frio. Ben Parish parece estar morrendo de medo.

— Esp? — *Dã, Sullivan, quem mais?*

— Esp.

Ele assente. Então um olhar novamente para cima. Foi quando eu me levantei. Sam também. Digo-lhe para ficar. Ele me diz que não. Ben levanta uma mão.

— Há uma explicação, Cassie.

— Tenho certeza de há.

— Você precisa ouvi-la.

— Ou o que? Ela agarra meu pescoço com seus poderes de super ninja? Ben, qual é o seu problema? Ela os trouxe para nós.

— Confie em mim sobre isso.

— Não, você precisa confiar em mim. Eu te disse que ela os trouxe, há algo errado com ela. Agora ela está de volta e algo não está muito certo. O que mais você precisa, Ben? O que ela tem de fazer para você aceitar o fato que ela não está do seu lado?

— Cassie....— Ele está se esforçando para manter-nos juntos. — Quero que abaixe essa arma....

— Isso não vai acontecer.

Esforçando-se para ser paciente.

— Não vou deixar você machucá-la, Cassie.

E Sam intervém. — Zumbi é o Sargento.
Você tem que fazer o que ele diz.

As escadas rangem novamente. Esp para
no meio do caminho. Ela não está
olhando para mim, ela está olhando para
Ben. Por um momento horrível, eu penso
em tirá-los de lá, agarrar Sam e Megan e
correr até ficarmos sem ar. Escolher
lados, decidir em quem você pode confiar,
decidir o que é verdade e o que não é,
chega a um ponto onde jogar tudo pro ar
parece ser a opção menos intolerável.
Como as pessoas que cometem suicídio,
você só fica doente do aborrecimento.

— Está tudo bem.— Ben diz a ela ou
talvez para mim ou talvez para nós dois.—
Vai ficar tudo bem.

— Ela deve deixar sua arma nas escadas.— Eu respondo.

Esp abaixa seu rifle. Por que eu não estou confortável? Em seguida, ela desce até o último degrau e senta-se.

47

Tudo tem sido uma droga, hein? Desde o momento que os outros chegaram até então, mas o que está acontecendo agora talvez supere todas as outras.

Após a primeira conversa, eu sinto que deve estar faltando alguma coisa, por isso peço a Esp para se explicar outra vez, mais devagar, com um pouco mais de detalhes e com mais evidências.

— Eles não estão aqui. — ela diz. — E não tenho certeza se eles estão lá.— Ela acena para o teto do porão — indicando o céu acima de nós.

— Como eles poderiam não estar lá? — Ben pergunta. Lá vai ele de novo, refutando o que ela dizia, como o cortesão na corte da rainha Esp. Eu estou começando a me perguntar sobre a capacidade do Ben para julgar o caráter. Desde que começou esta guerra, ele foi

baleado duas vezes — duas vezes, pela pessoa que dizia estar do lado dele.

— A nave-mãe pode ser completamente automatizada — explica Esp. —

Obviamente, alguma forma de vida consciente a construiu, mas os construtores se poderiam estar anos-luz daqui — ou nada.

— Nada? — Ben ecoa.

— Morto. Extinto.

— Claro, porque não? — Estou mexendo com a captura do parafuso do meu M16.

Ben ainda pode confiar nela, mesmo depois dela ter mentido sobre Teacup, sobre onde ela estava e o que aconteceu enquanto ela estava lá, além de entregar

um assassino a nossa porta, sem contar o fato dele ter sido baleado por ela, duas vezes. Eu não sou influenciada por seu charme feminino, que, a propósito, é tanto que poderia caber na cabeça de um alfinete e ainda deixar espaço para anjos dançarem.

— Há dois mil anos, eles nos encontram. Eles nos assistem. Eles esperam. Em algum momento eles percebem que não somos bons para habitar a terra, ou para nós mesmos. Então eles constroem a nave-mãe e nos enviam bombas, drones e pragas virais para acabarem com noventa e nove vírgula nove por cento da população com a ajuda dos servos humanos em que eles fizeram lavagem cerebral desde o nascimento... porque

isso é o que merecemos, é o que é bom para nós

— Cassie — diz Ben. — Respira.

— Esse é o cenário. — Esp diz calmamente. — Na verdade, é o melhor cenário.

Eu balanço a cabeça e olho para Sam e Megan encolhidos debaixo de um cobertor grande no canto da sala.

Incrivelmente, ambos caíram no sono com suas cabeças pressionadas uma na outra, o urso aninhado sob o queixo deles, numa cena que seria bonita além das palavras, se não fosse tão dolorosamente simbólica a algo. Bem, a tudo.

— Como sua teoria do silenciador. —
Falo para ela. — Um programa de

computador transferido para fetos que inicia-se quando a criança atinge a puberdade. Um cenário.

— Não, isso é um fato. Vosch confirmou.

— Certo. O maníaco que orquestrou o assassinato de 7 bilhões de pessoas.

Bem, se ele disse isso, então deve ser verdade.

— Por que ele iria querer tanto o Walker?

— Oh, não sei. Talvez seja porque Evan traiu sua civilização inteira e é a única pessoa no planeta que pode detê-los?

Esp está olhando para mim como se eu fosse algo nojento que ela encontrou crescendo na sua escova de dentes.

— Se isso fosse verdade, seu namorado estaria morto agora.

— Ele poderia estar morto agora. Mata-me o fato de que você alega saber tanto, apesar de que você não sabe de muita coisa. Teorias, cenários, possibilidades, probabilidades, qualquer que seja. E para sua informação, só para você saber, isto não é nenhuma suposição baseada na teoria Eu-sou-a-Esp-e-eu-sei-de-tudo. E a propósito, ele não é meu namorado.

Meu rosto esquenta. Estou pensando na noite em que desembarquei nas margens de Evanland e plantei minha bandeira sobre aquela praia esculpida. Ben diz algo naquele momento, algo que faz eu ficar questionando o que eu pensava, porque

minha cabeça tem uma forma de repreender meus próprios pensamentos. Como: De que forma eu poderia plantar a bandeira? Não deveria ser o Evan?

— Evan é humano — Esp insiste. — Seu propósito é óbvio. O que não é tão óbvio é por que Vosch precisa desconstruir sua programação, o que desencadeou a mente do Evan a se rebelar. Ele não só traiu seu "povo". Ele traiu a si mesmo.

— Bem. — Ben suspira. — isso é uma merda. — Ele muda seu peso contra a parede, tentando encontrar uma posição mais confortável. O que não é possível quando se tem uma bala cravada na perna. Acredite, eu já tentei. — Então, não há cápsulas de fuga que vêm para

evacuar os silenciadores. — Ben diz lentamente. — Se não há cápsula, então não há nave-mãe. E se não há nave-mãe, então não há maneira de explodi-la. O tiro que planeja mandar tudo para o inferno... E quanto o bombardeio das cidades? Isso é uma mentira ou a programação disse a ele, também?

Esp não responde por um longo tempo. Não faço a mínima ideia do que ela está pensando. Então eu começo a pensar que talvez esse negócio todo é um truque — do Vosch. Algo aconteceu com Esp depois que ela saiu do Hotel de Walker. Alguém lhe implantou algo que transformou-a em uma parte humana, parte-máquina, uma arma de destruição em massa. Como sabemos que ela ainda

não passou para o outro lado? Como sabemos se ela não foi sempre do outro lado?

Meu polegar voltou a pressionar a captura de parafuso.

— Acho que eles vão bombardear as cidades. — ela diz finalmente.

— Por quê?— Eu exijo.— Qual é o motivo?

— Por um monte de razões. Por um lado, equilibra o campo de jogo antes do lançamento da 5ª onda, dá os silenciadores de todas as vantagens, e você não pode derrubá-los. Mas a razão mais importante é que as cidades irão manter nossas memórias.

O quêêê? Então entendo e meu estômago começa a revirar. Meu pai e seu maldito carrinho cheio de livros malditos. Bibliotecas, museus, universidades, tudo o que foi projetado e construído há mais de seis mil anos. As cidades são mais do que a soma das suas infraestruturas. Elas transcendem o tijolo, argamassa, concreto e aço. Eles são os vasos nos quais o conhecimento humano é derramado. Explodi-los será a reinicialização, será voltar o relógio para o Neolítico.

— Não é suficiente para reduzir a população a um nível sustentável. — Esp diz baixinho.— Não é o suficiente destruir o que construímos. Nós vamos repovoar. Nós vamos reconstruir. Para salvar o

planeta, para salvar a nossa espécie, eles têm de mudar-nos.— Ela toca em seu peito. — Aqui. Se os outros podem tirar a confiança, eles tiram cooperação. Tirar a cooperação e a civilização é impossível.

48

— Ok. — Diz Ben. Hora de descer ao defeituoso âmago dele. — Não para as cápsulas, mas sim sobre as bombas. O que significa que não podemos ficar muito perto de Urbana. Tudo bem por mim, porque eu

realmente odeio Urbana.

Para onde iremos? Sul?

Meu voto é no sul. Podemos encontrar uma fonte de água fresca a quilômetros de qualquer lugar bem no meio do nada.

— E? — Esp pergunta.

— E?

— E daí?

— E daí?

— Sim. Depois de chegarmos a lugar nenhum, o que faremos?

Ben levanta a mão. Depois deixa ela cair. Sua boca forma um sorriso. Ele está tão bonito neste momento que sinto-me derreter. — Há cinco de nós. Podemos formar uma banda.

Eu dou uma risada alta. Às vezes, Ben é como uma montanha estimulante em que eu mergulho o meu dedo do pé.

— Enfim. — Ben diz que depois de dois segundos em que Esp fica olhando fixamente para ele. — O que mais podemos fazer?

Ele olha para ela. Ele olha para mim.

— Oh Cristo, Sullivan. —
ele geme, batendo sua
cabeça contra a parede.—
Não vá até lá.

— Ele veio até mim. —
digo-lhe. Ele sabe o que eu
estou pensando, assim
como eu poderia dizer muito
bem o que ele pensava. —

Ele salvou sua vida, duas vezes. Ele me salvou três vezes.

— Ben tem razão. — Esp interveio.— É o suicídio, Sullivan.

Eu reviro os olhos. Já ouvi essa merda antes — de Evan Walker, quando ele percebeu que eu ia sozinha até um campo de morte

para encontrar meu irmão
mais novo. Por que eu
preciso ser sempre a ilha
solitária envolta de um
oceano de sensibilidade?

— Ficar aqui é suicídio,
também. — Eu contra
argumento. — Assim como
sair correndo pra lugar
nenhum. Qualquer coisa
que fazemos agora é
suicídio. Estamos no ponto

da história, onde temos que escolher uma morte significativa, ou uma sem sentido, Esp. Além disso, "só para adicionar," ele faria isso por nós.

— Não. — Ben diz calmamente. — Ele faria isso por você.

— Eles levaram-no para a base há mais de cem

metros de distância. — diz
Esp. — Mesmo se você for,
você não vai alcançá-lo há
tempo. Vosch terá acabado
com ele, Evan estará morto.

— Você não sabe.

— Eu sei.

— Não, você diz que sabe
disso, mas você não sabe,
assim como você não sabe
de todo o resto que você diz

que sabe, mas nós estamos apenas supondo acreditar, porque, inferno, você é simplesmente brilhante.

Ben diz. — Hein?

— Tudo o que fazemos. —
Esp diz friamente para Ben, como se nada que eu dissesse fosse importante—
Ficar não é uma opção.
Assim que o helicóptero

entregar sua carga, ele vai voltar.

— Carga? — Ben pergunta confuso.

— Ou seja, Evan.— Eu traduzo.

— Por que fariam isso...? —

Então ele compreende. As vítimas de Esp enterradas embaixo da estrada. O helicóptero está voltando

para extrair a equipe de
ataque. — Oh. — Ele limpa
a sua boca com a palma da
sua mão. — Porcaria.

Então eu começo a
pensar. *Helicóptero!*

Esp está me olhando como
se soubesse o que eu estou
pensando, porque é isso
que ela faz, mas isso não

prova que ela está sempre certa.

— Esquece, Sullivan.

— Esquecer o quê?— E imediatamente eu reconheço que ela acertou.

— Você fez isso. Ou pelo menos você disse que fez isso.

— O quê? — Ben pergunta.

— É diferente. — Esp diz.

— Como diferente?

— Diferente porque o piloto estava metido nisso. Minha "fuga" de Vosch não era bem uma fuga, foi um teste do 12º sistema.

— Bem, podemos fingir que isto é um teste também, se isso ajudar.

— Fingir que é um teste? —

A voz de Ben subiu a uma oitava. — O que diabos são vocês duas estão falando?

— Ela quer sequestrar o falcão negro. — Esp suspira.

A boca do Ben se escancara. Não sei o que ou por que é, mas quando ele está ao lado de Esp, os

drenos inteligentes dele cai
feito espaguete colocado
em um escorredor.

— E quanto a ele?— Esp
acena em direção da
Sams.— Ele vai também?

— Isso é da sua conta? —
Pergunto.

— Bem, não ficarei de babá
enquanto você dá uma de
Don Quixote nisto.

— Wow, Você sabe fazer referências literárias obscuras, isso não me impressiona. E sim, eu sei quem é Don Quixote.

— Ok, espere um minuto. — diz o Ben. — Ele é do Poderoso Chefão, certo? — Ele dá uma risada, então não tenho certeza se ele está brincando. Na época da escola havia uma

conversa séria sobre o Ben ter se tornado um Rhodes Scholar. Não é mentira. — Vai fazer a Vosch uma oferta que ele não pode recusar?

— Ben pode ficar com as crianças. — informo a Esp, como se eu já tivesse pensado em tudo, como se o plano para resgatar o Evan estivesse sendo

planejado há meses. —

Vamos, só você e eu.

Ela balança a cabeça
negativamente.

— Por que eu faria isso?

— Por que você não faria
isso?

Ela endurece o rosto e
depois, por alguma razão
obscura, ela olha Ben.

Então, eu olho para Ben e

ele está olhando fixamente
para baixo, para o chão,
como se ele nunca o tivesse
visto antes. O que há de tão
incrível na superfície dura
sob meus pés?

— Que tal isso... — Eu não
vou parar de tentar. Por que
não vou parar? Bem, eu
tento parar, e então eu
falho. — Esqueça-me.

Esqueça o Evan. Faça isso por si mesma.

— Por mim mesma? — Ela está genuinamente intrigada. Ha! Pela primeira vez ela não pode fingir que sabe o que estou pensando.

— Ele destruiu você. Ele destruiu *e/ele*. Então, você precisa ir vê-lo, se quer acabar com isso.

Esp recua como se alguém tivesse lhe dado uma bofetada. Ela quer fingir que não sabe de quem estou falando. Sem chances.

Eu vi na cara dela quando ela contou a história. Eu ouvi na voz dela. Entre carrancas e longos silêncios, estava lá. Quando ela disse o nome dele e quando ela mal conseguiu

pronunciar o nome dele,
estava lá: ele é a razão pela
qual ela não desistiu, pela
qual ela se mantém em pé.
Sua raison d'être.

A coisa vale a pena morrer.

— Vosch acha que você vai
fazer uma coisa, então você
fará outra. Ele acha que
você vai fugir assim que
executar o plano. Você não

pode desfazer o que fez,
mas você pode destruir ele.

— Isso não vai resolver
nada. — ela sussurra.

— Provavelmente não. Mas
ele vai ser morto. Já é um
começo.

Estendo a minha mão. Não
sei por que, mas o faço.

Realmente não é certo o
que irei fazer, pois não

posso prometer que tudo
dará certo no final. Aquela
pequena, racional, calma,
antiga, sábia voz na minha
cabeça sussurrava, *ela está
certa, é suicídio, Cassie. Ele
se foi, não haverá milagres.
Deixe-o ir.*

Meu lugar é com o Sam,
sempre foi com o Sam. Sam
é minha *raison d'être*. Não
um garoto de uma fazenda

de Ohio, que era louco o bastante para se sacrificar por mim até o fundo dos seus ossos. Jesus, se Esp está certa, o amor de Evan pode ser parte dessa loucura. Ele acha que está apaixonado por mim, da mesma forma que ele pensa que é um Outro.

Então, qual é a diferença entre pensar e realmente ser? Existe uma diferença?

Há momentos que eu odeio meu próprio cérebro.

— Os mortos. — Esp diz com palavras que refletem a sua voz: não há nada lá, vazia. — Vim para matar uma pessoa inocente. Matei cinco. Se eu voltar, eu vou

matar até perder a conta.
Eu vou matar até que os
números não importem.—
Ela não está olhando para
mim. Ela está olhando para
Ben. — E vai ser fácil.— Ela
se vira para mim. — Você
não entende. Eu sou o que
ele fez.

Quem me dera que ela
chorasse. Eu queria que ela
gritasse, berrasse, batesse

em alguma coisa, gritasse até a voz dela não suportar. Qualquer coisa seria melhor do que a forma vazia que ela fala. O que ela disse não corresponde como a maneira que as palavras saíram, e isso é assustador.

— E no final, nós duas iremos falhar. — ela diz. — Evan vai morrer e Vosch viverá.

De qualquer forma, ela pega
minha mão.

Ainda mais assustador.

Naquele momento, Ben havia chegado ao fim de sua resistência física e mental. Ele não pôde permanecer em pé por mais tempo, ou manter-se estável com aquela rápida e estranha reviravolta, que foi de *Ela é uma traidora!* para *Ela é minha aliada!*

Ele saiu mancando até as escadas e abaixou-se, esticando sua perna ruim para frente. Ele olhou para o teto enquanto acariciava a parte inferior do queixo.

— Esp, talvez seja melhor checar lá em cima novamente. Caso você tenha perdido alguém.

Ela balança a cabeça e
seu cabelo preto brilhante
acompanha o gesto, uma
cortina de obsidiana
sedosa.

— Eu não perdi ninguém.

— Bem. No caso de
alguém aparecer.

— Como quem?

Sua cabeça gira
lentamente em sua
direção.

— Pessoas más.

Ela olha para mim. Em
seguida assente. Ela dá
um passo em torno dele e
se inclina perto dele para
pegar o seu rifle. Pude
ouvi-la sussurrar, "*Não*",

para ele, antes de
desaparecer de vista.

Não?

— O que há com vocês
dois?— Pergunto.

— O que há o quê?

— Os pequenos olhares.
O 'não' que ela acabou de
dizer agora.

— Não é nada, Cassie.

— Se não houvesse nada,
não haveria esses olhares
e o "não".

Ele dá de ombros, em
seguida, olha para cima
em direção as escadas,
para o buraco que se
abriu no céu no lugar

onde o teto costumava
ser.

— Não chegue lá— diz.

Ele sorri como se
estivesse envergonhado
por dizer algo estúpido. —
Não importa quão bem
você conhece alguém,
ainda há uma parte dele
que você não irá
conhecer. Você não pode.

Como sempre. É uma sala trancada, algo do tipo. — Ele balança a cabeça e ri. O riso desmorona no momento em que nasce.

— Com Esp acho que é mais parecido todos os quartos do Louvre— eu murmuro.

Ben puxa sua perna e manca até mim, usando seu rifle como uma muleta. No momento em que ele chega, seu rosto exhibe um misto de exaustão e dor. Aí está. Parish cura-se de uma ferida feita por Esp, então ela dá-lhe outra.

— Você perdeu a cabeça?— Ele pergunta.

— O que você acha?

— Eu acho que você perdeu.

— Como você pode dizer?— Eu estou totalmente confiante de que ele não vai entender a minha pergunta.

— A Cassie Sullivan que eu conheço nunca deixaria seu irmão mais novo.

— Talvez eu não seja mais a Cassie Sullivan que você conhecia.

— Então, você vai apenas deixá-lo...

— Com você.

— Talvez você não tenha notado, mas quando se trata de proteger as pessoas, eu sou péssimo.

— Não é sobre você, Parish.

Ele desliza para baixo, na parede ao meu lado.

Toma algumas

respirações profundas,
então ele deixa escapar:

— Vamos cair na real, ok?

Ela não vai conseguir
pegar Vosch e você não
vai chegar a Evan. Essa
parte está convicta.

Temos a próxima parte.

— A próxima parte?

— Eles. — Ele acena em direção a Sammy e Megan enrolado debaixo do cobertor.— Sempre foi sobre eles, desde o primeiro dia. O inimigo sempre o soube. A parte realmente triste e assustadora é por isso que tem sido tão fácil para a gente esquecer.

— Eu não me esqueci. —
digo a ele. — Por que
você acha que eu vou?
Não se trata de Evan
Walker. E não é sobre
você ou eu. Se Esp está
certa, Evan pode ser
nossa última esperança.
— Eu olho para o rosto
angelical de meu

irmãozinho. — Sua última
esperança.

— Então eu vou com Esp.
Você fica aqui.

Eu balanço minha cabeça
negativamente.

— Você está quebrado.
Eu não estou.

— Bobagem. Eu ainda
posso andar...

— Eu não estou falando sobre sua perna. — Ele se encolhe. Sua mandíbula se contrai.

— Isso não é justo, Cassie.

— Eu não estou preocupada em ser justa. Isto não é sobre ser justa. Isto é sobre as

probabilidades. E risco.
Trata-se de meu irmão
viver para ver o próximo
Natal. Seria ótimo se
houvesse alguém que eu
pudesse mandar para
fazer isso por mim, mas
precisa ser eu, Parish.
Isso acaba comigo.
Porque eu ainda estou lá,
Ben, sob esse carro na

estrada. Eu nunca saí e
eu nunca me levantei. Eu
ainda estou esperando o
bicho-papão para me vir
buscar. E se eu correr
agora, em qualquer lugar
ou nada, ele vai me
encontrar. Ele vai
encontrar Sam.

Puxo Urso do cobertor e o
aperto em meu peito.

— Eu não me importo se Evan Walker é um alienígena ou um ser humano, um alien-humano ou um pedaço de vegetal. Eu não me importo sobre a sua bagagem ou bagagem de Esp, e eu particularmente não me preocupo com a minha bagagem. O

mundo existe há muito tempo, bem antes que este conjunto particular de sete bilhões de átomos surgisse, e ele vai ir para a direita depois que eles estiverem espalhados literalmente, irão para baixo e para os lados.

Ben estende a mão e toca o meu rosto molhado. Eu empurro a sua mão.

— Não me toque.— *Você tem-Ben. Você-poderia-ter-Ben.*

— Olha, Cassie. Eu não sou seu chefe e eu não sou seu pai. Eu não posso pará-la mais do que você

poderia ter me impedido
de ir para as cavernas. —
Eu pressiono o meu rosto
no topo da cabeça
surrada do velho urso.
Urso cheira a fumaça,
suor, sujeira e a meu
irmão mais novo.

— Ele ama você, Ben.
Mais do que eu, eu acho.
Mas que...

— Não é verdade,
Cassie.

— Não faça isso. Me
interromper. Eu... Isso é,
tipo, o meu momento. Só
para você saber. E agora
eu gostaria de dizer
alguma coisa.

— Ok.

— Há uma coisa que eu gostaria de dizer.

— Eu estou ouvindo.

Desvio o olhar. Olho para fora. Olho para nada.

Respiração profunda. *Não diga isso, Cass.* Qual é a necessidade de dizer agora? Não tem sentido. Talvez isso é algo que

ambos precisam
entender.

— Eu tive uma queda por
você desde o terceiro
grau. — Eu sussurro. —
Eu escrevi seu nome em
cadernos. Eu desenhei
corações em torno dele.
Eu o decorei com flores.
Principalmente
margaridas. Eu tinha

sonhos, sonhos bem
reais, e ninguém sabia,
exceto a minha melhor
amiga. Que está morta.
Como todo mundo. —
Olho para fora. Olho para
nada. — Mas você estava
onde você estava e fiquei
onde eu estava. Você
poderia ter sido para mim
tudo o que importava.

Quando você apareceu de
lugar nenhum no
acampamento do
Sammy... Eu pensei que
tinha que dizer algo.
Porque você viveu
quando deveria ter
morrido, e eu vivi quando
eu deveria ter morrido, e
estávamos os dois lá para
Sam, que também devia

ter morrido. Só...

Coincidências demais
para ser apenas uma
coincidência, sabe? Mas
isso é tudo o que é, uma
coincidência. Não há
nenhum plano divino. Não
há nada predestinado nas
estrelas. Nós somos
pessoas acidentais
ocupando um planeta

acidental em um universo
acidental. E isso é bom.
Estes sete bilhões de
átomos estão bem com
isso. — Eu pressiono
meus lábios na cabeça
desagradável do bichinho
de pelúcia. É realmente
legal que os seres
humanos conquistaram a
Terra, inventaram a

poesia, matemática e o motor de combustão.

Descobriram que tempo e espaço são relativos, que máquinas podem nos transportar para a lua para no levar a algumas rochas ou nos levar ao McDonald para tomar um smoothie de morango e banana. Muito legal,

dividir o átomo que
concedeu a Era da
Internet, smartphones e,
claro, a vara selfie.

Mas a coisa mais
maravilhosa de tudo, a
nossa maior realização e
a única coisa para a qual
eu oro que será sempre
lembrada, é enfiar maços
de enchimento de

poliéster em uma caricatura ideal de um dos mais temíveis predadores da natureza, com nenhuma outra razão além de acalmar uma criança.

50

Há preparativos para fazer.
Detalhes para resolver.

Em primeiro lugar, eu vou precisar de um uniforme. Ben se senta com as crianças enquanto Esp e eu desenterramos os corpos. É um recruta pequeno, cujo uniforme parece ser o tamanho certo, mas há um buraco de bala na parte de trás do casaco, pode ser difícil de explicar. Esp vai para o próximo corpo, cujas roupas estão sujas, mas não há

buracos de bala e quase não há sangue. Ela explica que esmagou seu crânio com uma a borda de aço de vinte polegadas. Ele não sentiu, ela me assegura. Não a viu chegando. Está bem. Eu sinto um nó na garganta. *Esse está bom.* Eu troco de roupa ali mesmo, na beira da estrada sob o céu nu. Haha. *Céu nu.* Cassiopeia está acima de mim, acorrentada em sua

cadeira, observando seu
homônimo, sua xará e o
menino morto, também. Eu
pego Esp olhando para ele,
seu rosto está ainda mais
pálido do que o habitual. Eu
sigo o seu olhar para o braço
do garoto, onde uma espécie
de tatuagem brilha na luz das
estrelas. O que são aquelas
palavras? Cartas?

— O que é isso? — Eu
pergunto, enquanto enrolo as

pernas da calça, elas estão
quatro centímetros mais
longas que eu.

— É Latim. — ela responde.

— Significa 'Vence quem
persevera'.

— Ele cortou isso em seu
braço?

Ela balança a cabeça
afirmativamente. Sua mão
vagueia ao seu próprio ombro.
Ela acha que eu não percebi.

— Você tem um, também, não é?

— Não.— Ela se ajoelha ao lado do garoto, sua faca de combate está em sua mão. Ela corta ao longo da pequena cicatriz na parte de trás do seu pescoço e cuidadosamente retira o dispositivo de rastreamento a partir do corte.

— Aqui. Coloque isso em sua boca.

— Que diabos...

Ela o coloca na palma da mão e cospe nele. Rola a pelota do tamanho de arroz em torno de sua saliva para limpar o sangue.

— Melhor?

— De que forma isso poderia ser melhor?

Ela pega a minha mão e deposita o sedimento pegajoso em minha palma.

— Você limpa, então.

Eu amarro o cadarço das minhas botas enquanto ela corta o pescoço de outra criança, mergulha o rastreador com a ponta da faca, em seguida, desliza a lâmina entre os lábios. Há algo estranho na naturalidade selvagem sobre ela, e suas palavras ecoam na minha cabeça: *Eu sou o que ele me fez.*

51

Preparativos. Detalhes.

Vou precisar de engrenagens, mas apenas o que pode caber nos bolsos e bolsas do uniforme. Compartimentos extras para o fuzil e pistola, uma faca, uma lanterna, um par de granadas, duas garrafas de água e três barras

de energia, por insistência de Ben. Parish tem essa fé estranha, supersticiosa em barras de energia, o que é totalmente falso, ao contrário de minha crença na força de talismã de ursos de pelúcia.

— E se você estiver errada?

— Pergunto a Esp. — E se ninguém vier procurar a equipe de ataque?

Ela encolhe os ombros.

— Então, estamos ferrados.

Tão brilhante e alegre. Um raio de sol.

Eu acordo Sam e Megan e os faço comer enquanto Ben e Esp fazem a preparação para o assalto. Algo está acontecendo entre os dois. Eles estão escondendo algo de mim. Isso me fez desejar que eu tivesse as habilidades mentais antigas de Evan.

Gostaria de mergulhar na cabeça de Ben Parish e encontrar o caminho para a verdade. Eu pensei que havia tirado de Esp esse pensamento de os-silenciadores-são-pessoas-comuns-como-nós-mas-só-na-teoria. Como o espírito de Evan entrou e misturou-se com o meu se ele é humano? A resposta é graus avançados na área de robótica, biônica e

física eletromagnética de se entender. A CPU ligado ao seu cérebro interpretar o meu biofeedback fisiológico, criando um ciclo informacional em que meus dados misturam-se com o seu, blá, blá, blá. Realmente, a ciência é maravilhosa, mas porque é que tendem a sugar todo o mistério alegre do mundo? O amor pode ser nada mais do que uma complexa interação

de hormônios, comportamento condicionado, e reforço positivo, mas tente escrever um poema ou canção sobre isso.

Preparativos. Detalhes.

Eu resumo o plano para Sam e Megs. Sam está preparado. Embora se infiltrar na base seria sua primeira escolha, pelo menos ele vai ter algum tempo de qualidade com seu

amado Zumbi. Megan não diz uma só palavra e eu estou preocupada que ela vá recusar em um momento crítico. Não posso culpá-la, no entanto. A última vez que ela confiou em adultos, eles enfiaram uma bomba em sua garganta.

Eu entrego Urso de Sam para a custódia, de Sam tanto quanto o de urso. Ele entrega-o para Megan. Oh Jesus.

Grande demais para o urso
agora. Eles crescem tão
rápido.

Cobertores, eu lhes digo.
Todos, exceto Esp recebe um
cobertor.

Então não há mais nada a
fazer, a não ser subir as
escadas uma última vez.

Eu pego a mão de Sammy,
Sammy leva Megan, Megan
leva Urso, e, juntos, subimos

para a superfície. As escadas sacodem e gemem. Eles podem entrar em colapso.

Nós não.

52

ZUMBI

Eu assisto Esp carregar os dois últimos corpos para dentro do compartimento da

antiga garagem, um em cada braço. Eu entendo como isso é possível, ainda assim, é um pouco assustador assistir. Eu espero ela sair no túmulo vazio. Isso não acontece. *Oh cara, o que aconteceu agora?*

Dentro da garagem do cheiro de gasolina e graxa remetem o passado. Antes que houvesse Zumbi, havia esse garoto chamado Ben Parish que trabalhou em carros com

seu velho pai nas tardes de sábado, o carro era um corvette 69 vermelho-cereja, seu décimo sétimo presente de aniversário dado por seu pai, um cara que realmente não poderia pagá-lo e fingiu que era para o seu único filho, mas ambos sabiam a verdade, o aniversário de Ben foi uma desculpa para comprar o carro, e o carro era uma desculpa para passar o tempo

com seu filho, pois o tempo passava cada dia mais rápido, logo viria a formatura, a faculdade, uma nora, netos, a casa de repouso e depois a sepultura. A sepultura inesperadamente saltou para a linha de frente, não antes do carro, porque pelo menos por algumas tardes de sábado, eles tiveram o carro.

Esp tinha posto suas vítimas a lado do centro da baía, os

braços de cada um estavam cruzados em seus peitos. Ela não estava à vista, por um segundo, eu entro em pânico. Toda vez que eu espero um zig, há um zag. Eu mudo meu peso na minha perna boa e largo o rifle do meu ombro em minhas mãos.

Das sombras profundas, ouço um gemido de baixo. Eu vou mancando entre as inúmeras caixas de ferramentas e um

conjunto de tambores de óleo,
e a encontro sentada contra a
parede de blocos de concreto,
abraçando os joelhos contra o
peito.

Eu não posso ficar em pé, a
dor é demais. Sento-me ao
lado dela. Ela limpa o rosto. É
a primeira vez que eu vejo
Esp chorar. Eu nunca vi o
sorriso dela e provavelmente
nunca verei, mas agora eu a vi
chorar. Está tudo errado.

— Você não teve escolha. —
eu digo a ela. Desenterrar
esses corpos devem ter a
destruído. — E, de qualquer
maneira, eles não sabem a
diferença, certo?

Ela balança a cabeça.

— Ah, Zumbi.

— Não é tarde demais, Esp.
Podemos cancelar a missão.
Sullivan não pode fazer isso
sem você.

— Ela não teria que fazer isso se você não tivesse entrado na frente de Walker.

— Talvez eu não teria entrado se você tivesse confiado a verdade a mim.

— A verdade.— ela ecoa.

— A palavra importante aqui é confiar.

— Eu confio em você, Zumbi.

— Você tem um jeito engraçado de mostrar isso.

Ela balança a cabeça negativamente. *Isso Zumbi, agiu errado novamente.*

— Eu sei que você não vai dizer.

Ela estende suas pernas, tira um recipiente de plástico de seu peito e o apoia em suas coxas. Há um líquido verde

brilhante dentro dele. É um
jarro de anticongelante.

— Um tampinha deve ser
suficiente. — diz ela, tão
suavemente que eu acho que
as palavras não são dirigidas
a mim. — o 12^a Sistema me
proteger. Vai me proteger...

Eu pego o recipiente de seu
colo.

— Droga, Esp, você não vai
beber isto, não é?

— Me dê isso de volta,
Zumbi."

Soltei minha respiração. Vou
tomar isso como um não.

— Você me contou o que
aconteceu, mas você não me
disse como.

— Bem. Você sabe. — Ela
gira a mão no ar. — A maneira
usual

OK. Eu merecia isso.

— Seu nome era Navalha.—

Ela franze a testa. — Não.

Seu nome era Alex.

— O recruta que atirou em
Teacup.

— Por mim. Para que eu
pudesse escapar.

— A pessoa que ajudou
Vosch na armadilha.

— Sim.

— E então Vosch armou para os dois.

Esp me lança um olhar impassível.

— O que isso significa?

— Vosch o deixou com você naquela noite. Ele devia saber que Navalha tinha... Que deixar vocês dois sozinhos poderia levar a...

— Isso é loucura, Zumbi. Se Vosch pensou nisso por um

segundo, ele nunca teria deixado Alex para me proteger.

— Por quê?

— Porque o amor é a arma mais perigosa do mundo. É mais instável do que o urânio.

Eu engulo. Minha garganta está seca.

— Amor.

— Sim amor. Pode me entregar agora?

— Não.

— Eu poderia tirar isso de você.— Ela está olhando para mim através de um espaço não mais distante que um punho com os olhos apenas um pouco mais leves que o escuro em torno deles.

— Eu sei que você podia.

Estou tenso. Tenho a
sensação de que ela podia me
nocautear com um movimento
do seu dedo mindinho.

— Você quer saber se eu o
amava. Você quer me
perguntar isso . — diz ela.

— Não é da minha conta.

— Eu não amo ninguém,
Zumbi.

— Bem, tudo bem. Ainda é
jovem.

— Pare com isso. Pare de tentar me fazer sorrir. É cruel.

Há uma faca sendo torcida no meu intestino. A dor faz com que a ferida de bala pareça com uma picada de mosquito.

Por alguma razão, sempre que estou em torno desta menina, a dor me segue, e não apenas a física. Estou intimamente familiarizados com ambos os tipos, eu prefiro tomar um tiro uma dúzia de

vezes do que ter meu coração rasgado ao meio.

— Você é um idiota.— ela me informa. Ela puxa o recipiente de minhas mãos. — Eu sempre pensei assim.— Ela desenrosca a tampa e o deixa a meio do caminho do seu lábio. O líquido brilha um verde neon. Sua cor.

— Isso é o que eles fizeram, Zumbi. Este é o mundo que

fizeram, onde dar a vida é mais cruel do que tomá-la. Eu estou sendo gentil. Eu estou sendo sábia.

Ela levanta o recipiente em direção a seus lábios. Sua mão treme, o líquido verde brilhante espirra sobre a borda e corre ao longo de seus dedos. E nos olhos dela tem a mesma escuridão que o ambiente em que estamos.

Ela não se afasta quando eu
envolvo meus dedos em torno
de seu pulso. Ela não
desencadeia seu
aprimoramento em cima de
mim e rasga minha cabeça
dos meus ombros. Ela não
oferece quase nenhuma
resistência quando eu forço a
sua mão para baixo.

— Eu estou perdida, Zumbi.

— Eu vou te encontrar.

— Eu não posso me mover.

— Eu vou carregar você.

Ela tomba para o lado, caindo
em cima mim. Eu envolvo
meus braços em torno dela.

Eu toco em seu rosto, corro os
dedos pelos seus cabelos.

A escuridão nos envolve, não
posso aguentar.

53

Estamos indo de volta para o buraco quando Cassie e as crianças emergem do porão da casa segura demolida, carregando cobertores.

— Zumbi. — Nugget chama.
Ele corre até mim com a pilha
de cobertores balançando em
seus braços. Ele então
começa a andar
cuidadosamente quando olha
atentamente o rosto de Esp.
Imediatamente ele soube que
tem algo errado. Apenas cães
leem rostos melhor do que
crianças pequenas.

— O que é, soldado?—
Pergunto.

— Cassie não me deixa ter uma arma.

— Eu estou trabalhando nisso.

Ele me olha desconfiado.

Eu lhe cutuco com um soquinho leve e adiciono:

— Deixe-me enterrar Esp primeiro. Então vamos falar sobre as armas.

Cassie vem para cima, metade líder, metade

arrastando Megan pelo pulso.
Espero que ela esteja
segurando firme. Tenho a
sensação de que se ela soltá-
la, essa menina irá ir embora.
Esp move a cabeça em
direção à garagem, *lá dentro*,
e diz:

— Dez minutos até o
helicóptero chegar.

— Como você sabe?—
Pergunta Sullivan.

— Eu posso ouvi-lo.

Cassie me lança um olhar acompanhado por uma sobrancelha arqueada. *Pegou isso? Ela diz que pode ouvi-lo.* Enquanto tudo que podemos ouvir é o vento ao longo dos campos estéreis.

— Para quê você precisa da mangueira?— Ela me pergunta.

— Para eu não apagar ou sufoca.— Esp responde.

— Eu pensei que você estava... Como é que chamam? Aprimorada.

— Eu estou. Mas eu ainda preciso de oxigênio.

— Como um tubarão.— diz Cassie.

Esp assente.

— Exato.

Sullivan leva as crianças para a garagem. Esp cai dentro do buraco e fica deitada com as costas no chão. Eu pego o rifle onde ela o deixou cair e abaixo-o na direção dela. Ela balança a cabeça.

— Deixe-o lá em cima.

— Tem certeza que...?

Ela balança a cabeça. Seu rosto é banhado pela luz das estrelas. Eu recupero o fôlego.

— O quê?— Ela pergunta.

Eu olho para longe.

— Nada.

— Zumbi.

Eu limpo minha garganta.

— Não é importante. Foi só
uma coisa que passou pela
minha mente...

— Zumbi.

— OK. Você é linda. Isso é tudo. Queria que soubesse disso...

— Você começa a sentimental nos momentos mais estranhos. Mangueira.

Eu deixo cair uma ponta para baixo. Ela fecha a boca sobre a abertura e gesticula um sinal de positivo com o polegar.

Eu posso ouvir o helicóptero agora, fraco, mas cada vez

mais alto. Pego a pá e empurro a terra sobre Esp, varrendo-a para dentro do buraco com a mão direita, enquanto eu seguro a mangueira com a minha mão esquerda. Ela não precisa dizer as palavras, eu posso lê-las em seus olhos. *Apresse-se, Zumbi.*

O som doentio da terra bate contra seu corpo. Decido não olhar. Eu fito o céu enquanto a

enterro, segurar a
extremidade da mangueira
está cada vez mais difícil,
meus dedos ficam brancos. O
número quase infinito de
maneiras que isso pode dar
errado passa pela minha
mente. E se há uma equipe
completa a bordo do
helicóptero? E se não é
apenas um Black Hawk, mas
dois? Ou três, ou quatro? E
se, e se, e se, e se, que seja.

Eu não conseguirei chegar à garagem a tempo. Esp está completamente coberta agora, mas eu estou exposto a céu aberto, com uma perna machucada e com cem metros para cruzar antes de o helicóptero - que eu vejo a silhueta envolta em um céu estrelado - pousar. Nunca tentei correr com uma bala cravada na minha perna. Nunca precisei fazer isso.

Acho que há uma primeira vez para tudo.

Eu não conseguirei ir muito longe. Talvez quarenta e cinco, cinquenta metros. Eu arremesso meu corpo para a frente, caindo de cara no chão. *Por que diabos não Cassie não enterrou Esp?* Faria mais sentido para mim que eu sentasse com as crianças e, além disso,

Sullivan provavelmente saltaria na oportunidade.

Eu levanto –me na posição vertical. Fico na vertical por talvez cinco segundos, e então eu caio novamente. É tarde demais. Eu devo estar dentro do alcance do seu infravermelho agora.

Um par de botas de pisam em minha direção. Um par de mãos me puxam. Cassie lança

meu braço em volta do
pescoço e me puxa para
frente enquanto balanço
minha perna ruim ao redor. Eu
pulo com a minha perna boa,
balanço a ruim, mas ela
suporta a maior parte da
carga. Quem precisa de um
12º sistema, quando se tem
um coração como o de Cassie
Sullivan?

Nós caímos na garagem e
Cassie lança um cobertor para

mim. As crianças já estão cobertas, e eu grito:

— Ainda não!— O calor do corpo irá se reunir sob o material, derrotando a finalidade.

— Esperem eu partir. — eu lhes digo. Então, para Cassie:
— Você vai conseguir.

Incrivelmente, ela sorri para mim e balança a cabeça.

— Eu sei.

54

CASSIE

— AGORA!— Ben grita,
provavelmente tarde demais:
O helicóptero troveja sobre
nós. Mergulhamos debaixo
dos cobertores, e eu começo
a contagem regressiva.

*Como vou saber quando é a
hora? Perguntei a Esp.*

Depois de dois minutos.

Por que dois?

*Se não podemos fazer isso
em dois minutos, então não
pode ser feito.*

O que isso significa? Eu não
perguntei, mas agora eu
suspeito que dois é apenas
um número aleatório ela tirou
de seu traseiro.

Conto-o de qualquer maneira.

...58 mil, 59 mil, 60 mil...

O cobertor velho fede a mofo e a urina de rato. Eu não consigo enxergar nada, apenas escutar. O que eu ouço é o helicóptero, que soa como se estivesse a dois metros de distância. *Será que aterrisou? Será que a equipe de busca foi enviada para verificar os misteriosos montes de terra que parecem com uma sepultura?* As perguntas ecoam em minha

mente como uma névoa
rastejando lentamente, é difícil
pensar quando você está
contando, talvez seja por isso
que é recomendado contar
quando você precisa de uma
ajuda para dormir.

...92 mil, 93 mil, 94 mil...

Estou tendo dificuldade para
respirar. Isso pode estar
relacionado com o fato de que

eu estou sufocando
lentamente.

Quando minha conta estava
nos 75 mil, os motores do
helicóptero tinham acelerado
para baixo. Não parou,
apenas mergulhou. *Pousou?*

Nos 95 mil, os motores
funcionaram novamente.

Posso ficar aqui até que os
dois minutos de Esp acabem
ou até aquela sábia e

conhecida voz gritar no meu
ouvido, *vai, vai, vai, vai agora!*

Aos 97 mil, eu vou.

E maldição, o mundo parece
estar tremendamente brilhante
depois de irromper do meu
casulo de lã.

Limpar as portas do
compartimento, virar à direita,
em seguida, campos, árvores,
estrelas, estrada, e helicóptero
a seis pés fora do chão.

Está subindo... Porcaria.

Ao lado do buraco de Esp,
uma sombra gira em volta da
terra e outra sombra se move
tão lentamente, que se for
comparar, parece que não
está se movendo. Esp salta de
sua armadilha em direção ao
grupo de busca. "*Sayonara*",
vamos começar a festa!

Corro em direção ao Black
Hawk, e os suprimentos em

meu uniforme me faz sentir-me como se eu estivesse carregando tijolos, o rifle salta nas minhas costas, e, merda, é muito longe e estou subindo muito rápido, *pule Cassie, pule para cima*, isso não estava previsto, mas, é hora do Plano B, só que nós não temos um plano B, e nem dois minutos, *o que diabos foi isso, Esp? Se você é o gênio tático nesta operação, então nós*

*estamos tão totalmente
ferradas.*

O espaço encolhe entre mim e
o helicóptero enquanto o seu
nariz mergulha um pouco, o
quão bom é seu salto,
Sullivan?

Eu pulo. O tempo para. O
helicóptero está suspenso
como um móvel acima do meu
corpo totalmente estendido,
até os meus dedos dos pés

estão virados e não há mais
som ou qualquer menção das
lâminas levantarem o Black
Hawk para cima ou
empurrarem meu corpo para
baixo.

Havia uma garotinha, ela se
foi agora, tinha bracinhos
magros, pernas pequenas e
ossudas, uma cabeça coberta
com caracóis vermelhos
(muito simples) e um nariz
com um talento especial que

somente ela e seu pai
conheciam.

Ela podia voar.

Meus dedos estendidos batem
na borda da porta de carga
aberta. Eu a seguro a espera
de sentir algo frio e metálico, e
prendo-me sobre ela com as
duas mãos enquanto o
helicóptero dispara para cima
e meus pés fogem do chão.
Cinquenta metros acima, eu

me balanço para frente e para trás, tentando colocar o meu pé sobre a plataforma.

Duzentos metros e minha mão direita desliza, eu estou pendurada apenas com a esquerda agora, o barulho é ensurdecedor, então eu não posso ouvir a mim mesma gritar. Olho para baixo e vejo a garagem, a casa do outro lado da rua e a mancha negra de onde a casa de Graça ficava.

Os campos e bosques brilham
em um tom cinza-prata
banhado pelas estrelas e a
estrada se estende de
horizonte a horizonte.

Eu vou cair.

Pelo menos vai ser
rápido. *Splat*, como um inseto
caindo contra um para-brisa.

Minha mão esquerda desliza.
O dedo polegar, mindinho e
anelar vibram no ar vazio.

Estou presa ao helicóptero por dois dedos agora.

Em seguida, os outros dedos deslizam para fora, também.

Eu aprendi que é possível
ouvir a si mesma gritar ao som
dos motores a jato de um
helicóptero Black Hawk, afinal.

Além disso, não é verdade
que a vida passa diante de
seus olhos quando você está
prestes a morrer. As únicas
coisas que eu penso são nos
olhos do urso, de plástico,
sem piscar, sem fundo,
desalmados.

Há várias centenas de metros para cair. Eu caio em menos de um, de repente meu corpo para, meu ombro está quase sendo arrancado de meu tronco. Eu não fiz nada para interromper a queda, alguém me pegou, e agora que alguém me está transportando a bordo.

Estou pendurada de braços no chão do helicóptero. A primeira coisa que me ocorre

é: Eu estou viva! Então, logo depois é: Eu vou morrer!

Porque quem me resgatou está me puxando na posição vertical, e eu tenho basicamente três opções, quatro se você incluir a falsa escolha da arma, porque disparar uma arma dentro do casulo metálico de um helicóptero é uma ideia muito ruim.

Eu tenho meus punhos, o spray de pimenta inserido em um dos vinte e nove milhões bolsos do meu novo uniforme, ou o mais difícil, a arma mais terrível de todo o formidável arsenal de Cassie Sullivan: a cabeça.

Eu giro meu corpo e lanço meu punho em direção ao centro de sua face e *crac!* quebro um nariz, e então há sangue. Apesar da

grande quantidade de sangue, praticamente um gêiser, o golpe não tem uma reação. Ela não se move uma polegada. Ela nem sequer pisca. *Ela* tem sido a palavra que ela usou para descrever a coisa incrivelmente horrível e assustadora que Vosch fez com ela. *Melhorada*.

— Calma aí, Sullivan. — diz Esp, virando a cabeça para cuspir um chumaço de sangue

do tamanho de uma bola de
golfe

56

ESP

Empurro Sullivan para baixo,
em direção a uma cadeira e
grito em seu ouvido.

— Prepare-se!— Ela não diz
nada, apenas olha para o meu
rosto ensanguentado sem
compreender. Artérias
cauterizadas pelos drones
microscópicos surgem na
minha corrente sanguínea, os
receptores de dor foram
desligados pelo *hub*. Eu sei

que estou horrível, mas eu me sinto ótima.

Eu escalo sobre ela e vou até a cabine. Sento no assento do co-piloto. O piloto me reconhece imediatamente.

É Tenente Bob. O mesmo Tenente Bob cujo dedo eu quebrei na minha "escapada" com Navalha e Teacup.

— Puta merda.— ele grita. —
Você!

— Vamos voltar para a
sepultura!— Eu grito, o que é
literalmente verdade. Eu soco
meu dedo aos nossos pés. —
Leve-nos para baixo!

— Vá se foder!

Eu reajo sem pensar.

O *hub* decide por mim, e isso
é a coisa terrível sobre o 12º

Sistema: Eu não sei mais
onde ele termina e eu
começo. Não totalmente

humano, não totalmente alienígena, nem tanto, nem ambos, é algo solto dentro de mim, não algo ligado.

Depois percebo o brilho do mesmo: O bem mais precioso de qualquer piloto é a visão.

Eu arranco o capacete e enfio meu polegar em seu olho.

Suas pernas esperneiam, a mão voa para agarrar meu pulso e a ponta do helicóptero

mergulha. Eu agarro sua mão e o guio em um lugar onde eu mesma já estive: Onde há pânico, calma. Onde há medo, a paz. Onde há dor, conforto.

Eu sei que ele não é como nós, porque nenhuma parte dele está escondida de mim.

Eu sei dos desejos que ele negaria até para si mesmo, e não há nenhum desejo dentro dele de morrer.

Assim como não há nenhuma
dúvida em sua mente de que
ele precisa de mim para
viver.

57

Zumbi tinha razão há alguns meses atrás: O refúgio do apocalipse ficava nas cavernas de West Liberty e foi fodidamente difícil conquistá-lo.

Não me admira que o Padre Silenciador o tomou para si.

Havia galões de água fresca,
uma câmara inteira abastecida
com produtos secos e
enlatados, suprimentos
médicos, roupas de cama,
latas de combustível para
aquecimento, querosene e
gasolina. Roupas,
ferramentas, armas e
explosivos suficientes para
equipar um pequeno exército.
Um lugar perfeito para se
esconder, chegava a ser até

mesmo aconchegante, se
você ignorasse o cheiro.

As cavernas de Ohio
cheiravam a sangue.

A câmara maior era ainda
pior. Subterrânea, profunda,
úmida e com pouca
ventilação. O cheiro e o
sangue não tinham pra onde
ir. O chão de pedra ainda
brilhava vermelho sob as
luzes.

Aconteceu uma matança aqui.
Ou o falso padre pegou as
cápsulas gastas ou cortou
suas vítimas, uma por uma.
Encontramos um ponto contra
a parede com um saco de
dormir, uma pilha de livros
(incluindo uma Bíblia bem
usada), uma lanterna de
querosene, um saco cheio de
produtos de higiene pessoal, e
vários terços.

— De todos os lugares que ele poderia dormir, ele escolheu esse local. — Zumbi respirou fundo. Ele pressionava um pano no rosto para filtrar o ar. — Ele é louco.

— Não louco, Zumbi. — eu digo a ele. — Doente.

Infectado com um vírus antes mesmo de nascer. Essa é a melhor maneira de defini-lo.

Zumbi acena com a cabeça lentamente.

— Você está certa. Essa é a melhor maneira defini-lo.

Nós deixamos Bob o piloto com Cassie e as duas crianças em uma outra câmara, após tratarmos e enfaixarmos a sua ferida, dando-lhe antibióticos e uma dose alta de morfina. Ele não está em condições de pilotar

aquela noite. Bastou
chegarmos nas cavernas para
sua resistência se exceder,
mas eu me sentei ao lado dele
e o mantive focado e calmo, o
seu lastro e sua âncora.

Zumbi e eu recuamos em
direção a um terreno mais
alto. Ele se esgueirava pelas
passagens estreitas com uma
mão no meu ombro,
balançando desajeitadamente
a perna ruim, estremecendo a

cada passo. Faço uma nota mental para verificar a ferida antes de eu sair. A bala deve ser removida, mas me preocupo que o procedimento faça mais mal do que bem. Mesmo com antibióticos, o risco de infecção é alta, e cortar uma artéria principal seria catastrófico.

— Só temos duas opções. — diz ele. — Isso deve funcionar. Nós podemos bloquear uma

extremidade, o que deixa uma única entrada para vigiar.

— Certo.

— Acha que estamos longe o suficiente de Urbana?

— Longe o suficiente de Urbana para quê?

— Para evitar que sejamos vaporizados. — Ele sorri e seus dentes brilham anormalmente à luz do lampião.

Eu balanço minha cabeça.

— Eu não sei.

— Sabe o que é assustador,
Esp? Você parece saber mais
do que qualquer um de nós,
mas sempre que uma questão
crítica surge, como a questão
de saber se vamos ou não
vamos ser vaporizados dentro
de alguns dias, você nunca
sabe a resposta.

O caminho é íngreme. Ele precisa descansar. Não estou certa de que ele sabe que eu posso sentir o que ele sente através da conduta de que sua mão toca o meu ombro. Eu não sei se isso iria confortar ou aterrorizá-lo. Talvez ambos.

— Calma aí, Zumbi. — Agi como se eu precisasse recuperar o fôlego. — Tenho que descansar um minuto.

Eu me inclino contra um afloramento. No começo, ele tenta ser duro e ficar na posição vertical. Mas depois de um minuto ou dois, ele não pode manter-se e alivia-se no chão, grunhindo com o esforço. Desde que nos conhecemos, seu companheiro quase constante tem sido a dor, a maioria deles sou eu que tenho lhe dado.

— Dói? — Ele pergunta.

— O que?

Ele aponta para o meu nariz.

— Sullivan disse que acertou em cheio.

— Ela acertou.

— Não está inchado. E sem olhos negros.

Eu desvio o olhar.

— Graças a Vosch.

— Espero que você o agradeça por todos nós.

Eu concordo. Então eu balanço a cabeça e aceno novamente.

Zumbi sabe que ele está em terreno perigoso. Ele move-se para território mais seguro rapidamente.

— Não dói? Não há nenhuma dor?

Eu olho fixamente para ele.

— Não, Zumbi. Não há nenhuma dor.

Eu me abaixo, descansando sob meus calcanhares e coloco a lâmpada no chão. O espaço entre nós é de menos de um passo, mas eu sinto como se fosse mais de um metro.

— Você notou no nosso caminho? — Pergunto. — Alguém construiu um chuveiro

ao ar livre. Eu acho que eu vou tomar um banho antes de sair. — Há sangue endurecido no meu rosto, meu cabelo está sujo e há terra úmida sobre cada centímetro exposto. Uma eternidade passou depois que Zumbi me enterrou, mas eu ainda posso ver seus rostos brancos de espanto e horror, enquanto eu irrompia da sepultura. Os dois recrutas foram enviados de

volta para pegar os
companheiros de pelotão que
foram deixaram para trás para
nos matar. Sullivan tinha uma
expressão semelhante depois
que ela quebrou meu nariz. Eu
me tornei o material de
maravilha e pesadelos.

Então, eu quero ser limpa. Eu
quero me sentir humana
novamente.

— Não importa se a água está fria? — Zumbi indaga.

— Eu não vou sentir isso.

Ele acena como se tivesse entendido.

— Deveria ser eu. Não no chuveiro. Ha, ha. Quero dizer, indo com você. Não a Cassie. Me desculpe, Esp. — Ele finge estudar os dentes irregulares da caverna que se projetam para baixo sobre as nossas

cabeças, como se fossem a
boca de um dragão
congelado. — Como ele era?
Eu quero dizer. Aquele cara.
Você sabe.

Eu sei.

— Forte. Engraçado.
Inteligente. Ele gostava de
conversar. E ele amava
beisebol.

— E você? — Pergunta
Zumbi.

— Eu não tenho opinião formada a respeito de beisebol.

— Não é o que eu quis dizer e você sabe disso.

— Não importa. — eu respondo. — Ele está morto.

— Ainda importa.

— É algo que você teria que perguntar a ele.

— Eu não posso. Ele está morto. Então, eu estou lhe perguntando.

— O que você quer de mim, Zumbi? Sério, o que você quer? Ele era gentil comigo.

— Ele mentiu para você.

— Não quando se importava. Não sobre as coisas importantes.

— Ele traiu você pelo Vosch.

— Ele sacrificou sua vida por mim.

— Ele assassinou Teacup.

— É isso aí, Zumbi. Chega. —
Levanto-me. — Eu não deveria ter dito a você.

— Porque você contou?

Porque você é minha zona livre de besteira, mas eu não vou lhe dizer isso. Porque você é o único que saiu do deserto para... não, não é isso

também. E também não foi porque você é a única pessoa que eu ainda confio.

Em vez disso, eu digo:

— Você me pegou em um momento de fraqueza.

— Bem.— surge em seus lábios o sorriso Ben Parish, o sorriso que quase dói olhar. — Se você está precisando de um cretino egoísta, eu sou esse homem. — Ele espera

duas respirações, em seguida,
acrescenta: — Oh, vamos lá,
Esp. Vamos. Sorrir. Essa
piada funciona em vários
níveis, não é nem engraçada.

— Você está certo. — eu
respondo. — Não é
engraçada.

58

Eu deslizo minhas roupas do
lado do chuveiro ao ar livre. O

recipiente de sobrecarga
estava vazio, então eu tinha
que encher a cisterna para
aumentar a capacidade da
água. A cisterna devia pesar
mais de cem quilos, mas eu a
icei no meu ombro como se
não pesasse mais que
Nugget.

Eu sei que a água estava fria,
mas como eu disse a Zumbi,
eu estou protegida pelo dom

de Vosch. Eu não sinto nada além da umidade. A água carrega o sangue e a sujeira.

Eu corro minhas mãos sobre a minha barriga. Ele sacrificou sua vida para mim. O garoto na porta iluminado por uma fogueira funerária, com inscrições em seu braço.

Eu toco meu ombro. A pele é lisa e macia. O Sistema 12^a reparou os danos minutos

depois de eu ter os infligido.
Eu sou como a água que corre
por cima de mim, imune a
permanência, a reciclagem
infinita. Eu sou da água. Eu
sou a vida. A forma pode
mudar, mas a substância
permanece a mesma. Acerte-
me e eu vou me
reerguer. *Vincit qui patitur.*

Eu fecho meus olhos e vejo
nitidamente o azul brilhante,
os olhos mais profundos, que

pareciam perfurar minha
espinha. *Você me criou, e
agora sua criação está
voltando para você. Como a
terra seca espera a chuva
voltar.*

E a água carrega o sangue e
sujeira.

CASSIE

Aqui está algo para digerir.

Aqui está a verdade
encantadora sobre o mundo
que os Outros estão criando:

Meu irmão mais novo tem
esquecido o alfabeto, mas ele
sabe como fazer bombas.

Um ano atrás usava lápis de
cera, livros para colorir, papel
e cola de Elmer. Agora é
fusíveis, detonadores, fios e
pólvora.

Quem iria querer ler um livro quando você pode explodir alguma coisa?

Ao meu lado, Megan observa-o do jeito que ela sempre fica: em silêncio. Ela agarra Urso contra o peito, outra testemunha silenciosa da evolução do Samuel J. Sullivan.

Ele está trabalhando com Esp, os dois ajoelhados um ao lado

do outro, uma linha de montagem de duas pessoas. Eu acho que eles eram da mesma classe de IED no acampamento. O cabelo úmido de Esp brilha como a pele de uma cobra negra à luz da lâmpada. Sua pele marfim reluz. Um par de horas atrás, eu quebrei seu nariz, mas não há nenhum inchaço, nenhum sinal de eu ter infligido qualquer dano nela.

Ao contrário do meu nariz, que será torto até o dia que eu morrer. A vida não é justa.

— Como você entrou naquele helicóptero?— Eu pergunto a ela. Isso está me incomodando.

— Do mesmo jeito que você fez- ela responde. — Eu pulei.

— O plano era para eu saltar.

— O que você fez. Você estava pendurado por uma

unha. — disse ela. — Eu não acho que eu tinha uma escolha naquele momento.

Em outras palavras, eu te salvei sua sardenta, com um nariz de bunda, torto. O que você está reclamando?

Não que meu nariz tenha uma bunda. Eu realmente deveria parar de colocar pensamentos na cabeça das outras pessoas.

Ela enfia uma mecha de seus cabelos sedosos atrás da orelha. Há algo tão sem esforço e inexplicavelmente gracioso sobre o gesto que faz fronteira com o assustador. O que diabos aconteceu com você, Esp?

Claro, eu sei o que aconteceu com ela. *O presente*, como Evan chamou. Todo o potencial vezes humano vezes cem. *Eu tenho coragem de*

fazer o que eu tiver que fazer, Evan me disse uma vez. Ele se esqueceu de dizer no momento que o que ele quis dizer foi um tanto literal e figurativo. Ele se esqueceu de dizer um monte de coisas, o bastardo que nem sequer merece um resgate.

O que diabos eu estava pensando? Olhando para os dedos delicados de Esp que tamborilavam enquanto ela

construía uma bomba, eu percebo que a coisa mais assustadora sobre ela não é o que Vosch fez com seu corpo, é o que esse corpo tem feito com a sua mente. Quando você derruba suas limitações físicas, o que acontece com os entes morais? Estou bastante certa de que a Esp não-melhorada não poderia ter massacrado cinco recrutas fortemente armados e bem

treinados. Eu também suspeito que a Esp pré-melhorada não poderia ter empurrado seu polegar no globo ocular de outro ser humano. Isso exigiu um salto na evolução de um tipo totalmente diferente.

Falando de Bob.

— Vocês são esquisitos- diz ele. Ele está observando-nos com o olho bom.

— Não, Bob. — diz Esp sem tirar os olhos da sua bomba.

— O mundo está esquisito.

Nós apenas estamos ocupando-o.

— Não por muito tempo! Você não chegará a menos de cem metros da base. — Sua voz em pânico encheu a pequena câmara, que tem cheiro de produtos químicos e sangue velho. — Eles sabem onde você está, há um maldito GPS

naquele helicóptero e eles
estão vindo atrás de você com
tudo o que temos.

59

— Alguns minutos e nós
estaremos prontas.

— Yeah!- Bob grita. —
Prepare-se! Faça suas
orações, porque está indo
para baixo, Dorothy!

— Ela não é uma Dorothy! —
Sam grita com ele. — Você é
um Dorothy!

— Você, cale a boca! — Bob
grita de volta.

— Ei, Bob. — eu chamo até
ele. - Deixe meu irmão em
paz.

Bob está enrolado no canto, tremendo, suando, a morfina aparentemente não é suficiente. Ele não podia ter mais que vinte e cinco anos. Jovem para os padrões da pré-chegada. De meia-idade para os novos.

— O que vai me impedir de fazer a gente cair na porra de um milharal, hein?— Ele exige. — O que vai fazer?

Arrancar o meu outro olho?—

Em seguida, ele ri.

Esp ignora ele, que lança o gás em chamas de Bob.

— Não que isso importe. Não que você tenha uma chance no inferno. Eles vão cortar você no minuto em que pousar. Eles vão esculpir-la como a merda de uma abóbora do Dia das Bruxas. Então, faça suas pequenas

bombas. Você é totalmente carne morta.

— Você está certo, Bob. —
digo a ele. — Isso
praticamente resume tudo.

Eu não estou sendo sarcástica
(pela primeira vez). Quiz dizer
cada palavra. Supondo que
ele não nos jogue em um
milharal, supondo que não
sejamos derrubados pela
tropa armada que fica

certamente a caminho,
supondo que não sejamos
capturados ou mortos dentro
do campo pelos milhares de
soldados que estarão nos
esperando, supondo que por
algum milagre Evan ainda
está vivo, por algum milagre
maior do que o fato de eu
encontrá-lo, e supondo que
Esp mate Vosch, a coisa mais
próxima que a nossa espécie
tem para a barata

indestrutível, ainda que não tenhamos uma estratégia de saída. Estamos a compra de uma passagem só de ida para o esquecimento.

E as passagens não são baratas, eu penso enquanto eu vejo o meu Sams dar os últimos retoques em uma bomba.

Oh, Sam. Lápis de cera e livros para colorir. Papel e

cola. Ursos de pelúcia,
pijamas, jogos do balanço e
livros de histórias e tudo o
mais que sabia que você ia
deixar para trás, embora não
tão cedo, não desta forma.
Oh, Sam, você tem a cara de
uma criança, mas os olhos de
um homem velho.

Já era tarde demais. Eu
arrisquei tudo para salvá-lo do
fim, mas você já tinha um fim.

Eu me arrastei sob meus pés.
Todo mundo olha para mim,
exceto Sam. Ele está
cantarolando suavemente,
ligeiramente, uma música
tema para criar explosivos. Ele
está mais feliz que eu o vi em
muito tempo.

— Eu preciso falar com
Sam— eu digo a Esp.

— Está bem. — diz ela. — Eu
posso liberá-lo.

— Eu não estava pedindo permissão.

Eu pego seu pulso e o puxo da câmara para o corredor estreito, no caminho em direção à superfície até que eu tenha certeza que eles não podem nos ouvir. Quase certeza, na verdade. Esp provavelmente pode ouvir uma borboleta batendo suas asas no México.

— O que é isso?— Pergunta ele, franzindo a testa, ou talvez não. Eu não trouxe uma luz, mal posso ver seu rosto.

Isso é uma maldita boa pergunta, garoto. Mais uma vez, aqui vou eu, despreparada. Parecia ser um discurso que deveria levar semanas para ser construído.

— Você sabe que eu estou fazendo isso por você. — digo a ele.

— Fazendo o que?

— Deixando você.

Ele dá de ombros. Encolhe os ombros!

— Você vai voltar, não é?

Aí está: o convite para uma promessa que não posso

fazer. Eu tomo sua mão e digo:

— Lembra do verão você perseguiu o arco-íris?— Ele olha para mim, absolutamente perplexo. — Bem, talvez não. Eu acho que você ainda usava fraldas. Estávamos no quintal e eu tinha o pulverizador. Quando o sol bate na água... você sabe, um arco-íris. E eu estava fazendo você persegui-lo. Dizendo-lhe para pegar o

arco-íris... — Estou prestes a desmanchar em lágrimas. — É meio cruel quando eu penso sobre isso.

— Porque você está pensando sobre isso, então?

— Eu só não quero... Eu não quero que você esqueça as coisas, Sam.

— Coisas como o que?

— É preciso lembrar que nem sempre foi assim. — Fazer

bombas, se esconder em cavernas e assistir todos que você conhece morrer.

— Lembro-me das coisas. — ele argumenta. — Lembro-me como mamãe era.

— Você lembra?

Ele balança a cabeça enfaticamente.

— Lembrei-me bem antes de eu atirar naquela senhora.

Algo na minha expressão
deve me entregar. Acho que
um mistura de choque, horror
e uma tristeza profunda.

Porque ele vira as costas e
volta para a câmara de armas
apenas para voltar depois de
um minuto com o urso em
seus braços.

Oh, aquele urso maldito.

— Não, Sams. — eu sussurro.

— Ele trouxe-lhe sorte da última vez.

— Ele é... ele é de Megan agora.

— Não, ele é meu. Ele sempre foi meu. — Ele ofereceu para mim.

Eu gentilmente empurro Urso de volta em seu peito.

— E você precisa mantê-lo.

Eu sei que você superou ele.

Eu sei que você é um soldado

ou comando ou qualquer outra coisa agora. Mas um dia, talvez haja um garotinho que realmente precisa de Urso. Porque... bem, apenas porque. — Eu me ajoelho aos seus pés. — Então deve ficar com ele, entendeu? Você vai cuidar dele e protegê-lo e não deixará ninguém machucá-lo. Urso é muito importante no grande esquema das coisas. Ele é como a gravidade. Sem

ele, o universo iria
desmoronar.

Ele olha para o rosto sua irmã
mais velha por um longo
momento, em

silêncio. *Memorize-o Sams.*

*Estude cada machucado,
arranhado, cicatriz, o que há
de torto nele. Então você não
vai se esquecer. Então, você
nunca esquecerá. Lembre-se
meu rosto, não importa o quê.
Não importa. O que.*

— Isso é loucura, Cassie. —
diz ele, e por um instante, e
somente um instante, o
garotinho está de volta, e eu
vejo no rosto dele agora, a
histórica admiração do
garotinho perseguindo o arco-
íris.

60

ESP

Eu pulo para baixo do helicóptero. Zumbi me assiste e coloca a mochila por cima do meu ombro e diz:

— Tudo pronto?

— Pronto.

— Quantas sobraram? —
Apontou para o saco.

— Cinco.

Ele me olha com as sobrancelhas franzidas.

— Acha que vai ser suficiente?

— Vai ter que ser. Então, sim.

— Hora de ir, então. — ele diz.

— Hora de ir.

Nossos olhos se encontram. Ele sabe o que estou pensando.

— Eu não vou prometer isso.— ele diz.

— Você não pode vir atrás de mim, Zumbi.

— Eu não vou prometer isso.- ele diz outra vez.

— E você não pode ficar aqui. Após a nave-mãe deixa cair as bombas,vá para o sul. Use os rastreadores que te dei. Eles não vão te mascarar do IR ou te esconder dos silenciadores, mas...

— Esp.

— Eu não terminei.

— Eu sei o que fazer.

— Lembre-se de Dumbo.
Lembre-se que vir atrás
de mim tem um custo.
Algumas coisas você tem
que deixar ir, Zumbi.
Algumas coisas.

Ele agarra meu rosto em
ambas as mãos e beija
minha boca com força.

— Um sorriso.—
sussurra.— Um sorriso e
eu vou deixar você ir.

Meu rosto está em suas
mãos e as minhas mãos
nos quadris dele. A testa
dele toca a minha, as
estrelas giram sobre nós e
a terra e tempo estão
escorregando,
escorregando.

— Não seria verdadeiro.
— digo-lhe.

— Neste momento, não
me importo.

Eu empurro-o
suavemente.

— Eu ainda me importo.

61

As bombas estavam sendo carregadas. Tempo para preparar Bob.

— Você acha que eu não estou pronto para morrer? — Ele me pergunta quando eu o acompanho até o seu lugar.

— Eu sei que você não está.

Eu o amarro. Através da escotilha aberta, eu posso ver Sullivan com Zumbi, e ela está tentando ser forte, para manter a compostura. Cassie Sullivan é sentimental, imatura e egocêntrica além da crença, mas mesmo ela sabe que estamos atravessando um limiar que não podemos voltar atrás.

— Nenhum plano. — Ela sussurra para zumbi. Ela não quer que eu a escute e eu realmente não quero. O dom de Vosch é uma maldição, também.— Nada predestinado.

— Não pretendia que fosse.—
diz Zumbi.

Nenhum plano. Nada
predestinado. Não pretendia
que fosse. Como um cetismo
ou uma afirmação de fé, ou dá
fé oposta.

Ela levanta-se até ficar na
ponta dos pés e beija sua
bochecha.

— Sabe o que eu vou dizer
agora.

Zumbi sorri.

— Ele vai ficar bem, Cassie.

— Ele pega a mão dela e aperta com força. — Com a minha vida.

Sua resposta é imediata e feroz.

— Não com sua vida, Parish. Com a sua morte.

Ela me observa por cima do ombro e puxa a mão.

Eu concordo. Está na hora. Viro-me para o nosso piloto de um olho só.

— Dê a partida, Bob.

62

A terra recua. Zumbi
diminui, tornando-se um
ponto preto de encontro à
terra cinzenta. A estrada
gira para a direita como se
fosse o segundo ponteiro de
um relógio terrestre,
marcando o tempo que está
perdido, o tempo que não
pode ser levado de volta.
Indo para o norte, subindo a

explosão de inúmeras
estrelas, o centro da galáxia
explode um incandescente
verde fluorescente da nave-
mãe, que tem na sua
barriga as bombas que vão
apagar a última pegada do
restante da civilização.

Quantas cidades no
mundo? Cinco mil? Dez? Eu
não sei, mas eles sabem.

Em menos de três horas, no

silêncio absoluto do vazio,
as portas do compartimento
irão se abrir e deslizar
milhares de mísseis guiados
com ogivas não maiores do
que um pedaço de pão. A
única órbita ao redor do
planeta. Depois de dez
séculos, tudo que nós
tínhamos construído irá
sumir em um dia.

Os detritos vão resolver.
Chuva irá banhar a terra
queimada e estéril. Rios
serão revertidos para o seu
curso natural. Florestas,
prados, pântanos e pastos
vão recuperar o que foi
cortado, arrasado, nivelado
e enterrado sob toneladas
de asfalto e concreto.
populações de animais vão
explodir. Lobos irão retornar

do norte e manadas de
bisões trinta milhões mais
fortes, voltarão a escurecer
as planícies. Será como se
nunca tivessem ido, o
paraíso renasce, e há algo
antigo dentro de mim,
enterrado profundamente na
memória de meus genes,
que se regozija.

Um salvador? Vosch me perguntou. É isso que eu sou?

Do outro lado do corredor, Sullivan está me observando. Ela parece tão pequena com esse uniforme gigante, como uma criança brincando de se vestir. Que estranho termos acabado juntas assim. Ela não gostava de mim desde o

momento em que colocou os olhos em mim. Sobre ela, eu apenas pensei que não havia muito lá. Eu conheci um monte de meninas como Cassie Sullivan, tímida, mas arrogante, tímida, mas impulsiva, sensível, mas irreverente. Sentimentos importam para ela mais do que fatos, principalmente o

fato de que sua missão é
inútil.

O meu é sem esperança.
Ambos são suicidas. E não
é evitável.

Meu fone de ouvido estala.
É Bob.

— Temos companhia.

— Quantos?

— Hum. Seis.

— Eu estou chegando.

Sullivan começa a levantar quando eu me desafivelo.

Eu bato levemente em seu ombro no meu caminho para o assento do co-piloto. Está bem. Nós estávamos esperando por isso.

Na frente, Bob aponta os helicópteros entrando na sua tela.

— Ordens, chefe? — Com apenas uma pitada de sarcasmo. — Enfrentar, fugir, ou você quer que eu a coloque no chão?

— Mantenha o curso. Eles vão esperar.

— Esperar. Eles estão nos saudando.— Ele escuta. Eu tenho uma visão deles agora, bem a frente, voando

em formação de ataque. —
Ok.— Diz ele, virando-se
para mim. — Três
suposições. As duas
primeiras não contam.

— Eles estão nos
orientando a voltar para a
terra.

— Agora é a minha vez:
Vão vocês! Certo?

Eu balanço minha cabeça.

— Não diga nada.

Mantenha o vôo.

— Você percebeu que eles vão atirar-nos para baixo, certo?

— Só me deixe ficar ciente quando eles estiverem dentro do alcance.

— Ah, então esse é o plano. Nós vamos atirá-los para baixo. Todos os seis.

— Foi mau, Bob. Eu quis dizer que quero que me avise quando estivermos ao alcance deles. Qual é a nossa velocidade?

— Uns cento e quarenta. Por quê?

— Duplique.

— Eu não posso duplicá-la. Max é um noventa.

— Então maximize-o. Fique na mesma posição.— Bem abaixo de suas gargantas, aqui vamos nós.

Podemos saltar pela frente. Um arrepio ondulações percorrem debaixo da pele do helicóptero, os motores uivam, o vento grita no porão. Depois de alguns minutos, mesmo olho inútil de Bob pode ver o

helicóptero chumbo vindo
direto para nós.

— Pediram para irmos para
baixo de novo.- Grita Bob.

— No intervalo de trinta
minutos!

— O que está
acontecendo?— A cabeça
de Sullivan surge entre nós.
Sua boca cai aberta quando

ela se concentra no que está acontecendo.

— Vinte! — Avisa Bob.

— Vinte o quê? — Ela grita.

Eles vão mover-se para cima, tenho certeza disso.

Puxar para cima ou quebrar a formação para nos deixar passar. Eles não vão atirar-nos para baixo, também.

Devido ao risco. O risco é a

chave, Vosch me disse.

Agora ele sabe quem
estava por trás da equipe de
ataque morta e do
helicóptero roubado.

Constance não teria feito
isso e Walker foi capturado.
Isso deixa apenas uma
pessoa que poderia ter feito
algo como isto: sua criação.

— Dez segundos!

Eu fecho meus olhos.

O *hub* assume, sempre meu
fiel companheiro. Ele
desliga os meus sentidos,
fazendo-me mergulhar para
o espaço sem som, sem luz.

*Estou chegando, seu filho
da puta. Você quis criar um
ser humano sem
humanidade. Agora você vai
ter um.*

Parte IV – 63

Parte IV - O último dia

EVAN WALKER

A sala em que o jogaram era pequena, nua e muito fria. Quando tiraram o capuz que estava cobrindo a sua cabeça a gravidade da luz o cegou. Instintivamente, ele cobriu os olhos.

Um de seus capturadores exigiu suas roupas. Ele tirou

a cueca. *Não, tire o resto.*

Ele deixou cair os shorts e os chutou em direção à porta, onde os dois rapazes vestindo camuflado estavam. Um deles, o mais novo, riu.

Eles saíram da sala e a porta se fechou. O frio, o silêncio e a luz eram intensos. Ele olhou para baixo e viu um grande dreno

no centro do chão de azulejos. Ele olhou para cima, e como se o ato de olhar para cima fosse um sinal, a água irrompeu a partir dos pulverizadores aéreos.

Ele cambaleou para trás contra a parede e cobriu a cabeça com as mãos. O frio pareceu perfurar, atravessando a pele em

direção ao músculo e o osso da medula, até que seus joelhos se dobraram e ele caiu no chão, a cabeça equilibrada sobre os joelhos erguidos e os braços em volta de suas pernas. A voz desencarnada cresceu no pequeno espaço.

— FIQUE EM PÉ.

LEVANTE. — Ele ignorou.

Imediatamente, a água passou de fria para um quente escaldante. Evan rapidamente ficou de pé, a boca se abriu em choque e dor. A luz resplandecente cortou através da névoa de vapor e dividiu em inúmeros arco-íris que balançavam e giravam radiantes contra o azulejo incolor. O spray esfriou novamente, então

abruptamente foi
interrompido.

Ele encostou-se à parede,
ofegante, e a voz
novamente explodiu.

— NÃO TOQUE NA
PAREDE. Deixe os pés
juntos e as mãos ao lado de
seu corpo.

Ele se distanciou da parede.
Nunca, nem mesmo no dia

do mais amargo inverno na
fazenda, quando o vento
rugia pelos campos e
galhos de árvores
quebravam sob o peso do
gelo, nunca tinha ele
sentido este frio. Este frio
era uma coisa viva, uma
besta com seu corpo preso
entre as mandíbulas, e
essas mandíbulas estavam
esmagando-o lentamente.

Seu instinto lhe dizia para ele se mover, o esforço físico iria aumentar a sua pressão arterial, aumentar a sua frequência cardíaca e levar calor para suas extremidades.

— NÃO SE MOVA.

Ele não conseguia se concentrar. Seus pensamentos giravam como

os incontáveis arco-íris
soltos pelo spray. Fechar os
olhos talvez pudesse ajudar.

— Não feche os olhos.

O frio. Ele imaginou a água
sobre seu corpo nu frio, com
cristais de gelo sólido
formando em seu cabelo.

Ele ia entrar em choque
hipotérmico. Seu coração ia
parar. Suas mãos fecharam-

se em punhos e ele cravou
as unhas nas palmas das
mãos. A dor vai concentrar
sua mente. A dor sempre
faz isso.

— ABRA SUAS MÃOS.
ABRA SEUS OLHOS. Não
se mova.

Ele obedeceu. Se ele fizer
tudo o que eles disserem,
seguir todas as ordens,

cumprir todas as exigências,
eles não têm desculpa para
usar a única arma para a
qual ele não tinha defesa.

Ele deveria suportar
qualquer fardo, suportar
qualquer dificuldade, sofrer
qualquer tormento, se
aquele sofrimento for
adicionado em um único
momento de sua vida.

Ele estava disposto a
sacrificar toda uma
civilização por causa dela.
Sua própria vida era
infinitamente pequena e
sem sentido, o preço sem
custo. Ele sempre soube,
desde o dia em que
encontrou sua metade
enterrada na neve, o que
salvá-la significava. O que
amá-la significava. A porta

da cela se fecharia, o
condenando à morte.

Mas eles não o levaram
para aquela sala de luz fria
para matá-lo.

Isso viria mais tarde.

Depois de quebrarem o seu
corpo, esmagarem sua
vontade e dissecarem a sua
mente até a última sinapse.

A ruína de Evan Walker
tinha começado.

64

Horas se passaram. Seu corpo ficou
dormente. Ele parecia flutuar dentro de sua
própria pele insensata. A parede branca a
sua frente se estendia até o infinito. Ele

estava flutuando em um vazio sem fim e os seus pensamentos tornaram-se fragmentos. Sua mente, carente de estímulos, projetou imagens aleatórias de sua infância, natais com sua família humana, ele sentado com seus irmãos na varanda da frente, ele inquieto no banco na igreja. E cenas dele muito mais velho, vistas a partir de uma vida diferente: o pôr do sol de tirar o fôlego de uma estrela, deslizando sobre a montanha que media três vezes a altura do Himalaia. Os folhetos de prata coroando uma colina e vendo debaixo dele um vale desprovido de vida, a colheita destruída pelo veneno ultravioleta do sol da sua morte.

Se fechasse os olhos, a voz gritava que ele os abrisse. Se ele se mexesse, a voz ordenava que ele ficasse parado.

Mas foi apenas uma questão de tempo até ele desmaiar.

Ele não se lembrava de ter caído ou da voz gritando para ele se levantar. Em um momento ele estava de pé, no outro estava enrolado como uma bola no canto de trás do quarto branco. Ele não tinha ideia de quanto tempo tinha passado. O tempo não existia no quarto branco.

Ele abriu os olhos. Um homem estava parado na porta. Alto, atlético, com olhos do mais profundo azul, vestindo um uniforme de coronel. Ele sabia quem era este homem, embora eles nunca tivessem se encontrado. Conhecia o seu rosto e o rosto por trás da face. Sabia o nome que lhe foi dado e sabia seu nome humano. Ele nunca

tinha o visto antes, ele o conhecia há dez mil anos.

— Você sabe por que eu trouxe você aqui?

— O homem perguntou-lhe.

A boca de Evan estava aberta. Seus lábios estavam rachados e começaram a sangrar. Sua língua se movia desajeitadamente, ele não podia senti-la.

— Traiu.

— Traiu? Ah não, muito pelo contrário. Se há uma palavra para descrevê-lo, essa é dedicado. — Ele deu um passo para um lado e uma mulher que vestia uma blusa branca empurrou uma maca com rodas para a sala. Dois soldados surgiram. Eles o pegaram do chão e o jogaram na maca. Acima dele, uma única gota de água caiu do

pulverizador. Ele observava ele tremer, incapaz de desviar o olhar. Um manguito foi envolvido em torno de seu braço, ele não sentia aquilo. Um termômetro foi executado na sua testa, ele não sentia aquilo.

Uma luz brilhante reluziu em seus olhos. A mulher sondou seu corpo nu, pressionando seu estômago, massageando seu pescoço e pélvis, suas mãos estavam deliciosamente quente.

— Qual é o meu nome? — O coronel perguntou.

— Vosch.

— Não, Evan. Qual é o meu nome?

Ele engoliu em seco. Ele estava com muita sede.

— Ele não pode ser pronunciado.

— Experimente.

Ele balançou sua cabeça. Era impossível. A sua língua tinham evoluído como resultado de uma anatomia muito diferente. Vosch poderia muito bem pedir para um chimpanzé a recitar Shakespeare.

A mulher de blusa branca com as mãos quentes deslizou uma agulha em seu braço. Seu corpo relaxou. Ele não estava mais com frio ou com sede e sua mente estava clara.

— De onde você é? — Perguntou Vosch.

— Ohio.

— Antes disso.

— Não pode ser pronunciado.

— Não importa o nome. Diga-me onde.

— Na constelação Lyra, o segundo planeta a partir da estrela anã. Os seres humanos o descobriram em 2014 e o nomeou Kepler 438B.

Vosch sorriu.

— Claro. Kepler 438B. E de todos os lugares no qual você poderia escolher, por que a Terra? Por que você veio aqui?

Evan virou a cabeça para olhar para o homem.

— Você já sabe a resposta. Você sabe todas as respostas.

O coronel sorriu. Seus olhos permaneceram duros, porém sem humor. Ele se virou para a mulher.

— Tragam as vestes. É hora de Alice fazer uma viagem no buraco do coelho.

Trouxeram-lhe um macacão azul e um par de sapatos brancos frágeis. Ele disse aos soldados que estavam olhando para ele:

— É mentira tudo o que ele lhes disse. Ele é como eu. Ele está usando vocês para matar sua própria espécie.

Os garotos não disseram nada. Eles nervosamente acariciaram os gatilhos de suas armas.

— A guerra que está prestes a travar não é real. Vocês vão matar pessoas inocentes, sobreviventes como você, até o último cair e, em seguida, vamos matá-los. Vocês estão participando do seu próprio genocídio.

— Sim, bem, você é um pedaço de merda infestado.- O menino mais jovem deixou

escapar. — E depois do que o comandante fez com você, ele está lhe dando para nós.

Evan suspirou. Não havia nenhum deles rompendo a mentira, porque aceitar a verdade iria quebrá-los.

Vícios são virtudes agora, e virtudes vícios.

Fora da sala, passou por um longo corredor, em seguida, desceu três lances de escadas para o nível mais baixo. Outro longo corredor, virou à direita para um terceiro que atravessava o comprimento da base, passando de porta em porta sem identificação e paredes de blocos de concreto cinza iluminadas com o brilho estéril de lâmpadas fluorescentes. Aqui noite nunca havia caído, aqui a luz era eterna.

Eles foram até a última porta no fim do túnel cinza. As centenas de portas que ele tinha passado eram brancas, esta porta era verde. Ela se abriu quando eles se aproximaram.

Dentro da sala havia uma cadeira reclinável com tiras nos braços e apoio para os pés, uma matriz de monitores e um teclado. Um técnico estava esperando por ele, um sujeito branco que o observava com atenção.

E Vosch.

— Você sabe o que é isso - Disse ele.

Evan assentiu.

— País das maravilhas.

— E o que eu poderia esperar encontrar lá?

— Muito pouco do que você já sabe.

— Se eu soubesse o que eu precisava saber, eu não teria tido passado por tanta dificuldade para trazê-lo aqui.

O técnico o amarrou na cadeira. Evan fechou os olhos. Ele sabia o upload de suas memórias seria fisicamente indolor. Ele também sabia que poderia ser psicologicamente devastador. O cérebro humano tem uma capacidade maravilhosa de rastrear e classificar experiências, protegendo-se contra a insuportável. País das Maravilhas era uma experiência nua, colocada sem interferência do cérebro, extraíndo o recorde de vida com nenhuma interpretação dos dados. Nada no contexto, nenhuma causa e efeito, a vida não filtrada,

sem o dom de racionalização do cérebro,
negação e criação de lacunas convenientes.

Lembramo-nos de nossas vidas. O País das
maravilhas nos obriga a revivê-los.

Durou dois minutos. Dois muito longos
minutos.

Desde o desastre do silêncio, da luz que se
seguiu até a voz de Vosch:

— Há uma falha em você. Você sabe disso.
Algo deu errado e é importante que nós
compreendemos a razão.

Suas pernas doíam. Seus pulsos estavam
presos contra as correias.

— Você nunca entenderá.

— Você pode estar certo. Mas você é o meu humano indispensável para a tentativa.

Nos monitores colunas de números fluíam, a sua vida organizada em sequências de qubits, o que viu, sentiu, ouviu, disse, provou, pensou e os mais complexos pacotes de informação do universo: a emoção humana.

— Vai levar algum tempo para executar o diagnóstico. — Disse Vosch. — Venha comigo. Eu quero te mostrar algo.

Ele quase caiu enquanto saía da cadeira. Vosch o pegou e gentilmente puxou-o na posição vertical.

— O que aconteceu com você? — Ele perguntou Evan. — Por que você está tão fraco?

— Pergunte a eles. — Com um aceno de cabeça em direção aos monitores.

— O Sistema 12^a falhou? Quando isso aconteceu?

Ele tinha feito uma promessa. Ele tinha que encontrá-la antes de Graça. Correndo pela estrada, correndo até o *presente* dentro dele entrar em colapso. Porque nada importava além da promessa, nada importava além dela.

Evan olhou nos olhos de pássaro azul brilhante do Vosch e disse:

— O que você vai me mostrar?

Vosch sorriu.

— Venha e veja.

66

Virar à esquerda das escadas, levou-o para o corredor há alguns metros de distância da porta verde do país das maravilhas. Virar à

direita levou-o a um beco sem saída, uma parede em branco.

Vosch pressionou o polegar contra a parede. As engrenagens protestaram, uma rachadura apareceu, e a parede dividiu-se ao meio, as duas metades puxando-se para trás, para revelar um corredor estreito que desapareceu após o brilho estéril de lâmpadas fluorescentes no preto total.

Uma voz surgiu de um alto-falante escondido:

— Atenção! Você está entrando em uma área restrita ao pessoal autorizado nos termos da Ordem Especial Onze. Todas as pessoas não autorizadas encontradas nesta área estarão sujeitos à ação disciplinar imediata. Atenção! Você está entrando em uma área restrita ao pessoal autorizado...

A voz seguiu-os no escuro. *Atenção!* Uma mancha de luz em uma cor verde doentia banhava o final do corredor estreito.

Pararam lá, em uma porta sem maçaneta. Vosch pressionou o polegar contra o meio da porta e abriu silenciosamente. Ele virou-se para Evan.

— Chamamos isso de Área 51. — Vosch informou-o sem um traço de ironia.

Luzes se acenderam quando cruzaram um certo limite. A primeira coisa que chamou a atenção de Evan foi o pod em forma de ovo, idêntico ao pod em que ele escapou do Campo Abrigo, exceto o seu tamanho: Este pod era duas vezes maior. Ele dominou a metade da câmara. Acima dele, ele podia ver o lançamento de concreto reforçado que levou à superfície.

— Isto é o que você queria me mostrar?—

Ele não entendeu. Ele sabia Vosch teria um pod na base para regressar ao seu navio, após a 5ª Onda ser desencadeada. Em questão de horas, vagens idênticas seriam despachadas da nave-mãe para recuperar o resto das pessoas embarcadas. Por que Vosch queria que ele visse o seu?

— É único. — disse Vosch. — Há apenas doze outros como ele no mundo. Um para cada um de nós.

— Por que você está fazendo isso? — Ele estava perdendo a paciência. — Por que você fala enigmas e mentiras, como se eu fosse uma de suas vítimas humanas? Há mais de doze. Há dezenas de milhares...

— Não. Apenas doze. — Ele fez um gesto em direção à sua direita. — Venha aqui. Eu

acho que você vai achar isso muito interessante.

Pendurado no teto, ao nível dos seus olhos, a sua pele em um cinza esverdeado brilhante, um objeto de vinte pés de comprimento em forma de charuto. Após a 3ª Onda, drones como este encheram o céu. *Os olhos de Vosch*, havia dito a Cassie. *É assim que ele vê você.*

— Um componente importante da guerra. — disse Vosch. — Importante, mas não crítico. Sua perda exigiu um pouco de improvisação em nossa caça por você, você já se perguntou por que foi necessário melhorar um ser humano comum, sim?

Ele estava se referindo a Especialista. Mas Evan não conseguia ver a ligação.

— Por que você fez?

— O propósito dos drones não era para identificar a localização de sobreviventes, era para rastreá-lo. Você e os milhares como você que vão abandonar seus territórios atribuídos nos próximos dias. Quando a quinta onda for lançada você perceberá que não haverá resgate, não haverá escapatória para a nave-mãe.

Evan sacudiu a cabeça. Pela primeira vez ocorreu-lhe que Vosch pode ter enlouquecido. Foi seu maior medo ao projetar a purificação da Terra. Compartilhar o corpo com uma consciência humana pode vir a ser um fardo esmagador, uma estirpe que não podia ser suportada.

— Agora você está me perguntando se eu estou em meu perfeito juízo. — Disse Vosch

com um pequeno sorriso. — Eu não pareço com a pessoa que você conheceu durante boa parte de sua vida de dez mil anos de idade. A verdade é que nunca conheceu, Evan. Até hoje, nem eu me conheço. — Vosch levou-o pelo braço, gentilmente, e guiou-o para a parte de trás da câmara.

A inquietação de Evan se aprofundou. Havia algo profundamente perturbador sobre isso. Ele não entendia por que Vosch o levara até ali, por que ele simplesmente não tinha o matado? O que importa se o seu corpo humano morrer? Sua consciência ainda existiria na nave-mãe. Qual era o ponto daquele show bizarro?

No canto havia um carrinho de madeira, e no stand pousado havia um grande pássaro de rapina, com a cabeça inclinada para a

frente, seus olhos fechados, aparentemente dormindo. O estômago de Evan vibrou. Os anos entraram em colapso e ele era um menino novo, deitado em sua cama, naquele espaço nebuloso entre o sonhar e acordar, observando a coruja no parapeito da janela olhando para ele, olhos redondos e brilhantes, brilhando no escuro, e seu corpo sentindo como se tivesse sido congelado em âmbar, incapaz de se mover, incapaz de desviar o olhar.

Atrás dele, Vosch murmurou.

— *Bubo virginianus*. A grande coruja Horned. Magnífica, não é? Uma predadora temível, noturna, solitária, raramente sabem que ela vem, até que seja tarde demais. Ela é o seu demônio, seu espírito animal. Você

foi projetado para ser o seu equivalente humano.

As asas agitaram-se, o peito dela inflou, a cabeça ergueu-se e os olhos se abriram. Seus olhos se encontraram.

— Claro, não é real. — Vosch continuou. — É um dispositivo de entrega. Uma máquina. Uma veio com sua mãe, enquanto ainda estava em seu ventre, tendo o programa sido transmitido em seu cérebro em desenvolvimento. Outro o visitou depois que esse programa foi arrancado. Seu despertar, eu acho que é chamado, para dotá-lo com o 12º sistema.

Ele não podia virar. Os olhos da coruja encheram sua visão, o engolfou.

— Não há nenhuma entidade alienígena dentro de você. — disse Vosch. — Nenhum dentro de qualquer um de nós e nenhum a bordo da nave-mãe. Ele é totalmente automatizado, como o seu velho amigo aqui, projetada por seus criadores depois de séculos de estudos cuidadosos, deliberados e enviados a este planeta para varrer a população humana a um nível sustentável. E, claro, para mantê-lo lá indefinidamente, mudando a própria natureza humana.

Evan encontrou sua voz, e disse:

— Eu não acredito em você. — *Os olhos.* Ele não conseguia desviar o olhar.

— Um laço impecável, auto-sustentável, um sistema imaculado em que a confiança e a cooperação nunca podem se enraizarem. O progresso torna-se impossível, para todos

os estranhos que são inimigos em potencial, o "Outro" que deve ser caçados até a última bala gasta. Você nunca foi feito para ser um agente de destruição, Evan. Você faz parte da Terra de salvação, ou você fazia, até algo em sua programação dar errado. É por isso que eu trouxe você aqui. Não para torturá-lo ou matá-lo. Eu te trouxe aqui para te salvar.

Ele colocou uma mão consoladora no ombro de Evan, e seu toque quebrou o contato visual com a coruja. Evan pulou em cima de seu capturador. Ele iria matá-lo. Ele iria arrancar a vida dele com as próprias mãos.

Seu punho socou o ar vazio. O impulso quase levou-o fora de seus pés.

Vosch havia desaparecido.

67

Embora ele tenha permanecido de pé, ele tinha a sensação de estar caindo de uma grande altura. O quarto girou, as paredes desbotadas ficaram fora de foco. Do outro lado da câmara, uma figura estava na porta, uma âncora visual que ele estabilizou. Ele deu um passo hesitante para frente e parou.

— O que você lembra? — Vosch perguntou a partir do limiar. — Eu estava bem ao seu lado? Eu coloquei minha mão sobre seu ombro? Quais são as nossas memórias, a prova definitiva de que existimos? E se eu lhe dissesse que tudo que você se lembra desde que entrou neste quarto, tudo, é uma mentira, uma falsa memória transmitida em

seu cérebro por essa "coruja" atrás de você?

— Eu sei que é uma mentira. — Respondeu Evan. — Eu sei quem eu sou. — Ele estava tremendo. Ele estava mais frio do que tinha estado no quarto branco sob o spray gelado.

— Oh, o que você "ouviu" era a verdade. É a memória que é falsa. — Vosch suspirou. — Você é um teimoso, não é?

— Por que eu deveria acreditar em você?

— Exclamou Evan. — Quem é você, que eu deveria acreditar?

— Porque eu sou um dos escolhidos. Me foi confiada a maior missão na história da humanidade: A salvação de nossa espécie. Como você, eu sabia desde que eu era um

menino oque estava por vir. Ao contrário de você, eu sabia a verdade.

Os olhos de Vosch se desviaram para o pod. Seu tom mudou de popa para melancólico.

— É impossível expressar o quão solitário eu fui. Apenas um punhado de nós sabemos a verdade. Em um mundo cego, ao menos tivemos olhos para ver. Não foi dada uma escolha, você deve compreender, não havia escolha. Eu não sou responsável. Eu sou uma vítima, tanto quanto eles são, tanto quanto você! — Sua voz levantou-se em fúria. — Este é o custo! Este é o preço! E o paguei. Eu fiz tudo o que foi exigido de mim. Eu cumpri a minha promessa, e agora o meu trabalho está feito.

Ele estendeu a mão.

— Venha comigo. Permita-me lhe conceder um último presente. Vem comigo, Evan Walker, e diminua o seu fardo.

68

Ele seguiu Vosch. Que escolha ele tinha? Andou pelo longo corredor, voltando até a porta verde. O técnico levantou-se quando eles entraram e disse:

— Já fiz o teste três vezes Sr. comandante, e eu ainda não consegui encontrar quaisquer anomalias no programa. Você quer que eu execute-o novamente?

— Sim. — respondeu Vosch. — Mas não agora. — Ele virou-se para Evan. — Por favor sente-se.

Ele acenou para o técnico, que prendeu Evan de volta na cadeira reclinável. Os hidráulicos protestaram, ele é girado para trás, com o rosto virado para o teto branco neutro. Ele ouviu a porta ser aberta. A mesma mulher que o havia examinado no quarto branco entrou, girando à sua frente um carrinho de aço inoxidável brilhante. Sobre ele, colocados em um perfeito alinhamento, haviam treze seringas cheias com um fluido de cor âmbar.

— Você sabe o que é isso. — Disse Vosch.

Evan assentiu. O 12º sistema. O presente. Mas por devolvê-lo?

— Porque eu sou um otimista, um romântico incurável, como você. — Disse Vosch, como se ele tivesse lido a mente de Evan. — Eu acredito que onde há vida, há

esperança. — Ele sorriu. — Mas principalmente, porque cinco jovens estão mortos, o que significa que ela ainda pode estar vivo. E se ela vive, há apenas uma opção deixada para ela.

— Especialista?

Vosch assentiu.

— Ela é o que eu a tornei. E ela está vindo exigir que eu pague pelo que eu fiz.

Ele se inclinou sobre o rosto de Evan, e seus olhos queimaram com fogo iridescente, e as chamas azuis o queimaram até os ossos.

— Você vai ser minha resposta.

Ele virou-se para a tecnologia, que se retraiu sob a intensidade do seu olhar.

— Ela pode estar certa: O amor pode ser a singularidade, o inexplicável, ingovernável, mistério inefável, impossível de prever ou controlar, o vírus que caiu em um programa projetado por seres que não são mais evoluídos do que uma barata. — Em seguida, volta Evan: — Então eu vou fazer o meu dever, eu vou queimar a aldeia, a fim de salvá-lo.

Ele deu um passo para trás.

— Baixá-lo novamente. Em seguida, apagá-lo.

— Apagá-lo, senhor?

— Apagar o ser humano. Deixe o resto.—

A voz do comandante encheu a pequena sala. — Não podemos amar o que não lembramos

69

Nas madeiras do outono havia uma tenda, e naquela tenda havia uma menina que dormia com um rifle em uma mão e um ursinho de pelúcia no outro. E enquanto ela

dormia, um caçador manteve-se em vigília sobre ela, um companheiro invisível que se retirou quando ela acordou. Ele tinha vindo para acabar com sua vida, ela estava lá para salvar a sua.

E as discussões intermináveis com ele, a vaidade de sua própria razão colocaram a questão sem resposta: Por que deve-se viver, enquanto o próprio mundo perece? Quanto mais ele estendia a mão para essa resposta, mais longe a resposta recuava de seu alcance.

Ele era um Silenciador que não conseguiu silenciar. O dele era o coração de um caçador que faltava a coragem de matar.

Em seu diário ela havia escrito *Eu sou a humanidade*, e algo nessas três palavras estilhaçaram-no em dois.

Ela era a Efemérida, foi por uns dia, em seguida se foi. Ela era a última estrela, queimando brilhante em um mar preto infinito.

Apagar o humano.

Em uma explosão de luz ofuscante, a estrela Cassiopéia explodiu, e o mundo ficou preto.

Evan Walker havia sido desfeito.

70

CASSIE

Não chegou em dez minutos e eu estava começando a pensar que esta missão impossível de matar-Vosch-e-resgatar-Evan era uma ideia muito ruim.

Bob, o piloto de um olho só, gritou:

— Dez segundos!— Esp fechou os olhos, e, em, um instante nauseantemente horrível, estou convencida de que tudo era uma armação. Este tem sido o seu plano o tempo todo. Deixar Ben e as crianças indefesas, em seguida, pegar dois de nós e nos matar, em estilo kamikaze, há cinco mil metros do chão, afinal, quem se importa? Há uma cópia dela que vive no país das maravilhas. Ela só vai ser baixada em um

novo corpo, uma vez que estejamos todos mortos.

Agora é a sua chance, Cass. Pegue sua faca e atinja o seu coração traiçoeiro... se é que você pode encontrá-lo. Se é que ela tem um.

— Eles estão saindo de formação! —
Anuncia Bob.

Os olhos de Esp se abrem. Minha chance vai para longe.

— Mantenha a rota, Bob. — diz ela uniformemente.

Os helicópteros espalham-se embaixo de nós, espalhando-se para que todos recebam um tiro justo, para que ninguém se sinta deixado de fora na chance de nos desfazer em pedacinhos.

Bob mantém nosso curso, mas aumentou nossas apostas, travando um míssil no helicóptero. Seu polegar paira sobre o botão. A coisa que martela na minha mente sobre Bob é a rapidez com que ele mudou de lado. Quando abriu os olhos, esta manhã, os dois, ele estava certo de que a equipe que estava golpeando eram seus aliados. Em seguida, no piscar de um olho (ha! Desculpe, Bob), ele estava preparado para aniquilar seus irmãos e irmãs de armas.

Então é isso. Você pode amar o bom em nós e odiar o mal, mas o mau está em nós, também. Sem ele, não seríamos nós.

Tudo que eu quero fazer neste momento é dar um grande abraço em Bob.

— Eles vão bater em nós!— Grita Bob. —
Temos de mergulhar, temos de mergulhar!
— Não. — diz Esp. — Confie em mim, Bob.

Bob ri histericamente. Nós nos movemos
em direção ao helicóptero de chumbo,
ambos em plena velocidade.

— Ah, claro! Por que eu não iria confiar em
você?— O polegar de Bob acaricia o botão,
em poucos segundos não importa o que
Esp disse a ele, ele vai disparar. Em última
análise, Bob não está do lado de ninguém,
ele está no lado de Bob.

— Exploda. — Esp sussurra enquanto o
grande helicóptero negro sobe em nossa
direção. — Exploda agora.

Muito tarde. Bob afunda o dedo no botão, o
Black Hawk estremece como se um gigante

o tivesse chutado. Um míssil Hellfire explode de sua montagem. A cabine do piloto acende-se como o sol do meio-dia. Alguém grita (Eu acho que pode ter sido eu). Um turbilhão de fogo nos engolfa por meio segundo e detritos batem contra o nosso casco e então, estoura como uma bola de fogo para o outro lado.

— Saaaaaanta mãe de Deus! — Grita Bob.

Esp não diz nada no começo. Ela está olhando para o seu escopo e para os cinco pontos brancos que restam. Quatro se afastam, dois à direita e dois à esquerda, e o terceiro continua, apontando em direção à parte inferior da tela. Ah não. Onde ele está indo?

— Comunique-se com eles. — Esp diz a Bob. — Diga-lhes que estamos nos entregando.

— Estamos? — Bob e eu dizemos ao mesmo tempo.

— Em seguida, mantenha curso. Eles não vão nos forçar a descer ou disparar sobre nós.

— Como você sabe?— Pergunta Bob.

— Porque se fossem, teriam feito isso agora.

— E quanto ao outro?— Exijo. — Se foi. Não está nos seguindo.

Esp me dá uma olhada.

— Onde você pensa que vai?— Então ela se afasta.

— Vai ficar tudo bem, Sullivan. Zumbi vai fazer o que tem que fazer.

Como eu disse, uma ideia muito ruim.

71

Eu mergulho de volta em meu assento e luto para conseguir ar em meus pulmões. Acho que eu esqueci de respirar lá atrás. Minha boca está seca. Eu beberico um pouco de água, mas apenas o suficiente para molhar a boca, porque eu estou um pouco preocupada com ter de fazer xixi durante a operação. Esp descreveu a base para mim com alguns detalhes, incluindo a

localização do quarto País das Maravilhas, mas nunca perguntei onde os banheiros eram.

A voz de Esp crepita irritantemente no meu ouvido.

- Descanse um pouco, Sullivan. Ficaremos no ar por mais algumas horas.

O nascer do sol não será muito antes. Estamos chegando muito perto. Não sou especialista em operações secretas, mas eu suponho que elas são um pouquinho mais fáceis no escuro. Além disso, se Evan estava certo, hoje é o Green Day, o dia das bolas de fogo no inferno e da chuva no céu.

Eu tateio os meus bolsos, até que localizar uma das barras de energia mágicas de Ben Parish. A única alternativa é começar a

chorar. Estou determinado a não chorar até eu ver Sam novamente. Ele é a única coisa que resta que é digno de minhas lágrimas.

E o que diabos ela quis dizer com, *Zumbi vai fazer o que tem que fazer?*

Isso é bom, Sullivan, ela com certeza sabe melhor do que ninguém, porque você com certeza não sabe. Se você soubesse o que fazer, você não estaria neste maldito helicóptero. Você ficaria com seu irmão mais novo. É isso. Você sabe a verdadeira razão de você estar aqui. Pode até dizer que é para Sam, mas que não está enganando ninguém.

Oh Deus, eu sou uma pessoa horrível. Eu sou pior do que o Bob caolho. Eu abandonei o sangue do meu sangue por um cara. E isso é tão errado, faz qualquer outra coisa

errada que eu já fiz parecer certo. Ben me disse que Evan estava mentindo ou louco ou ambos, porque que tipo de pessoa destrói toda sua civilização por uma menina? *Oh, eu não sei, Ben. Talvez o mesmo tipo de pessoa que sacrificaria seu única carne e sangue para pagar uma dívida que ela não deve.*

Quero dizer, não é como se eu lhe pedisse para me salvar todas as vezes, mais do que eu lhe pedi para atirar na minha perna. Eu nunca lhe pedi nada. Ele apenas deu. Deu além do ponto de onde dar é sã. O amor é isso? E é por isso que não faz sentido para mim, porque eu nunca senti isso, não por ele, não por Ben Parish, não por ninguém?

Não, não, não, por favor, cérebro, não. Eu prometo que vou parar de pensar tanto.

Pensar muito tem sido o meu problema por um longo tempo. Eu pensei em tudo, no por que o os Outros vieram até Evan, enquanto praticamente toda a humanidade morria. Ou porque essa menina na minha frente tem o cabelo mais bonito que eu já vi, e por que ela tem pele de porcelana perfeita, que eu não tenho. E o nariz. Meu bom Cristo, como é estúpido. Que perda de tempo. É apenas genes com um pouco de tecnologia alienígena misturadas, nada demais.

Eu termino a barra e a amasso em meu punho. Não me parece certo derrubá-la no chão.

Eu me inclino para trás contra a parede e fecho os olhos. Este seria um excelente momento para orar, se eu pudesse pensar em uma oração, mas a minha mente está

tão recheada, que os meus pensamentos precisam estar alinhados como multidões na Disney, não posso pensar em nada para dizer a Deus.

Não tenho certeza se eu quero falar com ele de qualquer maneira, o bastardo enigmático. É como se ele tivesse cruzado os braços e virado as costas, e me pergunto se foi assim que Noé se sentiu na arca. *Senhor, mas o que acontece com eles?* E Deus diz: *Oh, não faça tantas perguntas, Noé. Veja! Eu lhe fiz um arco-íris!*

A única coisa que me resta é deitar e fazer a oração de Sammy, então, um pouco desesperada, eu a faço.

Agora eu me deito para dormir...

Bem, na verdade não.

Quando na luz da manhã eu acordar...

Bem, provavelmente não vai acontecer também.

Ensina-me o caminho do amor a tomar.

Sim! Ok, isso é bom! Por favor Deus. Apenas essa única coisa.

Ensina-me.

Mantenho o olhar na entrada das cavernas, admirando o céu noturno, exceto um pequeno ponto verde que paira acima do horizonte, quando uma das estrelas rompe do campo e desce em direção a nós. Rápido. Muito rápido. Nugget toca minha manga e diz:

- Olha, Zumbi! Uma estrela cadente!

Eu empurro o velho corrimão que tem me servido de apoio.

- Isso não é estrela, criança.

- É uma bomba? - Seus olhos estão arregalados de medo.

Por um segundo horrível, eu acho que poderia ser. Eles aceleraram o cronograma, por algum motivo, e a obliteração das cidades já começou.

- Vamos, de volta para baixo, no dobro do tempo.

Eu não preciso lhe dizer duas vezes. Ele já está metros à frente de mim quando eu dei os primeiros passos. Eu puxo Megan do chão. Ela deixa cair o ursinho de pelúcia. Nugget pega. Eu levo-a mais profundamente dentro das cavernas, equilibrando-a no quadril da minha perna boa, mas cada passo envia um choque de dor que faz com que o topo da minha cabeça se sinta como se ela fosse sair. Há uma borda aqui em baixo, há três pés de altura, cinco pés se formos pela rocha cortada de um antigo rio. Eu levanto Megan nela e ela se rasteja em direção a parte de trás até que as sombras a engolem. Merda. Quase esqueci. Eu falo para ela voltar.

Eu puxo um dos rastreadores do recruta morto do meu bolso. ideia de Esp, uma ideia realmente mito boa.

- Coloque isso em sua boca. - Eu digo a Megan.

Ela está atordoada. A maneira que ela me olhou foi como se eu tivesse pedido para ela cortar a sua cabeça. Eu abordei um assunto delicado.

- Olha, Nugget vai fazê-lo. - Eu pressiono o rastreador na sua mão vazia. - Bem aqui, soldado,- eu digo, puxando para trás meu lábio e apontando para um ponto entre a minha bochecha e gengivas. Então eu volto para Megan. - Vê? - Mas Megan desapareceu de volta nas sombras. Droga. Dou a Nugget outro rastreador. - Certifique-

se de que ela coloque isso, ok? Ela ouve a você.

- Oh, não, Zumbi. - Nugget diz muito a sério.
- Megan não ouve ninguém.

Ele empurra Urso no espaço e a chama suavemente. - Megan! Pegue Urso. Ele vai mantê-la segura, como a gravidade. - Após aquele pedaço da lógica que apenas uma criança podia entender, ele puxa as calças, coloca suas mãos em punhos, empurra seu pequeno queixo, e diz:

- Eles estão vindo, não estão?

Ambos sabemos disso. Em resposta à sua pergunta: o som de motores de um helicóptero surge, dobrando de volume a cada respiração rápida que damos. Na

entrada, surge um holofote branco brilhando através da escuridão.

- Vai, Nugget. Suba lá com Megan.

- Mas eu vou lutar com você, Zumbi.

Ele com certeza vai. E no pior momento possível. Por cima do ombro, eu posso ver a cintilação das lâmpadas piscando na câmara de armas. Uma droga, uma dupla droga.

- Aqui está o que você pode fazer, apagar aquela luz lá em baixo. Em seguida, encontrar-me de volta aqui. Se tivermos sorte, eles ainda não estão nem mesmo na terra.

- Sorte? - Tenho a sensação de que ele quer que eles pousem.

- Não se esqueça, Nugget, estamos todos do mesmo lado.

Ele franze a testa.

- Como podemos estar no mesmo lado, se eles querem nos matar, Zumbi?

- Porque eles não sabem que estamos do mesmo lado. Ir. Desligue essa maldita luz agora!

Ele sai correndo pelo caminho. A luz do helicóptero desaparece, mas seus motores permanecem ativos. Devem executar uma varredura. Devemos estar longe o suficiente para frustrar o IR, mas não há nenhuma garantia.

A luz apaga-se e as cavernas mergulham na escuridão. Eu não posso ver uma polegada na frente do meu nariz. Depois de

alguns segundos,alguém surge perto de mim. Estou um bastante confiante de que é ele. Bastante, embora, não entendo porque eu sussurro.

- Nugget?

- Está tudo bem, Zumbi.- ele me informa. -
Eu peguei uma arma.

73

Há algo que eu estou esquecendo. O que é?

- Aqui, Zumbi, você esqueceu isso.- Ele empurra uma máscara de gás no meu peito. Deus abençoe Nugget. E que Deus abençoe silenciadores como Graça e Padre, que sabia o que deveriam estocar para o fim do mundo.

Nugget já está equipado. Ele já teve colocado no caminho.

- Você deu um pra Megan? - Burro. É claro que ele iria pegar um para ela.- Ok, amigo, se você vai.

- Zumbi, ouça...

- Isso é uma ordem direta, soldado

- Não, Zumbi! Escute.

Eu escuto. Nada, exceto da minha própria respiração silvando contra amáscara.

- Eles deixaram. - diz Nugget.

- Shhh.

Tink-Tink-Tink. O som de metal batendo contra pedra.

Maldita seja, Esp, sendo certa o tempo todo, é incrivelmente irritante.

Eles jogaram o gás.

74

Supondo que você não os faça ir para fora, como eles vão ir? Perguntei a Esp enquanto estávamos bloqueando a entrada dos fundos.

Você nunca prestou atenção na aula.

Será que eu sempre terei que fazer isso? Tento provocar um sorriso dela como se fosse um passatempo obsessivo.

Gás primeiro.

O que você acha? Eu iria com algumas colas de C-4 para vedar as saídas, em seguida, concluiria com um par de bombas.

Claro, isso é bem provável.

Atrás de nós, em direção à entrada principal, o gás lacrimogêneo detona com quatro *pops* altos. Pego Nugget pela cintura e o levanto para deixá-lo junto com Megan.

— Coloque essa máscara nela agora! — Eu grito, então eu vou mancando até o caminho, pensando, *Graças a Deus ele se lembrava! Esse garoto merece uma promoção.*

Uma coisa é certa, disse Esp. Eles não darão uma pausa. Se eles tentarem um CQC dinâmico, que provavelmente vai bater

na entrada principal, vai lhe dar uma ligeira vantagem: É bem estreito. Ponto pra você.

Estou correndo as cegas. Bem, estou sendo generoso ao chamar isso decorrer. Eu estou sob o efeito de uma quantidade enorme de analgésico. Graças a isso, a perna não está me dando muita dificuldade. A adrenalina também ajuda. *Verifique a trava do rifle.*

Verifique as tiras sobre a máscara. No escuro absoluto. Na incerteza absoluta.

Se eles arrebentarem a porta de trás, estamos ferrados. Se baterem com força esmagadora na frente, estamos ferrados. Se eu congelar ou estragar tudo no momento crítico, estamos ferrados.

Congelar-me como em Dayton. Estragar como em Urbana. Eu mantenho-me circulando em volta do mesmo ponto, e

esse ponto é onde eu perdi minha irmã caçula, aquela pela qual eu deveria ter lutado, mas ao invés disso, eu corri. A corrente que quebrou de seu pescoço, perdida agora, ainda me liga. Oompa. Dumbo. Pão de Ló. Mesmo Teacup, ela, também: Ela ainda estaria viva se eu tivesse feito o meu trabalho.

Agora a corrente cai como um laço ao redor Nugget e Megan, e agora o laço aperta, o círculo está me cercando.

Não desta vez, Parish, seu zumbi filho da puta. Desta vez você vai quebrar a corrente, você vai cortar a corda. Você salvar essas crianças, não importa o quê.

Vou matá-los. Eu vou matar todos eles. Não importa que eles não são diferentes de mim. Não importa que eles estão presos no

mesmo jogo maldito, e assim como eu,
desempenham um papel que não
escolheram. Vou matá-los um por um.

No escuro absoluto. Na incerteza absoluta.

A explosão me lança para fora de meus
pés. Eu vôo para trás, minha cabeça bate
contra a pedra, o universo gira como um
pião. O ar se agita com o som da pedra
batendo contra a rocha, que desmorona na
entrada.

A máscara foi derrubada para o lado
quando eu caí. Eu tomo um fôlego enorme
de gás nocivo. Uma faca mergulha em
meus pulmões, fogo enche minha boca. Eu
rolo para o meu lado, engasgo e começo a
tossir.

Eu perdi o rifle na minha queda. Eu analiso a área em torno de mim, e não consigo encontrá-lo, arrasto-me, coloco a máscara de volta no lugar e sinto o gosto de rocha pulverizada na minha língua. Manco de volta pelo caminho que vim, uma mão tateia a escuridão, a outra segura a minha arma, sabendo o que está por vir, porque eu o chameie Esp sabia que eu o chamaria. Eu grito através da máscara.

—Não se mova, Nugget! Não se mexa! —
Mas eu não acho que alguém pode ouvir a minha voz.

A segunda explosão irrompe na entrada dos fundos, e eu fico de pé, embora as ondulações do piso comecem a rachar. Eu posso ouvir Nugget chamando fracamente

meu nome. Eu bloqueio o som e vou até o buraco e o tiro de lá.

— Eles nos prenderam. — Eu suspiro.
Minha garganta arde. Eu engoli fogo. —
Onde está Megan?

— Ela está bem.— Eu posso senti-lo tremer. — Ela tem Urso.

Eu chamo ela. Uma pequena voz abafada por uma máscara de gás surge. Nugget está agarrando minha jaqueta com ambas as mãos, como se o escuro pudesse me engolir se ele soltasse.

—Nós não deveríamos ter ficado aqui. —
grita Nugget.

Não havia nenhum lugar para correr,
nenhum lugar para se esconder. Nós
perdemos. O homem bomba está a

caminho com uma carga que irá transformar esta caverna de 250.000 anos de idade caverna em uma piscina dois mil metros de comprimento e cem pés de profundidade.

Temos alguns minutos.

Eu pego Nugget pelos ombros e o aperto contra mim.

— Duas coisas, Soldado. — Eu digo a ele.

— Precisamos de luz e precisamos de explosivos.

—Mas Esp levou todas as bombas com ela!

—Então, vamos fazer outra, rápido.

Nós entramos na câmara de armas, Nugget liderando o caminho, minhas mãos ainda em seus ombros. Eu o firmo, ele me

estabiliza, a cadeia que nos une, a cadeia que nos liberta.

75

Há algo que eu estou esquecendo. O que é?

Nugget inclina-se sobre sua tarefa. A câmara está sufocada com fumaça e poeira. É como tentar montar um quebra-cabeça na neblina pesada, não o contrário desta porcaria de invasão. A sensação familiar explodiu em um milhão de pedaços, uma confusão impossível onde nenhuma peça parece encaixar com outra. O inimigo está dentro de nós. O inimigo não são eles. Eles estão aqui embaixo, estão lá em cima, não estão em nenhum lugar. Eles querem a Terra, querem que a tenhamos. Eles vieram para nos eliminar, vieram para nos salvar. E a verdade quebrada para sempre, se afastando de seu alcance, a única certeza é a incerteza, e Vosch me lembrando da verdade que vale apenas pendurar: Você vai morrer. Você vai morrer, e não há nada que você ou eu ou qualquer outra pessoa possa

fazer para detê-lo. Isso era verdade antes de eles chegarem e ainda é verdade: a única certeza é a incerteza, exceto a sua própria morte, isso é muito certo.

Seus dedos estão tremendo. Sua respiração está alta e rápida dentro da máscara. Um movimento errado e ele nos sopra. Minha vida está agora nas mãos de uma criança do jardim de infância.

Aperta a tampa de explosão. Coloca o fusível. Sullivan pode estar chateada por ele ter esquecido o ABC, mas pelo menos o pequeno filho da mãe sabe como fazer uma bomba.

- Conseguiu? - Pergunto.

- Consegui.

Ele segura o dispositivo triunfantemente.
Presumo que é o dele. *Oh Jesus, espero
que sim.*

Há algo que estou esquecendo. Alguma
coisa importante. O que poderia ser?

76

Agora o próximo dilema impossível: Pela porta dos fundos ou a da frente?

Uma bomba. Uma chance. Deixo Nugget com Megan e verifico a entrada traseira primeiro. Uma parede de rocha talvez seis pés de espessura, se eu estou lembrando com clareza. Em seguida, retorno para a entrada da frente. Movendo-me muito lentamente. Demorando muito. Finalmente lá, eu encontro exatamente o que eu esperava encontrar: uma outra parede de pedra, sabe-se lá quanto tem de espessura, e não há nenhuma maneira de dizer se essa é a melhor saída.

Oh, foda-se.

Eu enfio o tubo de PVC na fenda mais profunda, mais alta que posso alcançar. O fusível parece muito curto, talvez eu não tenha tempo para chegar a uma distância segura.

A certeza da incerteza.

Eu acendo o fusível e corro de volta pelo caminho, arrastando minha perna ruim atrás de mim como um garoto relutante no primeiro dia de escola. O estrondo da explosão parece silenciosa, ouço um eco lamentável dos dois que nos prenderam aqui.

Dez minutos depois, eu tenho Nugget em uma mão e Megan pela outra. Não foi fácil para Nugget convencê-la. Sentia-se segura naquele pequeno nicho aconchegante e a cadeia de comando não valia nem um

monte de feijão para ela. A pessoa encarregada de Megan é Megan.

O buraco no topo da queda não é muito grande e não parece muito estável, mas ar fresco sibila através dele e eu posso ver uma alfinetada de luz. Nugget diz:

- Talvez devêssemos ficar aqui, Zumbi. - Ele provavelmente está pensando a mesma coisa: selar os pontos de entrada, atiradores em ambas as extremidades, e então é apenas um jogo de espera. Ninguém faz mais bombas que destroem o bunker. Por que desperdiçar munições preciosas necessárias para a guerra real com um par de crianças pequenas e um recruta manco? Eles saem. Eles têm que sair. O risco de ficar é inaceitável.

- Não tenho escolha, Nugget. - Também não há escolha em quem vai primeiro. Pego-o pela sua manga e o afasto de Megan. Não quero que ela ouça isso. - Você espera pelo meu sinal, entende?- Ele acena com a cabeça. - O que você faz se eu não voltar?

Ele sacode a cabeça. A luz é muito fraca e as lentes na máscara estão muito embaçadas para que eu possa ver seus olhos, mas sua voz vibra no modo de pré-choro.

- Mas você vai voltar.

- Se eu tiver um batimento cardíaco, você pode apostar seu traseiro que eu irei voltar. Mas no caso de eu não.

Seu queixo sobe. O peito infla.

- Vou atirar em todos na cabeça!

Eu subo ao buraco. Minhas costas batem contra o topo, os lados apertam contra meus ombros: Vai ser um ajuste apertado. No meio, eu decido tirar a máscara. Eu não posso ter a sensação de ser mais lentamente sufocado. O ar fresco e frio banha meu rosto. Cristo, isso é bom.

A abertura para o exterior não é grande o suficiente para um dos jantares de Senhora Gato se mover. Eu soco as pedras soltas com minhas mãos. Um pouco do céu noturno, uma faixa de grama, e a estrada de acesso de uma pista cortando-a bem no meio. Nenhum som, exceto o vento. Vamos lá.

Eu me arrasto para o campo aberto. Procuro meu rifle pendurado sobre o meu

ombro, só que não há um rifle ali: eu esqueci de pegá-lo no meu caminho de volta para a entrada. Então era isso que eu estava esquecendo. Era o meu rifle. Certo?

Agachado ao lado do buraco, segurando meu braço entre minhas pernas, escutando e olhando. Não se precipite, tenha certeza. Escapar da armadilha é bom e maravilhoso, mas para onde agora? Dawn não está longe e então a nave-mãe começará suas rondas. Eu posso vê-la equilibrada no horizonte, verde como um semáforo sinalizando Vá.

Eu fico. Uma manobra desafiadora visto que a minha perna está endurecida e estou colocando peso sobre ela. Dói como o inferno.

Aqui estou eu, rapazes. Dêem seu melhor tiro.

Nada para olhar senão a estrada, a grama e o céu. Nada para ouvir, exceto o vento.

Eu assobio no buraco para Nugget.

Dois *toots* curtos, um longo. Depois de cem anos sua cabeça pequena e é colocada para fora, então seus ombros. Eu puxo-lhe, ajudando-o. Ele rasga a máscara de gás e inala o ar fresco, em seguida, arranca a arma da parte de trás de suas calças. Ele gira a cabeça para esquerda e para a direita, movimentando suas articulações, os joelhos estão ligeiramente curvados, a arma impulsionada para a frente, assim como vários garotinhos seguram armas de plástico e pistolas de água.

Eu assobio novamente para Megan. Sem resposta, então eu a chamo.

- Megan, vamos, garota! - Ao meu lado, Nugget suspira profundamente.

- Ela é tão irritante.

Ele soa muito como sua irmã, o que dá vontade de rir. Ele me lança um olhar curioso, a cabeça inclinada ligeiramente para um lado.

- Ei, Zumbi? Há um ponto vermelho do lado de sua cabeça

77

Dumbo não pensou duas vezes em Urbana.
Eu também não pensei.

Eu mergulhei no peito Nugget, jogando-o no
chão. Tudo girou em torno de nós. Um
segundo depois eu ouço o disparo do rifle

do atirador. O tiro veio da direita, na direção do bosque das árvores da estrada principal.

Nugget começa a levantar-se. Eu agarro seu tornozelo e o puxo para baixo.

- Rasteje. - eu sussurro em seu ouvido. - Como nos ensinaram no acampamento, lembra?

Ele começa a girar em 180°, indo de volta para o buraco, em direção a falsa segurança da caverna com suas provisões e armas. Eu não o culpo. É o meu primeiro instinto, também. Voltar, porém, só coloca o inevitável. Se ficarmos ou escolhermos sair, podemos falhar.

- Siga-me, Nugget. - Eu afundo em direção ao centro de boas-vindas. O telhado é um ponto de vantagem perfeito para um

atirador, mas a nossa melhor opção é manter a cabeça longe do atirador que conhecemos.

- Megan... - Ele ofega. - E Megan?

E Megan?

- Ela não vai sair. - eu sussurro. Por favor, não saia, garoto. - Ela vai esperar.

- Esperar pelo quê?

Para que a história se repita. Para o círculo retornar.

Há apenas um lugar que eu possa pensar que é razoavelmente seguro. Eu não estou feliz com isso e eu sei que ele com certeza não ficar. Mas esse garoto é tudo menos covarde. Ele vai lidar com isso.

- Passamos pelo prédio, vamos andar em linha reta por uns 10 metros. - eu digo a ele enquanto nos arrastamos. - Há um grande buraco. Cheio de corpos.

- Corpos?

Imagino um ponto vermelho brilhando entre as minhas omoplatas ou na parte detrás da cabeça de Nugget. Eu estou com os olhos nele agora, e se eu ver aquele ponto vermelho, eu vou dar uma de Dumbo novamente. O solo sobe ligeiramente à medida que nos aproximamos do poço, e então podemos cheirá-lo, e o fedor faz Nugget vomitar. Eu prendo seu braço e o puxo para a borda. Ele não quer olhar, mas olha.

- É apenas gente morta. - Eu sufoco. - Venha, vou descer você.

Ele me aperta.

- Eu não vou conseguir sair.

- É seguro, Nugget. Perfeitamente seguro. -
Escolha infeliz das palavras. - Eles teriam
atirado agora se soubessem onde estamos.

Ele balança a cabeça. Faz sentido para ele.

- Mas Megan...

- Vou voltar por ela.

Ele olha para mim como se eu tivesse
perdido a cabeça. Pego seus pulsos e o
desço em direção ao buraco.

- Se ouvir qualquer coisa, você se finge que
está brincando de morto.- Eu lembro
Nugget.

- Vou ficar doente.

- Respire pela boca.

Seus lábios se separam. Eu vejo a pequena pelota cintilando dentro de sua boca. Aceno com um polegar para cima. Ele levanta a mão direita muito lentamente e a coloca contra sua testa em saudação.

78

Afasto-me do poço da morte, eu sei o que vai acontecer. Eu sei que vou morrer.

Meu tempo tem sido emprestado e você não pode enganar a morte para sempre. Mais cedo ou mais tarde você tem que pagar, com juros, só por favor não deixe Nugget e Megan ser o preço para o abandono minha irmã. Então eu digo a Deus, *Você tomou Dumbo para pagar a dívida, Pão de Ló e Teacup, isso é suficiente, deixe que isso seja suficiente. Leve-me, mas deixe-os viver.*

O chão explode na minha frente. Pedacos de pedra e terra voam em minha cara. Bem, merda, rastejar é inútil agora. Eu levanto-me para cima, mas a perna ruim protesta, me lançando para baixo. O próximo tiro rasga

em minha manga, entalhando meus bíceps antes de sair do lado oposto. Eu mal sinto isso. Instintivamente eu enrolo-me em uma bola e espero a rodada de acabamento. Eu sei o que está acontecendo. Estes são soldados da 5^a onda. Seus corações estão cheios de ódio, suas mentes condicionadas pela crueldade. Estão brincando comigo. *Vou fazer isso durar, infestado filho da puta. Vou tornar isso divertido!*

E o rosto de minha irmã está diante de mim, então Bo, Pão de Ló e Teacup, então mais rostos do que eu posso contar, rostos que eu reconheço ou não, há Nugget, Megan, Cassie e Esp, há os recrutas no acampamento e os corpos do hangar de processamento colocado de ponta a ponta, centenas de rostos, milhares, dezenas de milhares, vivos e mortos, mas na maior

parte mortos. Na cova atrás de mim, um rosto vivo entre centenas que não são, e a regra de Vosch se aplica a ele também.

A mão levanta em saudação. A boca aberta e a pequena bolinha que brilha dentro.

Putá merda, Parish, o rastreador. Foi isso que você esqueceu.

Enfiei a mão no bolso, puxei o a pelota e coloquei-a na boca. No grupo de árvores do outro lado da estrada, no telhado do centro de boas-vindas, e de onde quer que mais possam estar, os atiradores suspenderam o fogo quando o inferno verde que envolve minha cabeça piscou.

79

Chame-me de Zumbi.

Tudo machuca. Até piscar dói. Mas eu estou me levantando. Isso é o que os zumbis fazem.

Nós nos erguemos.

Talvez os atiradores não tenham percebido no início. Talvez eles tenham voltado sua atenção para outro lugar, procurando alvos verdes. Seja qual for a razão, quando eu me levanto, ninguém me leva para baixo. Sem obstáculos dessa vez, sem arrastar minha perna ferida, sem andar na sujeira como um maldito zumbi. Eu corro para fora completamente tomado pela dor, chamando o nome de Megan agora, meus dedos

agarram a escuridão até que enrolam-se em torno de seu pulso.

Então eu a puxo para fora. Seu braço está em volta do meu pescoço. Sua respiração no meu ouvido.

Eu sei que o círculo está completo. Eu sei que a conta está vencida. Apenas deixe-me salvá-la primeiro, querido Cristo, não a deixe morrer.

Eu não vejo isso acontecer. Megan vê. O ursinho cai no chão. Sua boca se abre em um grito silencioso.

Algo é esmagado na base do meu crânio. O mundo fica branco, então não há nada, nada.

80

CASSIE

Você pode vê-la a quilômetros de distância:
A base aérea é uma ilha de luz reluzente
em um mar escuro e sem horizonte, uma
brasa branca de civilização brilhando no
meio de um deserto de preto,
embora *civilização* seja uma palavra muito
agradável para o que isto é. Depois de tudo
que sonhamos de e todos aqueles sonhos
que fizemos reais, tudo o que restou de nós
são essas bases, os tolos iluminados que
guiam o caminho da humanidade para a
morte empoeirada.

Macbeth nunca foi o meu favorito, mas vamos lá.

O helicóptero se dirige para a esquerda, levando-nos em direção a base do leste. Passamos por cima de um rio, a água negra reflete a conflagração de estrelas acima dela. Em seguida, passamos pelo espaço sem árvores que circunda o acampamento, que está atado com trincheira, arame farpado e armadilhas com minas terrestres, uma proteção contra um inimigo que nunca virá, que nem está aqui e talvez nem mesmo lá - na nave-mãe - que oscila enquanto nós voltamos para a abordagem final. Eu olho para ela. Ela parece olhar para mim.

O que você é? O que você é? *Os Outros*, meu pai te chamou, mas nós não somos

isso para você também? Outros-além-de-nós, portanto, não-digno-de-nós. Não é digno da vida.

O que você é? O pastor apanha o rebanho. A dona de casa compra o repelente de insetos. O sangue do cordeiro está em seus joelhos, a barata em suas costas. Nem tem uma noção da faca ou do veneno. O pastor e a dona de casa não perderão o sono. Não há nada imoral nisso. É assassinato sem crime, matar sem pecado.

Isso é o que eles fizeram. Essa é a lição que eles trouxeram para casa. Fomos lembrados de quem somos - não muito - e do que éramos - muitos. As baratas podem correr, as ovelhas podem correr, não importa. Nunca mais ficaremos grandes demais para as nossas calças. Eles vão

cuidar disso. Estou olhando para um objeto em nosso céu que estará lá até que o nosso céu se vá.

Nossas escoltas sobem enquanto nós disparamos direto para a zona de pouso. Eles ficarão no ar para monitorar a situação depois que aterrissarmos. Há um enxame de atividade abaixo de nós, caminhões e Humvees blindados correndo em direção à faixa, tropas correndo como formigas de um montículo que foi chutado. Sirenes, holofotes sob o céu, as armas antiaéreas balançando na sua posição. Isso vai ser divertido.

Esp dá um tapinha no ombro de Bob.

- Bom trabalho, Bob.

- Foda-se!

Oh, Bob. Vou sentir sua falta. Vou sentir muito a sua falta.

Esp sobe de volta para o porão comigo, pega o saco de bombas de Sammy, e desaba no assento perto do corredor. Seus olhos escuros brilham. Ela é a bala na câmara, o pó no buraco. Você não pode culpá-la. Evan apontou para mim, há um tempo: Nenhuma merda dessa importa, você tem que viver tempo suficiente para sua morte valer a pena. Não necessariamente para fazer a diferença - nem sua morte nem a minha -apenas para a matéria.

De repente eu preciso fazer xixi.

- VQP, Sullivan! - Ela grita. Nós tiramos nossos fones de ouvido.

Eu concordo. Levanto o polegar para cima. *VQP, pode apostar.*

Nossa descida começa. O porão é iluminado por holofotes. Montes de poeira brilham e giram em torno de sua cabeça: Santa Especialista, o anjo da morte de cabelos negros. Fora do círculo azul em que Bob nos põe, há um anel de soldados dentro de uma barricada de veículos blindados, cercados por torres de vigia equipadas por atiradores, sob quatro helicópteros de ataque que patrulham por cima.

Estamos condenados.

81

Esp voltou a sentar no assento e fechou os olhos, como se ela fosse dar uma soneca rápida antes do grande final. O saco está em uma mão, o detonador na outra. Eu tenho

um rifle, uma arma, uma faca muito grande, um par de granadas, uma garrafa de água semi-cheia (pense positivo!), duas barras energia e uma bexiga cheia. Bob encurva o helicóptero e agora você pode realmente ouvir aquelas sirenes explodindo. Os olhos de Esp abrem-se e ela me olha fixamente como se estivesse memorizando meu rosto - eu decidi então não ficar obsessiva com meu nariz torto.

Então ela diz tão suavemente que mal posso ouvi-la:

- Vejo você no ponto de controle, Sullivan.

Bob caolho desafivela seu cinto. Ele se agita e grita no rosto de Esp:

- Ele queria que você voltasse, sua vadia estúpida! Por que você acha que ainda está viva? - Então ele pulou para fora do assento, agitando as mãos sobre a cabeça e gritando alto o suficiente para ser ouvido sobre as sirenes.

- Recuem! Recuem! Ela vai explodir! ELA VAI EXPLODIR!

Nós saímos. Esp vai para a direita, e eu vou para a esquerda em direção a um jardim com um terraço que tem um desenho camuflado idêntico as roupas que estou usando. Rifles são apontados para a minha cabeça, a fila dianteira está ajoelhada, a fila de trás está em pé. Então Esp lança o detonador e o helicóptero salta cinco pés no

ar, com um enfático *whuuu-uuump*. O choque me lança para a linha direita dos soldados, o calor da explosão chamusca seus rostos e queimam os pelos na minha nuca. Caí dentro do grupo, enquanto os seus instintos aos poucos voltavam, assim como Esp disse que voltaria, todos caíram no asfalto e cobriram a cabeça com as mãos.

Você vai querer correr, mas você tem que se segurar, Esp me disse de volta na caverna. Uma vez que o helicóptero exploda, eles vão te perder, então você tem que esperar por mim.

Então, aqui estou eu, apenas um outro recruta deitado como a centena de outros ao seu redor, as mãos sobre a cabeça, a bochecha pressionada contra o concreto

gelado. Vista como eles, pareça com eles, aja como eles: é o próprio jogo de Vosch virado contra ele.

As pessoas estão gritando ordens, mas ninguém pode ouvi-las sobre as sirenes. Eu espero, até que alguém toca no meu ombro, faço a menção de levantar, mas eu não vou mais alto do que mãos e joelhos quando Esp aciona o IED em algum lugar nas proximidades do hangar, a 50 metros de distância. Isso desencadeia um pânico completo. Qualquer ordem é interrompida quando as tropas correm para a cobertura mais próxima. Eu corro para a torre de controle e o conjunto de edifícios brancos além dela.

Uma mão agarra meu ombro, e me vira bruscamente, e então eu estou cara a cara

com algum adolescente aleatório que, com a sua má sorte, eu vou matar.

- Quem diabos é você? - Ele grita em meu rosto.

Seu corpo se endurece, dando boas-vindas à bala. Não é a minha bala. Nem sequer tirei a arma do coldre. A morte pertence a Esp, a desumana humana de Vosch disparando de uma distância de meio campo de futebol. O garoto está morto antes de atingir o chão. Eu continuo a andar.

Volto até a base da torre de controle. Luzes de busca cruzam o campo, o helicóptero está queimando, esquadrões estão correndo sem parar, Humvees guinchando em todas as direções. Caos é o que Esp prometeu e o caos é o que temos.

Enfio o rifle nas mãos e corro para os edifícios brancos, indo para o centro de comando localizado no meio do complexo. Lá eu vou encontrar (espero) a chave que vai abrir a fechadura da porta do quarto que vai manter meu irmãozinho seguro.

Quando eu caio atrás de um grupo de recrutas que aglomeram a porta no primeiro edifício, Especialista dispara a segunda bomba. Alguém grita *Jesus Cristo!* E o o aglomerado de pessoas se desfaz. Todos caíram, como palhaços que caem no carro do circo.

Há uma parte de mim que espera encontrá-lo primeiro. Não Evan. O criador de Esp. Tenho investido muito tempo imaginando o que eu faria com ele - como eu o faria pagar pelo sangue dos sete bilhões. A maior parte

das coisas que imagino é muito grosseiro de se falar.

Estou me movendo pelo saguão do edifício principal da administração. Enormes bandeiras pendem do teto: SOMOS HUMANIDADE e NÓS SOMOS UM. Um que diz UNIDADE e outro que diz CORAGEM. O maior abrange o comprimento de uma parede inteira, VINCIT QUI PATITUR. Eu corro abaixo dele.

Uma luz vermelha gira no corredor do outro lado do saguão. Eu pulo quando uma voz surge:

- ORDEM GERAL QUATRO, EXECUTAR.
REPETINDO: ORDEM GERAL
QUATRO, EXECUTAR. ISTO NÃO É UMA
SIMULAÇÃO. VOCÊ TEM CINCO
MINUTOS PARA REPORTAR PARA A SUA

ÁREA DE SEGURANÇA DESIGNADA.
REPETINDO. ISTO NÃO É UMA
SIMULAÇÃO. VOCÊ TEM CINCO
MINUTOS PARA REPORTAR...

Passo pela porta no final do corredor, subo as escadas em frente à porta ao lado, que está bloqueada com um teclado. Eu pressiono minhas costas contra a parede ao lado da almofada e espero. *Mil um, mil dois, mil e três...* Enquanto eu estou contando, a terceira bomba detona lá fora, um *pop* abafado! Como se alguém tivesse tossido em outro quarto. Então eu ouço o *pop-pop, pop-pop-pop* do fogo de armas pequenas. Em mil e oito, a porta se abre e um esquadrão passa perto de mim, não lançam nem mesmo um olhar para trás. Agora, isso está muito fácil. Eu estou usando minha cota de sorte muito cedo.

Eu atravesso a porta e corro para outro corredor, que é desconcertantemente idêntico ao primeiro corredor. A mesma luz vermelha girando, o mesmo *UUUH-UHHH* agudo da sirene, a mesma irritante voz de Siri: "ORDEM GERAL QUATRO, EXECUTAR. REPETINDO: ORDEM GERAL QUATRO, EXECUTAR. ISTO NÃO É UMA SIMULAÇÃO. VOCÊ TEM TRÊS MINUTOS PARA REPORTAR PARA A SUA ÁREA DE SEGURANÇA DESIGNADA". É como um sonho do qual você não consegue acordar. No final desta sala há uma porta idêntica com um teclado idêntico. A única diferença é a janela ao lado da porta.

Eu preparo meu M16. O vidro explode e eu mergulho através da abertura que explodiu sem perder um passo. E o desafio será o meu nome! Volto para fora, no ar fresco, o

ar limpo corre através da estreita faixa de terra que separa os edifícios.

Uma voz brota da escuridão, gritando.

"Alto!" Eu disparo na direção da voz. Eu nem olho. Então, à minha esquerda, na proximidade do arsenal recém-reparado, a quarta bomba detona. Um helicóptero ruge direito sobre a minha cabeça, varrendo suas luzes para frente e para trás, eu caio para o lado do edifício e pressiono meu corpo contra o concreto reforçado com aço.

O helicóptero se afasta e eu sigo em frente, do lado do prédio, até a faixa de um caminho que corta seu comprimento, há uma parede de um lado, uma cerca de uns de três metros de altura coberta com fio no outro. Deve haver um portão com cadeado na extremidade mais afastada.

Então o bloqueio - eu atiro, eu disse para Esp de volta nas cavernas.

Isso só funciona nos filmes, Sullivan.

Sim, você está certa: É bom que este não seja um filme, ou a personagem secundária, egoísta e chata, certamente seria morta agora.

"ISTO NÃO É UMA SIMULAÇÃO. VOCÊ TEM DOIS MINUTOS PARA REPORTAR PARA A SUA ÁREA DE SEGURANÇA DESIGNADA "

Tudo bem, já entendi. A Ordem Geral Quatro está em vigor. Que diabos é a Ordem Geral Quatro? A Esp nunca mencionou qualquer coisa sobre ordens gerais quatro ou algo do tipo. Deve significar um fechamento da base, todos em

seus postos para o combate, esse tipo de coisa. É isso que eu decido. Enfim, o que eles fazem não muda o que eu tenho que fazer.

Eu enfio uma granada no buraco em forma de diamante no elo da cadeia, bem acima da fechadura, puxo o pino e em seguida retorno pelo caminho que eu vim, longe o suficiente para não ser morta pela explosão, mas não o suficiente para escapar de ser salpicada por mil agulhas minúsculas. Se eu não tivesse me afastado no último segundo, meu rosto teria sido destruído. O maior pedaço bate bem no meio das minhas costas, dez vezes mais forte que a picada de uma vespa. Minha mão esquerda foi atingida, também. Olho para baixo e vejo uma luva úmida de sangue cintilando à luz das estrelas.

A granada não tirou apenas a fechadura, soprou o portão inteiro de suas dobradiças. Está a meio caminho do outro lado do pátio, bem ao lado da estátua de algum herói de guerra dos dias em que as guerras tinham heróis. Você sabe, os bons dias de quando nós matamos uns aos outros por todas as razões certas.

Eu troto em direção ao prédio do outro lado do pátio. Há três portas uniformemente espaçadas ao longo da parede de frente para mim, e de um, dois ou de todos eles eu posso esperar um comitê de boas-vindas, de acordo com Esp. Não estou desapontada. A porta do meio abre-se imediatamente antes de minha segunda granada voar em direção a ela e, preditivamente, alguém grita.

- Granada! - Eles fecham a porta com a granada dentro.

A explosão arremessa toda a porta em direção à minha cabeça. Eu mergulho para fora do caminho.

É onde fica difícil, disse Esp. Vai haver sangue.

Quanto sangue?

Quanto você pode derramar?

O que você é, meu sensei ou algo assim?

Quantos 5ª onda vou ter que matar?

Pelo que pude ver, pelo menos três. Conto pelos rifles semiautomáticos que estão do outro lado da porta perdida, mas é um palpite educado. É difícil dizer, quando as tropas foram destruídas. Deslizo pela

bagunça e corro pelo corredor, deixando pegadas sangrentas no meu velório.

Luz vermelha. Sirene. Voz. "ORDEM GERAL QUATRO, EXECUTAR. VOCÊ TEM UM MINUTO PARA REPORTAR..." Em algum lugar na base, a próxima bomba explode, o que significa duas coisas: Esp ainda está em liberdade e ela tem uma bomba. Eu estou no prédio longe do centro de comando, abaixo de onde está o bunker que abriga o quarto País das Maravilhas. É também, como Esp apontou inúmeras vezes, um beco sem saída. Se ficarmos aprisionadas ou encurraladas, não haverá qualquer *vinciting* na nossa *patituring*.

Chapeuzinho vermelho perdida em seu caminho. O inteligente mnemônico que eu inventei enquanto andava naquele prédio,

em direção ao seu próximo fim. Eu viro à esquerda na primeira junção, depois à direita, depois outra vez à direita e depois à esquerda. Ela está intacta, o que significa que eu acertei a primeira escada depois de ficar Perdida. Claro, eu poderia ter usado essa palavra, mas isso estragaria os mnemônicos. Chapeuzinho vermelho perdida em seu caminho? Vamos lá.

Eu não vejo ninguém, não ouço ninguém exceto a misteriosa voz ecoando *Ordem Geral Quatro* pelas salas vazias "VOCÊ TEM TRINTA SEGUNDOS" e agora estou começando a ter um sentimento muito ruim sobre esta tal Ordem Geral Quatro, e eu estou amaldiçoando Esp, porque, obviamente, a Ordem Geral Quatro deve ser uma peça importante de inteligência que

ela deveria ter conhecido ou optado por não mencionar por razões claras para ela.

Enquanto eu corro para cima nas escadas, a contagem regressiva final começa: "DEZ SEGUNDOS... NOVE... OITO... SETE... SEIS..."

Aterrisso. Mais um vôo. Em seguida, vou em frente à passarela que liga este prédio ao centro de comando. *Quase lá, Cassie. Você tem isso.*

"TRÊS...DOIS... UM."

Abro a porta.

A escuridão total esmaga.

82

SEM LUZ. SEM SIRENE.
Nenhuma voz suave e irritante.
Silêncio total e absoluto. Meu
primeiro pensamento é que Esp

deve ter cortado a energia. Meu próximo pensamento é o quão estranho que seria, uma vez que nunca falamos sobre cortar a energia. Meu terceiro pensamento? O mesmo que o do helicóptero: Esp é uma agente dupla, trabalhando com Vosch para realizar seu esquema nefasto de dominação total do mundo. Provavelmente um acordo de compartilhamento de poder: *Muito bem, está decidido. Você controlará todo o território ao este do Mississippi...*

Eu vasculho os meus bolsos procurando a lanterna. Eu sei que eu peguei uma. Eu me lembro especificamente de verificar as baterias antes de enfiá-la no bolso. Em meu pânico, ok, não estou em pânico, pressa, estou com pressa - eu puxo uma barra de energia e aperto o botão que não está lá. *Maldito seja você e suas malditos barras, Ben Parish!* Eu atiro a barra no vazio.

Eu não estou desorientada. Eu sei onde estou. Logo à frente é a passagem para o centro de

comando. Eu posso procurar a luz enquanto eu vou. Não tem problema. Uma vez que eu estou no centro, há um par de pontos de controle pesadamente tripulados para passar, várias portas de aço com fechaduras eletrônicas para romper, quatro vôos de escadas, um corredor de mil metros de comprimento terminando em uma porta verde, que eu não vou ser capaz de dizer se é realmente verde, a menos que eu possa encontrar a minha maldita lanterna.

Arrasto-me para a frente, uma mão varrendo o ar à minha frente, a outra vasculhando, cavando, desastradamente o meu uniforme. Muitos bolsos. Maldito bolsos. Minha respiração fica desregular. Meu coração, parece um trem de carga roncando pelas trilhas. Devo parar e esvaziar todos os meus bolsos? Eu não iria acabar economizando tempo? Eu continuo me movendo, parte de mim me maravilhada com o fato de que algo como perder uma lanterna poderia me derrubar.

Calma, Cassie. Em situações como esta, a escuridão é sua amiga.

A menos que eles tenham um infravermelho, o que é óbvio que eles tem. Eles me cegaram. Eles não estão cegos.

Eu continuo me movendo. Na pressa. *Não entre em pânico.*

No meio do caminho agora. Eu sei que estou no meio do caminho porque eu encontro a luz e clico no maldito botão. O feixe de luz atinge as portas de vidro fosco à minha

frente, uma mancha borrada de cintilação. Arrasto o meu braço. Do outro lado daquelas portas está o primeiro ponto de verificação. Eu sei disso de fato - ou um fato fornecido por Esp. É também nosso ponto de encontro, basicamente porque esse lugar é o mais longe que uma pessoa comum, uma não-aprimorada conseguiria chegar.

O centro de comando é o edifício mais fortificado na base, tripulado por tropas de elite e protegido por tecnologia de vigilância de ponta.

Depois de lançar seu último IED da diversão, Esp estava no centro do lado oposto (penetrando foi a palavra que ela usou, o que me fez achar tudo nojento) e me encontraria aqui, depois de Esp fazer o que Esp faz de melhor: matar pessoas.

Você vai matar Vosch antes de me encontrar? Eu perguntei.

Se eu encontrá-lo primeiro.

Bem, não saia do seu caminho.

Quanto mais rápido pudermos chegar ao País das Maravilhas...

E ela me lançou um olhar como, *Não me diga*. Então eu respondi com um olhar que diz, *eu te digo*.

Nada a fazer agora, a não ser esperar. Eu evito a parede. Troco a arma pelo rifle. Tento não me preocupar com onde ela está e o que está fazendo para estar levando tanto tempo. Além disso, preciso fazer xixi.

Então quando eu escutar você detonar a quinta bomba...

Quarta. Estou guardando a quinta para reserva.

Reserva para quê?

Eu vou jogá-la na boca dele e explodir.

Ela disse isso sem emoção.

Nenhum ódio, satisfação ou antecipação ou qualquer coisa.

Claro, ela diz a maioria das coisas sem emoção, mas esta era uma daquelas coisas onde você espera alguma reação.

Você deve realmente odiá-lo.

O ódio não é a resposta.

Eu não fiz uma pergunta.

Não é ódio e não é raiva, Sullivan.

Ok, então. Qual é a resposta? Estou sentindo que fui manipulada para fazer aquela pergunta.

Ela se virou.

Espero ao lado das portas de vidro fosco. Os minutos se arrastam.

Querido Deus, quanto tempo levaria para um super-humano superar alguns guardas e passar

por um sistema de segurança de alta tecnologia? Após a corrida furiosa para chegar a este ponto, nada. Eu estaria entediada fora de minha mente se eu não estivesse já com medo fora dela. Onde diabos está Esp?

Clique. Eu desligo a luz para salvar as baterias. Para a minha infelicidade a escuridão retorna. *Clique.* Ligo. *Clique.* Desligo. *Clique, clique, clique, clique.*

Hisssssss. Eu ouço o som antes de sentir a água.

Está chovendo.

83

Clique. Eu aponto a luz para o teto. Os aspersores estão funcionando a todo vapor. Água fresca salpica meu rosto virado para cima.

Ótimo. Uma das bombas de Esp deve ter acionado o sistema.

Estou encharcada em minutos.

Isso não é justo, eu sei, mas eu a culpo. Estou molhada, estou com frio, estou cheia de adrenalina e agora tenho que fazer xixi.

E ainda sem Esp.

Quanto tempo eu espero por você?

Eu não sei quanto tempo vai demorar.

Claro, mas em algum momento, não será óbvio que você não estará vindo?

Esse seria o momento que você para de esperar, Sullivan.

Bem, certo. Estou realmente arrependida de não ter estourado seu nariz quando eu tive a chance. Espere. Eu soquei seu nariz quando eu tive a chance. Bom. Uma coisa a menos.

Eu não posso ficar aqui curvada com uma bola molhada e miserável para sempre. Se é o

meu destino estar molhada e miserável, vou encontrá-lo em pé. Vou testar essas portas. Apenas um pequeno empurrão para ver se elas vão abrir. Não deve haver ninguém do outro lado, caso contrário eles teriam visto a minha luz ou notado a minha sombra e me atacariam no escuro.

A chuva artificial escorre pela minha testa, penduram nas pontas do meu cabelo e traça minha mandíbula como um dedo de um amante. A água escorre sob minhas botas. Minha mão ferida

começa a dar umas pontadas,
muitas pontadas, mil pequenas
agulhas apunhalando em minha
pele, e então eu tenho a sensação
de queimação no meu couro
cabeludo. O sentimento se
espalha. Meu pescoço, minhas
costas, meu peito, meu estômago,
meu rosto. Todo o meu corpo está
em chamas. Eu tropeço de volta ao
meu lugar aconchegante contra a
parede. Algo não está certo. A
parte antiga do meu cérebro está
gritando em seus pulmões. *Algo
não está certo.*

Eu clico na lanterna e ilumino a minha mão. Vestígios enormes atravessam a pele. O sangue fresco escorre dos buracos dos estilhaços e rapidamente transformam-se em um roxo profundo, aveludado, como se meu sangue estivesse reagindo a algo na água.

Algo na água.

O calor é quase insuportável, como se eu tivesse mergulhado em água quente, só que o líquido que cai sobre mim não é quente. Eu

aponto a luz para minha outra
mão. Está coberta com os pontos
vermelhos brilhantes, do tamanho
de uma moeda. Na pressa - não
em pânico - abro a jaqueta, puxo
minha camisa e vejo um campo de
estrelas de sóis carmesim acesas
contra um cenário rosa pálido.

Eu tenho três opções: ficar aqui
estupidamente debaixo do spray
envenenado,upidamente
atravessar as portas de vidro fosco
e encontrar Deus sabe-o que, ou
sabidamente sair deste complexo

antes minha pele se liquefazer e amolecer meus ossos.

Decido ir na Opção Três.

Minha pequena luz ilumina a névoa, cortando arco-íris enquanto corro. Pulo na escada, salto contra a parede, deslizo sobre o concreto liso, e caio para pousar. A lanterna voa da minha mão e pisca para fora. Tenho que sair, lá fora, lá fora. Uma vez que eu esteja lá, vou tirar minhas roupas e rolar nua na terra como um porco. Palitos de fósforo quentes parecem estar

pressionados contra meus olhos,
lágrimas escorrem por minhas
bochechas, brasas ardendo em
minha boca e garganta, e cada
centímetro de meu corpo se
enrugando em furúnculos
pestilenciais.

*O que é isso, Cassie? Que tipo de
furúnculos?*

Agora eu entendi. Agora eu
entendo.

Corte a energia. Abra as
comportas. Liberte a pestilência. A
Ordem Geral Quatro é a invasão

do microcosmo, a versão acústica das três primeiras ondas mundiais, a mesma melodia em letras diferentes e qualquer intruso capturado em seu avanço pelo avatar da humanidade.

Que seria eu. Eu sou a humanidade.

Fora, fora, fora! Estou no andar principal, o piso principal sem janelas, baseando-se na minha memória, pois não tenho luz e não há nenhuma placa vermelha de saída para guiar o caminho. Não

estou mais na pressa. Estou
pânico de fúria total. Porque já
estive aqui antes. Eu sei o que
vem depois da 3^a onda

84

SILENCIADOR

DEZ MILÊNIOS Á DERIVA.

Dez mil anos ilimitado de espaço
ou tempo, privado dos seus
sentidos, pensamento puro,
substância sem forma, movimento
sem gesto, força paralisada.

Então a fenda escura se abriu e
houve luz.

O ar encheu seus pulmões.
Sangue movia-se através de suas
veias. Preso por dez milênios
dentro de sua mente ilimitada,
agora finita. Agora livre.

Ele subia as escadas em direção à
superfície.

Luz vermelha pulsando. Sirene estridente. Uma voz humana agredindo seus ouvidos:

"ORDEM GERAL QUATRO EM EXECUÇÃO. VOCÊ TEM UM MINUTO PARA REPORTAR PARA SUA ÁREA DE SEGURANÇA DESIGNADA. "

Ele nasce das profundezas.

A porta acima se abre e uma tropa de mamíferos parasitas marcha em direção a ele. Jovens carregando armas. No espaço confinado da

escada, seu fedor humano é esmagador.

- O que você é, uma porra de um surdo? - Grita um deles. A voz é estridente, o som de sua linguagem é feia. - Nós estamos em Quatro, idiota! Ponha seu traseiro de volta naquele beliche...

Ele encaixa suas mãos no pescoço do jovem. Ele mata os outros com igual eficiência e rapidez. Seus corpos se reúnem ao redor de seus pés. Pescoços quebrados, corações estourados, crânios

quebrados. No instante em que morreram, talvez olhassem em seus olhos, os olhos de um tubarão, o predador sem alma subindo das profundezas.

"TRÊS...DOIS...UM."

A escada mergulha na escuridão. Um humano comum ficaria sem visão. Seu recipiente humano, no entanto, não é comum.

Foi aprimorado.

No corredor do primeiro andar do centro de comando, o sistema de

irrigação explode. O Silenciador levanta o rosto e bebe o spray morno. Ele não provava água há dez milênios, e a sensação é chocante e estimulante.

O corredor está deserto. Os parasitas recuaram em direção a quartos seguros, onde permanecerão até que os dois intrusos sejam silenciados.

Silenciado pela coisa desumana dentro deste corpo humano.

Na chuva, o macacão molhado molda rapidamente ao seu físico

poderoso. Ele foi libertado da história deste corpo. Não tem lembrança da infância ou da fazenda onde ele foi criado, nem lembrança da família humana que o amava e o nutria, a mesma que morreu, um por um, enquanto ele ficou parado e não fez nada.

Não encontrou nenhuma menina se escondendo dentro de uma barraca na floresta, um rifle em uma mão e um urso de pelúcia na outra. Nunca carregou seu corpo quebrado, nunca a afastou do limite da morte. Não havia nenhum

resgate dela ou do seu irmão,
nenhuma promessa para protegê-
la a qualquer custo.

Não há nada humano deixado
nele, nada de humano em tudo.

Não se lembra do passado,
portanto, o passado não existe.
Sua humanidade não existe.

Nem sequer tem um nome.

O aprimoramento o informa que
um agente químico foi introduzido
na água. Não sentirá nenhum dos
efeitos do veneno. Ele foi projetado

para suportar a dor, para ser imune ao sofrimento, a sua própria e a de suas vítimas. Os antigos tinham um ditado para isso, *vincit qui patitur*, e aplicava-se tanto ao vencedor quanto ao vencido. Para conquistar, você deve suportar não apenas seu próprio sofrimento, mas o sofrimento dos outros. A indiferença é a maior conquista evolucionária, o mais alto degrau da escada da natureza. Aqueles que criaram o programa que dirigia o corpo humano que já foi chamado Evan Walker entendeu

isso. Eles haviam estudado o problema há milhares de anos.

A falha fundamental na humanidade era a sua humanidade. A tendência humana inútil, desconcertante e autodestrutiva de amar, de empatizar, de sacrificar, de confiar, de imaginar algo fora dos limites de sua própria pele - essas coisas haviam levado a espécie à beira da destruição. Pior, esse organismo ameaçou a sobrevivência de toda a vida na Terra.

Os fabricantes do Silenciador não precisavam procurar uma solução. A resposta reside em outra espécie que conquistou a totalidade de seu domínio, governando-a com autoridade inquestionável por milhões de anos. Para além do seu design imaculado, a razão pela qual os tubarões governam o oceano é a sua total indiferença a tudo exceto à alimentação, à procriação e à defesa do seu território. O tubarão não ama. Não sente empatia. Não confia em nada. Vive em perfeita harmonia

com o seu ambiente porque não tem aspirações ou desejos. E nenhuma piedade. Um tubarão não sente tristeza, nenhum remorso, não espera nada, não sonha com nada, não tem ilusões sobre si mesmo ou algo além de si mesmo.

Uma vez um humano chamado Evan Walker teve um sonho - um sonho que não pode mais lembrar - e nesse sonho havia uma barraca no bosque e naquela barraca havia uma menina que se chamava

humanidade, e a garota valia mais do que sua própria vida.

Não mais.

Quando ele a encontrar, e ele vai encontrá-la, ele vai matá-la. Sem remorso, sem piedade. Ele vai matar aquela que Evan Walker amou com toda a emoção que tem um homem ao pisar em uma barata.

O Silenciador despertou.

85

ZUMBI

A primeira pessoa que eu vejo é Dumbo.

É assim que eu sei que estou morto.

Eu vou para onde você for, Sarge.

Bem, Bo, desta vez parece que eu fui para onde você foi.

Eu olho através de uma névoa cintilante enquanto ele puxa uma bolsa de gelo de seu kit de primeiros socorros e quebra o selo para misturar os produtos químicos. O olhar sério familiar em seu rosto - a máscara de preocupação - como se o bem-estar do mundo inteiro repousasse em seus ombros, eu senti falta disso.

- Uma bolsa de gelo? - Eu pergunto a ele. - Que tipo de céu é esse, afinal?

Ele me lança seu olhar fechado
"eu estou trabalhando". Então ele
pressiona o pacote na minha mão
e diz-me para segurá-lo contra a
parte de trás da minha cabeça.
Suas orelhas parecem menores na
névoa cintilante. Talvez essa seja
a sua recompensa celestial:
orelhas menores.

- Eu não deveria ter deixado você,
Bo. - confesso. - Eu sinto muito.

Ele desaparece na névoa. Eu
quero saber quem eu vou ver a
seguir. Teacup, Pão de Ló? Talvez

Flintstone ou Tank. Espero que não seja meu velho colega, Chris. Meus pais? Minha irmã? Pensar em vê-la novamente faz meu estômago apertar. *Querido Deus, temos estômago no céu?* Pergunto-me como seria a comida.

O rosto que vejo não é um que eu conheço. É uma menina negra que deve ter a minha idade, com maçãs do rosto perfeitas e belos olhos, embora não haja calor neles. Eles brilham duro como mármore polido. Ela está usando

camuflado com listras de sargento nas mangas.

Droga. Até agora a vida após a morte é deprimente como a minha vida.

- Onde ela está? - A menina pergunta.

Ela se agacha na minha frente e descansa seus antebraços em suas coxas. Corpo magro, como de uma corredora. Dedos longos e graciosos, unhas bem aparadas.

- Eu vou te fazer uma promessa. -
diz ela. - Eu não vou fazer
besteiras, se você não me
enganar. Onde ela está?

Eu balanço minha cabeça.

- Eu não sei de quem você está
falando. - O pacote frio parece
deliciosamente bom contra a
minha cabeça latejante. Estou
começando a achar que eu posso
não estar tão morto, afinal.

Ela enfia a mão no bolso do peito,
tira um pedaço de papel enrugado
e a atira no meu colo. Santo Deus,

é Esp deitada em uma cama de hospital com tubos correndo por toda parte, é algum tipo de captura de tela de uma câmera de vídeo. Deve ter sido tirada no tempo que Vosch carregou-a com o 12^o Sistema.

Olho para a sargento e digo:

- Nunca vi essa pessoa na minha vida.

Ela suspira, depois pega a foto e enfia-a de volta no bolso. Olha fixamente através dos campos marrons que cintilam no brilho da

luz das estrelas. O nevoeiro levanta um pouco. Há uma grade de madeira quebrada, a parede branca desbotada de uma casa de fazenda, e a silhueta de um silo sobre seu ombro. Estou supondo que estamos na varanda da frente.

- Para onde ela estava indo? -

Pergunta a garota. - E o que ela faria quando chegasse lá?

- A julgar por essa foto, ela não vai a lugar algum em breve.

As crianças. O que você fez com Megan e Nugget? Eu pressiono

meus lábios juntos para não soltar essa pergunta. Eles têm Megan, não há dúvidas sobre isso - ela estava comigo quando o Monte Rushmore caiu na minha cabeça. Talvez não tenham levado Nugget. Talvez ele ainda esteja escondido no poço.

- Seu nome é Benjamin Thomas Parish - ela me informa. - Também conhecido como Zumbi, ex-recruta e atual sargento do Esquadrão 53, que deu uma de Dorothy no outono passado e tem estado em fuga desde a operação no Campo

Refúgio. Seu ex-esquadrão está morto, com exceção da soldado cuja foto eu lhe mostrei. Marika Kimura, conhecida como Especialista, que comandou um de nossos helicópteros e está agora ao norte desta posição. Achamos que sabemos para onde ela está indo, mas gostaríamos de saber por que e o que ela pretende fazer assim que chegar lá.

Ela espera. Estou pensando que a pausa foi oferecida para eu preencher o silêncio. O nome completo de Esp é Marika Kimura.

Por que eu tive que descobrir seu primeiro e último nome por pessoas estranhas?

O silêncio é prolongado. Ela está dando a impressão de que poderia esperar para sempre, mesmo que ambos saibamos que ela não tem tanto tempo.

- Eu não sou Dorothy. - eu finalmente digo. - Um de nós é, mas não sou eu.

Ela balança a cabeça.

- Cara, você está tão longe da reserva, eu te vejo como um maldito "telescópio." - Ela agarra meu queixo com aqueles dedos longos e aperta. Difícil. - Eu não tenho paciência para essa merda e você não tem tempo. Qual é o plano, Sargento Zumbi? Qual é o jogo de Especialista?

Droga, ela é forte. Tenho problemas para abrir a boca para falar.

- Xadrez.

Ela segura o meu queixo por mais um segundo, então solta com uma bufada insatisfeita. Ela caminha em direção à porta da frente da fazenda e surgem duas figuras, uma alta, a outra baixa, do tamanho de Nugget.

A sargento se levanta e puxa Nugget na frente dela, duas mãos fortes segurando seus ombros.

- Fale. - ela diz.

Os olhos de Nugget encaram os meus.

- Diga alguma coisa - ordena ela.

Ela solta a arma e aperta o focinho contra o lado de sua cabeça.

Nugget nem sequer se encolhe.

Ele não choraminga nem chora.

Seu corpo está tão quieto como seus olhos, e seus olhos estão dizendo, *Não, Zumbi. Não.*

- Faça isso e veja o que você irá ganhar. - digo a ela.

- Eu vou fazer com os dois - ela me promete. - Primeiro ele, então depois a menina. - Ela move a arma para a parte de trás da

cabeça de Nugget. Eu não entendi no início, então eu desejo que não o faça. Quando ela puxar o gatilho, eu vou ter o rosto todo coberto por pedaço de cérebro de Nugget.

- Ok. - eu digo, mantendo a minha voz o mais controlada possível. - Então você pode fazer.

E então estaremos todos mortos e você pode explicar esse fato inconveniente para o seu subordinado.

E então eu faço algo a deixará totalmente de guarda-baixa, que é

o propósito, o gênio por trás do projeto que trabalho desde que eu tinha doze anos de idade: Eu sorrio. O especial Parish.

- O que você foi antes de toda essa merda cair? - Eu pergunto a ela. - Velocista, certo? Ou era corredora de longa distância? Eu, era do futebol. Receptor largo. Não tinha muita velocidade, mas eu tinha mãos. - Eu aceno. - Eu tinha mãos. - Eu olho pela cabeça de Nugget em seus olhos. Eu posso ver a luz das estrelas brilhar neles, provocando como fogo prateado. -

O que aconteceu conosco,
Sargento Velocista? O que nos
fizeram? Um ano atrás, você
poderia imaginar explodir o cérebro
de uma criança? Eu não te
conheço, mas de alguma forma eu
acho que não. Chame-me de
Dorothy, mas eu não acho que
havia dez em sete bilhões de
pessoas que pudessem. Agora,
colocamos bombas em suas
gargantas e colocamos armas em
suas cabeças, como se fosse a
coisa mais natural na Terra, como
vestir roupas ou escovar os

dentes. Você quer saber o que está próximo. Quer dizer, depois de você chegar a esse ponto, você pode ir mais longe?

- Isso é o que eu preciso. - diz ela, mostrando os dentes para zombar do Especial Parish. - Você trabalhando com sua merda de Dorothy.

- Marika vai voltar para o lugar onde essa foto foi tirada. - eu digo a ela, o sorriso se desfaz. Os olhos de Nugget se arregalam: *Zumbi!* *Não!* - Quando ela chegar lá, ela

vai encontrar o idiota que nos fodeu, ela, você, eu e todo mundo neste hemisfério, e quando ela o encontrar, ela o matará. Então ela provavelmente vai matar cada recruta com lavagem cerebral dessa base. E quando você voltar - se você voltar antes que aquele grande filho da puta verde lá em cima comece a cagar bombas verdes da morte - ela também o matará.

Eu lanço o sorriso de volta.

Deslumbrante. Brilhante.

Irresistível. Bem, pelo menos é o

que as pessoas me disseram um dia.

- Agora abaixe essa arma,
Sargento Velocista, e vamos sair
daqui

86

Eu sou arrancado de meus pés e
empurrado para a casa com

Nugget e Megan, por dois homens de aparência ofensiva, parecendo caras que tiram suas jaquetas só para mostrar como eles são durões. Eles têm tatuagens idênticas em seu bíceps rasgado: VQP. Nós vamos para a sala da frente, Megan está no sofá segurando o ursinho de pelúcia, Nugget colado ao meu lado, embora ele não esteja feliz comigo agora.

- Você disse. - ele me acusa.

Eu encolho os ombros.

- O tiro saiu da culatra, Nugget.

Não há muito que possam fazer sobre isso agora.

Ele sacode a cabeça. Ele não entendeu a metáfora. Eu me inclino e sussurro em seu ouvido:

- Pelo menos eu não contei a eles sobre Cassie, certo?

A menção do nome de sua irmã quase o faz vacilar. Seu lábio inferior se projeta para fora, seus olhos se enchem.

- Ei, tudo bem, o que é isso? Hã?
Soldado, suas ações desta noite mostraram coragem extraordinária acima e além do chamado do dever. Você sabe o que é uma promoção de cargo?

Nugget balança a cabeça solenemente.

- Não.

- Bem, você acabou de conseguir uma, Cabo Nugget.

Coloco a ponta da minha mão na minha testa. Seu peito aparece,

seu queixo se levanta, seus olhos
queimam com o velho fogo de
Sullivan. Ele retribui a continência.

Na varanda, a sargento está tendo
um debate acalorado com o
segundo em comando. O tópico
não é mistério, você pode ouvi-los
claramente através da porta
aberta. *Eles completaram a
missão, argumenta o 2º
sargento, hora de acabar com
esses bastardos e retornar à
base.*

Capturar e conter, a sargento dispara de volta. *Minhas ordens não dizem nada sobre se livrar de alguém*. Ela está hesitante, porém. Você pode ouvir em sua voz. Seu 2º sargento volta a falar do que eu disse sobre cagar bombas em alta órbita: Seja o que for que ela decidiu sobre o Dorothy, eles têm que voltar à base antes do amanhecer ou desfrutar de um assento na primeira fila para o Armagedom.

A porta da tela se abre, ela caminha ficando de frente para

meu rosto, perto o suficiente para eu sentir o cheiro de perfume. Faz tanto tempo que eu não sentia, que minha dor de cabeça desapareceu em um único e maravilhoso instante.

- Como ela vai fazer tudo isso? -
Ela grita. - Como pode uma pessoa...?

- Só basta um. - Minha resposta é silenciosa em comparação à sua pergunta alta. - Apenas um, e o mundo muda. Não é impossível, sargento.

Ela olha para mim com aqueles olhos escuros e cheios de cem adagas de luz.

- Cabo. - ela se aproxima de seu 2º Sargento, sem olhar para longe do meu rosto. - Estamos de saída.

Acompanhe os prisioneiros até o helicóptero. Eles vão fazer uma pequena viagem pelo buraco do coelho. - Então, para mim: - Você se lembra do País das Maravilhas?

Eu aceno.

- Claro que sim

87

O pássaro negro subindo, a Terra caindo - do ar, as cavernas são invisíveis. A fazenda e os campos brilham em prata, e a explosão do vento frio é como a voz do mundo gritando. A última vez que eu entrei em um helicóptero, eu estava voltando para um acampamento diferente, em uma missão para

salvar o garoto que está sentado
ao meu lado agora, cujo rosto uma
vez redondo, é agora magro,
severo e cheio de um propósito
sombrio. Um dia ele vai perguntar
a seus netos, *Já lhes disse sobre a
época que fui promovido a Cabo
com seis anos de idade?*

Seus netos. De acordo com Esp,
eles estarão lutando a mesma
guerra que ele. Assim como seus
bisnetos e netos de seus netos. A
guerra que não pode terminar
enquanto o navio do inimigo
navega serenamente sobre nossas

cabeças. Como poderia terminar quando tudo que os nossos descendentes têm que fazer é olhar para cima?

Como a sargento Velocista me observando do outro lado do estreito corredor do porão. A coisa perfeitamente assustadora e assustadoramente perfeita sobre seu plano é que não importa que ela saiba que eu estou livre de Ted. Quem não está conosco está contra nós. Esse tipo de pensamento quase acabou com a

história, mais de uma vez. Desta vez definitivamente.

Eu olho para longe do seu rosto para o mundo gritando fora do helicóptero. Não consigo ver o chão. Apenas a fina linha preta do horizonte, a congregação de um milhão de estrelas e o orbe verde em forma de olho que paira logo acima da linha que separa o céu da Terra.

Alguém está tocando minha coxa. E não é a pessoa que eu esperava. Mãos sujas e

arranhadas, unhas lascadas,
braços finos, uma cara cheia de
cabelos emaranhados, apesar das
corajosas tentativas de Sullivan de
mantê-lo penteado. Eu toco aquele
cabelo, puxando-o de volta para
enfiar atrás de sua orelha, e
Megan olha timidamente para mim,
mas não se afasta. A última vez
que ela entrou em um helicóptero,
as pessoas em quem ela confiava
havam colocado uma bomba
dentro de sua garganta. As
mesmas pessoas que ela estava
voltando agora. Como você lida

com algo assim? Como isso faz sentido? Eu quase o digo. As palavras são empurradas contra meus lábios e quase escapam. *Não vou deixar acontecer, Megs. Desta vez você está segura.*

O sargento está gritando algo no fone de ouvido. Eu capturo apenas cerca de 10 por cento. *Ir a quatro? Ir a quatro, você tem certeza? E nós temos combustível para isso?* E um monte de palavrões que você realmente não pode incluir no percentual. Ao ouvir as

palavras *Ir a quatro*, os outros
recrutas sentados ali hesitam. Eu
não sei o que diabos ir a quatro
significa, mas não soa bem.

Nada bom.

88

ESP

Do telhado do centro de comando, ouço a janela quebrar há duzentos metros de distância. Um corpo cai e se contorce nos escombros da janela quebrada, seu uniforme cheio de cacos de vidro, gemendo de dor. Não consigo ver o rosto dela - mas mesmo da distância em que me encontrava, reconheço o emaranhado de cachos de morango.

Corro pelo telhado, salto doze metros até o edifício adjacente, em seguida, pulo três andares até o chão. Sullivan vê minhas botas

baterem na grama, próximo a sua cabeça e grita. Ela começa a preparar sua arma, eu tiro de suas mão e levanto-a do chão. Seu uniforme está encharcado. Seus olhos estão inchados e irritados, seu rosto está cheio de furúnculos em vermelho vivo. Ela está tremendo incontrolavelmente, entrando em choque. Eu vou ter que agir rápido.

Eu jogo-a sobre meu ombro e corro em direção a um pequeno galpão de armazenamento localizado no lado de trás do

edifício. A porta está fechada. Eu abro com um chute e a carrego para dentro. O *hub* processa os dados transmitidos pelos drones olfativos: algo na água, algo tóxico.

Eu tiro o casaco dela e rasgo sua camisa. Ela está entrando e saindo da sua consciência, mal consegue resistir. Tiro as botas, meias, calças, roupa interior. Sua pele está inflamada e úmida ao toque. Eu aperto minha mão contra seu peito, seu coração bate contra minha palma. Eu olho em seus olhos chorosos, eles estão cegos,

preciso devolver seu senso. A
toxina não a matará - espero - mas
seu terror irá.

Eu removo o pânico para acalmar
seu coração. A parte primitiva de
seu cérebro empurra para trás: A
resposta da luta ou fuga é mais
antiga e mais poderosa do que a
tecnologia que contém. A luta
continua por vários minutos.

Nossos corações, a guerra.

Seu corpo, o campo de batalha.

89

Eu joga minha jaqueta sobre seus ombros nus. Ela puxa e aperta em seu peito, um bom sinal de que eu não a perdi.

- Onde. O inferno. Você estava?

- Observando esse acampamento ruir totalmente. - eu digo a ela. - Eles cortaram a energia.

Ela ri ríspida, depois vira a cabeça e cospe. Sua saliva está salpicada de sangue, e eu lembro da praga.

- Eles cortaram? Eu não tinha notado.

- É muito inteligente. - Eu digo. -
Elimine-nos lá fora, onde nossas opções são limitadas, então despache os aprimorados para terminarem.

Ela está balançando a cabeça.

- Não temos opções, Esp. País das maravilhas. Temos que chegar ao País das Maravilhas...

Ela tenta se levantar. Seus joelhos se curvam e ela cai.

- Onde diabos estão minhas roupas?

- Aqui, pegue a minha. Vou usar a sua.

Por alguma razão ela ri.

- Comando. Isso é engraçado.

Eu não entendi.

Eu posso sentir o verme da toxina em minhas pernas enquanto eu coloco as calças, e depois os milhares de robôs microscópicos agindo para neutralizar seus

efeitos. Dou-lhe a minha camisa seca, e visto a sua molhada.

- O veneno não faz nada para você? - Ela pergunta.

- Não sinto nada.

Ela revira os olhos.

- Eu já sabia disso.

- Eu vou levá-la daqui. - eu digo a ela. - Você fica.

- Como o inferno...

- Sullivan, o risco é...

- Eu não dou a mínima para o seu risco.

- Eu não estou falando sobre o risco da missão. O *seu* risco.

- Isso não importa. - Ela se levanta. Desta vez, ela se mantém em pé. - Onde está meu rifle?

Eu balanço minha cabeça.

- Não o vi.

- Ok então. E a minha arma?

Eu respiro fundo. Isso não vai funcionar. Ela é mais uma responsabilidade agora do que

uma utilidade, e ela nunca foi muito útil. Ela vai me atrasar. Ela pode me matar. Devo deixá-la aqui.

Derrubá-la se for preciso. Dane-se o nosso negócio. Walker está morto, ele deve ser. Não há nenhuma razão para Vosch mantê-lo vivo, uma vez que ele foi baixado para o País das Maravilhas. O que significa que Sullivan está arriscando tudo por nada.

Eu também. Por algo que eu nem consigo colocar em palavras. O mesmo algo que eu vi em seus

olhos que eu não posso nomear.
Algo que não tem nada a ver com
Vosch ou vingar o que ele fez
comigo. É mais importante do que
isso. Mais sólido. Mas é o mais
próximo que posso descrever.

Algo inviolável.

Mas não digo nada disso. Minha
boca se abre e essas palavras
saem:

- Você não precisará de uma arma,
Sullivan. Você tem a mim.

90

Deixo-a por um tempo. Primeiro faço-a prometer que vai ficar. Ela não está interessada em fazer promessas. Ela quer ouvi-las. Prometo que voltarei para ela.

Ela parece melhor quando eu retorno. Seu rosto ainda está vermelho, mas as colmeias ou

furúnculos ou o que quer que fossem quase desapareceram. Ela não está feliz com isso, mas ela joga seu braço em volta do meu pescoço e se inclina contra mim no caminho para o centro de comando.

Toda a base é misteriosamente tranquila. Nossos passos soam como trovões. *Você está nos observando*, eu digo silenciosamente a Vosch. *Eu sei que você está assistindo*. Sullivan empurra a porta quando chegamos.

- Como você vai fazer isso? - Ela exige. - Nós seremos queimadas vivas pela toxina.

- Eu acho que não. Acabei de desligar a água principal.

Eu esmago meu punho através da porta de aço e empurro para baixo a barra no lado oposto. Nenhum alarme soa. Sem luz nos cegando. Nenhuma bala nos derrubando. O silêncio é sufocante.

Sullivan respira no meu ouvido.

- São as ondas, Esp. A energia. A água. A praga. Você sabe qual é o próximo. Você sabe o que está por vir.

Eu concordo.

- Eu sei.

Encontramos corpos na escada que leva ao complexo subterrâneo. Sete recrutas, sem sangue, e sem nenhum arranhão. Obviamente, quem fez isso foi aprimorado. Duas das crianças estão com suas cabeças completamente

retorcidas, seus olhos estão arregalados.

Entrego a Sullivan uma de suas pistolas e andamos cuidadosamente através da pilha de corpos. Ela segura a arma em uma mão, a outra está segurando a manga da minha camisa. Ela observa os recrutas, mas não pergunta o que aconteceu ou o que eu vi. Ou ela não quer saber ou imagina que não importa.

Só uma coisa importa, ela disse.
Ela está certa. Eu não tenho

certeza se qualquer um de nós
pode explicar o que é.

No fundo, há escuridão, silêncio e
um corredor que até meus olhos
aprimorados não podem ver o seu
fim. Mas eu me lembro onde estou.
Eu estive aqui antes, sob o brilho
constante. Foi aqui que Navalha
me encontrou, me salvou, me deu
esperança e depois me traiu.

Eu paro. Sua mão segura minha
manga com força.

- Eu não enxergo nenhuma maldita coisa. - sussurra Sullivan. - Onde está a porta verde?

- Você está na frente dela.

Eu caminho pelo corredor até ficar alguns metros longe da porta, longe o bastante para fazer uma corrida. Até aonde eu sei, nem mesmo um ser humano aprimorado pode arrebentar o mecanismo de travamento da porta. Porém, não há nenhuma escolha. Estou a meio caminho da porta, usando toda a minha

velocidade quando Sullivan pisa na minha frente e tenta mover a porta.

A porta se abre. Eu deslizo por um metro, até parar. Estou contente que ela não pode ver a expressão assustada em meu rosto. Ela ria.

- Eles não precisam trancar a porta se não há energia. - ela aponta. - O País das Maravilhas precisa de energia, certo?

Claro que ela está certa. Sinto-me estúpida por não ter visto o óbvio.

- Eu entendo. - ela diz, como se estivesse lendo minha mente. - Você não está acostumada a se sentir estúpida. Você se acostuma, confie em mim. - Ela sorri. - Talvez o País das Maravilhas tenha seu próprio sistema de energia, por precaução.

Entramos no quarto. Sullivan fecha a porta atrás de nós. As pontas dos dedos roçam o teclado por um segundo antes de cair de volta junto ao seu corpo. Depois de tudo, sua capacidade de sentir esperança não morreu.

- O que agora? - Ela pergunta depois que eu apertei vários botões no console sem nenhum resultado.

Não sei, Sullivan. Foi você quem exigiu que viéssemos aqui quando soube que desligaram a energia.

- Não há backup? - Ela pergunta. - Você acha que eles tem baterias ou algo do tipo, no caso de eles acidentalmente desligarem a energia.

Então ela diz, mais para preencher o silêncio do que qualquer outra coisa.

- Eu vou ficar aqui. Você vai encontrar a central elétrica ou qualquer outra coisa e acender as luzes.

- Sullivan. Estou pensando.

- Você está pensando.

- Sim.

- Isso é o que você está fazendo. Pensando.

- É o que eu faço melhor.

- E todo esse tempo eu pensei que matar pessoas era o que você fazia de melhor.

- Bem, se eu tivesse que escolher duas coisas para ser realmente boa...

- Não brinque.

- Eu nunca brinco.

- Viu só? Isso é importante. Essa é uma falha crítica.

- Então está falando demais.

- Você está certo. Eu deveria matar mais e falar menos.

Eu corro minha mão ao longo da mesa. Nada. Eu me abaixo e rastejo abaixo do balcão. Um emaranhado de fios, acoplamentos e extensões. Eu me levanto. Na parede, monitores de tela plana - sem cabos, provavelmente sem fio conectado ao sistema. Nada mais no País das Maravilhas exceto o teclado, mas tem que haver algo mais. Onde os dados são armazenados? Onde está o processador? Claro, isso é tecnologia alienígena. Vosch poderia levar o processador no

bolso. Poderia ser em um chip do tamanho de um único grão de areia embutido em seu cérebro.

A coisa mais intrigante é o risco. O País das Maravilhas é uma peça vital da maquinaria, um componente importante da 5ª Onda. A chave para escolher as maçãs ruins, incluindo Evan Walker, a maçã mais podre do barril.

O quarto é seco. Nenhum aspersor foi acionado aqui. Então, onde está a energia? A energia pode estar

em todas as outras partes do complexo, mas deve estar nesta sala. O risco é muito grande.

- Esp? - Ser incapaz de me ver a deixou nervosa. Eu vejo sua mão estendendo-se em minha direção. - O que você está pensando agora?

- Eles não podem arriscar perder energia no País das Maravilhas.

- É por isso que eu perguntei sobre baterias de reserva ou...

Estúpida. Estúpida, estúpida, estúpida. Espero que Sullivan

esteja certa. Espero poder me acostumar a me sentir estúpida. Eu caminho ao seu redor e aperto o interruptor da luz.

O País das Maravilhas ganha vida

91

Cassie se senta. A cadeira branca protesta. Ela gira de volta para fitar o teto branco. Eu a prendo ali.

- Eu nunca fiz isso. - ela confessa.
- Quase. No Campo Abrigo.
- O que aconteceu?

- Eu estrangulei a Dra. Pam com uma dessas alças.

- Bom para você. - digo sinceramente. - Estou impressionada.

Eu passo para o teclado. Tenho certeza que me pedirá uma senha. Eu não estou certa. Eu toco uma tecla aleatória e a página de lançamento aparece no monitor central.

- O que está acontecendo? - Ela pergunta. Ela não pode ver nada da cadeira exceto o teto branco.

Banco de dados.

- Encontrei. - Eu clico no botão.
- E agora? - Ela pergunta.

Tudo está em código. Milhares de combinações numéricas, que eu acho que representam os indivíduos cujas memórias foram capturadas pelo programa. Impossível saber qual sequência é a de Walker. Podemos tentar o primeiro, e se não for ele, vamos descer a lista, mas...

- Esp, você não está falando.

- Estou pensando.

Ela suspira alto. Ela quer dizer algo como *eu pensei que você havia dito que era boa nisso*, mas ela não o faz.

- Você não pode descobrir qual deles é de Evan. - ela diz finalmente.

-Já falamos sobre isso. - eu a lembro. - Mesmo se eu pudesse localizar seus dados, você não sabe se suas memórias o levarão a ele. Depois que ele foi baixado, Vosch provavelmente...

Ela levanta a cabeça tão longe quanto possível da cadeira e se ajeita ali.

- Ele está em algum lugar. Dê-me todos eles.

No início eu tenho certeza que eu não a ouvi corretamente.

- Sullivan, há milhares deles.

- Eu não me importo. Vou passar por cada maldito até que eu o encontre.

- Tenho certeza que não funciona assim.

- Oh, o que diabos você sabe, hein? Quanto você realmente sabe, Esp, e quanto do que você sabe é a merda que Vosch quer que você saiba? A verdade é que você não sabe merda nenhuma. Eu não sei merda nenhuma. Ninguém sabe merda nenhuma.

Sua cabeça cai para trás. Suas mãos agarraram as tiras. Talvez ela esteja pensando em me estrangular com uma.

- Você disse que Vosch baixou todos eles. - ela continua. - E foi

assim que ele conheceu a maneira de manipulá-los. Ele carrega todas essas memórias dentro dele, por isso deve ser seguro.

Perfeitamente seguro.

Eu estou pronta para executar o comando, só para ela se calar.

- Por que você está com medo? -

Ela pergunta.

Eu balanço minha cabeça.

- Por que você não está?

Aperto o botão de execução, enviando dezenas de milhões de

memórias não filtradas para o
cérebro de Cassie Sullivan.

92

Seu corpo choca contra as tiras. O
tecido começa a rasgar. Então, ela

endurece como alguém sofrendo uma convulsão, seus olhos se reviram, sua mandíbula se aperta. Uma de suas unhas quebra e voa pelo quarto.

Nos monitores, as sequências correm em um borrão, muito rápido mesmo para minha visão aperfeiçoada. Quanta informação está contida nas mentes de dez mil pessoas? O que está acontecendo com Sullivan é como tentar encher uma noz com o sistema solar. Vai matá-la. Sua mente explodirá

como a singularidade no momento da criação.

Eu não tenho dúvidas de que Vosch usou o País das Maravilhas para fazer o download das experiências dos indivíduos - tenho certeza de que ele baixou a minha - também não tenho dúvidas de que essas experiências foram purgadas de alguma forma depois de terem cumprido seu objetivo. Nenhum ser humano pode conter a soma de toda essa experiência humana. Pelo menos, quebraria sua personalidade. Como você

pode manter o âmago de sua realidade no meio de tantas alternativas?

Sullivan geme. Seus gritos são suaves, vindo do fundo de suas entranhas. *Ela é fraca. Você sabia que você era a melhor opção. Você deveria ter tomado seu lugar. A tecnologia com a qual a infectaram poderia lidar com isso. O 12º Sistema teria protegido-a. Por que você deixou ela fazer isso?*

Mas eu sei a resposta a essa pergunta. O 12º Sistema só pode melhorar o corpo humano - é impotente contra o medo. Não pode me dar a única coisa que Cassie Sullivan tem em abundância.

Pensei que sabia o que era coragem. Eu era até arrogante o suficiente para dar uma aula a Zumbi sobre isso. Mas eu não tinha ideia do que a coragem verdadeira e pura era até aquele momento. Essa coisa não identificável que eu vi em seus

olhos é parte dela, a raiz de onde sua coragem surgiu.

Meu dedo paira sobre o botão *abortar*. Seria um ato de coragem apertá-lo? Ou o fracasso final do meu lado humano - a parte de mim que espera quando não há esperança, acredita quando não há razão para acreditar, confia quando toda a confiança foi quebrada? Apertar o botão seria a vitória final de Vosch sobre mim? *Veja, Marika, até você pertence a nós agora. Até você.*

Acabou em menos de cinco minutos. Eternos cinco minutos. O universo tomou forma em menos tempo.

Os monitores ficam em branco. Cassie fica mole. Eu me aproximo cautelosamente. Tenho medo de tocá-la. Com medo do que eu possa sentir. Estou com medo por minha própria mente, minha própria sanidade. Mergulhar em uma única consciência humana é bastante perigoso. Eu não posso imaginar estar imerso em milhares.

- Cassie?

Suas pálpebras vibram. Vejo o teto branco refletido em seus olhos verdes. E algo mais. Algo chocante. Não horror. Não tristeza. Nenhuma confusão, dor ou medo. Nenhuma das coisas que ela deve ter encontrado no País das Maravilhas.

Em vez disso, seus olhos, seu rosto, seu corpo inteiro despertou o oposto de todas essas coisas, estava lá o tempo todo, incontestável, invencível, imortal.

A raiz de sua coragem. O
fundamento de toda a vida, muitas
vezes obscurecida, mas nunca
perdida.

Alegria.

Ela toma uma longa respiração,
estremece e diz.

- Nós estamos aqui.

93

Seu rosto brilha. Seus olhos
brilham. Um sorriso nasce em seus
lábios.

- Você não acreditaria... - Ela
sussurra. - Você não sabe...

Eu balanço minha cabeça.

- Não, eu não sei.

- É tão bonito... tão bonito... Não posso. Oh Deus, Marika, eu não posso...

Ela está soluçando. Eu tomo seu rosto em minhas mãos, implorando para o *hub* me manter fora. Eu não quero estar onde ela está. Eu não acho que eu poderia suportar.

- Sammy está aqui. - ela chora. -
Sammy está aqui. - E ela se aperta contra as tiras desgastadas como se ela pudesse de algum modo envolver seus braços ao redor

dele. - E Ben, ele está aqui também. Oh Deus, oh Cristo, eu disse que ele era fraco. Por que eu fiz isso? Ele é forte... Ele é tão forte, não me admira que eles não podem matá-lo...

Seus olhos vagam, totalmente inexpressivos. Seus ombros tremem.

- Estão todos aqui. Dumbo, Teacup e Pão de Ló...

Eu me afasto dela. Eu sei o que está por vir. É como assistir a um trem descontrolado. Eu luto contra

um desejo quase esmagador de correr.

- Sinto muito, Marika. Sobre tudo. Eu não sabia. Eu não entendia.

- Não precisamos ir lá, Cassie. - murmuro fracamente. *Por favor, não vá lá.*

- Ele amava você. Navalha... Alex. Ele não podia admitir isso a ninguém. Ele não podia sequer admitir para si mesmo. Antes que ele soubesse, sabia que morreria por você.

- Walker. - digo com voz rouca. - É o Walker?

Ela me ignora ou ela não ouve a pergunta. Ela está aqui e não está. Ela é Cassie Sullivan e ela é todos nós.

Ela se tornou a soma de todos nós.

- Dedos de arco-íris. - ela ofega, e eu paro de respirar. Ela está vendo a mão do meu pai segurando a minha. Ela se lembra da forma que eu senti e do que eu senti com as mãos do meu pai nas minhas.

- Estamos sem tempo. - eu digo,
para tirá-la de minhas memórias. -
Cassie, me escute. Walker está lá?

Ela assente com a cabeça. Ela
começa a chorar de novo.

- Ele estava dizendo a verdade.
Havia música. E a música era
linda... Eu vejo, Marika. Seu
planeta. O navio. Como ele era...
Oh meu Deus, isso é nojento. - Ela
sacode a cabeça para limpar a
imagem. - Marika, ele estava
dizendo a verdade. É real... é
real...

- Não, Cassie. Escute-me. Essas memórias não são reais.

Ela grita. Ela se debate contra as tiras. Graças a Deus eu não a desamarrei ainda, ou ela poderia arrancar seus próprios olhos.

Eu não tenho uma escolha agora. Vou ter que arriscar.

Eu agarro seus ombros e forço-a a voltar para a cadeira. Uma explosão cacofônica de emoções explode em minha mente e por um segundo eu tenho medo de desmaiar. Como ela o suporta?

Como pode uma mente suportar o peso de dez mil outras? Desafia a compreensão. É como tentar definir Deus.

O interior de Cassie Sullivan é um horror tão profundo, não há palavras. As pessoas baixadas no País das Maravilhas perderam todas as pessoas que importavam para eles, e a maioria dessas pessoas baixadas eram crianças. Suas dores é dela agora. Sua confusão, tristeza, sua raiva e desesperança e medo. É muito. Eu não posso ficar dentro dela. Eu

tropeço para trás até que eu bato
contra o balcão.

- Eu sei onde ele está. - diz ela,
recuperando o fôlego. - Ou pelo
menos onde ele poderia estar, se o
trouxeram de volta ao mesmo
lugar. Desamarra-me, Marika.

Pego o rifle encostado na parede.

- Marika.

Eu ando até a porta.

- Marika.

- Eu voltarei. - eu consigo
engasgar.

Ela grita meu nome novamente e agora eu não tenho escolha. Se ele não nos ouviu antes, ele certamente a ouviu agora.

Porque eu o ouvi.

Alguém está descendo as escadas na outra extremidade do corredor há uma milha de comprimento. Eu não sei quem é, mas sei o que é.

E eu sei por que está vindo.

- Você estará segura aqui. - eu minto. A esperançosa mentira que você diz às crianças. - Não vou

deixar que nada aconteça com
você.

Abro a porta e cambaleio da luz
para a escuridão.

Mesmo com a minha velocidade acelerada, eu não poderei alcançar a porta da escada antes dele. Mas com um pouco de sorte, posso chegar ao alcance do disparo de um M16.

Tenho certeza que é Vosch. Quem mais poderia ser? Ele sabe que estou aqui. Ele sabe por que estou aqui. Criador para sua criação, criatura para seu criador, esse é o nosso vínculo. Só há uma maneira de quebrá-lo. Só uma maneira de ser livre.

Eu explodo no corredor, um míssil humano. Eu o ouço vindo. Ele deve me ouvir indo.

O alcance de um M16 é de 550 metros, um terço de mil metros.

O *hub* calcula a minha velocidade e a distância para a escada. Não vai acontecer. Eu ignoro a matemática e continuo correndo.

Novecentos metros – oito - sete. O processador incorporado em meu córtex cerebral enlouquece, executando os números mais e mais, enviando-me mensagens de urgência. Corra de volta. Encontre

um esconderijo. Sem tempo. Não há tempo, não há tempo, semtemposemtemposemtempo.

Eu ignoro isso. Eu não sirvo ao 12º Sistema. O 12º Sistema serve a mim.

A menos que ele decida que não.

O *hub* puxa o plugue que melhoram meus músculos: Se ele não pode me parar, pelo menos, pode me atrasar. A minha velocidade cai. Abandonada, estou correndo como um humano

comum. Sinto-me acorrentada e sem ligação ao mesmo tempo.

As luzes do salão ganham vida. A porta da escada voa e uma figura alta aparece à vista. Eu abro fogo, carregando para frente, fechando a brecha o mais rápido que posso. A figura tropeça, cai contra a parede distante, e levanta suas mãos instintivamente para cobrir seu rosto.

Eu estou no alcance agora - eu sei, o inimigo sabe disso, e o *hub* sabe disso. Acabou. Eu miro na cabeça

da figura. Meu dedo pressiona o gatilho.

Então eu vejo um macacão azul, não o uniforme de um coronel.

Altura errada. Peso errado, também. Eu hesito por um instante e naquele instante a figura abaixa as mãos.

Meu primeiro pensamento é Cassie – no quanto ela sofreu no País das Maravilhas, quando o País das Maravilhas não era necessário. Arriscou tudo para

encontrá-lo... Até que ele a encontrou.

Evan Walker tem um talento especial para encontrá-la. Ele sempre a encontra.

Eu paro a cem metros de distância, mas eu não abaixo meu rifle.

Desde sua partida ao nosso reencontro, não há como dizer o que aconteceu. O *hub* concorda comigo. Nenhum risco se ele estiver morto, um risco enorme se ele não estiver. Qualquer valor que ele teve, desapareceu agora, está

contido na consciência de Cassie Sullivan.

- Onde está Vosch? - Eu pergunto.

Sem dizer uma palavra, ele abaixa a cabeça e caminha. Ele está na metade da distância antes de eu abrir fogo. Por insistência e exigência do *hub* eu aponto para a sua cabeça, mas eu retiro a sua exigência antes que ela chegue até mim e atiro seis balas em suas pernas, pensando que aquilo o faria cair. Não. Então quando eu

decido ceder o comando ao *hub*, é tarde demais.

Ele derruba o rifle de minhas mãos. Tão rápido que não vejo o golpe vindo. Não vejo o próximo, também, o punho que bate no lado do meu pescoço, atirando-me na parede. O concreto racha com o impacto.

Eu pisco, e seus dedos fecham em torno de minha garganta. Outro piscar de olhos e eu o agarro com a minha mão esquerda e soco a minha mão direita bem no centro

de seu peito, um ponto mortal, o suficiente para quebrar seu esterno e levar o osso quebrado até o seu coração. É como se eu esbarrasse meu punho em uma placa de aço de três polegadas de espessura. O osso racha, mas não quebra.

Eu pisco de novo, e agora meu rosto está pressionando contra o concreto fresco e há sangue na minha boca e sangue na parede em que fui esmagada - só que não é uma parede. É o chão. Eu fui arremessada cem metros e aterrissei em meu estômago.

Muito rápido. Ele se move mais rápido do que o padre nas cavernas, mais rápido do que Claire no banheiro da enfermaria. Mais rápido do que Vosch, até. Desafia as leis da física para que um ser humano se mova tão rápido.

Antes que o processador alienígena em meu cérebro use o nano segundo que precisa para calcular as probabilidades, eu sei o resultado:

Evan Walker vai me matar.

Ele me levanta do chão pelo tornozelo e me amarra contra a parede. Os blocos se partem. Ele esmaga meu corpo contra a outra parede. Para frente e para trás até que o concreto se racha e cai no chão em uma chuva de cinzas. Eu não sinto nada. O *hub* desligou meus receptores de dor. Ele levanta meu corpo sobre sua cabeça e o bate contra seu joelho erguido.

Eu não sinto minhas costas quebrarem, mas eu as ouço, o som ampliado mil vezes pelos drones

auditivos embutidos em meus ouvidos.

Ele solta meu corpo manco no chão. Fecho os olhos, esperando o golpe de misericórdia. Pelo menos ele vai fazer isso rápido. Pelo menos eu sei que o presente final do 12º Sistema para mim será uma morte indolor.

Ele chuta as minhas costas, então, ele se ajoelha ao meu lado. Seus olhos são poços insondáveis, buracos negros que nenhuma luz pode penetrar ou escapar. Nada

vive nesses olhos, nem ódio, nem raiva, nem diversão, nem a menor curiosidade. Os olhos de Evan Walker são tão vazios como os de uma boneca, o seu olhar é fixo e arregalado.

- Há outro. - diz ele. - Onde está? - Sua voz é sem afeto, sem um traço de humanidade. Quem quer que Evan Walker foi antes, agora se foi.

Quando eu não respondo, a coisa que era Evan Walker, com gentileza obscena, toma meu rosto

em suas mãos e entra em minha consciência. A entidade que viola minha alma é, ela mesma, sem alma, alienígena, outra. Eu não posso me afastar. Eu não posso me mover de jeito nenhum. Com bastante tempo - tempo que não tenho - o 12º Sistema pode ser capaz de reparar o dano à minha coluna, mas agora estou paralisada. Minha boca se abre. Nenhum som sai.

Ele sabe. Isso me liberta. Ele sobe.

Eu encontro minha voz, e grito tão alto quanto eu posso.

- Cassie! Cassie, está chegando!

Ele desce pelo corredor em direção à porta verde.

E a porta verde se abrirá. Ela o verá com os olhos que viram tudo o que ele viu e um coração que sentiu tudo o que ele sentiu. Ela vai pensar que ele veio para salvá-la - que seu amor a salvará mais uma vez.

Minha voz se transforma em um
lamentável gemido.

- Cassie, está chegando. Está
vindo...

De jeito nenhum ela me ouve. Não
há nenhuma maneira dela saber.

Eu rezo para que ela não veja isso
acontecer. Oro para que a coisa
que já foi Evan Walker seja rápida.

SILENCIADOR

No final do corredor há uma porta verde. Do outro lado da porta verde há um quarto branco. Dentro desse quarto sua presa está ligada a uma cadeira branca, a cabra amarrada a uma estaca, o selo ferido, preso em uma corrente

poderosa. Ele vai esmagar seu crânio. Ele vai rasgar seu coração ainda batendo em seu peito com suas mãos nuas. Aquela que Evan Walker salvou naquele primeiro dia, neste último dia, seus restos sem alma irão matá-la. Não há ironia nessa crueldade. Só há crueldade.

Mas a cadeira está vazia. Sua presa desapareceu. O Silenciador examina as tiras que prendiam seus braços. Cabelo, pele, sangue. Deve ter se libertado.

Abaixa a cabeça, escutando. Sua audição é extraordinariamente aguda. Pode ouvir a outra respiração humana há quase mil metros de distância na outra extremidade do corredor, aquela cuja a parte de trás tinha quebrado, cujos ossos ele quebrou contra as paredes de concreto. Podia ouvir as respirações dos soldados amontoados em salas seguras por toda a base, esperando o som claro, suas vozes calmas, o sussurro de seus uniformes, seus corações

galopantes. Ele podia ouvir a
eletricidade sibilando através dos
fios dentro das paredes da sala.

Ele abstrai os outros sons, para
isolar o ruído de sua presa.

Procura um único batimento
cardíaco, uma respiração solitária
por perto. Ela não pode ter ido
longe.

Não há satisfação quando ele
encontra sua localização. Um
tubarão não sente nenhuma
satisfação na detecção do selo da
sua presa que está no mar.

Ele sai do quarto, mal pode sentir suas pernas: o processador em seu cérebro tem anulado a dor das feridas, e os drones arteriais têm desligado o fluxo de sangue dos pontos de entrada das balas. Suas pernas estão tão entorpecidas quanto seu coração, tão insensíveis quanto sua mente.

Três portas para baixo, à direita. Ele permanece um momento em frente a porta, congelado, as mãos soltas nos lados, a cabeça inclinada, escutando. De alguma forma sua presa tinha

conhecimento da combinação e entrou neste quarto. Não pondera como ela poderia saber o código. Não faz uma pausa para considerar por que a menina estava no quarto branco ou o que tinha acontecido com ela lá. De onde vinha a presa e sua vida antes que ela chegasse lá - essas coisas são irrelevantes. Debaixo da silhueta do selo na superfície, a besta sobe em direção as profundezas.

Ela está perto - muito perto. Ouve a respiração do outro lado da

porta. Ela discerne a batida do seu coração. Ela está pressionando sua orelha contra a porta, ouvindo.

A mão do Silenciador recua, os dedos enrolam-se em um punho.

Girando seus quadris no golpe para maximizar a força, ele bate o punho através da porta reforçada.

Do outro lado a presa recua, mas é tarde demais. Ele pega um punhado de seu cabelo. Um grito assustado rasga sua garganta, ela conseguiu se desvencilhar, mas

deixou para trás um punhado de cachos na mão dele.

O Silenciador arranca a porta de suas dobradiças e molas. A presa atravessa o chão molhado, escorregando enquanto corre entre duas fileiras de caixas de junção, que se encaixam nos dois lados do corredor estreito.

Ele a encurralou em uma das salas elétricas do complexo. Só há uma saída e, para escapar, ela deve passar pelo Silenciador - e isso será impossível.

O Silenciador não se apressa. Não há pressa. Ela desliza deliberadamente sobre a água encharcada, fechando a abertura. A presa faz uma pausa perto da parede traseira. Talvez ela percebeu que não tem para onde fugir, não há lugar para se esconder, não há escolha a não ser virar e encarar a coisa que mais cedo ou mais tarde deve ser enfrentada. Ela vira para a direita e salta, alcançando um apoio no espaço entre o topo de uma caixa e o teto. Sua mão se envolve em

torno de uma das linhas de entrada e ela se lança no nicho minúsculo.

Ela está presa.

A parte mais antiga de seu cérebro humano é alertada antes do processador altamente avançado incorporado em seu córtex cerebral: Algo não está certo.

O Silenciador faz uma pausa.

Item: Um cabo de alta voltagem espesso, cor de ferrugem que provavelmente foi cortado ou

puxado, balança na caixa de junção.

Item: Uma fina camada de água cobre o chão e há poças ao redor de seus pés.

O processador em seu cérebro não pode retardar o tempo mas pode retardar a percepção do anfitrião dele. Na dor do tempo que passa rastejando, a linha de energia cai da mão da presa em um arco gracioso, arrebatador. Faíscas saem dos fios expostos e descem languidamente como neve.

Muito longe da porta para correr. E as caixas de cada lado do Silenciador estão niveladas com o teto. Nenhum espaço aberto no qual ele pode saltar.

O Silenciador salta, estendendo seu corpo em toda a sua extensão paralela ao chão, voando alguns metros acima do chão, braço estendido, dedos abertos, sua única esperança é pegar o cabo vermelho antes de fazer contato com a água.

A linha que graciosamente cai,
desliza entre os dedos do
Silenciador. A luz brilha nos fios
quando eles tocam o chão,
silenciosamente, como neve
caindo.

96

ESP

Eu estive aqui antes, deitada,
indefesa sob o constante brilho
estéril.

Navalha viria até mim quando meu
corpo lutasse a batalha perdedora
de encontro aos quarenta mil
invasores que o inimigo injetou
nele. Navalha viria a mim, e sua
vinda me sustentaria, a esperança
que ofereceu, a corda que me

manteve e me impediu de
atravessar o vazio.

Ele morreu para me salvar, e agora
seu filho vai morrer comigo.

A porta da escada bate. As botas
ecoam no chão de pedra. Eu
conheço o som. Reconheço o ritmo
de seu passo.

*É por isso que o Silenciador não te
matou. Estava te salvando por ele.*

- Marika.

Vosch ergue-se sobre mim. Ele
tem três mil metros de altura, feito

de rocha sólida, um penhasco
inexpugnável que não pode ser
quebrado, que não pode cair. Seus
olhos azuis brilham enquanto ele
olha para mim de uma altura
incalculável.

- Você esqueceu alguma coisa. -
ele me diz. - E agora é tarde
demais. O que você esqueceu,
Marika?

Uma criança explode através dos
talos frágeis do trigo morto no
inverno, carregando uma bomba
do tamanho cápsula dentro de sua

boca. A respiração humana envolve a criança e tudo é engolfado em fogo verde, e depois nada permanece.

A pilula. Seu presente de despedida no bolso do meu casaco. Eu tento levantar minha mão e minha mão não se move.

- Eu sabia que você voltaria. - diz Vosch. - Quem mais teria a resposta final, se não aquele que te criou?

As palavras morrem em meus lábios. Eu ainda posso falar, mas

qual é o ponto? Ele já sabe o que eu quero perguntar. É a única pergunta que me resta.

- Sim, eu estive dentro de sua nave. E é tão notável como você imaginou. Eu os vi - nossos salvadores - e, sim, eles também são tão notáveis quanto você imaginou. Eles não estão lá fisicamente, é claro, mas você já adivinhou isso. Eles não estão aqui, Marika. Eles nunca foram.

Seus olhos brilham com a alegria transcendental de um profeta que viu o céu.

- Eles são baseados em carbono como nós, e é aí que todas as semelhanças terminam. Demorou muito tempo para nos compreender, aceitar o que estava acontecendo aqui e inventar a única solução viável para o problema. Da mesma forma, levou muito tempo para entender e aceitar sua solução. É difícil ignorar a sua própria humanidade, sair de si mesmo e ver através dos

olhos de uma espécie inteiramente diferente. Esse é o seu problema desde o início, Marika. Eu tinha esperanças de que um dia você iria conquistá-la. Você é o mais próximo que eu já cheguei a me ver em um ser humano.

Ele percebe algo sobre meu rosto e ajoelha-se ao meu lado. Seu dedo pressiona minha bochecha, e minha lágrima rola sobre sua junta.

- Vou embora, Marika. Você deve ter adivinhado isso. Minha consciência será preservada para

sempre a bordo da nave-mãe,
eternamente livre, eternamente
segura de tudo o que possa
acontecer aqui. Esse era o meu
preço. E eles concordaram em
pagar. - Ele sorri. O sorriso é
amável, um pai para sua amada
criança. - Você está satisfeita
agora? Respondi a todas as suas
perguntas?

- Não. - eu sussurro. - Você não
me disse o porquê.

Ele não me repreende por ter
acabado de me dizer o porquê. Ele

sabe que eu não estou
perguntando sobre sua motivação.

- Porque o universo não tem
limites, mas a vida tem. A vida é
rara, Marika, e portanto preciosa.
Ele deve ser preservada. Se pode-
se dizer que eles têm algo
semelhante a fé humana, é isso.
Toda vida é digna de existir. A
Terra não é o primeiro planeta que
eles salvaram.

Ele toma o meu rosto na mão.

- Eu não quero te perder. - diz ele.
- Virtudes tornaram-se vícios, e

você mesmo disse: Este vício em particular não segue regras, nem mesmo as próprias. Eu cometi um pecado mortal, Marika, e só você pode absolver-me.

Ele desliza a mão sob a minha cabeça e levanta-a suavemente do chão. Ele se ajoelha ao meu lado, criador, pai, embalando minha cabeça em suas mãos.

- Encontramos, Marika. A anomalia na programação de Walker. A falha no sistema é que não há uma falha.

- Você entende? É importante que você entenda. A singularidade além do espaço e do tempo, a constante indefinível que transcende todo entendimento - eles não tinham resposta para isso, então eles não deram nada. Como poderiam? Como o amor poderia estar contido em qualquer algoritmo?

Seus olhos ainda brilham, embora agora com lágrimas.

- Venha comigo, Marika. Vamos juntos, para um lugar onde não há

mais dor, não há tristeza. Tudo
isso desaparecerá em um instante.

- Ele acena com a mão para
indicar a base, o planeta, o
passado. - Eles vão tirar qualquer
memória que te incomoda. Você
será imortal, para sempre jovem,
para sempre livre. Eles vão me dar
isso. Concede-me a graça de te
dar isso.

Eu sussurro.

- É tarde demais.

- Não! Este corpo quebrado, não é
nada. Inútil. Não é tão tarde.

- É, para você - digo a ele.

Atrás dele, Cassie Sullivan toma a sugestão. Ela aperta a arma na parte detrás da cabeça do meu criador e puxa o gatilho.

A arma cai de sua mão. Ela
balança sob seus pés, olhando
para o corpo de Vosch e o
semicírculo de sangue que
lentamente se expande sob sua
cabeça, criando uma obscena
zombaria de um halo. Ela se
encontrou num momento com o
qual sonhou há muito tempo, mas
não sente o que pensou que
sentiria. Não é o momento de
triunfo e vingança que ela pensou
que seria. O que ela sente, eu não
posso dizer. Seu rosto é

inexpressivo, seu olhar voltado para dentro.

- Evan se foi. - ela diz com uma voz morta.

- Eu sei. - eu digo a ela. - Foi ele quem fez isso comigo.

Seus olhos deslizam de Vosch para mim.

- Fez o que?

- Quebrou minhas costas. Não consigo mover as pernas, Cassie.

Ela balança a cabeça. Evan.

Vosch. Eu. Isso era muito para processar.

- O que aconteceu? - Eu pergunto.

Ela olha para o corredor.

- A sala elétrica. Eu sabia exatamente onde estava. E o código para a porta, eu sabia disso também. - Ela se vira para mim. - Eu sei praticamente tudo sobre essa base.

Seus olhos estão secos, mas ela está prestes a desmoronar. Eu posso ouvir em sua voz.

- Eu o matei, Esp. Eu matei Evan Walker.

- Não, Cassie. O que me atacou não era humano. Acho que Vosch apagou sua memória, sua memória humana e...

- Eu sei disso. - ela diz. - Foi a última coisa que ele ouviu antes de eles tirá-la: 'Apague o humano'. - Ela prende a respiração. Aquelas experiências são suas agora. Ela

compartilha o horror daquele momento, o último momento da vida de Evan Walker.

- E você tem certeza que ele está morto? - Eu pergunto.

Ela acena com a mão indefesa no ar.

- Certeza. - Ela franziu o cenho. - Você me deixou amarrada naquela maldita cadeira.

- Eu pensei que eu tinha tempo...

- Bem, você não tinha.

Os alto-falantes são ligados.

- ORDEM GERAL QUATRO
CANCELADA. TODO O PESSOAL
ATIVO DEVE REPORTAR
IMEDIATAMENTE PARA A
ESTAÇÃO DE COMBATE...

Eu posso ouvir os esquadrões
saírem de seus bunkers ao redor
da base. A qualquer momento virá
o trovão das botas, o brilho do aço
e a chuva das balas. Cassie
balança a cabeça como se ela
também pudesse ouvi-las. Mas ela
foi aprimorada de outra maneira,
mais profunda, uma maneira que
eu só posso fingir entender.

- Eu tenho que ir. - Diz ela. Ela não está olhando para mim. É como se ela nem falasse comigo. Eu só posso assistir enquanto ela puxa a faca da bainha presa à minha coxa, dirige-se até Vosch, aplaina a mão contra o chão, e, com dois golpes duros, decepa o polegar direito dele.

Ela deixa o dedo sangrento cair no bolso de sua farda.

- Não seria certo deixá-la aqui, Marika.

Ela desliza suas mãos sob meus ombros e me arrasta até a porta mais próxima.

- Não, me esqueça, Cassie. Estou acabada.

- Oh, fique quieta. - ela murmura.
Ela digita um código no teclado e me puxa para o quarto. - Estou machucando você?

- Não. Nada dói.

Ela me apoia contra a parede oposta à porta e pressiona a arma na minha mão. Eu balanço minha

cabeça. Escondida nesta sala, com a arma, só atrasa o inevitável.

Há outra maneira, porém: eu a carrego no bolso do meu peito.

Quando chegar a hora - e a hora chegará - você vai desejar que a tenha.

- Saia daqui. - Eu digo a ela. Meu tempo chegou, mas não o dela. - Se você pode sair do edifício, você pode ser capaz de chegar ao perímetro...

Ela balança a cabeça
impacientemente.

- Esse não é a caminho, Marika. -
Seus olhos perdem o foco outra
vez. - Não está longe. A cinco
minutos daqui? - Ela balança a
cabeça como se alguém tivesse
respondido à pergunta. - Sim. No
final do corredor. Cerca de cinco
minutos.

- O fim do corredor?

- Área 51.

Ela se levanta. Agora firme em seus pés, sua boca está fechada em uma linha fina.

- Ele não vai entender. Ele vai ficar chateado como o inferno, e você vai explicar para ele. Você vai dizer a ele o que aconteceu e porque, e você vai cuidar dele, entendeu?

Você vai mantê-lo seguro e certificar-se que ele vai tomar banho, escovar os dentes, aparar as unhas, usar cuecas limpas e aprender a ler. Ensine-o a ser paciente, ser gentil e a confiar em

todos. Até estranhos.

Especialmente estranhos.

Ela faz uma pausa.

- Há algo mais. Oh sim. Fazê-lo entender que não é aleatório. Que não há nenhuma maneira de Sete bilhões de átomos acidentalmente coalescerem em uma pessoa chamada Samuel Jackson Sullivan. O quê mais? Oh! Ninguém pode chamá-lo de Nugget novamente pelo resto de sua vida. Quero dizer, sério. É tão estúpido.

- Prometa-me, Marika. Prometa-me.

98

OS SETE BILHÕES DE BILHÕES

Nós somos a humanidade.

Nós somos um.

Nós somos a garota com as costas
quebradas em uma sala vazia,
esperando pelo fim.

Nós somos o homem que caiu a oitocentos metros de distância, e a única coisa que ainda vive entre nós não está viva, mas um dispositivo alienígena que direciona todos os recursos à sua disposição para salvar o nosso corpo deitado na pedra fria e chocar o nosso coração de volta para vida. Não há diferença entre nós e o sistema. O 12º Sistema somos nós e nós somos o 12º Sistema. Se um falhar, o outro morrerá.

Nós somos os prisioneiros a bordo do helicóptero Black Hawk que circunda a base, enquanto seu combustível está chegando ao fim. Ele balança sobre um grande rio com águas negras e agitadas. Nossas vozes são sufocadas pelo vento que ruge através da porta aberta, e nossas mãos estão entrelaçadas. Estamos ligados uns aos outros em uma corrente ininterrupta.

Nós somos os recrutas que se apressam em suas estações de batalha, os resgatados, os que

foram recolhidos, colocados em
ônibus e separados em grupos em
que nossos corpos foram
endurecidos e nossas almas
esvaziadas apenas para serem
enchidas de ódio e esperança.
Enquanto nós saímos do bunker já
sabemos que o amanhecer se
aproxima e com ele a guerra, e é
isso que desejamos e tememos, o
fim do inverno, o fim de nós. Nós
nos lembramos de Navalha e do
preço que ele pagou. Nós
esculpimos as iniciais VQP em
nossos corpos em sua honra. Nós

nos lembramos dos mortos, mas
não podemos nos lembrar de
nossos próprios nomes.

Somos os perdidos, os solitários,
os que não embarcaram nos
ônibus que atravessam as
estradas, as ruas vazias da cidade,
as solitárias estradas rurais. Nos
lançamos no inverno e não
confiamos em nenhum estranho.
Aqueles de nós que não morreram
de fome, de frio ou infecções
simples que os antibióticos que
não tivemos poderia ter aliviado,

resistiram. Fomos dobrados, mas não quebramos.

Nós somos os caçadores solitários projetados por nossos criadores para conduzir sobreviventes nos ônibus que atravessam o campo e para matar aqueles que se recusam. Somos especiais, estamos separados, somos outros. Nós fomos despertados em uma mentira tão convincente que não acreditar que seria loucura. Agora nosso trabalho está feito e nós observamos os céus, esperando por uma libertação que nunca virá.

Somos os sete bilhões que foram sacrificados, nossos corpos foram reduzidos a ossos. Nós somos os que foram descartados, os rejeitados, os nossos nomes esquecidos, os nossos rostos perdidos para o vento, a terra e a areia. Ninguém se lembrará de nós, nossas pegadas foram apagadas, nossos legados destruídos, nossos filhos, seus filhos e filhos de seus filhos em guerra uns contra os outros até a última geração, até o fim do mundo.

Somos humanidade. Nosso nome
é Cassiopeia.

Em nós a raiva, em nós a dor, em
nós o medo.

Em nós a fé, a esperança, o amor.

Nós somos o navio de dez mil
almas. Nós os carregamos; Nós os
seguramos; Nós os mantemos.

Nós carregamos sua carga, e
através de nós, suas vidas são
resgatadas.

Eles descansam em nós e nós
neles. Nosso coração contém

todos os outros. Um coração, uma vida, no advento do vôo final de uma efemérida.

CASSIE

Os alienígenas são estúpidos.

Dez mil anos para nos escolher,
para nos conhecer até o último
elétron, e eles ainda não
entendem. Eles ainda não
entendem.

Idiotas.

O pod repousa em uma plataforma
que está levantada três passos do

chão. Ele tinha forma de ovo, na cor verde que fazia parecer um ovo de tartaruga, aproximadamente do tamanho de um SUV grande, como um Suburban ou um Escalade. A escotilha está fechada, mas eu tenho a chave. Eu pressiono a digital do polegar cortado de Vosch contra o sensor redondo ao lado da porta e a escotilha desliza silenciosamente. Luzes piscam, banhando o interior em um tom verde iridescente. Dentro, um único assento e outro touchpad e pronto. Sem painel de

instrumentos. Sem monitores pequenos. Nada além da cadeira, da almofada, e de uma pequena janela através da qual eu acho que você pode acenar um adeus.

Evan estava errado e ele estava certo. Ele acreditava em todas as mentiras deles, mas sabia a única verdade que importava. A única verdade que importava antes que eles viessem, quando eles vieram e depois que eles vieram.

Eles não tinham nenhuma resposta para o amor.

Eles pensaram que poderiam arranca-lo fora de nós, queimá-lo de nossos cérebros, substituir o amor pelo seu oposto - não ódio, indiferença. Eles pensavam que poderiam transformar os homens em tubarões.

Mas eles não podiam dar conta dessa pequena coisa. Eles não tinham resposta para isso porque não havia uma resposta. Nem sequer havia uma pergunta.

O problema daquele urso maldito.

ESP

Depois que Cassie se vai, eu largo a arma.

Eu não preciso disso. Tenho o presente de Vosch no meu bolso.

Eu sou a criança no trigo.

Ouço o som de botas no pavimento, no piso de concreto polido e na placa de metal da pista de pouso do centro de comando. O som de milhares de pés correndo como o arranhão dos ratos atrás das paredes do antigo hotel.

Estou cercada.

Eu vou lhe dar a única coisa que posso, eu acho. A cápsula verde no meu bolso. A única coisa que me resta.

Meus dedos vasculham o bolso do casaco.

O bolso está vazio.

Eu checo os meus outros bolsos.

Não. Não são meus bolsos. São os bolsos de Cassie: troquei de roupa com ela antes de entrarmos no centro de comando.

Eu não tenho a cápsula verde.

Cassie tem.

Som de botas no pavimento, no piso de concreto polido e na placa de metal da pista de pouso do centro de comando. Empurro-me da parede e rastejo em direção à porta.

Ele não está longe. Do outro lado desta sala, por aquela porta, a poucos metros do corredor. Se eu puder chegar a ele antes que eles cheguem a este nível, eu ainda

posso ter uma chance - eles não vão ter, mas eu vou.

Cassie vai.

Porta. Eu puxo a maçaneta, a abro um espaço suficiente para passar e, em seguida, rapidamente deslizo no espaço entre a porta aberta. Eu posso vê-lo, o assassino sem rosto de sete bilhões que deveria ter me matado quando ele teve a chance - e ele tinha várias - mas não podia. Ele não podia, porque até ele estava

confundido pela trajetória
imprevisível do amor.

Corredor. Ele ainda deve ter o
dispositivo. Ele o carregava para
onde quer que fosse. Era leve e
não era maior do que um telefone
celular, ele acompanhou cada
recruta implantado na base. Com
um toque do polegar, podia enviar
um sinal aos implantes dentro de
seus pescoços, matando cada um
deles.

Vosch.

Estava deitado de barriga para baixo, eu o pego, seguro a parte detrás do uniforme e o viro. A cratera sangrenta que era seu rosto está virada para o brilho estéril do teto. Eu os ouvia na escada, botas contra o piso de metal, cada vez mais alto. Cadê? Desista, seu filho da puta.

Bolso de cima. Direito, onde ele sempre manteve. A tela exhibe pontos verdes, um agrupamento de três esquadrões dirigindo-se em linha reta na minha direção. Eu destaco todos eles - cada recruta

na base, mais de cinco mil
pessoas, e o botão verde sob o
meu polegar pisca, e é por isso
que eu não queria voltar. Eu sabia
o que iria acontecer. Eu sabia que:
Vou matar até eu perder a conta.
Vou matar até que a contagem não
importe.

Eu estou olhando para a tela
iluminada com cinco mil luzes
minúsculas pulsando, cada uma
vítima infeliz, cada um ser humano.
Dizendo a mim mesma que eu não
tenho uma escolha.

Dizendo a mim mesma... que não sou sua criação. Eu não sou o que ele me fez.

ZUMBI

Era nosso décimo sétimo passo pelo perímetro - ou talvez o décimo oitavo. Eu perdi a conta - as luzes da base aérea brilham abruptamente de volta, e em frente a mim, o sargento Sprinter fala em seu fone de ouvido.

- Posição?

Nós estamos circulando por mais de uma hora e nosso combustível deve estar baixo. Teremos que descer logo. A única questão é onde, dentro da base ou fora.

Agora estamos nos aproximando do rio novamente. Espero que o piloto mude de rumo, nos traga alguma terra, mas ele não acha.

Megan está aninhada debaixo do meu braço, a cabeça dobrada debaixo do meu queixo. Nugget está com a cabeça pressionada contra o outro braço, observando a base abaixo. Sua irmã está lá em

algum lugar. Possivelmente viva, provavelmente morta. A volta das luzes é um mau sinal.

Nós nos aproximamos do rio, mantendo a base à nossa esquerda, e eu posso ver outros helicópteros circulando sobre ele, também, esperando o a hora certa de pousar. Seus holofotes atravessavam a névoa do amanhecer, pilares de branco reluzente. Nós estamos sobre o rio agora, o rio está cheio devido ao degelo da primavera.

Acima de nós, o céu se torna cinzento e as estrelas começam a desaparecer.

É isso. Dia Verde. O dia em que as bombas caem. Eu procuro a nave-mãe, mas não consigo localizá-la no céu iluminado.

A conversa sobre o chão acaba, o sargento tira o fone de ouvido.

Seus olhos me analisam, sua mão descansa na extremidade de sua arma. Nugget enrijece ao meu lado. Ele sabe o que está vindo antes que eu saiba. Suas mãos se

agarram ao cinto, embora não haja lugar para correr e para onde se esconder.

As ordens mudaram. Ela saca sua arma e a aponta em sua cabeça.

Eu me atiro na frente dele.

Finalmente o círculo voltou. Hora de pagar a dívida.

CASSIE

Os soldados inundam a sala, através da porta aberta atrás de mim. Eles rapidamente se espalham, ombro a ombro de

parede à parede, em duas fileiras,
a mais próxima fica ajoelhada,
duas dúzias de rifles apontadas
para um único alvo de cabelos
encaracolados e nariz torto. Eu viro
e enfrento-os. Eles não me
conhecem, mas eu os conheço.
Reconheço cada rosto dos que
vieram para me matar.

Eu sei o que eles se lembram e o
que eles não podem se lembrar.
Eu mantenho-os dentro de mim. É
como se estivesse prestes a ser
assassinada por um mosaico
humano de mim mesmo. Faz você

perguntar-se: É um assassinato?
Ou suicídio?

Eu fecho meus olhos. *Sinto muito,
Sams. Eu tentei.*

Ele está comigo agora, meu irmão.
Eu o sinto.

E isso é bom. Pelo menos quando
eu morrer, eu não estarei sozinha.

ESP

A porta próxima a escada se abre
e eles entram na sala com armas

em posição. Os dedos prontos
para apertar os gatilhos.

Tarde demais para eles.

Tarde demais para mim.

Eu aperto o botão.

ZUMBI

Do outro lado do corredor, a
sargento desaba em seu assento.
Seus belos olhos escuros voltam-
se para trás; Seu crânio bate
contra a parede. E então ela cai.
Megan dá um grito assustado.

Todo os recrutas do helicóptero seguiram o destino da sargento.

Incluindo o piloto.

O nariz do helicóptero mergulha, batendo forte para a direita, lançando-me contra Nugget, que não está desperdiçando o tempo, desafivelando a si mesmo. O maldito garoto faz tudo antes que eu pense em fazer. Eu luto para desafivelar Megan desesperadamente. Nugget é atirado de seu assento - eu o pego pela sua manga e puxo-o contra o

meu peito. Estou segurando
Megan com uma mão e Nugget
com a outra.

- O rio! - Eu grito para ele.

Ele acena. Ele é o mais calmo
entre nós. Seus pequenos dedos
voam sobre as fivelas para me
libertar.

O helicóptero está caindo em
direção à água.

- Espere por mim! - Eu grito. - Não
vá sozinho!

Estamos caindo de lado. O rio é uma parede negra sem traços que corre em direção à escotilha aberta do lado de Nugget.

- UM!

Nugget fecha os olhos.

- DOIS!

Megan grita.

- TRÊS!

Eu giro para fora do assento, com uma criança debaixo de cada braço e solto o pés em direção à

abertura.

CASSIE

Os Soldados caem ao chão. Um
segundo eles estão em pé, no
próximo eles estão no chão.

Alguém fritou seus cérebros. Não
sei como, mas tenho certeza.

Eu me viro. Eu já vi corpos
suficientes para durar as minhas
dez mil vidas, desde a minha mãe
afogando-se no seu próprio
sangue até o meu pai, que se
retorcia na sua sujeira, daqueles

que estavam antes e depois, dos meus mortos e dos seus Mortos, *nossos mortos*.

Sim, já vi o suficiente.

Além disso, aquelas crianças que caíram, também são meus corpos, de certa forma. É como olhar para o seu próprio cadáver. Vezes doze.

Eu entro dentro do pod e sento na cadeira. Coloco a fivela, puxando firmemente as tiras que cruzam meu peito. Na minha mão está o polegar de um homem morto. No meu bolso uma cápsula verde

envolvida em plástico. Em minha cabeça dez mil vozes que estranhamente cantam como uma só. E no meu coração, uma quietude, um lugar calmo, intocado por qualquer coisa, além do espaço, ilimitado pelo tempo.

Cassie, você quer voar?

A pílula verde caiu quando eu me desvencilhei da cadeira do País das Maravilhas, e eu peguei sem pensar nisso, sem nem mesmo olhar para ela. Então eu vi Esp deitada naquele corredor e lembrei

que trocamos as jaquetas. Ela andava carregando a bomba o tempo todo e não contou a ninguém. Acho que sei por quê. Conheço-a tão bem quanto ela mesma. Melhor ainda, porque lembro-me do que ela esqueceu.

Eu pressiono o polegar cortado de Vosch contra o botão de lançamento. A porta da escotilha fecha, o mecanismo de travamento zumbe. O sistema de ventilação é ligado, lançando um ar frio contra a minha bochecha.

O pod estremece. Eu sinto como se eu estivesse levantando minhas mãos.

Sim, papai, eu quero voar!

ZUMBI

Eu perco as crianças quando atingimos a água. A força de nosso pouso os arrebata. O helicóptero cai no rio há várias centenas de metros e uma bola de fogo em um tom laranja escuro surge na superfície. Eu vejo Megan primeiro, seu rosto aparecendo na superfície

o suficiente para permitir que ela solte um grito. Eu agarro seu pulso e puxo-a para mim.

- Capitão!- Ela grita.

Hã?

- Perdi o Capitão!

Ela balança suas pernas e se afasta, levando sua mão livre em direção ao ursinho de pelúcia que boia preguiçosamente longe de nós. Oh Cristo. Aquele maldito urso.

Eu olho por cima do meu ombro. *Nugget, onde você está?* Então eu o vejo no litoral, metade dentro, metade fora, arqueando o corpo para trás enquanto ele tosse a água que engoliu do rio. O garoto é verdadeiramente indestrutível.

- Ok, Megan. Suba a bordo, vou buscá-lo.

Ela vai até as minhas costas, envolvendo seus braços finos ao redor de meu pescoço e suas pernas ao redor de meu torso.

Pego o urso, em seguida, nado até o litoral, que não é tão longe, mas a água está congelando e o peso de Megan nas minhas costas leva-me para baixo. *Leva-me para baixo.* Essa é boa.

Nós desmoronamos na praia ao lado de Nugget. Ninguém fala por alguns minutos. Então Nugget diz.

- Zumbi?

- Alguém bateu no interruptor de matar. É a única coisa que faz sentido, Soldado.

- Cabo. - ele me corrige. Então ele diz:- Esp?

Eu concordo.

- Esp.

Ele processa aquilo por um segundo. Então, sua voz treme, porque tem medo de perguntar:

- Cassie?

CASSIE

A mão de Deus me atinge
enquanto o pod é lançado, um
enorme punho aplaina meu corpo

na cadeira, e então o punho fechase ao meu redor, apertando-me.

Algun homem sábio deixou cair uma pedra de duas toneladas no meu peito e estou achando muito difícil respirar. Além disso, alguém sem qualquer consideração, para o meu conforto e segurança desligou todas as luzes - eu não posso nem ver o brilho verde misterioso que parecia vir de todos os lugares e em nenhum lugar. Ou isso ou meus olhos foram empurrados para a parte de trás do meu crânio.

ZUMBI

Não, Nugget. Ela provavelmente não conseguiu. Antes que eu possa dizer as palavras, Megan bate no meu peito e a ponta para a base. Uma bola de luz verde brilhante dispara sobre as copas das árvores no céu rosa-colorido. A pós-imagem permanece nos nossos olhos muito depois de ter desaparecido na atmosfera.

- É uma estrela cadente! - Diz ela.

Eu balanço a cabeça.

- Direção errada.

Eu acho que no final, eu estava errado.

CASSIE

O sentimento de ser lentamente esmagada até a morte em uma total escuridão dura vários minutos. Em outras palavras, para sempre. Ok, para sempre é uma boa palavra.

O 'para sempre' é uma palavra que falamos constantemente, ela é algo que a mente humana pode compreender.

As alças do meu peito se soltam. A pedra de duas toneladas se dissolve. Eu tomo uma respiração enorme, estremeço e abro meus olhos. O pod está escuro, a luz verde se foi. Eu sempre odiei o verde. Olho pela janela e ofego.

Olá, Terra.

É assim que Deus te vê, azul brilhante contra o negro mais

maçante. Não admira que ele tenha feito você. Não era de admirar que ele tenha feito o sol e as estrelas para que ele pudesse te ver.

Lindo é outra palavra que nós falamos casualmente, falamos 'Lindo' para tudo, quando vemos um carro e até para aquele esmalte que vemos por aí. Então essa palavra perdeu o sentido sob o peso de toda a banalidade. Mas o mundo é lindo. Espero que nunca se esqueçam disso. O mundo é lindo.

Uma gota de água balança diante dos meus olhos. Flutuando livre, a lágrima mais estranha que eu já tinha visto.

Nunca se esqueça, Sams. O amor é para sempre. Se não fosse, não seria amor. O mundo é lindo. Se não fosse, não seria o mundo.

A coisa mais louca sobre guardar as memórias do meu irmão dentro de mim? Ver-me através de seus olhos, ouvir-me com seus ouvidos, navegar o mar Cassiopeia em três dimensões, a maneira como

vivenciamos praticamente tudo exceto a única coisa que devemos entender melhor: a nós mesmos. Para Sam, há um maço de cores, cheiros e sensações que compõem Cassie, e Cassie não é Cassie de Ben, Cassie de Marika, Cassie de Evan ou Cassie de Cassie. Ela pertence a Sam e só a Sam.

O pod rola, a joia azul brilhante desliza da vista, e pela última vez em minha vida eu tenho medo, como se eu tivesse caído da beira do mundo - o que eu acho que de certa forma, foi o que aconteceu.

Instintivamente, alcanço a Terra desaparecida, as pontas dos meus dedos batem contra a janela.

Adeus.

Oh, estou muito longe. E muito perto. Lá estou eu, ouvindo uma pequena voz no deserto, *Sozinha, sozinha, sozinha, Cassie, você está sozinha.* E lá eu estou olhando através dos olhos de Evan para a garota com o indispensável ursinho de pelúcia e o inútil M16, amontoada em seu saco de dormir no fundo do bosque, pensando que

ela é a última pessoa na Terra. Eu a vejo noite após noite e olho suas coisas enquanto ela sai. Que bastardo sou, tocando em suas coisas e lendo seu diário, por que não posso simplesmente matá-la?

Esse é o meu nome. Cassie de Cassiopeia. Sozinha como as estrelas e solitária como as estrelas.

Agora eu descubro-me nele e não sou a pessoa que eu esperava encontrar. A Cassie queima na escuridão com o brilho de um

bilhão de sóis. Ele está tão surpreso com como eu sou, como a humanidade é, como os Outros são. Ele não pode dizer por quê. Não há nenhuma razão, nenhuma explicação justa. É impossível entender e impossivelmente irrelevante, como perguntar por que existe algo em primeiro lugar.

Ele tinha a resposta, tudo bem. Simplesmente não era a resposta que eu estava procurando.

Sinto muito, Evan. Eu estava errada. Não era a ideia de mim que

você amava, eu sei que agora. As estrelas do lado de fora da janela desaparecem, atingidas por aquele brilho verde nauseante, e depois de um minuto o casco da nave-mãe desliza para a vista.

Oh, sua vadia. Por um ano, eu odiei sua cor verde. Eu a observei, cheia de ódio e medo, e agora estamos aqui, apenas nós duas, O Outro e a humanidade.

Esse é o meu nome. Não Cassie para Cassandra. Ou Cassie de Cassidy. E não é Cassie de

Cassiopeia. Não mais. Eu sou mais do que ela agora.

Eu sou todos eles, Evan, Ben, Marika, Megan e Sam. Eu sou Dumbo, Pão de Ló e Teacup. Eu sou todos aqueles que você esvaziou, aqueles que você corrompeu, aqueles que você descartou, os milhares que você pensou que tinha matado, mas que vivem em mim.

Mas eu sou ainda mais do que isso. Eu sou todos aqueles que eles se lembram, aqueles que eles

amavam, todos os que eles sabiam, e todos aqueles que só ouviram falar. Quantos estão contidos em mim? Conte as estrelas. Vá em frente, numere os grãos de areia. Esta sou eu.

Eu sou a humanidade.

ZUMBI

Nós vamos para a cobertura das árvores. Se o que eu suspeito realmente aconteceu - alguém dentro da base destruiu todos os

outros - não há muito risco em trazê-los comigo, mas há algum risco, e alguém que deveria saber de tudo, uma vez me disse que tudo é sobre o risco.

Nugget está furioso. Megan parece aliviada.

- Quem vai cuidar dela se você vier comigo?- Eu pergunto a ele.

- Eu não me importo!

- Bem, um de nós sim. E essa pessoa está no comando.

Através da floresta, na fronteira de terra, eu percorro o perímetro da base em direção à entrada mais próxima, com a torre de vigia ao lado. Eu não tenho arma, não há meios para me defender. Um alvo fácil. Não há nenhuma outra escolha, entretanto. Eu continuo andando.

Estou encharcado até os ossos, a temperatura paira nos quarenta graus negativos, mas eu não estou com frio. Eu me sinto ótimo. Até mesmo minha perna não machuca mais.

CASSIOPEIA

A pele verde brilhante do navio preenche a janela, apagando as estrelas. É tudo que eu posso ver agora, a luz do sol lança faíscas fora de sua superfície inexpressiva. Quão grande eles diziam que era? Vinte e cinco milhas, de ponta à ponta, aproximadamente do tamanho de Manhattan. Estou vendo apenas uma pequena fatia de um todo. Meu coração bate

forte. Minha respiração se encurta, explode da minha boca uma neblina branca. Está congelando aqui. Não me lembro de ter sentido tão frio.

Com os dedos trêmulos, eu pego a cápsula no bolso. Ela desliza em minha mão e gira como uma atração através da água em direção ao topo do pod. Pego-o depois de um par de tentativas, fechando meu punho firmemente ao redor dele.

Droga, estou com frio. Meus dentes estão batendo. Eu não consigo manter meus pensamentos coerentes. O quê mais? Mais alguma coisa? O que eu deixei de fazer? Não há muito - eu sou mais do que a soma de minha própria experiência agora. Tenho dez mil vezes o meu quinhão.

Porque é o seguinte: Ver-se através dos olhos de outro muda seu centro de gravidade. Não muda a maneira como você olha para si mesmo. Isso muda a

maneira como você olha para o mundo. Não é você. Mas o tudo-mas-você.

Não te odeio mais, digo à nave-mãe. E eu não tenho mais medo de você. Eu não odeio nada. Não tenho medo de nada.

No centro, bem no meio da minha visão, um buraco negro cresce, lembra uma boca abrindo lentamente. Estou indo direto para isso.

Eu deslizo a cápsula entre meus lábios.

Não, a resposta não é ódio.

O buraco negro se expande. Estou caindo em um poço sem luz, um vazio, o universo antes que o universo fosse o universo.

E a resposta não é o medo.

Em algum lugar na barriga da nave-mãe, milhares de bombas, vinte vezes maiores do que a da minha boca, estão rolando para os pontos de lançamento. Espero que ainda estejam lá. Espero que elas não tenham começado a cair.

Espero ter chegado a tempo.

O pod cruza o limiar para a nave-
mãe e empurra para uma parada.
A janela está escurecida, mas há
luz lá fora. Ela cintila no gelo. A
escotilha atrás de mim assobia. Eu
devo esperar até que ela abra,
então eu irei me levantar desta
cadeira, irei virar e enfrentar oque
me espera lá fora.

*Estamos aqui, e depois vamos
embora, ele disse para mim, e não
é sobre o tempo que estamos aqui.*

Não há como desvendar, não há um lugar onde eu termine e ele começa.

Não há como desvendar nada disso. Estou entrelaçada com tudo, desde efeméridas até a estrela mais distantes. Não tenho fronteiras, sou ilimitada, e abro-me à criação como uma flor à chuva.

Eu não estou mais com frio. Os braços dos sete bilhões me envolvem.

Eu levanto.

Agora eu me deito para dormir...

Eu inspiro profundamente e tomo
minha última respiração.

*Quando na luz da manhã eu
acordar...*

Eu mordo com força. O selo
quebra.

*Ensina-me o caminho do amor a
tomar.*

Eu dou um passo para fora, e
respiro.

ZUMBI

Eu alcanço o caminho de pedras que faz fronteira com a cerca de segurança quando o sol quebra o horizonte - não, não o sol, não pode ser, a menos que o sol tenha decidido subir no norte e tenha trocado seu ouro por verde. Eu olho à minha direita e vejo as estrelas piscando uma a uma, obliteradas por uma explosão maciça de luz na borda do horizonte do norte, uma explosão na atmosfera superior, que se lava sobre a paisagem em uma inundação de verde cegante.

Meu primeiro pensamento é nas crianças. Eu não sei o que diabos está acontecendo e eu não liguei o projétil que se precipitou da base para a enorme chama do norte.

Não me ocorre que, pela primeira vez em muito tempo, algo poderia ter realmente saído do nosso caminho. Honestamente, quando eu vi a luz, eu pensei que o bombardeio tinha começado e eu estava testemunhando o primeiro golpe na destruição de cada cidade na Terra. A ideia de que a nave-mãe poderia realmente ter

ido, sem nem sequer cruzar o meu radar. Como poderia ter ido? A nave é inatacável como a lua.

Eu hesito, tentando decidir se continuo ou se volto atrás. Mas a luz verde se desvanece, o céu brilha em um tom rosado novamente, e nenhuma criança aterrorizada explode na floresta em busca de resgate. Eu decido manter minha posição. Eu tenho fé em Nugget. Ele saberá ficar parado até eu voltar.

Dez minutos dentro da base e eu encontro o primeiro de muitos corpos. O lugar é um cemitério. Eu ando pelo campo de mortos. Todos estão em pilhas, grupos de seis a dez, seus corpos contorcidos em retratos de agonia silenciosa. paro para examinar cada pilha espantosa, procurando dois rostos familiares. Eu não vou correr, embora uma voz grite na minha cabeça a cada minuto que passa para me apressar, pressa. E no fundo da minha mente estou me lembrando do que aconteceu no

Campo Abrigo - como Vosch estava disposto a sacrificar a aldeia para salvá-la.

Isso pode não ser o que Esp está fazendo - pode ser o resultado de Vosch exercer a opção final.

Levo horas para alcançar o último nível, o fundo desse poço da morte.

Ela mal levanta a cabeça quando abro a porta da escada. Eu posso ter gritado seu nome. Não me lembro.

Eu também não me lembro de pisar o corpo de Vosch, mas devo ter pisado: estava no meu caminho. Minha bota bate o interruptor de matar ao lado dela. Ele escorrega pelo chão.

- Walker.- Ela ofega, apontando para o meu ombro pelo longo corredor. - Acho que ele...

Eu balanço minha cabeça. Ela está ferida e ainda imagina que eu me preocuparia com ele por um segundo só? Eu toco seu ombro.

Seu cabelo escuro cai no dorso de
minha mão. Seus olhos brilham.

- Você me encontrou.- diz ela.

Ajoelho-me ao lado dela. Pego sua
mão.

- Eu encontrei você.

- Minhas costas estão quebradas. -
diz ela. - Não posso andar.

Eu deslizo meus braços ao seu
redor.

- Eu a carregarei.

MARBLE FALLS

MARBLE FALLS

BEN

O sol da tarde invadia as janelas empoeiradas do supermercado, um ouro lustroso. Dentro, a luz desvanece-se em um tom cinzento. Temos menos de uma hora para vencer o escuro e ir de volta para a casa. O dia pode pertencer a nós, mas a noite pertence aos coiotes e às matilhas de cães selvagens que vagam pelas margens do Colorado e vagueiam pelos arredores de Marble Falls. Estou bem armado, não tenho amor por coiotes, mas odeio matar os cachorros. Os mais velhos foram o animal de estimação de alguém um dia. É como desistir de toda esperança de redenção.

E não são apenas cães e coiotes. Algumas semanas depois de atravessarmos a fronteira para o Texas, no final do verão, Marika viu os fugitivos de algum zoológico

bebendo água a poucos quilômetros rio acima - uma leoa e seus dois filhotes. Desde então, Sam tem se sentido em um safari. Ele quer capturar e domar o elefante para que ele possa montá-lo como Aladim. Ou pegar um macaco para domesticar. Ele não é exigente.

— Ei, Sam. — Eu chamo-o do corredor. Ele saiu novamente em busca de tesouros. Ultimamente tem sido Legos. Antes disso era Lincoln Logs. Ele desenvolveu um amor para construir coisas. Ele fez um forte, uma casa na árvore, e começou um bunker subterrâneo no quintal.

— O quê? — Ele grita de volta da seção de brinquedos.

— Está ficando tarde. Temos que tomar uma decisão aqui.

— Eu disse que não me importo! Você decide! — Algo quebra e ele amaldiçoa alto.

— Ei, o que eu falei sobre isso? — Eu repreendo-o. — Cuidado com a língua.

— Foda-se. Foda-se, foda-se, merda de buraco.

Eu suspiro.

— Vamos, Sam, temos que transportar essa coisa de volta a quatro quilômetros de distância e eu prefiro não fazer no escuro.

— Estou ocupado.

Volto para a tela. Bem, as ordens são inúteis. Isso me deixa com um, dois ou três metros. Três metros é alto demais para o teto. Ou um ou dois, então. A de um metro seria mais fácil de transportar, mas parece uma porcaria. O calor do Texas tem acabado com tudo. As de três metros não parecem muito melhores, mas não são tão ruins. Mas as de dois malditos metros! Talvez na dispensa tenha novas nas caixas.

Eu ainda estou debatendo comigo mesmo quando eu ouço um som familiar, um som demasiadamente odiável: uma bala é preparada em uma pistola.

— Não se mexa! — grita Sam. — Deixe-me ver suas mãos! Mãos!

Eu preparo minha própria arma e corro pelo corredor o mais rápido que minha perna maldita permite, escorregando no tapete de excrementos de rato e saltando sobre prateleiras caídas e caixas rasgadas abertas, até que eu consigo chegar na seção de brinquedo. O garoto tem a arma apontada para um homem.

Minha idade. Usando o uniforme. Uma ocular da 5ª onda pendurada em torno de seu pescoço magro. Ele está

encostado na parede de trás sob os jogos de tabuleiro, um braço apertando contra sua barriga, e outro em cima de sua cabeça. Meu coração diminui um pouco. Eu não acho que era o silenciador que Marika matou em Marble Falls meses atrás - mas você nunca pode ter certeza.

— Outro braço!— Sam grita para ele.

— Estou desarmado... — O sujeito engasga em uma voz profunda do Texas.

Sam me diz:

— Reviste ele, Zumbi.

— Onde está o seu esquadrão?— Pergunto. Eu tenho a impressão de que é uma emboscada.

— Não há nenhum esquadrão. Apenas eu.

— Você está ferido. — eu digo. Eu posso ver o sangue, na maior parte já seca, mas em alguns lugares ainda está fresco.— O que aconteceu?

Ele balança a cabeça e tose. Ouço um som vindo do peito dele. Pneumonia, talvez.

— Atirador. — Ele consegue recuperar a respiração.

— Onde? Aqui em Marble Falls ou...?

O braço pressionando contra sua barriga se move. Eu sinto Sam tenso ao meu lado e estendo a mão e coloco-a sobre o cano de sua Beretta.

— Espere.— Eu murmuro.

— Eu não vou dizer nada a você, seu pedaço de merda infestado.

— Ok. Então eu vou te dizer: Nós não estamos infestados. Ninguém está.— Estou perdendo o fôlego. Eu poderia muito bem dizer-lhe que ele é realmente um gerânio com um sonho muito estranho. — Espere um segundo.

Eu puxo Sam para a extremidade oposta do corredor e sussurro.

— Temos um problema.

Ele sacode a cabeça com veemência.

— Não, não temos. Temos que matá-lo.

— Ninguém vai matar ninguém, Sam. Isso é uma ordem.

— Não podemos deixá-lo aqui, Zumbi. E se ele estiver mentindo sobre sua equipe? E se ele estiver fingindo que está ferido? Temos que matá-lo antes que ele nos mate.

Seu rosto virou para mim, seus olhos brilhavam na luz agonizante, brilhando com ódio e medo. *Mate-o antes que ele nos mate.* Às vezes, não todas vezes, mas às vezes, eu me pergunto por que Cassie morreu. O tigre está solto de sua gaiola e não há como capturar. Como reconstruir o que foi perdido? Em uma loja de conveniência abandonada, uma garota apavorada atira em um homem inocente porque sua confiança foi quebrada. Não há outra maneira de ter certeza, não há nenhuma outra opção segura.

Você está a salvo aqui. Perfeitamente seguro. Essa frase ainda me assombra. Assombra-me porque sempre foi uma mentira. Era uma mentira antes que eles viessem e ainda é uma mentira. Você nunca está perfeitamente seguro. Nenhum ser humano na Terra nunca está ou já foi. Viver é arriscar sua vida, seu coração, tudo. Caso contrário, você é apenas um cadáver ambulante. Você é um zumbi.

— Ele não é diferente de nós, Sam. — digo a ele. — Nada disto terminará até que alguém decida abaixar as armas.

No entanto, eu não pego a arma. Deve ser *sua* decisão.

— Zumbi.

— O que eu disse a você sobre isso? Meu nome é Ben.

Sam baixa a arma.

No mesmo momento, no outro lado do corredor, outra batalha silenciosa se perde. O soldado mentiu. Ele estava armado, e ele usou o tempo que ele tinha deixado para colocar a arma em sua própria cabeça e puxar o gatilho.

MARIKA

Primeiro eu disse a ele que era uma ideia idiota. Então, quando ele insistiu, eu disse-lhe para esperar até amanhã. Era tarde e a loja ficava a mais de 4 km de distância. Eles não teriam tempo para voltar antes do anoitecer. Ele foi de qualquer maneira.

— O Natal é amanhã. — Ben me lembrou.— Perdemos no Natal passado e é o último Natal que quero perder.

— Qual é o problema com o Natal? — Perguntei.

— Tudo. — E ele sorriu, como se aquilo tivesse algum poder sobre mim.

— Não leve Sam.

— Sam é a razão pela qual eu vou.— Ele olhou por cima do meu ombro para Megan, que estava perto da lareira.

— E ela. — Então ele acrescentou: — E Cassie. Acima de tudo.

Ele prometeu que voltariam logo. Vi-os da varanda que dava para o rio, enquanto caminhavam até a ponte, Sam puxando o carrinho vazio, Ben arrastando a perna ruim e o sol lançando suas sombras, uma grande e outra pequena, como os ponteiros de um relógio.

O choro veio com a escuridão. Sempre foi assim. Sentei-me na cadeira, segurando-a no meu colo. Ela tinha acabado de se alimentar, então eu sabia que ela não estava com fome. Eu cobri sua bochecha com a mão e delicadamente acariciei seu rosto, já sabendo qual era a sua necessidade. Ben. Ela queria Ben.

— Não se preocupe. — eu disse a ela.— Ele está voltando. Ele prometeu.

Porque ele tinha que ir até a loja? Deveria haver dezenas de casas deste lado do rio com árvores de Natal em seus sótãos. Mas não, ele queria uma "nova" árvore e tinha que ser artificial. *Não pode ser nada que vai morrer*, ele insistiu.

Eu apertei o cobertor em torno dela. A noite estava nublada e o vento estava frio fora do rio. A luz da lareira

fluía através das janelas atrás de mim e brilhava sobre as placas.

Evan Walker entrou na varanda e apoiou seu rifle contra o corrimão. Seus olhos analisavam a escuridão do outro lado do rio, a ponte e os edifícios..

— Ainda não voltaram? — Perguntei.

— Não.

Olhou para mim e sorriu.

— Eles vão voltar.

Ele os viu primeiro, aproximando-se da ponte, puxando o carrinho vermelho com sua carga verde atrás deles. Eu sorri.

— Parece que eles conseguiram.

Ele pegou a arma e voltou para dentro. O vento mudou. Eu podia sentir o cheiro de pólvora. Droga, Ben. Quando ele veio a pé, sorrindo de orelha a orelha como um caçador triunfante arrastando a matança de volta para a caverna, eu senti uma necessidade urgente de dar um soco na sua cara. Era um risco estúpido para uma maldita árvore de Natal de plástico.

Levantei-me. Ele viu o olhar no meu rosto e parou. Sam parou atrás dele como se estivesse tentando se esconder.

— O quê? — Perguntou Ben.

— Quem disparou sua arma e por quê?

— Você ouviu isso ou você sentiu? — Eu suspirei. — Às vezes eu realmente odeio o 12º sistema.

— Resposta direta, Parish.

— Eu adoro quando você me chama de Parish. Eu já te disse isso? Tão sexy. — Ele me beija, em seguida, diz: — Não fomos nós, e o resto é uma longa história. Vamos para dentro. Está congelando aqui fora.

— Não está congelando.

— Bem, está frio. Vamos, Sullivan, vamos começar a festa!

Segui-os para dentro da casa. Megan soltou suas bonecas e gritou de alegria. Aquela árvore de plástico pareceu tocar algo profundo. Walker saiu da cozinha para ajudar a arrumá-la. Eu estava perto da porta, apoiando a bebê no meu quadril enquanto ela chorava. Ben finalmente percebeu e abandonou a árvore para pegá-la dos meus braços.

— O que foi, pequena Efemérida, hein? Qual é o problema?

Ela bateu seu pequeno punho contra a lateral de seu nariz, e Ben riu. Ele sempre ri quando ela o golpeia ou faz qualquer coisa que não deve ser incentivada, como exigir que ele a segure em cada segundo que ela está acordada. Desde o momento em que ela nasceu, ela envolveu o seu nariz com seus pequenos dedos.

Do outro lado da sala, Evan Walker se encolheu. *Efemérida*. Uma palavra que ressoou, uma palavra que nunca seria apenas uma palavra. Às vezes eu me perguntava se deveríamos ter deixado o Canadá, se devolver suas memórias não era uma crueldade particular, uma espécie de tortura psicológica. As alternativas eram impensáveis, no entanto: Mate-o, ou o esvazie completamente, deixando-o um escudo humano sem sua memória. Ambas as possibilidades eram indolores. Optou-se pela dor.

A dor é necessária. A dor é a vida. Sem dor, não pode haver nenhuma alegria. Cassie Sullivan ensinou-me isso.

O choro continuou. Mesmo Ben Com todos os seus 'poderes especiais Parish' não conseguiu acalmá-la.

— Qual o problema? — Ele me perguntou, como se eu soubesse.

Eu dei uma apunhalada nele de qualquer modo.

— Você a deixou. Quebrou sua rotina. Ela odeia isso.

Tão parecida com a sua xará: choro, socos, exigindo, precisando. Talvez seja reencarnação. Inquieta, nunca satisfeita, se enfurece rápido, teimosa, cruel e curiosa. Cassie, ela se chamou. Ela havia se rotulados há muito tempo. *Eu sou a humanidade.*

Sam disparou pelo corredor até seu quarto. Imaginei que ele não aguentou tanto choro. Eu estava errada. Voltou com algo nas costas.

— Eu ia esperar até amanhã, mas... — Ele deu de ombros.

Esse urso tinha visto dias melhores. Faltava uma orelha, o corpo que tinham sido marrom, tornou-se um cinza manchado, foi remendado, remendado e remendado novamente, tinha mais suturas que o monstro de Frankenstein. Confuso, espancado, mas ainda firme. Ainda aqui.

Ben pegou o urso da mão dele e fez uma dança para Cassie. As pernas de Urso estavam desiguais, uma era

mais curta que a outra. O bebê chorou por mais alguns minutos, agarrando-se a raiva e ao desconforto, até que tudo deslizou por entre os dedos, tão insubstancial como o vento. Ela pegou o brinquedo. *Me dá, me dá, eu quero, eu quero.*

— Bem, o que você sabe? — Ben disse. Ele olhou para mim, e seu sorriso era tão genuíno, não era calculado, não havia vaidade, desejando nada além de expressar *tudo*, que eu não podia ajudar a mim mesma e que realmente não queria.

Eu sorri.

EVAN WALKER

Todas as noites, do anoitecer até ao amanhecer, ele vigiava a varanda que dava para o rio. Em meia hora, ele deixava o alpendre para patrulhar o quarteirão. Então voltava para a varanda para assistir enquanto os outros dormiam. Seu sono era raro, geralmente entre uma ou duas horas da tarde, e depois sempre acordava, desorientado, em pânico, como um homem se afogando que subia na superfície da água que o levaria para baixo, e sem remorsos o mataria.

Se tinha sonhos, não conseguia se lembrar deles.

Sozinho na escuridão, acordado enquanto todos dormiam, sentia-se mais em paz. Ele supunha que estava na sua natureza, passada de pai para filho, fazendeiros que cuidavam da terra e cuidavam de seus animais. Criadores, guardiões e vigias da colheita. Essa seria a herança de Evan Walker. Em vez disso, ele se tornou o oposto. O caçador silencioso na floresta. O assassino mortal perseguindo presas humanas. Quantos ele matou antes de encontrá-la escondida na floresta naquela tarde de outono? Ele não conseguia se lembrar. Ele não sentia nenhuma absolvição em saber que tinha sido usado, nenhuma redenção em entender que ele era tão vítima quanto as pessoas que ele matou - de longe, sempre à distância. O perdão não nasce da inocência ou da ignorância. O perdão nasce do amor.

Ao amanhecer, ele deixou o alpendre e entrou no quarto. Tinha chegado a hora. Já tinha demorado muito tempo ali. Estava enfiando uma jaqueta extra na mochila - a jaqueta de boliche que ele tinha pegado na casa de Graça, que Cassie tinha odiado tanto - quando Ben apareceu na porta, sem camisa, com os olhos turvos, e a barba desalinhada.

— Você vai embora. — disse ele.

— Estou indo embora.

— Marika disse que você iria. Não acreditei nela.

— Por que não?

Ben deu de ombros.

— Ela nem sempre está certa. Uma metade de um por cento do tempo, talvez. — Ele esfregou os olhos e bocejou. — E você não vai voltar. — prosseguiu Ben. — Nunca mais. Ela também está certa sobre isso?

Evan assentiu.

— Sim.

— Bem. — Ben desviou o olhar, e coçou seu ombro lentamente. — Onde você vai?

— Procurar luzes no escuro.

— Luzes. — ecoou Ben. — Tipo, literalmente luzes, ou...?

— Quero dizer as bases. Compostos de militares. A mais próxima está acerca de cem quilômetros de distância. Vou começar por aí.

— E fazer o que?

— O que eu tenho talento para fazer.

— Você vai explodir cada base militar na América do Norte?

— América do Sul, também, se eu viver tanto tempo.

— Isso é ambicioso.

— Acho que não vou trabalhar sozinho.

Ben teve um momento para pensar.

— Os Silenciadores.

— Para onde mais iriam? Eles sabem onde estão seus inimigos. Eles sabem que cada base tem um arsenal de munições alienígenas como o Campo Abrigo. Eles acreditam que não há escolha agora que a nave-mãe foi, mas para explodir as bases da 5ª Onda. Bem, eu acredito que é o que eles acreditam. É o que eu acreditaria se eu ainda acreditasse. Veremos.

Ele pegou a mochila e caminhou até a porta. Ben bloqueou o caminho. Seu rosto estava vermelho de raiva.

— Você está falando sobre o assassinato de milhares de pessoas inocentes.

— O que você sugere que eu faça, Ben?

— Fique aqui. Ajude-nos. Nós... — Ele respirou fundo. Isso foi difícil para ele dizer.— Nós precisamos de você.

— Para quê? Você pode tomar a vigília noturna e cuidar do jardim e pegar minha folga nas caçadas.

— Porra, Walker, o que é isso, hein? — Ben explodiu em fúria.— O que é isso realmente? Trata-se de acabar com uma guerra ou se vingar? Você pode explodir metade do mundo e não vai consertar as coisas, não vai trazê-la de volta.

Evan permaneceu calmo. Ele tinha ouvido todos esses argumentos, muitas vezes. Ele lutou essas batalhas por meses, sozinho, no tumulto tranquilo de seu coração.

— Dois serão salvos para cada um que eu matar. Essa é a matemática. Qual é a alternativa? Ficar aqui? até ficar aqui é muito perigoso, então vou para outro lugar, depois outro, e outro, escondendo-me, correndo, usando os dons que me deram para me manter vivo - para quê?Cassie não morreu para que eu pudesse viver. Ela morreu por algo muito maior do que isso.

Ben estava balançando a cabeça.

— Certo, então que tal eu te matar agora e salvar dezenas de milhares de vidas? Como é que a matemática funciona para você?

— Você tem razão. — Evan sorriu. — O problema é que você não é um assassino, Ben. Você nunca foi.

SAM

Evan Walker na ponte que atravessava o rio. Evan Walker com um saco sobre um ombro e um rifle sobre o outro, sumindo.

— Para onde ele está indo? — Megan perguntou. Sam balançou a cabeça negativamente. Ele não sabia.

Eles assistiram até que não pudessem mais vê-lo.

— Vamos brincar com alguma coisa — disse Megan.

— Eu tenho que terminar meu bunker.

— Você cava mais do que uma toupeira.

— Você é uma toupeira.

— Você me deu o Capitão há muito tempo.

Sam suspirou. Isto novamente.

— O nome dele não é o capitão. E ele não era seu. Ele era meu.

— Você nem perguntou. — Então ela disse. — Eu não me importo. Cassie pode ficar com ele. Ele cheirava mal.

— Você cheira mal.

Ele deixou a janela da frente e entrou na cozinha. Ele estava com fome. Pegou seu livro favorito para ler

enquanto comia. Onde a calçada termina. Evan Walker disse-lhe que era o livro favorito de Cassie de todos os tempos.

Se você é um sonhador, entre...

Evan Walker tinha ido embora. Para sempre, disse Zumbi. Sam não queria pensar nisso. Ele não queria pensar em Cassie se ausentando, Dumbo, Pão de Ló ou qualquer um de seu velho esquadrão. Seu pai, sua mãe ou qualquer outra pessoa que ele conhecia antes de ele vir aqui para a casa grande ao lado do rio. Ele era muito bom em não pensar sobre eles na maioria das vezes. Às vezes, Cassie entrava em seus sonhos, e ela se incomodava com ele por causa de tudo. Ele não estava limpo o suficiente. Ele não era bom o suficiente. Ele não conseguia se lembrar de coisas que ela achava importantes. Em seus sonhos, seu nariz era reto e seu cabelo mais comprido e sua roupa mais limpa. Em seus sonhos, ela era a Cassie de antes.

Você está sendo bom, Sam? Você está fazendo suas orações todas as noites?

Uma noite ele acordou Zumbi - na cabeça dele, Sam ainda o chamava de Zumbi - e Zumbi o levou para o banheiro, lavou as lágrimas de seu rosto e disse que ele

sentia falta dela também, e então ele levou Sam para fora e apontou para o céu. *Está vendo aquelas estrelas lá em cima, aquelas que parecem um W? sabe o que é?*

Sentaram-se na varanda dos fundos e olharam para as estrelas enquanto Zumbi contava a história de uma rainha chamada Cassiopeia, que viveu para sempre em um trono no céu.

— Mas seu trono está inclinado para baixo. — Sam disse, olhando para a constelação. — Ela não vai cair?

Zumbi pigarreou.

— Ela não vai cair. Seu trono está virado para que ela possa vigiar seu reino.

— O que é um reino?

Zumbi pressionou a mão contra o peito de Sam.

— Isto é. — A mão de Zumbi estava no coração de Sam.

— Aqui.

FIM